



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

ANA CRISTINA DA COSTA LIMA

**Devoções e celebrações no bairro dos operários em Teresina
(segunda metade do século XX)**

Teresina-PI
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANA CRISTINA DA COSTA LIMA

**Devoções e celebrações no bairro dos operários em Teresina
(segunda metade do século XX)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Áurea da Paz Pinheiro.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

L732p Lima, Ana Cristina da Costa.

Práticas de devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Vila Operária, Teresina - PI [manuscrito] / Ana Cristina da Costa Lima. – 2009.

220 f.

Cópia de computador (printout).

Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí, 2009.

ANA CRISTINA DA COSTA LIMA

**Devoções e celebrações no bairro dos operários em Teresina
(segunda metade do século XX)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Áurea da Paz Pinheiro

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Áurea Paz Pinheiro (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí

Prof.^a Dr.^a Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (Examinadora Externa)
Universidade Estadual de Maringá

Prof.^o Dr.^o Pedro Vilarinho Castelo Branco (Examinador do Programa)
Universidade Federal do Piauí

Prof.^o Dr.^o Fabiano Gontijo (suplente)
Universidade Federal do Piauí

A meu pai, Raimundo Marques de Lima Neto,
pelo incentivo e a paciência com que me
acompanhou nos momentos críticos da escrita
deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A minha amiga Sônia Leite, pela sugestão das novenas como objeto de estudo para o desenvolvimento da monografia de conclusão de curso que resultou nesta dissertação de mestrado. Às amigas Teresa Eugênia, Rejane, Adriana e Kátia, pela colaboração e incentivo.

Aos colegas de graduação que se tornaram verdadeiros amigos e confessores: Mairton Celestino, Elson Rabelo, Marylu Alves, José Maria e Eliane Moraes. Agradeço a ex-aluna e colega de graduação Lenice Lima que colaborou na aplicação dos questionários.

Às amizades conquistadas no mestrado, Raquel Costa, amiga querida; Elton Larry, pelo bom caráter e sinceridade; Cristina Araújo, pela meiguice e exemplo de superação; Fábio Monteiro, pela alegria de viver. E as novas amizades surgidas a partir da interação entre as turmas do mestrado Nilsângela Cardoso, Emília Nery, Luciana Lima, Warrington Veras.

Aos professores de graduação: Bernardo Sá, pela amizade e contribuições dadas ao avaliar minha monografia; Verônica Ribeiro, orientadora da monografia de conclusão de curso, pela confiança e incentivo, e Paulo Ângelo, que, ao indicar leituras de Mircea Eliade, me despertou o interesse por estudar símbolos e imagens sagradas.

Aos professores do mestrado, pela contribuição intelectual: Pedro Vilarinho, Alcides Nascimento, Edwar Castelo Branco e Teresinha Queiróz. À professora Áurea da Paz Pinheiro, minha orientadora, pelas indicações de leituras, sugestões e ainda pela paciência com que me orientou.

Agradeço de forma especial aos sujeitos entrevistados, pela indispensável colaboração para o desenvolvimento do trabalho; aos padres redentoristas Marcelo, Tiago, Francisco Antônio e Alano, pela atenção e colaboração ao fornecer fontes de pesquisa sobre a congregação; às secretárias Ana e Josefina; ao sacristão Francisco, da paróquia de São José Operário, a colega de trabalho, professora Lúcia pela atenção e colaboração, e ao Padre Edson, responsável pelo Arquivo da Cúria Metropolitana de Teresina, pelo auxílio na pesquisa de fontes.

Agradeço a minha afilhada Bárbara Adad pela compreensão, pois me fiz ausente em momentos que muito precisou de minha atenção e carinho e, por fim, ao

amigo professor e pesquisador André Brandão, pelas dicas na elaboração e análise do questionário aplicado junto aos devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e aos meus alunos do primeiro período de 2009 do curso de História da Universidade Estadual do Piauí, pelas alegrias que me proporcionaram durante o período mais crítico de conclusão desse trabalho.

Maria continua dentro do mundo e no seio de sua Igreja com presença viva de um vivente. Ela não é uma ausente; é apenas invisível aos olhos corporais. Está presente de forma real, embora inefável, atuante, apesar de imperceptível fenomenologicamente.

Leonardo Boff

RESUMO

Na Igreja de São José Operário, no bairro Vila Operária, tradicionalmente centenas de pessoas dos mais diferentes segmentos sociais se encontram às terças-feiras e, juntas, em um espaço considerado sagrado, participam de um ritual religioso, as novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, implantadas na referida igreja pelos missionários redentoristas em 1959. Contextualizamos o período em que a referida igreja foi construída, o processo de implantação das novenas, a importância atribuída ao ícone da santa e as principais características e particularidades do ritual religioso. Adotamos o método-técnica da História Oral para colher e analisar os depoimentos individuais de devotos e de moradores do bairro, enfocando o sentimento religioso dos mesmos bem como as diferentes apropriações feitas do ritual religioso das novenas.

PALAVRAS-CHAVE: Devoção Mariana. Religiosidade Popular. Ritual Religioso. Representação. Apropriação. Igreja Católica.

ABSTRACT

In the Church of St. Joseph the Worker, the district workers' village, traditionally hundreds of people from different social groups are found on Tuesdays and together, in an area considered sacred, participate in a religious ritual, the novenas dedicated to Our Lady of Perpetual Help, established in that church by the Redemptorist missionaries in 1959. We contextualize the period in which that church was built, the process of locating the novenas, the importance attached to the icon of the Saint and the main characteristics and features of religious ritual. We adopt the method-technique of oral history to collect and analyze the individual statements of devotees and residents of the neighborhood, focusing on the religious sentiment the same as well as the various appropriations made the religious ritual of novenas.

KEYWORDS: Marian devotion. Popular Religiosity. Religious Ritual. Representation. Appropriation. Catholic Church.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 Casas do conjunto popular construído na Vila Operária.....	27
Fotografia 02 Barracas montadas na praça de São José Operário.....	31
Fotografia 03 Exposição de objetos a serem comercializados ao lado da igreja de São José Operário.....	31
Fotografia 04 Igreja São José Operário na década de 1950 sem os Confessionários laterais.....	43
Fotografia 05 Igreja São José Operário na década de 1960 acrescida dos confessionários laterais.....	43
Fotografia 06 Centro Social Leão XIII na década de 1960.....	60
Fotografia 07 Dom Avelar prestigiando o teatro da Vila Operária.....	62
Fotografia 08 Procissão e missa em comemoração aos 50 anos da Paróquia de São José Operário.....	68
Fotografia 09 Imagem de São José Operário.....	71
Fotografia 10 Primeiro grupo de padres redentoristas vindos em 1894.....	77
Fotografia 11 Dom Avelar e Papa Paulo VI.....	91
Fotografia 12 Dom Avelar, padres diocesanos, redentoristas e capuchinhos.....	103
Fotografia 13 Dom Avelar presidindo celebração religiosa no I Congresso Eucarístico de Teresina.....	112
Fotografia 14 Matéria do Jornal O Dia sobre a visita do Papa João Paulo II a Teresina.....	116
Fotografia 15 Santas Missões Populares na Paróquia de São José Operário.....	118
Fotografia 16 Sacerdote dá início á celebração fazendo o sinal da cruz.....	139
Fotografia 17 Sacerdote e coroinhas de joelhos sobre o genuflexório enquanto ministra da eucaristia coloca a hóstia no ostensório.....	148
Fotografia 18 Sacerdote fazendo a oração que antecede a elevação do ostensório.....	151
Fotografia 19 Elevação do ostensório, momento de adoração	

do Santíssimo Sacramento.....	152
Fotografia 20 Elevação da hóstia consagrada.....	155
Fotografia 21 Momento da comunhão.....	155
Fotografia 22 Devotos fazendo orações em frente ao sacrário após a comunhão.....	157
Fotografia 23 Devotos reverenciando o crucifixo, tocando na parede.....	158
Fotografia 24 Devotos se deslocando em direção ao crucifixo e ao ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro após a comunhão.....	159
Fotografia 25 Concentração de devotos em torno do quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	160
Fotografia 26 Sacerdote dá a bênção ao término da celebração da novena.....	163
Fotografia 27 Bênção da água.....	165
Fotografia 28 Quadro milagroso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro exposto na igreja de São José Operário.....	169
Fotografia 29 Ex-votos expostos abaixo do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	176
Fotografia 30 Ex-votos colocados aos pés da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na gruta.....	177

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 IGREJA SÃO JOSÉ OPERÁRIO: construção de um espaço sagrado	21
1.1 A Vila dos Operários.....	25
1.2 O processo de construção da “Igreja da Vila”	34
1.2.1 As etapas de construção da igreja.....	38
1.2.2 A criação da Paróquia de São José Operário.....	45
1.3 A Igreja e os espaços de sociabilidades na Vila Operária.....	58
1.3.1 A ação social da Igreja no bairro Vila Operária: educação, saúde e lazer....	59
1.3.2 Festejos: devoção, lazer e ressentimentos.....	64
2 A PROPOSTA MISSIONÁRIA DOS PADRES REDENTORISTAS NA VILA OPERÁRIA	74
2.1 A Congregação Redentorista: proposta missionária e atuação no Brasil.....	76
2.1.1 A vice-província de Fortaleza.....	86
2.2 Concílio Vaticano II: crise e renovação na Congregação Redentorista.....	90
2.3 Os Redentoristas em Teresina: das pré-missões à administração da Paróquia de São José Operário.....	102
2.3.1 Pré-missões e Missões em Teresina: um espetáculo de fé.....	102
2.3.2 Os missionários redentoristas assumem a Paróquia de São José Operário.....	110
3 CULTO MARIANO NA VILA: o ritual das novenas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	120
3.1 Devoção mariana no Brasil.....	121
3.2 Motivação e preparação das novenas.....	131
3.3 Os ritos que constituem a celebração das novenas.....	138

3.3.1 Rito inicial.....	139
3.3.2 Oração ao Divino Espírito Santo.....	140
3.3.3 Primeira oração.....	141
3.3.4 Segunda oração.....	142
3.3.5 Oração da comunidade.....	142
3.3.6 Os nossos pedidos.....	143
3.3.7 Nossos agradecimentos.....	144
3.3.8 Magnificat.....	144
3.3.9 Oração antes da Palavra de Deus.....	146
3.3.10 Palavra de Deus e Homilia.....	146
3.3.11 Bênção do Santíssimo.....	148
3.3.12 Oração pelos doentes.....	149
3.3.13 Adoração do Sacramento da Eucaristia.....	150
3.3.14 Louvores.....	153
3.3.15 Rito de Comunhão.....	154
3.3.16 Bênção Final.....	164
3.4 As novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a construção de uma tradição religiosa em Teresina.....	167
3.4.1 O ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	168
3.4.2 A propagação das novenas: os ex-votos e os meios de comunicação social.....	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	190
REFERÊNCIAS E FONTES.....	192
APÊNDICES.....	202
APÊNDICE A - Termos de cessão das entrevistas.....	203

APÊNDICE B - Questionário aplicado aos devotos.....	204
APÊNDICE C - Lista nominal dos padres que administraram a Paróquia de São José Operário.....	206
APÊNDICE D – Gráficos.....	207
1. Transporte utilizado pelos devotos para ir à Igreja da Vila.....	207
2. Escolaridade dos devotos.....	207
3. Momentos mais emocionantes da novena para o devoto.....	208
4. Tipos de graças solicitadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	208
ANEXOS.....	209
ANEXO A - Projeto de Decreto-lei de doação do terreno onde foi construída a Igreja de São José Operário.....	210
ANEXO B - Dom Avelar se despede da Paróquia de São José Operário em 1971.....	212
ANEXO C - Folder comemorativo dos 50 anos da Paróquia de São José Operário.....	213

INTRODUÇÃO

Estudar religião e observar o comportamento das pessoas religiosas sempre foi objeto de meu interesse. Cresci em meio a pessoas católicas e, desde criança, tenho observado as expressões de fé e devoção aos santos materializadas em ritos praticados por parentes e vizinhos. Apesar de minha identificação como católica, observava essas devoções com certa reserva, chegando mesmo a considerá-las exagero e ingenuidade dos devotos.

As imagens dos santos, considerados veneráveis, pareciam ser adoradas pelos fiéis, comportamento que me trazia um certo desconforto, despertando em mim alguns questionamentos que por muito tempo ficaram sem resposta: Por que os fiéis/devotos sentem a necessidade de mediações com o divino? Como significam e o que representam as imagens de santos em igrejas, nas paredes de casa, sobre as mesas e altares ou mesmo junto ao corpo através de pulseiras ou escapulários? Que relações existem entre o discurso dos clérigos que pregam nas igrejas e o que se experiencia no meio em que se vive?

Na busca de respostas, resolvi cursar Teologia, acreditando encontrar elucidações para meus questionamentos, mas na época não as encontrei. Enquanto estudante de História, logo no início do curso, decidi que faria um estudo sobre religião. Não sabia especificamente o que abordaria, mas sabia que deveria ser um tema que me permitisse perceber como as religiões e devotos usavam ou significavam as imagens.

Leituras e diálogos sobre a temática das religiões e do fenômeno religioso suscitaram o interesse em trabalhar com as “novenas da Vila”¹. Busquei informação sobre a “Igreja da Vila”, onde as pessoas cultuavam a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em 2004, quando cursava a disciplina Monografia I, passei a freqüentar as novenas sem compromisso e sem saber que caminho trilhar para compreender o ritual na igreja. Com o passar do tempo, observando com mais atenção e conversando com os fiéis que freqüentavam as novenas, comecei a perceber algo que há muito tempo buscava compreender: como os devotos estabeleciam a mediação com os santos protetores instaurando a comunicação com

¹ Expressão comum entre os devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que freqüentam as novenas na igreja de São José Operário, localizada no bairro Vila Operária.

o divino. O uso de imagens santas pelos devotos serve como recurso visual que favorece essa comunicação. A devoção popular funciona, para o fiel, como uma alternativa para que se sinta digno de pedir diretamente a Deus graças por meio dos santos protetores. A partir dessas observações e reflexões iniciais, construí minha pesquisa, que resultou no trabalho de conclusão do curso da graduação em História na UFPI. A partir da ampliação do referencial teórico e aperfeiçoamento da metodologia, elaborei o projeto de investigação de mestrado que agora apresento em forma de dissertação.

Ao observar que, na Igreja São José Operário, localizada no bairro Vila Operária, zona norte de Teresina, tradicionalmente, centenas de pessoas de diferentes segmentos sociais ali se encontram, às terças-feiras, para cultuarem Maria através das novenas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, surgiu a motivação de desenvolver um projeto de pesquisa a cerca dos elementos norteadores das práticas religiosas, dos fatores que motivaram a implantação das novenas na referida igreja no final da década de 1950 e de como se deu a construção dessa nova realidade para os moradores do bairro. Questionamos como a prática das novenas foi apropriada pelos moradores do bairro, pelas pessoas que passaram a freqüentar a Igreja São José Operário e que importância teve e tem o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro enquanto símbolo sagrado - representação de Maria - no processo de divulgação das novenas como prática de devoção popular.

No intuito de fazer uma abordagem da diversidade de sentidos e interação social das práticas de devoção popular, destacamos a contribuição do estudo do antropólogo Carlos Alberto Steil², que analisa as múltiplas narrativas sobre o culto ao Bom Jesus no Santuário da Lapa – BA, universo marcado por um campo de forças em lutas para estabelecer os sentidos do culto da romaria no santuário. Destacamos, ainda, o trabalho da historiadora Martha Abreu³ sobre a festa do Divino no Rio de Janeiro. Este trabalho nos orientou no sentido de identificar a devoção mariana enquanto herança religiosa que se constituiu na tradição local, bem como os fatores que a incentivaram e ainda o espaço ocupado pelos devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, privilegiando a segunda metade do século XX em

² STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

³ ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

Teresina. Esse recorte temporal contempla meio século de construção da Paróquia de São José Operário, criada em 1957, a festa de jubileu da paróquia, em 2007, encerrando-se com a aplicação de questionário com devotos em 2009, ano que se comemora os cinquenta anos de implantação das novenas na igreja da Vila.

Para estabelecermos a relação entre o discurso da Igreja em torno da imagem de Maria, inscritos em documentos oficiais e dogmas marianos, e a maneira como esse discurso foi assimilado pelos devotos, utilizamos como fundamentação teórica os conceitos de representação, apropriação e prática de Roger Chartier⁴. A partir dessas chaves conceituais, procuramos perceber a relação entre o discurso, enquanto representação discursiva e imagética, produzido pela Igreja Católica sobre Maria e sua representação iconográfica o qual funciona como

[...] instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma 'imagem' capaz de o reconstruir em memória e de figurar tal como ele é [...]"⁵.

As novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foram implantadas na Igreja da Vila pelos padres missionários redentoristas que administram a Paróquia de São José Operário desde a década de 1960. A Igreja incentiva essa devoção através do ritual, que é dirigido pelos seus representantes, os sacerdotes redentoristas. A religião enquanto sistema simbólico estruturado, segundo Pierre Bourdieu, está vinculada a uma instituição que é a Igreja. O autor, ao analisar o funcionamento do campo religioso, destaca Max Weber, que diz existir igreja

[...] quando existe um corpo de profissionais [...] quando os dogmas e os cultos são racionalizados, consignados em livros sagrados, comentados e inculcados através de um ensinamento sistemático [...] quando todas essas tarefas se cumprem numa comunidade institucionalizada.⁶

A igreja, portanto, exerce o poder de gerenciar e orientar as práticas religiosas por ela reconhecidas.

⁴ CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

⁵ *Ibid.*, p. 20.

⁶ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 95.

A leitura do campo religioso feita pelo autor centraliza a problemática do poder inegavelmente presente em todas as esferas da vida social, exercendo influências no âmbito das idéias coletivas e das práticas sociais, que se dão através dos planos institucional e das representações. Nossa abordagem reconhece as tensões, no entanto não enfatiza a relação dicotômica entre catolicismo institucional e catolicismo popular, dominantes e dominados. Consideramos apenas a relação representação – apropriação na qual percebemos uma forma própria e dinâmica de expressão religiosa dos devotos, que assimilam os elementos exteriores do ritual católico resignificando-os de acordo com suas necessidades subjetivas, caracterizando-se assim uma relação de negociação e conciliação típica do sincretismo religioso⁷.

O campo religioso é dinâmico e se amplia, inserindo estratégias e táticas que envolvem o institucional e o devocional, sendo que o poder simbólico do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro favorece uma relação subjetiva dos devotos com o que lhes é apresentado como sagrado, considerando o fato de a Igreja, através do seu poder simbólico, “[...] estabelecer o que tem e o que não tem valor sagrado e inculcar tudo isso na fé dos leigos”.⁸ Os devotos recorrem a Maria por meio de sua representação iconográfica solicitando os mais variados favores. Nesse sentido, negociam pré-estabelecendo um acordo simbólico do qual faz parte o pedido e forma de pagamento através de ex-votos. Analisamos essa relação a partir do que Bourdieu definiu como “economia das trocas simbólicas”.

O bairro Vila Operária enquanto espaço praticado e consumido pelos moradores e devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi analisado a partir da perspectiva de Michael de Certeau. O objetivo é mostrar o processo dinâmico de construção, transformação e apropriação caracterizado pelo uso cotidiano que faz o bairro “[...] ser considerado como privatização progressiva do espaço público”.⁹ A Igreja São José Operário enquanto espaço construído constitui-se em lugar de memória para os antigos moradores do bairro Vila Operária. Esses espaços, segundo Pierre Nora,¹⁰ possuem três sentidos: material, simbólico e funcional. A

⁷ Sobre as características do sincretismo religioso conferir ANDRADE, Maristela Oliveira de. *500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.

⁸ BOURDIEU, op cit., p.120.

⁹ MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michael de; GIRARD, Luce (Orgs.). *A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 42.

¹⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981.

partir dessa perspectiva analisamos a relação dos moradores do bairro com a igreja, o padroeiro e as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

O trabalho está estruturado em três capítulos, nos quais apontamos os fatores que motivaram a implantação da prática de devoção mariana - as novenas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro - na Igreja de São José Operário, localizada no bairro Vila Operária, a partir de 1959; descrevemos o ritual das novenas em suas particularidades; analisamos a proposta missionária dos padres redentoristas junto à Igreja Católica no Brasil e, mais especificamente, ao bairro Vila Operária, como também as apropriações feitas pelos moradores do bairro em relação à igreja matriz e às novenas, e enfatizamos a constituição das referidas práticas de devoção desenvolvidas na citada igreja enquanto referência de tradição religiosa na cidade de Teresina.

A pesquisa desenvolveu-se a partir de leituras bibliográficas referentes à religião e à religiosidade no Brasil. As fontes orais foram fundamentais na construção da narrativa do primeiro e terceiro capítulos: realizamos entrevistas temáticas com Maria Luiza Leite Alcântara (2005), Luiz Gonzaga Galeno (2005), José Machado Coelho (2005), Raimunda Alves da Silva Lima (2005), Isabel Cristina R. C. de Carvalho (2005), Francisco Arinaldo Avelino Fontenele (2005), Sebastião Pinheiro Aragão (2008), Samuel Alves de Carvalho (2008), Maria Teixeira Rodrigues (2008), Gumercindo Tourinho (2008) e Iraci Oliveira da Silva (2008). Os critérios para a escolha dos entrevistados a princípio foi o fato de morarem no bairro Vila Operária antes e durante a construção da igreja de São José Operário, serem devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e também os residentes em outros bairros da cidade de Teresina e de Timon. A principal fonte hemerográfica analisada foi o jornal diocesano *O Dominical*, das décadas de 1950 a 1971, disponível na Cúria Metropolitana de Teresina, que nos permitiu fazer uma leitura contextual da atuação da Igreja Católica na capital piauiense quanto à construção da capela de São José ao trabalho desenvolvido pelo Padre Carvalho, à ação social de Dom Avelar Brandão Vilela, às Santas Missões Populares administradas pelos padres missionários redentoristas, à divulgação das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, dentre outros aspectos. Utilizamos ainda os jornais *O Dia*, *Folha da Manhã*, *Jornal do Piauí*, *Jornal do Comércio e Estado do Piauí*. Foram ainda aplicados 120 questionários com os devotos durante as novenas, o que nos permitiu

traçar um perfil dos devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, assim como analisar alguns aspectos referentes à relação do devoto com o ritual religioso.

No primeiro capítulo, Igreja São José Operário: construção de um espaço sagrado, apresentamos o processo de formação do bairro Vila Operária, que surgiu a partir da ação modernizadora da cidade de Teresina na década de 1930, bem como a construção da Igreja São José Operário, na década de 1950, com ativa participação dos moradores e sua elevação à condição de Matriz da quarta paróquia da capital. Também descrevemos as atividades pastorais ali desenvolvidas, as relações de sociabilidades vivenciadas pelos moradores e a atuação do primeiro pároco, Pe. Francisco Carvalho, e do Arcebispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela, para contextualizar o espaço sagrado praticado pelos devotos através das novenas dedicadas ao seu padroeiro e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Propomo-nos apresentar a relação entre a igreja Matriz de São José Operário a qual além das atividades normais de toda paróquia como administração dos sacramentos e catequese permanente, possui uma particularidade, pois abriga em seu interior o “santuário” de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que somente às terças-feiras assume esse caráter quando são celebradas as novenas.

No segundo capítulo, A proposta missionária dos padres redentoristas na Vila Operária, destacamos a atividade de evangelização organizada pelos padres redentoristas na cidade de Teresina no ano de 1959, conhecida entre os católicos como “Santas Missões Populares”. Segundo os jornais da época, o processo envolveu todas as paróquias da cidade e contou com a atuação de leigos e clérigos, e ainda com a participação da população católica. Os padres redentoristas se instalaram na paróquia de São José Operário no ano seguinte - a convite do então arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela - onde implantaram a prática de devoção popular: as novenas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira das missões.

A proposta deste capítulo é esboçar um panorama da Igreja Católica sob a influência do Concílio Vaticano II (década de 1960) e das conferências de Medellín e de Puebla, pois, a partir de então, a Igreja passou a perceber a religiosidade popular como expressão de fé, da identidade e da cultura de um povo. A Igreja assumiu, daí em diante, a estratégia de renovação pastoral direcionada ao campo das crenças e das práticas do catolicismo popular. Nesse sentido, procuramos verificar até que ponto a proposta missionária redentorista para o bairro Vila Operária atendia às novas perspectivas da Igreja enquanto instituição.

No terceiro capítulo, Culto mariano na vila: o ritual das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, apresentamos a etnografia do ritual das novenas, indicando duração, periodicidade, celebrações associadas, motivos da celebração das novenas, preparação da celebração, pessoas envolvidas, recursos usados, características de cada etapa do ritual e participantes, trajes e adereços próprios do culto, cânticos e orações próprios da novena, bem como as diversas formas de devoção praticadas pelos devotos. A descrição densa do ritual religioso é atual e está inserida numa leitura interpretativa das práticas que caracterizam as novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Passados cinqüenta anos da implantação dessas novenas na Igreja da Vila, nos questionamos sobre as motivações subjetivas dos fiéis e suas apropriações do ritual que se constitui numa tradição religiosa na capital piauiense. Percebemos o sentimento de fé e religiosidade dos devotos de Maria como fundamentais para a construção da tradição religiosa das novenas na Vila, no entanto, não devemos ignorar que a Igreja contribuiu de forma significativa para a propagação do ritual religioso entre os fiéis, utilizando-se dos mais variados recursos, dos quais destacamos o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e os meios de comunicação, como o jornal *O Dominical*, que, durante a década de 1960, anunciava os horários das novenas e publicava cartas ex-votos semanalmente; a Rádio Pioneira, que, desde a década de 1960, transmite a novena das vinte horas e, mais recentemente, a transmissão da primeira novena do dia através do canal de televisão Meio Norte.

1 IGREJA SÃO JOSÉ OPERÁRIO: construção de um espaço sagrado



Igreja São José Operário (Vila Operária) – década de 1950
Fonte: Arquivo da Paróquia de São José Operário

*E o povo paroquiano
Filhos de Deus e Maria
Gente humilde e de fé
Com o pároco se reunia
E a igreja de São José
Aos poucos se construía*

(Poeta José Bezerra de Carvalho)

O estado do Piauí manteve-se com o maior percentual de católicos entre a década de 1940 (99,6%) e o ano de 2000 (89,8%), segundo o censo demográfico de 2000, e continua tendo a maior população católica do país, pouco mais de 90%, como confirma a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgada em maio de 2007. Em relação às capitais do país, Teresina também é a primeira no ranking nacional, com 86,64% dos habitantes se declarando católicos. Com relação aos municípios brasileiros, o levantamento da FGV aponta que, dentre os vinte mais católicos do país, três são piauienses.¹¹ Tais pesquisas confirmam o que pode estar associado ao processo de colonização portuguesa na região, marcado pela forte influência da religião católica na vida cotidiana dos colonizadores, o que influenciou a formação política e administrativa dos primeiros núcleos populacionais do Piauí.

Teresina “nasceu nos braços da Igreja Católica”,¹² afirma Monsenhor Chaves ao fazer referência ao fato de que, na hora em que se lançava a pedra fundamental da igreja matriz da nova capital,¹³ dedicada a Nossa Senhora do Amparo, também era celebrada uma missa. No entorno dessa Igreja foram construídas as primeiras casas da nova capital.

Quanto à formação da religiosidade da sociedade piauiense colonial, nos reportamos à historiadora Tânia Maria Pires Brandão, que, ao analisar a elite colonial piauiense e a relação entre família e poder, destaca que a ação missionária católica¹⁴ consistiu basicamente no encaminhamento da espiritualidade

¹¹Os dados da pesquisa encontram-se disponíveis no site do IBGE. CENSO 2007. Disponível em: <<http://IBGE.gov.br/home/default.php>>. Acesso em: 27 dez. 2008. Além do Piauí, estão os estados do Ceará (86,70%), Paraíba (84,94%), Rio Grande do Norte (83,77%), Maranhão (82,60%) e Sergipe (82,55%). Dentre os municípios piauienses, além da capital, Teresina, temos Santo Inácio (99,33%), Nova Santa Rita (99,33%) e Nossa Senhora de Nazaré (99,14%). FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www4.fgv.br/cps/simulador/site_religioes2/Clippings/jc424.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2009.

¹² CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998, p. 53.

¹³ Oeiras foi a primeira capital do Piauí, de 1761 a 1852, quando ocorreu a transferência da sede do governo para Vila Nova do Poti, hoje Teresina. Cf. RODRIGUES, Joselina Lima Pereira. *Geografia e História do Piauí: estudos regionais*. 4 ed. Teresina: Halley, 2007, p. 161.

¹⁴ A primeira vinda de missionários católicos ao Piauí deu-se por ocasião da segunda expedição de reconhecimento do rio Parnaíba em 1676. O governo espiritual do Piauí, nos primeiros tempos, pertenceu ao Bispado de Pernambuco, depois passou ao Bispado do Maranhão. Em 20 de fevereiro de 1901, criou-se oficialmente o Bispado do Piauí, que até então esteve sob a jurisdição eclesiástica do Maranhão. Cf. CHAVES, Monsenhor. op cit., 1998, p. 244; PINHEIRO, Áurea da Paz. *As Ciladas*

dos colonos através da administração dos sacramentos, que eram instrumentos de propagação do Cristianismo, funcionando como reguladores do comportamento social. A população de índios, negros, brancos e mestiços, no entanto, se constituía em sociedade sem a presença de missionários permanentes para ensinar os princípios básicos da religião católica, fato que contribuiu para a formação de uma religiosidade tipicamente popular fruto das vivências que deram o tom a vida cotidiana, sem a moralidade e a normatização social da instituição eclesiástica.

Tânia Brandão afirma que a expressão concreta da religiosidade piauiense se reduzia aos objetos de uso pessoal em ouro e prata, em forma de medalhas, com imagens de santos e os *agnos dei*. Ao analisar testamentos, a autora também percebeu a expressão de sentimento religioso dos testadores que determinavam o número de missas que deveriam ser celebradas em intenção de suas almas. Era comum o enterro nas igrejas e o uso do hábito do santo como mortalha. Através da análise dessa documentação, Brandão constata que o imaginário do católico piauiense era marcado pelo temor do inferno e pela crença de que por meio da Igreja e da religião cristãs poderia obter a salvação da alma.¹⁵

Monsenhor Chaves,¹⁶ ao analisar a formação socioreligiosa do Piauí, afirma que “[...] o predomínio das normas religiosas sobre os valores religiosos fazia da nossa Igreja uma instituição normativa e ritualista [...]”,¹⁷ desse modo, não interessava tanto o significado dos atos religiosos, mas sim que fossem praticados e válidos. Nasceu e se consolidou assim, no Piauí, segundo o autor, uma vida religiosa desligada das realidades terrenas e exclusivamente voltada para a vida depois da morte. Percebemos, no entanto, que, mesmo não se fazendo presente através do seu corpo administrativo, a Igreja Católica através da atuação dos missionários marcou de forma significativa a vivência de fé do povo piauiense. É o que enfatiza Monsenhor Chaves ao destacar a ação dos missionários nacionais e estrangeiros como fundamental na construção da religiosidade piauiense

do Inimigo: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001, p. 41.

¹⁵ BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder.* Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995, p.132, 138 e 139.

¹⁶ CHAVES, Monsenhor. op. cit., 1998, p. 247.

¹⁷ Segundo Martine Segalen, o ritualismo remete ao aspecto excessivo de um comportamento, ao excesso de cerimônia, destaca ainda que para alguns especialistas o ritualismo seria um quadro formal vazio de sentido para seus atores. Cf. SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 18.

Nas fazendas e povoados faziam aos brancos, negros e mulatos, já batizados, práticas espirituais que mais os conduzissem à emenda da vida. Feita a devida e costumeira preparação por meio da palavra, o missionário administrava os sacramentos, celebrava missas e distribuía a comunhão. [...] A pregação era feita à noite, em praça pública, para grandes multidões de todas as idades e de todas as condições sociais. Os temas eram clássicos: os mistérios da fé, os mandamentos, os novíssimos. Carregavam-se as tintas com os sofrimentos do inferno. Depois dos sermões que eram longos, seguiam-se as confissões, madrugada a dentro. Durante o dia celebravam-se as missas e faziam-se os batizados, as crismas e os casamentos.¹⁸

Ao considerarmos a religiosidade como sentimento de fé inerente ao ser humano, que busca constantemente um sentido para o seu existir e ainda que tais experiências de fé subjetivamente diferem da religião, mas a ela estão intimamente ligadas, destacamos alguns resultados da pesquisa realizada pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social [CERIS] no ano de 2004, a qual considerou o estado do Piauí e as sete dioceses¹⁹. A pesquisa confirma a forte influência da tradição religiosa católica junto aos entrevistados, que declararam acreditar em Deus (96,1%), em Jesus Cristo (94,1%), na bíblia (91,4%), na ressurreição de Cristo (90,1%), em Maria, mãe de Jesus (89%), no Espírito Santo (84,7%), na virgindade de Maria (82,8%), e na Santíssima Trindade (82,4%).

A pesquisa informa ainda sobre a importância de símbolos e objetos valorizados pelos católicos: 78,6% - imagens de santos; 77,7% - terços e 49,8% - cruzes. É significativa a valorização da religião católica entre os entrevistados, sendo que aproximadamente 95,3% dos católicos consideram a religião fundamental ou importante no seu dia-a-dia.

Percebemos que a religiosidade católica é motivada pelos símbolos religiosos, sentimento de proteção e intermediação com o sobrenatural. A crença é marcada pela realidade vivida, pela afetividade e pelas emoções que motivam o homem a estabelecer relações de religar com o divino comportamentos e atitudes, o que leva a acreditar em algo supremo²⁰. O santuário²¹, lugar de referência de

¹⁸ CHAVES, Monsenhor. op.cit., 1998, p. 246.

¹⁹ MEDEIROS, Kátia Maria Cabral; FERNANDES, Sílvia Regina Alves (Orgs.) *Catolicismo e experiência religiosa no Piauí: pesquisa com a população*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 25, 26 e 28.

²⁰ SOUZA, Ildet Benigna Garcia de; BATISTA, Kelly Marques; RODRIGUES, Pedro Roberto. Festa de São Gonçalo: uma prática da cultura popular. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina;

manifestação do sagrado, possibilita a experiência de busca e encontro com o sobrenatural. No Piauí, a religiosidade popular é também percebida através da quantidade e variedade de santuários²², lugares de expressão de fé onde os devotos cultuam santos canonicamente reconhecidos pela Igreja Católica e as almas²³.

Nos limites deste trabalho, nos interessa a devoção popular dedicada especialmente a Maria, propondo-nos analisar e descrever os ritos e celebrações religiosas dedicadas a São José Operário, com ênfase nas novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Igreja da Vila Operária, em Teresina.

Neste capítulo, destacamos a formação do bairro Vila Operária, que se constituiu a partir da ação modernizadora da cidade de Teresina; a construção do templo dedicado a São José Operário,²⁴ com a participação dos moradores; a elevação da igreja à condição de matriz e as atividades pastorais, nas quais se promoviam as sociabilidades entre os moradores, contando com a presença e atuação do primeiro pároco, Padre Francisco Carvalho, que administrou a paróquia nos anos de 1957 a 1960, e de Dom Avelar, então arcebispo metropolitano de Teresina²⁵. A ação social promovida por esses clérigos ocorreu por meio do Centro Social Leão XIII, localizado no bairro. A intenção é contextualizar o espaço sagrado ritualizado, celebrado pelos moradores do bairro, pelos devotos de São José Operário e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

1.1 A Vila dos Operários

DOURADO, Jaqueline Lima (Orgs.). *Folkcom do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas*. Teresina: Halley, 2006, p. 596.

²¹ O santuário oficial é aquele reconhecido pela Igreja Católica e que consta na relação dos santuários nacionais ou internacionais. Paralelos aos santuários oficiais existem os chamados centros de devoção, declarados pelo povo como 'santuários', mas que ainda não foram reconhecidos pela Igreja. Ex: Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Vila Operária.

²² No Piauí existem 42 santuários catalogados em 29 cidades. Cf. BRANDIM, Sérgio Romualdo Lima. *Romeiro e fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007, p. 29, 30.

²³ É fenômeno próprio do catolicismo popular a atribuição de santidade à pessoa pobre, injustiçada e anônima, geralmente morta de forma violenta, prática conhecida como culto às almas santas. Cf. ANDRADE, Maristela Oliveira de. *500 anos de catolicismo e sincretismo no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002, p. 232.

²⁴ A igreja dedicada a São José Operário foi construída em três etapas entre os anos de 1953 e 1958, sendo os acabamentos feitos gradativamente nos anos seguintes.

²⁵ Dom Avelar Brandão Vilela (1944-1952) foi bispo de Petrolina entre 1945 e 1954. Administrou a Arquidiocese de Teresina entre 1956 e 1971 e foi cardeal primaz da Arquidiocese de Salvador entre 1971 e 1986. Cf. PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em Tempos Modernos: a luta pela construção de uma Neocristandade em Teresina*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008, p. 25.

Para Francisco Alcides do Nascimento²⁶, a cidade de Teresina, até o início da primeira década do século XX, “[...] tinha aquele aspecto bem característico das cidades coloniais, não apresentando nenhum sinal urbano que a definisse como uma cidade moderna [...]”²⁷. Porém, na década de 1930, no contexto da modernização da capital e do discurso de higienização das cidades em voga no país, foram tomadas as primeiras iniciativas no sentido de construção de vilas operárias na capital. “[...] As casas dos pobres tinham que ceder lugar a ruas e avenidas. A área doada para os operários construírem a vila foi planejada distante do núcleo central da cidade, depois da linha férrea”.²⁸ Assim, o ordenamento da cidade, segundo autor, foi realizado de forma autoritária e excludente, visando ao afastamento dos pobres da zona urbana de Teresina.

Ainda conforme Nascimento, na década de 1940, a urbe recebeu o maior contingente de migrantes, atraindo inúmeros serviços. A disputa com Parnaíba pela primazia na área comercial do Piauí datam dessa época. Com o crescimento da população, surgiu a necessidade de expansão da área urbana de Teresina, desse modo, aquela década e na seguinte, a capital ganhou novas áreas, expandindo-se para a zona norte, onde o crescimento se deu em direção aos bairros Mafuá, Vila Operária, Vila Militar, Feira de Amostra e Matadouro; e zona sul, expandindo-se em direção aos bairros Piçarra, Vermelha, São Pedro e Tabuleta. O deslocamento de parte da população da área urbana em direção aos bairros periféricos da cidade foi marcado pela ocupação de territórios sem infraestrutura básica, isto é, os novos bairros não dispunham de abastecimento de água, energia elétrica, nem de ruas calçadas.²⁹

A área que hoje compreende o bairro Vila Operária fez parte, até a década de 1930, do bairro Mafuá³⁰ e “[...] era conhecida a princípio, como Vila do Abreu. Mais tarde, os operários que trabalhavam na construção da Estrada de Ferro ali

²⁶ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sobre fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002, p.120.

²⁷ *Ibid.*, p.120

²⁸ *Ibid.*, p.120.

²⁹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 198, 201 e 202, jan – jun, 2007.

³⁰ A formação do bairro Mafuá ocorreu no início do século XX, por ocasião dos trabalhos de nivelamento da Estrada do Gado (Avenida Circular, hoje Avenida Miguel Rosa) para a colocação dos trilhos da estrada de ferro, que tinha a função de ligar Teresina, capital do Piauí, à São Luis, capital do Maranhão. Cf. LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. *Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990*. Teresina. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2006, p. 28.

fixaram residência e a região passou a ser chamada de Vila Operária”.³¹ Os lotes foram distribuídos e os operários³² construíram suas casas.

[...] Todas aquelas ruas *nós abrimos* [...] quando a gente arranjava um dinheiro dava um empurrão né? [...] quando já tinha aberto as varedas com os nomes das ruas, de acordo com a planta, fizemos uma *missa* [...] para chamar a atenção do povo que ninguém acreditava que a gente fizesse, era mata maciça, viu? Tucunzal, compreendeu [...] ³³ [grifo nosso]

Com base na fala do morador, percebemos que a construção do bairro Vila Operária se deu sob a intervenção administrativa do Estado, que autorizou a ocupação da área e a elaboração de uma planta com a nomeação das ruas, no entanto coube aos operários o esforço físico e financeiro para que as ruas fossem abertas e as primeiras casas, construídas. A missa ali realizada - por iniciativa dos pioneiros na ocupação do espaço que posteriormente se transformou no bairro dos operários - funcionou como um reconhecimento do esforço daqueles e como uma autorização para o desenvolvimento dos trabalhos iniciados.

A fé dos operários foi alimentada através do ritual da missa. Sendo que a Igreja Católica, enquanto instituição respeitada na sociedade teresinense, marcou a sua presença junto à mais nova área de expansão urbana da cidade ainda em fase de desmatamento. Posteriormente, em meados da década de 1940, foi construído um conjunto de casas populares destinado aos operários do bairro [Fotografia 01]. Sobre isso percebemos uma disputa de memória³⁴ nos relatos dos moradores entrevistados, pois alguns afirmam que o conjunto popular foi construído para os policiais militares, passando, posteriormente, a ser habitado por trabalhadores civis; outros afirmam que o conjunto foi construído exclusivamente para os operários.

³¹ SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO. *Teresina em bairros*. Teresina: SEMPLAN, 2004.

³² O termo operário aqui empregado faz referência aos trabalhadores dos mais variados setores da construção civil, como pedreiros, carpinteiros, pintores, dentre outros, não exclusivamente aos trabalhadores de indústrias, considerando que a cidade de Teresina, no período não se caracterizava como centro industrial.

³³ SALES, Antonio Vieira. Depoimento concedido aos pesquisadores Francisco Alcides do Nascimento e Geraldo Almeida Borges. Teresina, 11 maio 1988. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. op cit., 2002, p. 219-220.

³⁴ Sobre o conceito de memória em disputa. Cf. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3 - 5, 1989.

Aquele conjunto era um conjunto militar. Foi o primeiro conjunto construído. [...] Esse daí quando nós chegamos nesse lugar não existia não! [...] Eu lembro que aquilo ali era só um campo grande.³⁵

[...] Que foi criado ali uma vilazinha de lado. Primeira Vila Operária de Teresina foi criada ali. Não sei se umas 20 casas ou 50 casas, um negócio assim. Aquela quadra que tem da igreja pra lá viu? Aquela quadra que tem. E aí se recebeu o nome de Vila Operária. Isso aqui era longe! [...]³⁶



Fotografia 01 - Casas do conjunto popular construído na Vila Operária.

Fonte: Arquivo da Paróquia de São José Operário.

A Lei nº 1.934, de 16 de agosto de 1988, delimita os perímetros dos bairros de Teresina, e o bairro Vila Operária atualmente está inserido na Região Administrativa Centro.³⁷ Como tantos outros da cidade, passou por sérios problemas no que se refere a saneamento, abastecimento de água e luz, bem como calçamento de suas ruas. Os moradores enfrentaram sérias dificuldades até meados da década de 1970, porém, a partir da década seguinte, receberam mais atenção das autoridades públicas com investimento em infraestrutura.

³⁵ Iraci Oliveira da Silva. Professora aposentada, reside no bairro Vila Operária desde 1954. Acompanhou o processo de construção da Igreja da Vila e participou das atividades catequéticas desenvolvidas na mesma. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

³⁶ Gumercindo Tourinho. Comerciante aposentado, reside na Vila Operária desde 1960. Foi amigo pessoal do primeiro pároco da Igreja da Vila, Padre Carvalho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima em 13 mai. 2008.

³⁷ DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE TERESINA, n. 109, 21 dez 1988.

Considerando o atual desenvolvimento do bairro, antigos moradores lembram as dificuldades enfrentadas no passado:

Água e luz não tinha não! Tudo era nos poços [...] A gente ficava carregando, quem podia ir! Quem não podia, pagava um menino pra botar pra casa. E é assim, foi a maior luta e depois foi indo, foi indo e puxaram água. Depois foi que veio a luz, aí ficou tudo bem de vida! [...].³⁸

Nos anos 60 a nossa rua [...] o calçamento era bastante ruim. Mas todas as demais ruas eram cheias de buracos, sem esgotos, com tanta poeira no verão e tanta lama no inverno³⁹.

Recebemos reclamações dos moradores do bairro Vila Operária contra a sujeira e o desprezo das ruas daquele conjunto. Os reclamantes afirmam que o bairro não tem nenhuma rua com calçamento e isto dificulta o tráfego de veículos e provoca grandes problemas para a população do bairro, além da sujeira devido aos buracos e o mato, as ruas são mal iluminadas e a acumulação de águas servidas provocam grande foco de muriquocas e um mal cheiro em quase todas as ruas.[...] ⁴⁰

Ao expor as reclamações dos moradores da Vila Operária, o Jornal *O Dia* enfatiza a importância da Igreja de São José e das novenas como elementos relevantes para que as autoridades administrativas tomassem as devidas providências em prol de melhorias para o tradicional bairro da cidade, freqüentado por devotos de toda a capital.

O problema mais abrangente, no entanto, na opinião de quase todos os moradores, é o completo abandono da Praça São José, onde está situada a igreja do mesmo nome, *uma das tradicionais de Teresina e a mais freqüentada, sobretudo às terças-feiras*. [...] É tão grande a *tradição da Vila Operária* que todas as terças-feiras, a partir das cinco horas, inúmeras pessoas assistem à missa⁴¹. Às sete horas, a missa também é muito concorrida e também à tarde, a partir das 15h. A praça em dia de missa fica repleta de pessoas oriundas de todos os bairros de Teresina.

Muitas pagam promessas ao padroeiro. Muitas mulheres pobres vendem durante as novenas.⁴² [grifo nosso]

³⁸ Maria Teixeira Rodrigues, dona de casa e costureira aposentada. Reside no bairro Vila Operária desde 1946. Sua casa fica localizada em frente à sacristia da Igreja São José. É, portanto, uma testemunha ocular do processo de desenvolvimento do bairro, bem como da construção da igreja.

³⁹ Pe. Paulo Turley, missionário redentorista. Depoimento escrito cedido à Paróquia de São José Operário em virtude da comemoração do jubileu da paróquia, 2007.

⁴⁰ MATO e buraco. *O Dia*, Teresina, n. 3.745, p.9, 18 out. 1973.

⁴¹ Percebemos mais um equívoco. Entenda-se aqui por missa as novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, realizadas às terças-feiras, na igreja da Vila Operária.

⁴² NO MAFUÁ, problemas são numerosos e insolúveis. *O Dia*, Teresina, ano XXVIII, n. 7.078, p.9, 30 maio 1979.

O desenvolvimento do bairro e da paróquia de São José Operário é visto por alguns moradores como consequência da importância que as novenas passaram a ter para os teresinenses, bem como da atuação dos padres redentoristas

[...] A melhoria do bairro é o seguinte, o bairro cresceu de acordo com a como, é que se diz, com o trabalho da igreja, com os redentoristas [...].⁴³

[...] os redentoristas chegaram, primeiro foi os americanos que chegaram [...] teve assim um maior crescimento religioso, mais assim estendeu mais as missões aqui nos bairros mais próximos [...] então aqui foi crescendo foi se colocando, hoje é centro norte [...] não é mais aquele bairro de antigamente.⁴⁴

A constante frequência dos devotos às novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro nos permite identificar o bairro Vila Operária enquanto referência de religiosidade onde percebemos o devoto como praticante da cidade já que, à medida que se desloca de sua própria casa, do lugar de trabalho ou de lazer, a pé, de bicicleta, de carro próprio ou de transporte coletivo, percorrendo a cidade ou parte dela, objetiva chegar a um ponto fixo, a Igreja da Vila, onde passa a ser consumidor do ritual das novenas sentindo-se, ao término, recompensado pelo esforço e fuga das atividades cotidianas. O espaço sagrado da igreja permite ao devoto relacionar-se com o divino, assumindo um caráter excepcional por separá-lo, mesmo que por pouco tempo, das experiências consideradas profanas, que se desenvolvem fora do espaço considerado sagrado.

O espaço sagrado e o espaço profano estão sempre vinculados a um espaço social. A ordenação do espaço requer sua distribuição entre sagrado e profano: é o sagrado que delimita e possibilita o profano. Os dois espaços, sagrado e profano, estão numa relação de 'ideal' e 'comum', de 'excepcional' e 'cotidiano'.⁴⁵

⁴³ Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 maio 2008.

⁴⁴ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

⁴⁵ ROSENDAHL, Zeny. *Espaço, Política e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002, p. 32.

Podemos compreender a Igreja de São José Operário como lugar sagrado e o seu entorno como espaço profano, parte ou porção do espaço público, em geral anônimo nos demais dias da semana, mas se tornando, para os devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, privado, particularizado, por ser usado por aqueles que freqüentam as novenas. O bairro enquanto espaço praticado é definido por Michel de Certeau como

[...] um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano [...] Pelo fato do seu uso habitual, o bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço público.⁴⁶

A privatização⁴⁷ do bairro Vila Operária é realizada cotidianamente pelos moradores e devotos que há décadas freqüentam o lugar e participam das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro às terças feiras.

Atualmente observamos que a paisagem do espaço onde se encontra a Igreja de São José Operário é bastante tranqüila e de pouca movimentação, no entanto, se modifica a cada terça-feira, adquirindo características e particularidades em decorrência do grande fluxo de pessoas que participam das novenas das mais variadas formas, seja como devotos, pedintes, guardadores de carro e também comerciantes informais ambulantes, os quais em torno da igreja, comercializam alimentos, roupas e objeto diversos com estampas religiosas ou não, terços, colares, pulseiras e flores naturais e artesanais, utilizadas por alguns devotos agradecidos que depositam e ornamentam o altar de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como forma de pagamento por uma promessa atendida. A multiplicidade de atores que freqüentam e vivenciam o espaço corresponde às diversas subjetividades e apropriações do espaço em relação ao ritual religioso. O roteiro seguido pelo devoto inclui a igreja, espaço sagrado, a sacristia, a lojinha da igreja, o altar da bênção da água, a gruta de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o cruzeiro localizado em frente a igreja, onde é permitido acender velas, e as barraquinhas montadas na praça São José e em torno das grades que cercam a igreja.

O entorno da igreja recebe assim um colorido especial advindo das barracas [Fotografia 02] e expositores [Fotografia 03] com seus variados produtos. O

⁴⁶ MAYOL, Pierre. op. cit., 1998, p. 40 - 42.

⁴⁷ A privatização do bairro é entendida como uma apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública. Cf. MAYOL, Pierre, op. cit., 1998, p. 43 - 44.

comércio informal que se desenvolve nas proximidades nos dias de novena, além de alterar a paisagem do bairro, dinamiza as relações de sobrevivência de homens e mulheres que, informalmente, garantem o sustento de suas famílias.



Fotografia 02 - Barracas montadas na praça de São José, onde são comercializados alimentos e confecções.
Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima



Fotografia 03 - Exposição de objetos a serem comercializados

ao lado da igreja de São José Operário.
 Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima

Às terças-feiras, é significativa a presença de pedintes em torno da igreja. São idosos, adultos, homens e mulheres que ficam o dia inteiro a pedir esmolas para os mais diversos fins. Observando esses pedintes, percebemos que eles participam de alguns momentos do ritual das novenas dentro ou fora da igreja, cantando, rezando, fazendo seus pedidos pessoais no momento oportuno. Presenciamos um pedinte que, ao encerrar suas atividades à porta da igreja, dirigiu-se ao santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e colocou uma moeda no cofre anexado à grade que protege o ícone. Também são devotos que, a seu modo, seguem esse roteiro há décadas, garantindo a si próprios conforto espiritual, alimentação⁴⁸ e dinheiro mediante a caridade cristã praticada pelos demais devotos.

A prática da doação e da esmola está inserida em um conjunto de valores e significados religiosos. O ato de dar esmola, segundo Carlos Alberto Stiel

[...] tem um sentido em si mesmo, enquanto estabelece um elo entre o doador e seu destinatário que remete sempre ao próprio Jesus, na medida em que este, no evangelho, se identifica com os pobres. [...] a esmola consiste em uma mediação do sagrado”⁴⁹.

Para alguns devotos, a questão social que produz tal situação é ignorada, o que reforça o caráter intimista da devoção percebida na fala do devoto que desde criança frequenta as novenas

A presença de pedintes ali é uma coisa que, desde criança, desde quando comecei a frequentar a igreja, estão ali. Acho que encaro como normal, não incomodam não! A mim nunca incomodou não! Também nunca vi ninguém se queixando da existência ali, nunca vi.⁵⁰

⁴⁸ Alguns devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro costumam agradecer os pedidos atendidos doando alimentos aos pedintes que ficam em torno da igreja.

⁴⁹ STIEL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.72.

⁵⁰ Francisco Arinaldo Avelino Fontenele. Historiador e professor da rede pública estadual do Piauí. Reside na cidade de Teresina, onde é devoto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e frequenta a igreja da Vila desde criança. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 17 maio 2005.

A presença dos pedintes também é vista como oportunismo, segundo os devotos que declaram

[...] Meio de vida! Estão ali só naquele dia. Muitas das vezes são saudáveis e se beneficiam da bondade de pessoas que doam alimentos.⁵¹

[...] Eu detesto esse negócio de andar pedindo em igreja! [...] Eu discordo daquela mendingagem que tem lá. Não é para aquele pessoal está na igreja de Nosso Senhor não! Ali nós vamos para a igreja não para ter aquele horror de mendigo. Que eu tenho certeza que aqueles mendigos são tudo aposentados! São mais velhos do que eu!⁵²

Passadas cinco décadas do início das novenas na Igreja de São José Operário⁵³, são significativas as transformações ocorridas tanto no bairro, que, de periferia urbana da cidade na década de 1930, habitado por operários pobres, passou por melhorias públicas e hoje faz parte da região centro-norte da cidade, quanto na estrutura da igreja, a qual passou por reformas, tendo a área construída de 485.03m² ampliada para 748.88m². O aumento do espaço físico da Igreja se fez necessário pelo grande fluxo de fiéis que passam semanalmente pelo templo católico, o qual às terças-feiras, assume caráter de santuário, lugar específico de oração.

1.2 O processo de construção da “Igreja da Vila”

A Capela de São José, o Operário, como era chamada na época de sua construção, na década de 1950, destaca-se como referência no bairro, pois, no seu entorno, gradativamente construiu-se uma nova paisagem, favorecendo as relações de interação entre os moradores ao longo do processo de sua construção. Também

⁵¹ Isabel Cristina R. C. de Carvalho. Professora de geografia da rede pública estadual (PI) e municipal de Teresina. Nasceu na Vila Operária, participou das atividades promovidas pela igreja do bairro. É devota e freqüentadora das novenas. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 12 abr. 2005.

⁵² Luis Gonzaga Galeno. Artesão, residente na cidade de Timon, devoto e freqüentador das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro há mais de duas décadas. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 30 mai. 2005.

⁵³ Em 2009 comemora-se o jubileu das novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que foram implantadas na igreja matriz de São José Operário em 1959.

constituiu-se como lugar de sociabilidades nos festejos de São José, bem como nos intervalos das novenas na praça posteriormente construída em frente à igreja, denominada Praça São José. Dona Maria Teixeira recorda as condições de vida dos primeiros moradores do bairro, da estrutura do mesmo e da ligação dos moradores com a igreja.

O bairro aqui, quando nós viemos, [...] não tinha a igreja [...] tudo era casa de palha, gente humilde [...] Depois fizeram esse quarteirão aí [refere-se ao conjunto habitacional construído para os operários, conhecido como Conjunto Popular ou Conjunto dos Operários] esse popular [...]. Depois fizeram a igreja. [...] Era São José que a gente festejava as novenas, que a gente rezava o terço, que celebrava as novenas. Dia 19 de março! [...] Que o bairro [...] é São José, Vila Operária. Aqui [aponta para a parede de sua residência] tinha até uma placa com o nome da Praça São José [...]⁵⁴

A moradora, ao destacar a construção da igreja no bairro dos operários, reforça a idéia de que os espaços sagrados surgem, na sua maioria, pela necessidade de o homem sentir-se seguro e protegido pelo poder divino, não apenas individual, mas coletivamente. Segundo Zeny Rosendhal⁵⁵, o templo situa-se como forte atributo de conexão entre o urbano e o sagrado no que se refere à relação entre cidade e religião.

A formação do bairro Vila Operária não se fez em torno de um templo religioso, mas a ausência física de um templo e das atividades pastorais da Igreja Católica marcava o território do bairro, pois, dentro da administração diocesana, a região fazia parte da paróquia de Nossa Senhora do Amparo, que, naquela época,⁵⁶ era a igreja mais próxima do bairro, onde os moradores podiam participar dos diversos atos religiosos. Os moradores da Vila sentiram, assim, a necessidade de ter um templo religioso no bairro, o que teria possibilitado o empenho na construção da Capela de São José Operário.

O projeto de decreto-lei que justificou e autorizou a construção do templo foi assinado pelo então prefeito Godofredo Freire da Silva

⁵⁴ Maria Teixeira Rodrigues. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 04 mar. 2008.

⁵⁵ ROSENDHAL, Zeny. op. cit., 2002, p. 40.

⁵⁶ A partir de 1957, com a criação da Paróquia de São José Operário, os moradores da Vila Operária passaram a assistir às missas regulares na igreja do bairro.

A construção de *templos religiosos* atende a uma das necessidades mais importantes de *formação moral e espiritual* de maior parte do nosso povo. Somente isso justifica, de um modo geral, a doação de que trata o presente decreto-lei.

Não existe também uma justificativa de caráter local. No lugar da chamada Vila Operária cresce um *bairro bastante populoso* que vai adquirir uma feição tipicamente urbana com a edificação, já em curso, de blocos de casas populares e com a projetada ereção de um hospital para crianças.

Ora, este *ponto de densidade urbana* fica a boa distância dos já existentes em Teresina, de modo que a construção da capela, no âmbito do referido bairro e nas proximidades do local reservado a construção do hospital, assegure a proximidade da indispensável assistência religiosa.⁵⁷ [grifo nosso]

Percebemos que o prefeito destaca duas obras de relevância para a região: o conjunto de casas populares e o futuro hospital infantil. A construção da capela, no entanto, é justificada como fundamental para atender às necessidades espirituais e à formação moral do povo, argumento que estava em sintonia com o discurso da Igreja Católica e das autoridades na época, característica do modelo de neocristandade⁵⁸ absorvido e divulgado pelos religiosos na diocese teresinense e de forma mais efetiva, pelo então arcebispo Dom Severino Vieira de Melo.⁵⁹ De acordo com Riolando Azzi⁶⁰, o modelo neocristão da Igreja Católica, no Brasil, predominou entre 1920 a 1960 e contou com apoio expressivo do poder político. Luciana de Lima Pereira,⁶¹ ao analisar a construção da neocristandade em Teresina, em sua dissertação de mestrado, afirma que foi através da ação pastoral dos dois arcebispos, Dom Severino Vieira de Melo e de seu sucessor, Dom Avelar Brandão Vilela, que a igreja local se adequou às mudanças sociais e políticas que objetivavam fortalecer o catolicismo na sociedade teresinense com o auxílio do Estado. Percebemos, portanto, que a construção da capela de São José é incluída

⁵⁷ TERESINA. Prefeitura Municipal. Projeto de Decreto-lei, 06 dez 1947.

⁵⁸ O projeto neocristão visava à reestruturação da sociedade brasileira baseada nos princípios da fé católica. Proporcionou uma relação de parceria entre a Igreja e o Estado, sendo que a instituição religiosa passou a ser intermediária nas relações entre o Estado e a sociedade, visando a uma conduta ordeira dos cidadãos católicos. Em Teresina, a reestruturação física e espiritual da instituição eclesiástica teve como principal representante o arcebispo Dom Severino Vieira de Melo (1924-1955). Cf. PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, 29.

⁵⁹ Dom Severino (1880-1955) foi o terceiro bispo da Diocese do Piauí, sagrado em 1923. Assumiu a Diocese de Teresina no ano seguinte, sendo o primeiro bispo e arcebispo metropolitano de Teresina.

⁶⁰ AZZI, Riolando. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 9.

⁶¹ PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, p. 25.

como elemento favorável ao desenvolvimento do bairro, logo campo fértil para a atuação da Igreja.

A construção do templo foi iniciada no ano seguinte à comemoração do Centenário de Teresina, 1952, momento significativo para a Igreja do Piauí. Dom Severino presidiu a solenidade religiosa que fez parte das comemorações do aniversário da cidade marcadas pelo discurso de progresso e modernidade idealizado pelos governantes. Nesse clima festivo, a província eclesiástica piauiense de Teresina foi elevada ao *status* de Arquidiocese, e Dom Severino recebeu o título de Arcebispo Metropolitano. No cenário nacional, a Igreja congregava os bispos e arcebispos através da criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil [CNBB].⁶²

A Igreja São José Operário passou então a representar “[...] o lugar de culto e reconhecimento, sendo verdadeiramente o símbolo do sagrado e da sua permanência [...]”,⁶³ tendo seu início com o lançamento da pedra fundamental no dia 15 de maio de 1953. Dom Severino Vieira de Melo, que esteve à frente da Igreja local por três décadas, em seu arcebispado, primou pelo fortalecimento da Igreja enquanto instituição, centralizando o protagonismo da religião católica no âmbito da hierarquia clerical. Nesse sentido, combateu a religiosidade popular e o comunismo, procurando implantar uma prática católica romanizada, visando à manutenção da ordem social neocristã entre os fiéis teresinenses⁶⁴. Dom Severino expressou sua preocupação em relação à autonomia das devoções populares que se desenvolviam na periferia da cidade, pois eram desprovidas de orientação da Igreja, sendo consideradas, portanto, ameaça a ordem social e a moralidade cristã.

Com manifesto desprezo às constantes proibições da autoridade diocesana continuam, principalmente, nos arredores desta cidade, as chamadas novenas, fazem-se solenidades em que, sob pretexto de honrar qualquer santo ou de promessa, fazem-se *solenidades religiosas do culto público*, inclusive procissões, *sem assistência de sacerdotes* e não obstante a avisos em contrário pelos Revmos. Vigários.

Tais solenidades constituem em verdadeira profanação do culto religioso e longe de servir a Deus ou honrar qualquer santo são-lhes grandemente ofensivas, não só por estarem em oposição as leis da Igreja e contrários as prescrições da *autoridade diocesana a quem compete regularizar todo o exercício do culto externo*, como também

⁶² PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, p. 65, 66.

⁶³ ROSENDAHL, Zeny. op. cit., 2002, p.13.

⁶⁴ PEREIRA, Luciana de Lima. op cit., 2008, p. 29 e 71.

por constituísse um flagrante atentado a moralidade e a boa ordem.⁶⁵
[grifo nosso]

Devotar-se a um santo consistia e ainda consiste em uma relação íntima e afetiva de confiança e sentimento de fé que se externalizam através de homenagens prestadas ao santo de devoção, no caso, São José, patrono do bairro dos operários. Seguindo a assertiva de que “[...] as devoções são consideradas exercícios de piedade própria da religiosidade popular, portanto desprovida de caráter litúrgico vinculados a tradições populares”,⁶⁶ cogitamos que o santo escolhido pela autoridade eclesiástica para ser o patrono do bairro Vila Operária, festejado em 19 de março, já fizesse parte das práticas devocionais dos moradores do bairro, o que favoreceu sua aceitação como protetor, passando o seu culto a ser normatizado pela Igreja.⁶⁷

Dom Severino, contrário ao catolicismo popular e defensor do modelo de Igreja romanizada, acreditava que a instituição eclesiástica deveria orientar e disciplinar as manifestações religiosas com a presença do sacerdote, evitando assim futuros transtornos, ou seja, autonomia popular na condução dos rituais religiosos e total desobediência à doutrina católica. Para isso, autorizou a construção da capela na Vila dos Operários, o que não deixou de ser uma estratégia de aproximação e de doutrinação da “massa trabalhadora”,⁶⁸ que passou, com a autorização e controle da Igreja, a manifestar devoção ao santo padroeiro São José Operário, comemorado em 1º de maio.

1.2.1 As etapas de construção da Igreja da Vila

Com a carência de recursos financeiros para construção da capela de São José, festividades foram promovidas no intuito de envolver os moradores do bairro na difícil empreitada. Uma das mais antigas moradoras da Vila, ao se referir ao

⁶⁵ MELO, Dom Severino Vieira de. Circular n. 26, Teresina, 30 nov. 30, s/n. In: PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, p. 31.

⁶⁶ SCHESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 818.

⁶⁷ Dom Severino, ao assumir a Diocese de Teresina em fevereiro de 1924, logo reabriu o Seminário Menor de Teresina que se encontrava fechado há 14 anos. A abertura do seminário se deu em uma data especial para a Igreja Católica - 19 de março, dia de São José considerado o patrono espiritual das vocações sacerdotais e protetor dos trabalhadores.

⁶⁸ Expressão usada pelo jornal diocesano *O Dominical*, ao referir-se aos trabalhadores da capital.

espaço onde foi construída a igreja, declara: “[...] isso aqui era um largo de areia, fizeram umas barraquinhas, aí foram fazer festejos nas barracas, os festejos era pra construir uma igreja aqui”.⁶⁹

O jornal *O Dominical*⁷⁰ divulgava e convidava a população teresinense a participar das atividades em prol da construção da Capela de São José

Na Vila Operária desta capital, realizaram-se solenes festejos em honra de Nossa Senhora, que principiaram no dia 17 de maio passado, terminando aos 31 do mesmo mês [...]

A finalidade desta festividade era conseguir uma *maior aproximação das massas trabalhadoras de Cristo e da Igreja*, ainda à uma *Campanha em prol da construção da Capela de São José da Vila Operária*.

As festividades foram distribuídas pelas diversas classes, e todas aceitaram, com a maior boa vontade, o patrocínio da noite, que lhes era designada, e se esforçaram para dar-lhe o maior brilhantismo possível.

Após o fatigante dos primeiros esforços a campanha em Prol da Capela de São José apresentou um total líquido de Cr\$16.344.50, demonstrando assim o *entusiasmo dos habitantes do bairro pelo seu Patrono*.⁷¹ [grifo nosso]

Os festejos religiosos constituem-se em uma tradição popular, logo os da Vila contaram com participação dos moradores do bairro, oportunizando ao clero uma maior aproximação dos trabalhadores, reforçando assim os dogmas e doutrinas da Igreja Católica junto aos fiéis devotos.

A Igreja de São José Operário foi projetada em forma de cruz, e sua construção se realizou em três etapas distintas entre os anos de 1953 a 1958. O padre Isaias Arêa Almeida foi incumbido da construção, sendo que o arcebispo de Teresina, Dom Severino Vieira de Melo, fez o lançamento da pedra fundamental do novo templo católico da capital. O fato foi noticiado no jornal *O Dominical*, que

⁶⁹ Maria Teixeira Rodrigues. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 04 mar. 2008.

⁷⁰ O Jornal *O Dominical* foi criado por Dom Severino Vieira de Melo em 21 de fevereiro de 1937. Por questões financeiras, as atividades do jornal, que era diário, foram interrompidas. Foi reaberto em 1948, sendo o roteiro de circulação alterado, assim deixou de ser diário e passou a ser dominical. A criação de um jornal católico era fundamental para o projeto de afirmação da Igreja Católica no Piauí, pois através do mesmo era difundida a fé católica. O Bispado piauiense fez uso da imprensa como recurso auxiliar no processo de doutrinação da fé católica, sendo que, em 1890, sob a direção do Cônego Honório Saraiva, havia sido criado o primeiro jornal diocesano, *A Cruz*; o segundo jornal foi *O Apóstolo*, fundado em 1907. Cf. PINHEIRO, Áurea da Paz. op cit., 2001, p. 46.

⁷¹ ALMEIDA, Pe. Arêa. Capela da Vila Operária. *O Dominical*, Teresina, ano XVII, n. 24/53, p.1, 14 jun. 1953.

destacou a relevância do mesmo para a Igreja local e a prosperidade do bairro Vila Operária

A sete do corrente realizou-se nesta capital *importante solenidade, realmente auspiciosa para os meios religiosos*: foi lançada, por Sua Excia. Revma. O Sr. Arcebispo Dom Severino, a primeira pedra fundamental de um templo católico a ser construído no simpático bairro da Vila Operária – a Capela de São José.

Os habitantes daquela *próspera zona da capital* merecem, de fato, mais assídua *assistência religiosa*, o que lhes será proporcionado com o aparecimento desse novo templo.

Diversas comissões estão trabalhando entusiástica e devotadamente sob a esclarecida e zelosa [sic] direção do Revmo. Pe. José Arêa Almeida, a quem se deve atribuir, incontestavelmente, todo o mérito deste empreendimento de tão grande alcance para a vida religiosa desta capital.⁷² [grifo nosso]

Os trabalhos de construção começaram e, quando as paredes dos braços menores da cruz estavam na altura aproximada de quatro metros e o baldrame do braço maior da cruz já concluído, a construção foi paralisada por ter sido o padre Almeida designado pelo arcebispo para exercer outras atividades.⁷³

A segunda etapa de construção compreendeu os anos de 1956 e 1957, quando o então vigário cooperador da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo, padre José Machado Coelho, deu prosseguimento aos trabalhos. De acordo com depoimento de Padre Machado, ao voltar de uma confissão de enfermo, nas proximidades do aeroporto de Teresina, deparou-se com o começo da construção da igreja no bairro Vila Operária e, autorizado a celebrar aos domingos, no local onde a igreja tinha sido iniciada, fez ver aos fiéis a necessidade de terminar a construção do templo. Com o apoio dos moradores mestre de obras, pedreiros, carpinteiros e outros residentes na Vila que ofereceram colaboração, trabalho voluntário e obtenção dos recursos financeiros, foram promovidas campanhas de doações, leilões, quermesses e, de imediato, foram tomadas as providências para o prosseguimento dos trabalhos de construção. Foi feito o levantamento das paredes

⁷² CAPELA de São José. *O Dominical*, Teresina, ano XVII, n. 37, p.1, 13 set. 1953.

⁷³ Comenta-se que Padre Almeida era muito entusiasmado e projetou uma igreja grande demais para a realidade do bairro, contrariando as determinações de Dom Severino, que teria determinado a construção de uma capela. As dificuldades financeiras da Diocese e dos moradores do bairro em dar continuidade aos trabalhos contribuiu para a suspensão da obra e a desobediência de Padre Almeida lhe custou a transferência de função.

dos braços menores da cruz, deixando-se as paredes do braço maior na altura de quatro metros. Construiu-se ainda o grande arco que atualmente fica por cima do altar da celebração das missas. Para seu abrigo e dos fiéis, no período chuvoso, o padre mandou levantar uma barraca de palha no espaço entre as paredes da igreja. Em agosto de 1957, nomeado vigário de Altos, Padre Machado não pôde assim finalizar a construção da Igreja.

[...] Então eu vi e comecei. Falei com o Monsenhor Chaves⁷⁴ pra ficar dando assistência aqui. Então eu vinha todo domingo de tarde, cinco horas da tarde e celebrava aqui dia de domingo. Aí eu fiz um festejo aqui em 56, então com o dinheiro arrecadado eu comecei o serviço da igreja. [...] Foi feita uma capelinha de palha porque tudo era aberto. Um dia eu tava celebrando, veio uma chuva com vento, foi todo mundo para o prédio do SAMAP.⁷⁵

A construção da igreja no bairro envolveu os moradores de tal modo que mantiveram vivas na memória as etapas de construção, bem como os padres que estiveram à frente dos serviços e festejos ali realizados. É o que nos informam, com certo saudosismo, antigos moradores do bairro.

Devia ter entre seis e sete anos (1956-1957) e recordo-me de um padre de nome Machado, que me parece ter sido o pioneiro das obras da igreja. Lembro-me de algumas das primeiras paredes construídas com a ajuda de muitos paroquianos, e de onde algumas crianças e adolescentes de então saltavam sobre os montes de areia. Havia uma pequena casa de apoio situada entre a igreja em construção e o hospital [...], posteriormente SAMAP. Por algum período [talvez entre 1958 e 1960], a continuidade da construção ficou a cargo do saudoso padre Carvalho, mais tarde transferido para a paróquia de Nossa

⁷⁴ Joaquim Raimundo Ferreira Chaves (1913-2007) era vigário da Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo desde 1948. Além de sacerdote, foi professor e reitor do Seminário Sagrado Coração de Jesus de Teresina; dirigiu o Jornal *O Dominical* por solicitação de Dom Avelar seu colega de seminário; foi vigário geral da Arquidiocese de Teresina; historiador e membro da Academia Piauiense de Letras [APL].

⁷⁵ O citado prédio do SAMAP [Sociedade do Amparo do Menor Abandonado do Piauí] funcionou como hospital infantil, sendo posteriormente transformado em casa de apoio aos menores carentes. Hoje é denominado Lar da Criança. José Machado Coelho foi vigário cooperador da Paróquia Nossa Senhora do Amparo e pároco de Altos. Afastou-se da vida religiosa, é professor aposentado e freqüentador das novenas. Reside no bairro Vila Operária. Entrevista concedida à Ana Cristina da Costa Lima em, 19 jul. 2005.

Senhora de Lourdes [bairro Vermelha] onde ficou até a morte, ocorrida há poucos anos.⁷⁶

[...] Bem aqui tinha um pezinho de caju, que o pessoal fazia as barracas. Aí fizeram as barracas, fizeram a capelinha de palha, uma barraquinha de palha cercada só de peitoril de palha e faziam os festejos dia de domingo, faziam as missas e foi levando até que arrumaram direitinho. [...] Todo mundo ajudou, todo mundo de noite faziam leilão, fazia barraquinha, comprava material [...]⁷⁷

A terceira etapa de construção da Igreja da Vila se deu com a atuação do Padre Francisco das Chagas Carvalho, que, em agosto de 1957, foi nomeado e empossado vigário da recém criada paróquia mesmo sem que a igreja matriz estivesse concluída.

Os recursos financeiros para a construção da igreja advinham de campanhas de arrecadação de fundos e de doações dos fiéis. Foram realizados leilões e quermesses, bem como rifa de uma lambreta, anunciada no jornal diocesano *O Dominical*. Além disso, os operários residentes no bairro ofereciam valiosa cooperação através de seu labor voluntário.

Quando eu vi participar daí que eu era jovem era o padre Carvalho, que foi um dos pioneiros na construção da igreja. Aí nessa época todo o pessoal daqui da área, tanto faz o vizinho Mafuá, Vila Operária e Marquês, essas áreas vizinhas ajudaram a construir. Cada um colocou uma pedra no alicerce da construção. Meu pai ajudou, o vizinho aqui ajudou, todos os vizinhos aqui antigos todos eles participaram de um tijolo na igreja [...]⁷⁸

Em 25 de dezembro de 1958, com a igreja coberta, rebocada, caiada e tendo um crucifixo no centro, Padre Carvalho finalizou a construção da Igreja, sendo que os acabamentos finais ficaram para os anos subseqüentes. A estrutura da igreja é descrita por alguns moradores como sendo diferente das outras igrejas locais, “[...] que aquilo era um desejo, uma idéia do Padre Carvalho. Que ele tinha essas coisas!”⁷⁹ O altar era redondo, ficava no centro da igreja, com dois crucifixos no

⁷⁶Francisco Teixeira Andrade, depoimento escrito cedido à equipe responsável pela edição da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José Operário, 2007.

⁷⁷ Maria Teixeira Rodrigues. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 04 mar. 2008.

⁷⁸ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

⁷⁹ Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

centro em posições opostas; os bancos eram dispostos em círculo em torno do altar, favorecendo uma maior proximidade entre o clérigo e os fiéis durante as celebrações litúrgicas.

[...] O altar era redondo e bem no centro que a igreja tem aquele braço central né? Aí o altar era bem no centro, o crucifixo e a imagem de Cristo e ali tinha era a mesa de comunhão e era celebrado naquele altar bem no centro daquele círculo.⁸⁰

Depois veio o padre Carvalho, o que fez, construiu a capela. Trabalhou muito e, quando ele terminou tudo, o altar não estava nem terminado ainda, estava assim, como é que a gente diz, assim rústico, sem reboco, sem nada.⁸¹

De acordo com o Livro de Tombo da Paróquia de São José Operário, no ano de 1957, o jovem Padre Carvalho enfrentou muitas dificuldades não só referentes à construção da Igreja como também às necessidades espirituais [administração dos sacramentos] e materiais dos moradores de bairro pobre:

Quando tomei posse não havia igreja terminada. As paredes da construção da igreja já estavam bem adiantadas no recinto das paredes ou construção havia uma pequena casa de palha sem paredes, sem nada. Foi nessa palhoça que tomei posse. Nada havia, tudo era difícil, um bairro paupérrimo, não havia nem mesmo onde administrar os sacramentos, a situação era terrível [...]. Dirigi-me um dia a casa do desembargador Manuel Simplício, chefe da Casa do Menor Abandonado e pedi-lhe um corredor da casa. Foi neste corredor que a paróquia funcionou de agosto até o magno dia 25 de dezembro, dia em que conclui a primeira parte da igreja. Convidei o Sr. Arcebispo Dom Avelar para celebrar o Santo sacrifício da Missa. Desde esse dia, 25 de dezembro de 1957 que o Santíssimo Sacramento ficou no sacrário da igreja. Foi um grande dia para a paróquia, foi um grande dia para aquele povo pobre, generoso e de uma alma cheia de fé. O Sr. Arcebispo falou com todo entusiasmo de que é peculiar.⁸² [grifo nosso]

⁸⁰Sebastião Pinheiro de Aragão. Pedreiro e mestre de obra, reside no bairro Vila Operária, tendo sido funcionário da casa paroquial por treze anos. Trabalhou na reforma da Igreja de São José sob a administração dos padres redentoristas. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 27 mai. 2008.

⁸¹Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

⁸²LIVRO de Tombo da Igreja de São José Operário, Teresina, jun. 1958, p. 3 e 4.

As fotografias [04 e 05] nos permitem perceber as gradativas melhorias que a igreja recebeu entre as décadas de 1950 e 1960, como reboco, pintura, construção de confessionários laterais externos e calçada



Fotografia 04 - Igreja São José Operário na década de 1950 sem os confessionários laterais.
Fonte: Arquivo da Paróquia São José Operário.



Fotografia 05 - Igreja São José Operário na década de 1960, rebocada, pintada e acrescida dos confessionários laterais.
Fonte: Arquivo da Paróquia São José Operário.

As dificuldades apontadas foram superadas gradativamente mediante o trabalho desenvolvido por Padre Carvalho, que contou com a participação dos moradores do bairro para a conclusão da igreja matriz bem como para a busca de resoluções dos demais problemas enfrentados pelos paroquianos, a exemplo da educação, formação profissional e assistência médica. A Arquidiocese de Teresina, através da Ação Social Arquidiocesana, promoveu, com a posterior colaboração dos padres missionários redentoristas, atividades assistencialistas no intuito de levar melhorias à população carente da Paróquia de São José Operário.

1.2.2 A criação da Paróquia de São José Operário

Dom Severino, gravemente doente, faleceu em 1955, findando um longo período de administração que teve início em 1923. Para substituí-lo foi nomeado Dom Avelar Brandão Vilela,⁸³ em torno do qual se criou uma grande expectativa de renovação da ação da Igreja no Piauí, pois, a exemplo do que acontecia no Brasil, a Igreja, através da atuação de alguns bispos – sensibilizados pelos problemas sociais que afligiam a sociedade brasileira, se aproximava das camadas populares.⁸⁴ Dom Avelar assume a Arquidiocese de Teresina na década de 1950, período em que a instituição eclesiástica voltava suas ações pastorais para o campo da assistência social.

A Arquidiocese de Teresina recebe com muita alegria a nomeação de Dom Avelar Brandão Vilela para ser seu novo Pastor. [...] Assim a transferência de Dom Avelar, da Sede de Petrolina, para o sítio da Igreja teresinense foi motivo da mais intensa alegria cristã. Podemos contar com um Chefe Espiritual, à altura do papel que vai desempenhar a Igreja de Deus, de Pastor de uma porção eleita do rebanho de Cristo, autêntico sucessor daquele que durante 31 anos

⁸³ Dom Avelar Brandão Vilela foi escolhido para ser o quarto bispo do Piauí em 19 de novembro de 1955. Não podendo assumir de imediato a função, a Diocese ficou sob os cuidados do então nomeado Vigário Capitular Monsenhor Joaquim Chaves. Dom Avelar tomou posse no dia 05 de maio de 1956. Cf. ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. *Dom Avelar Brandão Vilela entre o texto e o contexto: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971)*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

⁸⁴ Não eram todos os bispos que percebiam os problemas sociais brasileiros e tentavam resolvê-los. Destacaram-se: Dom Avelar Brandão Vilela, bispo de Petrolina (PE) posteriormente arcebispo de Teresina, Dom Portocarrero Costa, bispo de Mossoró (RN), Dom José Delgado, bispo de Caicó (RN) e Dom Fernando Gomes dos Santos (AL). Cf. PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, p. 73, 74.

sacrificou-se sem reservas dando vida por suas ovelhas – D. Severino Vieira de Melo, de saudosa memória.⁸⁵

Na administração de Dom Avelar, as ações sociais da Igreja Católica desenvolvidas em Teresina acompanharam as áreas de expansão urbana, nas regiões periféricas da cidade onde se concentravam as camadas populares. Foram instaladas novas paróquias, mais precisamente sete, em pontos estratégicos da cidade, o que favoreceu uma maior aproximação da Igreja em relação aos habitantes da capital, principalmente aos da periferia.⁸⁶

Em torno das paróquias localizadas no centro da cidade aconteciam as principais festividades religiosas da capital, das quais participavam os moradores do bairro Vila Operária. Apesar da distância percorrida, uma moradora fala com certo entusiasmo da aventura de juntar um grupo de vizinhas para irem às missas nas igrejas do centro:

[...] Porque aqui todo mundo só ia pra missa no São Benedito. Não tinha igreja pra gente assistir a missa. Eu mesma acordava quatro horas da madrugada e saía batendo nas portas do povo pra nós ajuntar de grupo pra ir. [...] A missa na igreja de São Benedito era cinco horas em ponto. [...] Quando a gente vinha, vinha a turma caminhando ligeiro [...] Era assim uma coisa boa! [...] A Semana Santa era lá na igreja das Dores.⁸⁷

À medida que o bairro Vila Operária foi crescendo, a Igreja Católica, enquanto instituição norteadora das atividades catequéticas e doutrinárias, oficializou a criação de uma nova paróquia, nomeada, São José Operário, a quarta da Arquidiocese teresinense⁸⁸

⁸⁵ DOM AVELAR, Arcebispo de Teresina. *O Dominical*. Teresina, n. 48, p.1, nov 1955.

⁸⁶ As sete paróquias criadas durante a administração de Dom Avelar foram: São José Operário, no bairro Vila Operária; Nossa Senhora de Lourdes, no bairro Vermelha; Nossa Senhora das Graças, no bairro Nossa Senhora das Graças; Cristo Rei, no bairro Cristo Rei; Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Fátima; São João Evangelista, no bairro Parque Piauí e São Raimundo, no bairro da Piçarra. Cf. CARVALHO, Maria do Amparo de. *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006, p. 130.

⁸⁷ Maria Rodrigues Teixeira. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 04 mar. 2008.

⁸⁸ Quando Dom Avelar assumiu a Arquidiocese de Teresina, em 1956, a cidade contava com as paróquias de Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Amparo, São Benedito, e ainda as do interior, sendo cada município uma paróquia: Castelo do Piauí, União, José de Freitas, Miguel Alves, Campo Maior, Altos, Alto Longá, Regeneração, Amarante, Valença e Elesbão Veloso. Cf. ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. op. cit., 2008, p. 35.

Segue o documento que oficializa a criação da Paróquia de São José Operário datado de 1º de maio, publicado no jornal da Arquidiocese de Teresina, *O Dominical*, edição do dia 28 de julho de 1957. Esse documento se encontra registrado no Livro de Tombo da referida paróquia.

Da criação da Paróquia

Dom Avelar Brandão Vilela, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Teresina.

Aos que esta nossa provisão virem, paz e bênção em nosso Senhor Jesus Cristo.

Fazemos saber que, tendo em vista o crescimento demográfico da Paróquia de Senhora do Amparo de Teresina, e ouvindo os Consultores Arquidiocesanos e o pároco da referida freguesia, Havemos por bem, desmembrando parte de seu território, na *zona suburbana e rural*, criar e erigir canonicamente a Paróquia de São José, da Vila Operária em caráter amovível.

Assim sendo, a antiga Capela filial de Nossa Senhora do Amparo se considere elevada à categoria de Igreja Matriz, com todos os privilégios que lhe são inerentes, embora ainda se encontre em fase de construção.

Enquanto não dispuser de casa paroquial, poderá o vigário residir até em território estranho, contanto que possa diariamente atender ao serviço religioso.

Como ainda não possui patrimônio, a nova paróquia terá apenas como única fonte de manutenção do vigário e do culto público, as taxas e esmolas recebidas, ao ensejo da administração dos sacramentos e demais atos paroquiais.

Apesar de todas essas dificuldades, resolvemos criar a Paróquia de São José porque assim *o determina o interesse da glória de Deus e o bem-estar das almas.*

Na época atual *os pontos de resistência cristã devem ser fortalecidos porque as heresias campeiam por toda parte. Há perigos morais que rondam o indivíduo, a família e a sociedade.* E a Paróquia, não há negar, na *formação espiritual das comunidades* exercer o papel de relevância.

Esperamos que, dentro do menor lapso de tempo possível, a nova paróquia esteja de todos os elementos indispensáveis a sua perfeita organização, desde total e cuidadoso aparelhamento da Casa de Deus, até o normal funcionamento das *associações religiosas que alimentam a vida sobrenatural das famílias cristãs*, de acordo com as normas traçadas pelo Código de Direito Canônico, pelo Concílio Plenário Brasileiro, pela Pastoral Coletiva.

Que haja, sobretudo um *zelo especial pelas crianças, pela juventude e pelos operários.*

Que seja organizado, igualmente com todos os livros citados no código, o Arquivo paroquial.[...] [grifo nosso]

Percebemos o documento de criação da Paróquia de São José Operário como sendo de fundamental importância para uma leitura contextual do período, pois, na década de 1950, a Igreja Católica em Teresina, assim como no Brasil, manifestava preocupação e alertava os católicos para os “perigos” e “inimigos” que tentavam destruir a ordem cristã: “[...] na época atual os pontos de resistência cristã devem ser fortalecidos porque as heresias campeiam por toda parte [...] há perigos morais que rondam o indivíduo, a família e a sociedade”⁸⁹. Essa preocupação destacada no documento é percebida ao observarmos as principais temáticas abordadas em *O Dominical*, que orientava os fiéis teresinenses e piauienses a reafirmarem os seus compromissos com Cristo e com a Igreja diante das principais ameaças ao mundo cristão, com destaque para o protestantismo, o comunismo e o espiritismo:

BRASILEIROS!

Nós somos uma imensa maioria católica. Não permitiremos a vitória do comunismo. Onde estiver um comunista, devem estar dez anti-comunistas! Para a *defesa dos templos de nossa fé* e dos nossos lares, da honra de nossas mães, esposas e filhas.

Todos em defesa da pátria ameaçada pelo *comunismo ateu* e internacionalista.⁹⁰[grifo nosso]

INIMIGO NOVO

Contra a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo aparecem sempre inimigos, conforme as diversas circunstâncias da política ou das idéias.

No campo propriamente religioso, muitos consideram hoje em dia, em nossa pátria, como ‘*inimigo*’ nº1, o *espiritismo*, pois muita gente se impressiona com as coisas e vozes do além.⁹¹

No documento de criação da Paróquia de São José Operário, é visível a preocupação da Igreja Católica de Teresina em ter o controle das atividades

⁸⁹ Documento da criação da Paróquia de São José Operário. In: LIVRO de Tombo da Igreja de São José Operário. Teresina, ago. 1957. p. 01.

⁹⁰ O DECÁLOGO comunista. *O Dominical*, Teresina, n. 06, p. 4, 19 fev. 1950.

⁹¹ O ESPIRITISMO. *O Dominical*, Teresina, n. 13, p. 4, 12 mar. 1950.

espirituais na região, evitando a penetração de seus inimigos, estabelecendo “[...] que *haja sobretudo um zelo especial pelas crianças, pela juventude e pelos operários*”⁹².

[...] Era Vila Operária, bairro do São José [...] Aí botaram São José Operário. Aqui toda vida foi dos operários [...]. Aí aqui eles transferiram o novenário de São José pra 1º de maio, dia do trabalhador. Porque eles querem que São José, aqui da Vila Operária, seja dos operários, dos trabalhadores. Foi isso aí que eles fizeram!⁹³

Na fala da moradora, percebemos que a escolha do santo padroeiro com o título de operário não foi iniciativa dos moradores do bairro, mas provavelmente da Diocese, a quem ela se refere como “eles”, e que a participação efetiva dos moradores na construção da capela que posteriormente assume proporção de igreja confirma que eles aceitaram o santo com o título de operário, festejado no 1º de maio como seu protetor.

Segundo Clifford Geertz,⁹⁴ “[...] todo o lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca e ele não apenas encoraja a devoção, como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional do devoto [...]”⁹⁵ Assim, São José, apresentado pela Igreja como o esposo de Nossa Senhora, pai provedor e protetor da Sagrada Família, modelo de castidade e patrono da Igreja Universal e das vocações sacerdotais, passou a ser apropriado pelos devotos moradores do bairro como o santo trabalhador, o operário, estabelecendo com o mesmo uma relação de identidade.⁹⁶

⁹² Documento da criação da Paróquia de São José Operário. In: LIVRO de Tombo da Igreja de São José Operário. Teresina, ago. 1957, p. 01.

⁹³ Maria Teixeira Rodrigues, em sua fala, confirma que já existia no bairro a devoção a São José, que era festejado no dia 19 de março, mas, por decisão da Igreja, o santo padroeiro sob o título de operário passou a ser festejado no 1º de maio. Com essa transferência, a festa tradicional do dia 19 de março passou a marcar de forma solene o patrocínio de São José como protetor da Igreja Universal. SÃO José Padroeiro do Vaticano II. Disponível em: <http://centrojosefinocl.blogspot.com/2008/07/sao-jose-padroeiro-do-vativano-ii.html>. Acesso em 13 dez. 2008.

⁹⁴ GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

⁹⁵ *Ibid.*, p.143.

⁹⁶ O Papa Pio XII instituiu a festa de São José Operário em 1955 na mesma data em que se comemora o dia do trabalhador, o 1º de maio. A Igreja dá aos trabalhadores um protetor celestial como estratégia de controle dos mesmos frente ao tom revolucionário que se manifestou tantas vezes nas comemorações do 1º de maio. São José passa a ser o modelo por excelência de harmonia entre as classes, pois este era ao mesmo tempo de estirpe real e artesão, logo protege o

A presença da Igreja, portanto, se fez urgente para marcar o novo território que se constitui por espaços apropriados efetiva e afetivamente, evitando assim a penetração de outras crenças. “[...] A igreja não é somente o lugar em que se reúnem os fiéis, mas igualmente o recinto protegido das influências dos meios profanos [...]”.⁹⁷

A criação da Paróquia de São José Operário pode ser apontada como sendo uma das principais ações de evangelização do arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela

Dom Avelar Brandão Vilela, há pouco mais de 2 anos nomeado Arcebispo de Teresina, e há pouco mais de um ano, empossado nesta Província Eclesiástica Metropolitana, tem inumeráveis méritos [...] particularmente neste Piauí que S. Excia. tanto ama e vem procurando *reerguer no setor social, humano e evangélico*. [...] Já criou a *Paróquia de São José, da Vila Operária*; fundou o *Serviço de Assistência Social Arquidiocesana (ASA)* cujo nome diz de suas elevadas finalidades[...]⁹⁸ [grifo nosso]

Dom Avelar assumiu a Arquidiocese de Teresina com o lema “Humanizar e Evangelizar”, acreditando ser preciso dar ao homem as condições básicas de sobrevivência para que este pudesse ser evangelizado, já que a pobreza era vista como um grave obstáculo ao trabalho de evangelização⁹⁹. O arcebispo contou com apoio do Estado na estratégia de consolidar o seu trabalho social, expandindo a atuação arquidiocesana em Teresina e no Piauí, como um todo principalmente em regiões onde as condições sociais não eram favoráveis, como as periferias urbanas e rurais.¹⁰⁰

[...] Dom Avelar Brandão Vilela disse que seu programa arquiépiscopal se resume em duas palavras: humanização e evangelização. Evangelizar é conquistar almas para Deus!

trabalhador intelectual e o trabalhador braçal. CATOLICISMO Revista de Cultura e Atualidades. Disponível em: <<http://www.catolicismo.com.br/matéria/matéria.cfm?IDmat=489&mês=maio2003>>. Acesso em: 10 dez 2008; APRENDIZ de Carpinteiro. Disponível em: <<http://aprendizdocarpinteiro.blogspot.com/2008/05/so-jos-operrio-nosso-padroeiro.html>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

⁹⁷ ROSENDAHL, Zeny. op. cit., 2002, p. 33.

⁹⁸ DOM AVELAR: obra social. *Jornal do Comércio*, Teresina, n.1743, p.6, 13 nov. 1960.

⁹⁹ Dom Avelar Brandão Vilela incentivou a atuação da Igreja Católica na montagem de sindicatos rurais desenvolvendo com isso uma estratégia para afastar os cristãos católicos da esfera de atuação do comunismo no estado do Piauí. Cf. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A censura e o rádio no Piauí. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JR, F. das C. Fernandes. (Orgs.). *Encruzilhadas da História: rádio e memória*. Recife: Edições Bagaço, 2006, p. 39.

¹⁰⁰ PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, p. 93.

Humanizar é dar, no seu corpo, a dignidade a quem tem jus a seu templo natural do espírito [...] ¹⁰¹

Padre Carvalho destaca a dura realidade vivida pelos paroquianos - denuncia a situação de pobreza a que estavam sujeitos e as dificuldades a serem enfrentadas.

Os trabalhos da construção continuavam sempre crescendo, se bem que mais lento. Tudo caro, tudo difícil. Só Deus sabe quanto trabalho vem dando a construção da matriz. Sentia em dia a dia que estava construindo uma igreja acima, muitíssimo superior a situação do bairro. Quantos trabalhos urgentes reclamavam a minha presença. Pelas inúmeras confissões de enfermos que fazia senti e vi que talvez 40 a 50% dos habitantes de minha paróquia tinham (têm) uma vida 'infna humana'. Vivem não na pobreza, mas na miséria. ¹⁰²

Sob a orientação Dom Avelar, houve um crescimento dos movimentos de leigos cristãos em Teresina. O arcebispo teve Padre Carvalho como um assistente que exerceu grande influência nos diversos movimentos sociais no Piauí. Ele foi assistente eclesiástico da JOC [Juventude Operária Católica], ¹⁰³ a qual atuou de forma significativa em Teresina, onde os seus militantes trabalhavam junto ao movimento sindical.

[...] Em Vila Operária não foi diferente. Começou-se a um ano, precisamente a 6 de junho de 1958. Iniciou-se como sempre se inicia a JOC, confiando na capacidade da juventude trabalhadora. E a juventude da Vila Operária mostrou o seu valor e como em toda a parte provou que é capaz de realizar dependendo da oportunidade que lhe dá. Assim depois de um ano de lutas a JOC conseguiu firmar secção em Teresina. Domingo passado o Exmo. Sr. Arcebispo celebrou o Santo Sacrifício da Missa na Igreja São José do Operário, às 17 horas e antes da missa 7 rapazes e 5 moças fizeram o seu compromisso de militantes prometendo lutar cada para melhor viver o seu ideal jocista na família, no trabalho, no bairro, no noivado e na preparação da vida futura. ¹⁰⁴

¹⁰¹ A IGREJA. *Jornal do Piauí*. Teresina, n. 425, p.05, 12 ago. 1956.

¹⁰² LIVRO de Tombo da Igreja São José Operário. Teresina, jun. 1958, p.5.

¹⁰³ A implantação da JOC entre os teresinenses data de 1958, através de curso técnico sobre o apostolado moderno. Em junho de 1959, o Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela nomeou os militantes da JOC os quais iriam atuar na região da Vila Operária. Cf. PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., p.114.

¹⁰⁴ A JUVENTUDE Operária Católica (JOC) instala sua primeira secção no Piauí: grande festa domingo passado na Vila Operária. *O Dominical*, Teresina, n. 24, p. 2, 14 jun. 1959.

O trabalho do Padre Carvalho no sentido de orientar a juventude dentro dos parâmetros da Doutrina Católica e motivar uma ação atuante dos jovens na defesa dos interesses dos operários locais funcionou como espaço de sociabilidade e interação dos jovens do bairro Vila Operária, os quais, sem alternativas de lazer, aproximaram-se da Igreja e de suas atividades, passando, com o tempo, a integrar grupos de jovens, catequistas, dentre outros.

[...] Padre Carvalho era muito preocupado com essa parte de operário! Antigamente o pessoal era mais preocupado com a massa, no sentido operário. Então ele criou um grupo de jovens, era juventude operária católica. Aí a gente participava das reuniões com muitos jovens [...] praticamente não fazia parte, fazia parte de ir lá porque existia aquele divertimento. Então era como se fosse um divertimento pra nós se reunir com rapazes e moças, conversar, aí era muito especial na vida da gente. Começou aí a nossa atividade maior dentro da paróquia [...] Ele começou, criou o grupo, que esse grupo era o mais forte, que era a juventude operária católica, que dava fortaleza, animação e ali tinha as catequistas [...].¹⁰⁵

O desafio de administrar a nova paróquia era grande, não se resumindo apenas ao bairro Vila Operária, mas abrangia uma área extensa. Ao ser desmembrada da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo, o seu território passou a compreender a zona suburbana norte de Teresina, a zona rural norte e parte da zona rural leste da capital¹⁰⁶.

Assim, durante meio século de existência, a paróquia de São José Operário sofreu desmembramentos de seu território com a criação de novas paróquias. A

¹⁰⁵ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

¹⁰⁶ Limitava-se com a Paróquia de Nossa Senhora do Amparo – Avenida Miguel Rosa, do ponto em que esta é interceptada pela Avenida Maranhão até o ponto em que é cortada pela Rua Osvaldo Cruz em frente à Estação de Ferro São Luiz-Teresina; Paróquia de São Benedito – prolongamento da Rua Osvaldo Cruz, a começar dos fundos da Estrada de Ferro São Luiz-Teresina até a margem esquerda do Rio Potty, os limites derivam para a Estrada de Rodagem Teresina-Fortaleza, marginando o referido rio. Daí por diante, a supramencionada estrada se constitui limite natural da Paróquia de São José Operário com a sede de São Benedito até 1.4000m abaixo da fazenda Palmas; Paróquia de São José dos Altos – uma linha que vai do Marco do Bode, passando por Cercas de Pedras até o referido ponto acima mencionado, Rodovia Teresina - Fortaleza (Palmares); Paróquia de José de Freitas – atuais limites territoriais dos municípios de Teresina e de José de Freitas, partindo do marco do Havre de graça e passando pelos marcos de “Mata das Galinhas, Meraoca, Aprazível, Cajaíba, Estação, até o marco dos Brás”; Paróquia de União – linha que vai de Havre de Graça até à margem direita do rio Parnaíba, a 6.400m, em linha reta acima do povoado São Domingos.

primeira a ser desmembrada foi a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Fátima em 1959¹⁰⁷.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas, a exemplo da carência de sacerdotes, que dificultava a aproximação da Igreja dos fiéis; da grande extensão das paróquias, o interesse da Diocese era dar assistência à população carente e aos operários urbanos e rurais. Dom Avelar Brandão Vilela, então, convidou congregações religiosas a se instalarem em Teresina no intuito de auxiliá-lo na execução do seu plano de governo, nesse sentido, a Congregação Redentorista, cujos padres eram conhecidos como missionários experientes no trabalho junto às comunidades pobres, foi convidada pelo arcebispo, sendo que, depois de negociações, eles se instaram no bairro Vila Operária.

Esteve em Teresina, em dias da semana passada, o Revmo. Sr. Padre João C.S.S.R. Provincial dos Padres Redentoristas americanos. Sua Revma. Veio acertar com o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano as últimas demarches para a instalação dos Redentoristas, em Teresina, o que se efetuará, definitivamente, no mês de agosto vindouro. A 15 daquele mês, eles tomarão posse da Paróquia de São José Operário, na Vila Operária.

O Padre Provincial veio acompanhado dos Revmos. Padres Eugênio e Paulo, da mesma Congregação.

Virão também as Irmãs do Preciosíssimo Sangue, americanas, para trabalharem nas *Obras Assistenciais de Dom Avelar*.¹⁰⁸ [grifo nosso]

Em 1960, os redentoristas americanos assumiram a Paróquia de São José Operário, onde implantaram as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no ano anterior, quando estiveram na paróquia preparando as Santas Missões Populares¹⁰⁹.

Padre Carvalho foi transferido, recebendo a incumbência de assumir uma nova paróquia no bairro Vermelha, onde mais uma vez participou ativamente da construção de uma nova igreja, a de Nossa Senhora de Lourdes. Passou então a atuar junto aos operários de forma mais ativa, contribuindo, assim, com as

¹⁰⁷ SANTOS, José Lopes dos. *Templos Católicos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1992, p. 91.

¹⁰⁸ PROVINCIAL dos Redentoristas. *O Dominical*, Teresina, n. 12, p.1, 20 mar 1960.

¹⁰⁹ A atuação dos missionários redentoristas em Teresina através das pré-missões, missões populares e administração da Paróquia São José será exposta no capítulo seguinte.

prioridades da igreja local sob a orientação Dom Avelar. Uma antiga moradora da Vila, ao falar da transferência do padre Carvalho, revela o seguinte:

[...] Menina, aqui veio um bucado de padre! Aqui veio o Padre Almeida, tem o Padre Machado, depois do Padre Machado, teve o Padre Francisco Carvalho e assim foram chegando e foram saindo. Quem mais aturou mesmo foi o Francisco Carvalho! Aí, quando apareceram esses redentoristas [...] Aí o Padre Carvalho ficou muito contrariado e tudo. Andou e virou até que ele foi pra lá [bairro Vermelha], mas acabou com a vida do Padre Carvalho porque ele não queria ir para lá, porque ele que tava ajudando a fazer aqui a igreja.¹¹⁰

A decisão da Diocese de transferir Padre Carvalho e entregar a administração da paróquia aos padres redentoristas parece não ter agradado aos moradores do bairro. Carismático e empenhado no trabalho de clérigo na paróquia de São José Operário, Padre Carvalho tornou-se uma figura muito querida e admirada pelos seus paroquianos, fazendo inclusive suas refeições nas casas dos moradores enquanto não tinha a casa paroquial. Sua transferência por decisão de seu superior causou um sentimento de insatisfação entre os moradores, que fizeram abaixo-assinado solicitando ao bispo que não o tirasse da Paróquia de São José. Assim recorda um amigo pessoal de Padre Carvalho:

Aceitaram, não! Fizeram até abaixo-assinada pra não deixar o Padre Carvalho sair daqui. Porque o Padre Carvalho tornou-se assim um ídolo da pessoa [...] Aquele pesar de ter saído o padre. Que ele era uma pessoa, era um carisma viu? O pessoal tinha aquele negócio com o Padre Carvalho. Ele ajudava em tudo, no festejo, em tudo. O povo é que tomava de conta, orientado por ele e tudo mais. Que ele era muito entusiasmado pra isso, pra fazer crescer e tudo. [...] Chegava aqui e aí andava na casa desse povo todinho aí conversando. [...] ¹¹¹

Em aparente gesto de simpatia e agradecimento, Padre Carvalho retribui sua gratidão aos paroquianos da Vila através de uma carta publicada no jornal O Dominical, que também parece ser uma justificativa de total obediência às

¹¹⁰ Maria Teixeira Rodrigues. Entrevista concedida à Ana Cristina da Costa Lima, em 04 mar. 2008.

¹¹¹ Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

determinações do seu superior, talvez por ter manifestado insatisfação com sua transferência. Enfatiza ainda seu compromisso e engajamento junto às massas trabalhadoras do Piauí.

Mesmo distante como me encontro, meus inesquecíveis e amados paroquianos, sinto-me ainda profundamente ligado ao povo de minha humilde Vila Operária. Povo tão bom, tão simples e magnânimo, características bem marcantes do *trabalhador piauiense*. [...] Quero dizer aos meus amados paroquianos que, como é natural, humano, senti vivamente ao deixar minha Paróquia, mas ao mesmo tempo, senti-me também alegre e muito feliz em sair para fazer a vontade do meu muito estimado Arcebispo, D. Avelar, pai tão compreensivo, os meus sentimentos da mais profunda gratidão pela maneira tão paternal, tão carinhosa como sempre me tratou. Dentro de um futuro bem próximo estarei regressando. Como sempre, depositarei minha filial e incondicional submissão, para as *lutas apostólicas* onde a divina Providência me colocar [...]. Daqui já bem distante pelo espaço tomando parte no VI Encontro Regional da Juventude Trabalhadora do Norte, em Manaus, no gigante estado do AMAZONAS, transmito a todos os meus estimadíssimos paroquianos a minha gratidão. [...] Peço a *Cristo Operário* para ter a grande honra, a grande dignidade de trabalhar toda minha vida no meio dos *pobres* e dos *valerosos operários* do meu amado Piauí.¹¹²
[grifo nosso]

A aproximação do padre com os trabalhadores fez com que muitas vezes fosse acusado de comunista. Quando indagado por um repórter sobre o porquê de viver ao lado dos operários, respondeu: “[...] primeiramente sendo padre, não deixo de ser cidadão”. Em entrevista publicada no jornal *O Dominical*, seu perfil é apresentado como “[...] bem alto e bem magro, mas com uma força de argumentação poderosa, uma capacidade de liderar extraordinária”:

[...] Não trabalha no meio dos operários com medo dos comunistas, socialistas e pseudos-socialistas. Sua missão é árdua, difícil, dura, incompreendida. Sobretudo difícil e incompreendida. Visa sempre à pessoa humana, ao homem, ao Filho de Deus. [...] Padre Carvalho sentiu, então, que precisava dar assistência ao trabalhador, assistência cristã. Era hora de lutar mais ainda por eles. Havia o perigo de o trabalhador ser, também presa fácil na mão dos comunistas. Precisava lutar contra isto. Orientá-los. Estar no meio da

¹¹² MENSAGEM a Vila Operária. *O Dominical*, Teresina, n.33, p. 2, 14 ago. 1960.

luta, como mensageiro da verdade e do amor. Não poderia omitir-se. Seria um crime fazê-lo.¹¹³

Padre Carvalho, depois de transferido, continuou mantendo laços de amizade com os moradores da Vila, celebrando casamentos e batizados quando convidado pelos seus ex-paroquianos, e mesmo depois de aposentado, visitava os amigos no bairro.

A posição do clérigo de valorizar o trabalhador proporcionou momentos festivos envolvendo os moradores do bairro. A festa religiosa do padroeiro, celebrada na igreja, ganhava proporções cívicas, já que, em comemoração ao 1º de maio, dia de São José Operário e do Trabalho, eram feitas palestras voltadas a temas de interesse dos trabalhadores e desfiles homenageando os mesmos.

Uma missa campal em frente à igreja matriz dava início às festividades; em seguida, era feita a marcha do trabalhador em volta da praça da igreja, e, à noite, acontecia a sessão solene no Centro Social Leão XIII, cuja programação constava de cânticos, palestras sobre a Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII,¹¹⁴ e o papel da Juventude Operária Católica. A palavra era dada aos representantes da JOC e dos sindicatos de Teresina.¹¹⁵

O desfile das profissões era um momento festivo para os moradores do bairro, os quais se caracterizavam de acordo com a profissão que exerciam e com os instrumentos de trabalho nas mãos, seguiam em procissão pelo entorno da igreja da Vila, sempre motivados por Padre Carvalho e saudados pelos que assistiam ao desfile. Tal prática funcionava como estímulo e valorização do trabalhador por parte da Igreja.

Olha, os festejos sempre acontecem quando inicia uma igreja, vem logo os festejos né? Festejos existiram, nove noites com uma pequena quermesse aí, as apresentações, as ladainhas, tinha as rezas mesmo das novenas e no final havia uma quermesse. Sempre houve essa quermesse desde o início da paróquia pra que houvesse, para um pouco mais pra ajudar na construção da paróquia [...] a

¹¹³ PADRE CARVALHO concede-nos importante entrevista. *O Dominical*, Teresina, n. 25, p.1, 3 e 5, 12 jul. 1964.

¹¹⁴ A Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII trata de questões levantadas durante a Revolução Industrial e critica as sociedades democráticas no final do século XIX. Leão XIII apoiava o direito dos trabalhadores formarem sindicatos, mas rejeitava o socialismo e defendia os direitos à propriedade privada. Discutia as relações entre o governo, os negócios, o trabalho e a Igreja. Era uma carta aberta a todos os bispos debatendo as *condições das classes trabalhadoras*.

¹¹⁵ 1º DE MAIO de 1960. *O Dominical*. Teresina, n.17, p.4, 24 abr. 1960.

procissão era feita e acompanhada das pessoas, os trabalhadores levavam seus instrumentos de trabalho. Quem fosse marceneiro levava seu serrote, o pedreiro levava colher de pedreiro e assim, aí o agricultor levava sua enxada. Todos levavam seus instrumentos de trabalho: professor levava seu giz, aquela coisa toda, enfermeira levava sua bata e levava assim, para destacar o trabalho um do outro e a procissão seguia nas ruas ainda sem calçamento, só no chão bruto [...]¹¹⁶

Dom Avelar, por sua vez, em sintonia com o discurso social da Igreja, não perdia a oportunidade de falar aos trabalhadores, sendo que sua presença em eventos organizados pelos mesmos era noticiada como convocação a população a se fazer presente para prestigiá-lo.

O Círculo Operário e a Legião Operária estão promovendo a páscoa dos Operários de Teresina a realizar-se no dia 22 de maio, celebrada por S. Excia. Revma. O Sr. Dom Avelar Brandão Vilela, Arcebispo Metropolitano.

Convidam-se todos os operários da capital para o cumprimento desse dever cristão [...].¹¹⁷

A partir de uma relação de empatia entre os moradores do bairro e os representantes da Igreja Católica, no caso o pároco Padre Carvalho e o Arcebispo Dom Avelar, se desenvolveram em torno da Igreja matriz de São José Operário relações sociais que favoreceram a interação dos paroquianos com a Doutrina Social da Igreja¹¹⁸ em voga nas décadas de 1950 a 1960, motivando-os a se engajarem nos movimentos sociais e atividades catequéticas direcionadas pela paróquia de São José Operário. É o que nos permite concluir Jesualdo Cavalcante, que, ao fazer uma análise contextual da ação da Igreja Católica em Teresina na década de 1960, ressalta:

Vale salientar que tanto a JEC quanto a JUC, instrumentos de ação política da Igreja Católica com vistas a defender as teses de sua doutrina social no meio estudantil, eram patrocinadas por dom Avelar

¹¹⁶ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

¹¹⁷ PÁSCOA dos operários. *O Dominical*. Teresina, n. 17, p. 2, 24 abr. 1960.

¹¹⁸ A Doutrina Social da Igreja, em suma, tem por finalidade fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da organização social e política dos povos e nações. Seu discurso prima pela prática da justiça social. Tem como marco significativo a Encíclica *Rerum Novarum* (1891) do Papa Leão XIII, a partir da qual a Igreja tem se pronunciado sobre a questão social visando adaptar a prática do Evangelho às estruturas da sociedade moderna. A preocupação da Igreja com a questão social é representada através dos ensinamentos contidos em diversas encíclicas: *Quadragesimo anno* (1931), do Papa Pio XI; *Mater et magistra* (1961), do Papa João XXIII; *Populorum progressio* (1967) e a carta Apostólica *Octagesima adveniens* (1971), do Papa Paulo VI.

Brandão Vilela e coordenadas pelo padre Raimundo José Ayremoraes Soares. Por seu turno, com idêntica intensidade e forte apoio da Arquidiocese, operava no meio urbano a Juventude Operária Católica (JOC), orientada pelo padre Francisco Carvalho, vigário da paróquia da Vermelha, enquanto que, no meio rural, o movimento de educação de base e seus sindicatos rurais, sob o comando do economista Manoel Emílio Burlamaqui de Oliveira, enfrentavam a União dos Camponeses do Piauí (UCP), presidida por José Esperidião Fernandes.¹¹⁹

Percebemos, portanto, que a criação e desenvolvimento da Paróquia de São José Operário atendeu de forma significativa aos interesses da Igreja enquanto estratégia de aproximação dos trabalhadores, bem como de inserção de leigos nos movimentos sociais que atendiam às prerrogativas dessa instituição religiosa.

1.3 A Igreja e os espaços de sociabilidades na Vila Operária

O templo construído na Vila Operária passa a ser uma referência com a qual se identificam os moradores do bairro, constituindo-se em lugar de memória, o qual, segundo Pierre Nora,¹²⁰ “[...] se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto [...]”. Esse lugar de memória é de efeito material, pois se constitui enquanto espaço de coesão onde as pessoas se reúnem para praticar os rituais das missas, festejos e novenas. Ali a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos. Apresenta também caráter funcional, uma vez que tem ou adquire a função de alicerçar memórias coletivas em torno do credo religioso praticado, sendo ainda simbólico, pois, através dos rituais religiosos ali ocorrentes, proporciona a identificação dos seus freqüentadores, seja com São José Operário, seja com Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e ainda com a igreja e com o que esta possa representar para eles.

Toda vida antes de ter as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro era a igreja, a igreja da zona norte. Então muita gente vinha de longe antes de ter essas igrejas aqui por perto. Era todo mundo aí. O domingo aí é maravilhoso. Muita gente! Eu acho que com ou

¹¹⁹ BARROS, Jesualdo Cavalcanti. *Tempos de contar: o que vi e vivi nos idos de 1964*. Teresina: Gráfica do Povo, 2006, p.150.

¹²⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo, n.10, dez. 1993, p.9.

sem novena a igreja continua sendo assim muito abençoada [...] Meus filhos todos se batizaram na igreja da Vila, fizeram a primeira comunhão e casaram na igreja da Vila. É assim uma paz que a gente tem.¹²¹

A igreja enquanto lugar dominado, segundo Nora, constitui-se em “[...] lugar de refúgio, santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio. É o coração vivo da memória [...]”.¹²² Percebemos, na fala da moradora, uma forte identificação da mesma com a igreja enquanto espaço sagrado, refúgio que lhe transmite paz, onde são administrados os sacramentos que alimentam sua fé. Não se identifica, no entanto, com as práticas das novenas à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ali implantadas desde 1959, prevalecendo em sua memória a igreja, as atividades catequéticas e as relações de sociabilidades ali desenvolvidas. Segundo Rosendahl, a paróquia representa para os paroquianos “[...] um lugar simbólico onde cada um se insere [...] e na maioria dos casos, desenvolve uma forte identidade religiosa com o lugar [...]”¹²³.

[...] Eu já convivi muito com a igreja. Eu cantava no *coral* da igreja antigamente, eu e as colegas do bairro, porque não tinha outras pessoas pra cantar, a gente cantava. Sempre me entrosei com as pessoas da igreja. Antigamente, pra nós aqui a *única distração* que nós tínhamos aqui era a igreja, até pra *namorar* era na igreja. Pra *passear*, o passeio era pra cá, na igreja.¹²⁴ [grifo nosso]

A igreja constitui-se em lugar sagrado de oração, não sendo essa sua única função, pois nela e em seu entorno desenvolvem-se relações de sociabilidades variadas.

1.3.1 Ação Social da Igreja no bairro Vila Operária: educação, saúde e lazer

Diante das dificuldades enfrentadas, os moradores da Vila, buscaram, em sua maioria, junto à Igreja e às atividades por ela desenvolvidas, benefícios espirituais e materiais que os motivassem. Percebemos que o poder simbólico da religião

¹²¹Raimunda Alves da Silva Lima. Funcionária pública aposentada, mora no bairro Vila Operária desde jovem e acompanhou parte do processo de construção da igreja participando das atividades desenvolvidas na mesma. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 19 jul. 2005.

¹²²NORA, Pierre. op. cit., 1993, p. 26.

¹²³ROSENDAHL, Zeny. op. cit., 2002, p.13.

¹²⁴Raimunda Alves da Silva Lima. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 09 jul. 2005.

católica, nesse contexto, favoreceu os moradores do bairro Vila Operária a desenvolverem relações de sociabilidades através das atividades religiosas e de promoção social ali realizadas através do Centro Social Leão XIII¹²⁵, pois “[...] o espaço sagrado possui uma relação íntima com o grupo religioso que o frequenta [...]”.¹²⁶

Destacamos a atuação da Arquidiocese de Teresina sob a orientação de Dom Avelar Brandão Vilela, que fundou a Ação Social Arquidiocesana [ASA] visando coordenar as diversas atividades assistenciais realizadas pelas paróquias, com a colaboração de voluntários que o auxiliavam. Com a criação de centros sociais em parceria com as autoridades municipais, estaduais e federais, buscava-se oferecer aos paroquianos a possibilidade de acesso a educação, saúde e lazer principalmente na periferia da cidade. Em razão disso, a atuação de Dom Avelar foi enaltecida através de constantes reportagens publicadas no jornal diocesano *O Dominical*, a exemplo da seguinte:

[...] O prédio do centro Social “Leão XIII” já em avançado serviços cobre uma área de mais ou menos 3.500m, com dependências e amplitudes suficiente para pleno funcionamento dos órgãos assistenciais que manterá.

Como o próprio nome indica, é importantíssima a finalidade desse Centro. No plano traçado por Dom Avelar, inspirado no lema “Evangelizar e Humanizar”, a assistência social às classes menos favorecidas é um fato, e importante, pois que a Ação Social Arquidiocesana [ASA], já se desenvolve em atividades realizadoras.¹²⁷

[...] Já realizou duas Semanas Ruralistas, instalou o Ginásio Popular de Teresina. Organizou e faz funcionar a Ação Social Arquidiocesana [ASA]. Constituiu os primeiros grupos de Juventude Agrária Católica [JAC], a Juventude Operária Católica [JOC]. [...] Está ultimando a construção do Centro Social Leão XIII, na Vila Operária, e o Centro Social Nossa Senhora de Fátima, no Jokey Club, e da nova sede do Círculo Operário [...].¹²⁸

O Centro Social Leão XIII [Fotografia 06], construído no bairro Vila Operária, com as atividades ali desenvolvidas, possibilitou a inclusão social da maioria dos

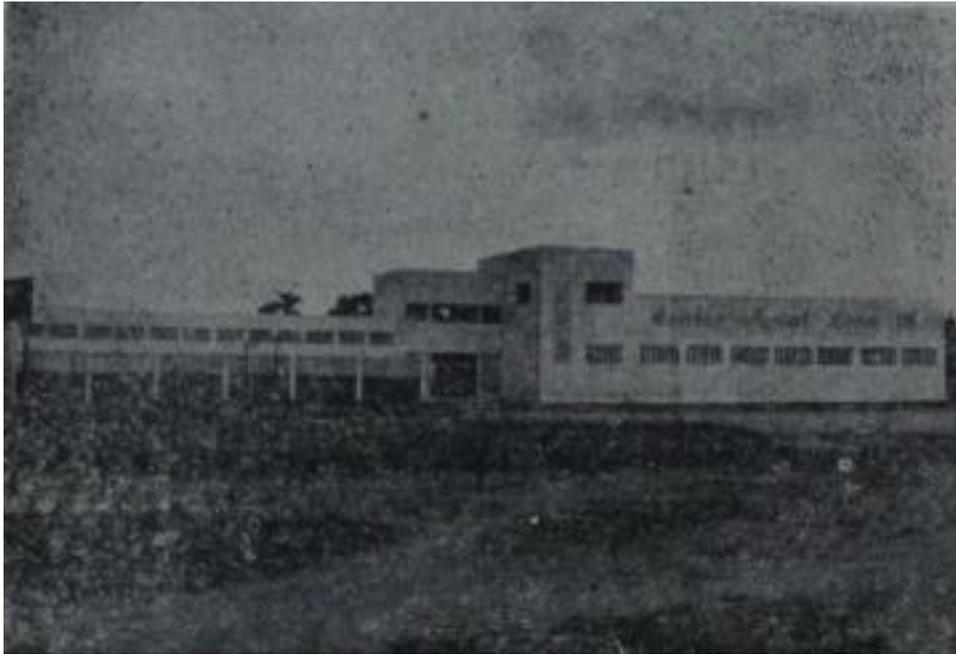
¹²⁵ O centro social construído na Vila Operária recebeu o nome de Leão XIII, homenagem ao Papa que, através da bula *Supremum Catholicam Ecclesiam*, criou a Diocese do Piauí, em 20 de fevereiro de 1901, e também marcou de público a preocupação da Igreja Católica com a questão social e o operariado moderno através da *Encíclica Rerum Novarum*, de 1891.

¹²⁶ ROSENDAHL, Zeny. op. cit., 2002, p. 34.

¹²⁷ CENTRO Social Leão XIII. *O Dominical*, Teresina, n.16, p. 5, 20 abr. 1958.

¹²⁸ ANIVERSÁRIO de posse de Dom Avelar. *O Dominical*, Teresina, n.18, p.1, 3 mai. 1959.

moradores. Tomou assim lugar de grande relevo dentre as obras de Dom Avelar, chegando a ser visitado pelo presidente da República Castelo Branco, fato que destaca a atuação do arcebispo enquanto figura respeitada e influente em todo o Piauí e fora dele, recebendo significativo reconhecimento e destaque através da imprensa da época.



Fotografia 06 - Centro Social Leão XIII na década de 1960.
Fonte: *O Dominical*, Teresina, ano XXX, n. 22, p.1.

A imprensa contribuiu de forma significativa na divulgação das obras sociais realizadas por Dom Avelar junto aos setores carentes da sociedade teresinense, mas foi sua presença carismática que marcou as memórias daqueles que tiveram a oportunidade de vê-lo em ação em sua comunidade, a exemplo dos moradores da Vila:

[...] Ele sempre vinha. Agora Dom Avelar pra mim é, foi uma pessoa assim especial com relação aos outros, porque ele era muito popular, muito dado, muito comunicativo, muito trabalhador, idealista! Ele abriu esse Leão XIII aqui e abriu outro lá no bairro de Fátima, pra ensinar gente pobre, dar um trabalho, dar uma profissão e assim são coisas que merece destaque, a gente sabe disso não é? [...].¹²⁹

Não há como dissociar daquelas lembranças o nosso Centro Social Leão XIII, parte integrante do complexo sócio-religioso da Vila [...]

¹²⁹ Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

construído por um sacerdote que, em todos os aspectos, viveu muitos anos adiante de seu tempo, o nosso saudoso Arcebispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela [...] Sem medo de exceder-me, arrisco a dizer que se o Brasil, nas décadas de 1950 a 1970, tivesse, em cada um de seus bairros e vilas, um dispositivo da dimensão social, cultural e educacional de um Centro Social Leão XIII, funcionando em toda sua plenitude e com os propósitos de seu idealizador e construtor, não teríamos uma problemática social com a magnitude mostrada nos dias atuais. [...] ¹³⁰

O prédio do Centro Social Leão XIII tinha mais de 11 salas, onde funcionavam cursos e clubes, além de salas para reuniões, teatro e diversões e ainda quadra de basquete e vôlei. No setor do ensino primário, mantinha os três turnos, sendo que à noite funcionavam as escolas radiofônicas do MEB¹³¹. Quanto à capacitação profissional dos moradores, dispunha dos serviços de sapataria, tecelagem, marcenaria e serrilharia, onde os alunos produziam em proveito próprio, o que lhes garantia qualificação e renda. Também eram administrados cursos de Decoração do Lar, Bordado à Máquina, Bordado à Mão, Arte Culinária, Atendente de Enfermagem e Pintura, permitindo às jovens e senhoras do bairro a possibilidade de renda extra no auxílio do lar. O espaço do centro era diversamente usado funcionando ainda os clubes de gestantes, de mães e de jovens. Oferecia também assistência médica nas áreas de odontologia, clínica médica e ginecologia.

A diversidade de atividades desenvolvidas no Centro Social Leão XIII envolvendo crianças, jovens e adultos criou entre aqueles que delas participaram uma relação de interação com o meio social em que viviam, contribuindo com a formação de uma identidade coletiva dos moradores da Vila, os quais passaram a ter a Igreja de São José e o Centro Social Leão XIII como referencial.

A Ação Social Arquidiocesana [ASA] além da prioridade dada à assistência médica, educacional e profissional, proporcionou ainda aos moradores da Vila, com o apoio da paróquia, lazer, através das festividades em homenagem às mães, aos pais, às crianças, quadrilhas juninas, práticas esportivas e teatro, por vezes prestigiado por Dom Avelar [Fotografia 07].

¹³⁰ Francisco Teixeira Andrade. Depoimento escrito cedido à equipe responsável pela edição da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José Operário, em 2007.

¹³¹ A contribuição da Igreja Católica para a educação de grande parte da população que não tinha acesso à educação formal foi a criação das escolas radiofônicas, através do Movimento de Educação de Base [MEB], que, em Teresina, era transmitido pela Rádio Pioneira. Cf. ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. op. cit., 2008, p. 41.

[...] Ali, adultos, pais, mães, pessoas que necessitavam eram alfabetizadas, aprendiam artesanato e outras habilidades. Jovens aprendiam ofícios diversos. Crianças e adolescentes tinham o espaço para a cultura, o lazer, o esporte, a diversão e o passa-tempo saudáveis [...] Quem daquela época esqueceu as peças 'A tragédia do Gólgota', 'O Paralítico' e seus amadores dedicados e engraçados atores? Tudo sempre com a assistência e o apoio do construtor [Dom Avelar] daquele importante e grandioso cenário de vivência social.¹³²



Fotografia 07 - Dom Avelar prestigiando o teatro da Vila Operária.
Fonte: *O Dominical*, Teresina, ano XXX, 30 mai. 1965,
n. 22, p.3.

Constatamos na abordagem contextual que a Igreja Católica, através das atividades religiosas (catequese, grupos de jovens) e assistenciais (educação, saúde, profissionalização) desenvolvidas na Paróquia de São José Operário e promovidas pela arquidiocese de Teresina através da ASA, no Centro Social Leão XIII, proporcionava aos moradores do bairro Vila Operária a possibilidade de melhoria na qualidade de vida. A atuação de Dom Avelar junto ao bairro, por sua vez, auxiliado a princípio por padre Carvalho e posteriormente pelos padres

¹³² Francisco Teixeira Andrade. Depoimento escrito cedido à equipe responsável pela edição da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José Operário, em 2007.

redentoristas, proporcionou gradativamente melhorias que favoreceram o desenvolvimento da paróquia e conseqüentemente do bairro.

1.3.2 Festejos: devoção, lazer e ressentimentos

Através da crônica *As Igrejas*, o escritor piauiense H. Dobal destaca a importância das atividades religiosas desenvolvidas na cidade como também as relações de sociabilidades por elas promovidas, a exemplo das missas, novenas e procissões.

Diz-se que nas cidades pequenas a única saída para o mistério é a missa católica. [...] A cidade tem poucas igrejas e todas são simples, pobres, mas em compensação, tem uma vantagem sobre as grandes cidades: não tem rumores bastante para abafar a poesia dos sinos [...] Aos domingos a *missa é cantada* e cada igreja tem seu coral, a sua *schola cantorum*, [grifo do autor] que rivaliza com o das outras. [...] As *novenas* constituem, além de um *ato religioso*, um *divertimento*. São acompanhadas de quermesses, leilões, onde se arrematam prendas, caixinhas de segredo, e onde se travam verdadeiras batalhas entre os arrematantes, que disputam a glória do último lance. As *procissões*, muito concorridas, revelam aspectos da cidade que, habitualmente, não aparecem. Por exemplo: revelam a multidão, *gente de todas as classes e de todos os pecados*. Tem-se a impressão, às vezes, de que há pessoas, na cidade, que só deixam a sua reclusão para vir as procissões. Vêm para *cumprir promessas* e têm modos esquisitos de cumpri-las: andando descalças, carregando pedras na cabeça. [...] ¹³³ [grifo nosso]

O autor faz uma leitura de Teresina no seu centésimo aniversário, em 1952, no entanto as práticas religiosas por ele destacadas permanecem representando o sentimento religioso dos católicos devotados aos seus santos protetores.

No Brasil, as festividades católicas são comumente chamadas de festa de padroeiros ou festas de santos, sendo estes representações fundamentais do catolicismo popular. A imagem do santo torna-se objeto de culto, permitindo o contato direto do devoto com o mesmo, ou melhor, com sua representação.

As festas religiosas que homenageiam os santos padroeiros seguem um roteiro que pode variar de acordo com as tradições locais: levantamento do mastro do santo, procissão, novenas e quermesses. Através dos festejos, percebemos que “o espaço sagrado e o espaço profano sempre estão vinculados a um espaço social

¹³³ DOBAL, H. *obra completa II: prosa*. 2 edição. Teresina: Plug, 2007, p. 25-26.

[...]”¹³⁴. O festejo constitui-se pelo ritual religioso dirigido pelo clérigo local dentro do espaço sagrado da igreja e estende-se para o seu entorno, o espaço profano, envolvendo os moradores do bairro e adjacências, que desenvolvem as atividades de lazer, intensificando naquele período de festa as relações de sociabilidades. Segundo Marlei Sigrist, ao referir-se aos rituais de festa,

[...] Os protagonistas das celebrações são o povo – que deseja manter-se ligado ao mundo espiritual, ora pedindo, ora agradecendo ou mesmo não tendo nada a pedir, nem agradecer, o importante é permitir-se o contato com o sagrado (que pode ser de maneira profana). Até porque, após os rituais que envolvem o santo, é hora de diversão [...]”¹³⁵

A dinâmica relação entre sagrado e profano enriquece os festejos, envolvendo os devotos e não devotos, possibilitando uma interação entre os diferentes segmentos da sociedade. Teresinha Queiroz, ao descrever a vida social teresinense no século XIX pelo viés do lazer, faz referência à tradição católica das festas religiosas como sendo o principal divertimento popular.¹³⁶ Ao referir-se aos festejos religiosos em Teresina como opção de lazer na década de 1950, José Gilson Alves Ferreira afirma que estes sempre estiveram presentes na cidade, desde a fundação das primeiras igrejas: “[...] Depois da missa e da novena, já estavam aquelas barracas prontas para servir as pessoas com comidas típicas, bebidas, músicas, jogos, parque de diversão. [...]”¹³⁷

Nos festejos de São José, as relações de sociabilidades entre os moradores do bairro se intensificavam, pois estes assumiam as mais variadas funções desde a ornamentação da igreja à quermesse que acontecia em torno da mesma. Formavam-se equipes responsáveis pela animação das noites de festa, e várias famílias montavam suas barracas para vender alimentos e bebidas, havendo também brindes leiloados na animada quermesse. As barracas montadas pelos

¹³⁴ ROSENDAHL, Zeny. op. cit., 2002, p. 32.

¹³⁵ SIGRIST, Marlei. Repartir o chá e levantar o santo: rituais do Cordão de São João de Corumbá/MS no roteiro turístico brasileiro. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima (Orgs.). *Folkcom do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas*. Teresina: Halley, 2006. p.226.

¹³⁶ QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina (1880-1930)*. Teresina: FUNDAPI, 2008. p.13.

¹³⁷ FERREIRA, José Gilson Alves. *Os anos dourados e as formas de lazer em Teresina (década de 50)*. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2003, p.115.

representantes das pastorais arrecadavam dinheiro para ser investido em melhoria da igreja.

Cada pessoa se encarregando do seu dia: o dia do comerciário, o dia do vaqueiro, o dia daquele outro. Aquele que compunha, que tinha aqui no bairro, que ele podia né? [...] E então eles pegavam e faziam, e o povo é quem fazia, tinha aquele prazer, os operários fundados aqui pelo bairro aqui de operários. [...] Que ele era uma pessoa, era um carisma viu? O pessoal tinha aquele negócio com o Padre Carvalho. Ele ajudava em tudo, no festejo, em tudo. O povo é que tomava de conta, orientado por ele e tudo mais. Que ele era muito entusiasmado pra isso, pra fazer crescer e tudo. [...] ¹³⁸.

Indissociáveis das lembranças dos fatos relacionados à igreja de São José Operário em si são aquelas que se desenvolviam e envolviam a todos os residentes na Vila Operária e nos bairros em seu entorno. Como esquecer dos festejos e quermesses anuais? ¹³⁹

Os padres redentoristas, ao assumirem a Paróquia de São José Operário, deram continuidade aos festejos. Visando a uma maior interação com os moradores do bairro, envolviam principalmente os jovens em diversas atividades, como catequese, grupos de jovens, teatro e futebol. Recorda-se dona Iraci que, durante os festejos, foram criadas duas equipes composta pelos catequistas com o objetivo de arrecadar dinheiro em benefício da paróquia

Quanto aos festejos, na gestão dos redentoristas, continuou mais bem animado. Foi criado na época, eu me lembro muito bem, era pra ser bem mais animado. Tinha um time aqui no Piauí bem mais afamado, o River, também era aquela doença o pessoal apaixonado, os rivelinos junto com os flamenguistas. Aí houve um ano que eles aproveitaram esse fanatismo do jogo pra gente criaram um time dentro da igreja, uma rainha do Flamengo, uma rainha do River para animar mais a paróquia [...] nós por exemplo trabalhamos pelo Flamengo e no final ganhou nossa barraca! [...] ¹⁴⁰

Com a passar do tempo, os festejos de São José foram ganhando outras dimensões, pois os sacerdotes redentoristas alegando a questão de falta de

¹³⁸ Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima em, 13 mai. 2008.

¹³⁹ Francisco Teixeira Andrade. Depoimento escrito cedido à equipe responsável pela edição da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José Operário, em 2007.

¹⁴⁰ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

segurança e reforçando o discurso de que as festas religiosas devem acontecer no espaço sagrado e que não deviam motivar rivalidades entre os moradores que comercializavam durante os festejos. Desse modo, as quermesses foram suspensas, e os sacerdotes assumiram o controle do festejo em seu caráter litúrgico e também social.¹⁴¹ A dimensão social dos festejos continua acontecendo dentro do espaço cercado da igreja, com as barracas da paróquia e apresentação de atrações culturais organizadas pelos catequistas e demais pastorais.

A decisão de modificar a forma de condução dos festejos de São José provocou insatisfação e ressentimentos por parte de alguns moradores que se sentiram traídos pelo rompimento de uma tradição da qual participavam há muitos anos. Outros, por sua vez, aceitaram as mudanças, concordando com o argumento de que já não era seguro devido às bebedeiras, brigas, tráfico de drogas, ou seja, o festejo estava perdendo o sentido religioso.

É porque os festejos existem, as novenas. Acabou as quermesses né? As quermesses acabaram! Mas as novenas nunca acabaram não! Todos os anos tem. Tem as novenas e tem a procissão, no dia de São José tem a procissão.¹⁴²

Que quando eu conheci os festejos já foi na jurisdição do Padre Carvalho. Eles fazem aqui também! [refere-se aos padres redentoristas] Mas não fazem como era antigamente e tudo mais o que era! O povo! A gente tinha mais confiança. Que hoje em dia é perigoso esse negócio [refere-se á violência].¹⁴³

[...] Eu sei que foi avançando tanto, tanto que chegou um tempo que não se agüentou mais fazer festejos [...] e os redentoristas não são envolvidos com comércio, estão mais envolvidos com a parte missionária. Que é a missão, cumprir a missão, não é pensando no capital [...]¹⁴⁴

As altas grades que cercam a igreja, separando o espaço sagrado daquele praticado pelos ambulantes, foi motivo de reclamação por parte de alguns

¹⁴¹ Essa decisão foi tomada durante a administração do Padre Antônio Júlio Ferreira de Souza, que exerceu a função de pároco entre os anos de 1999 a 2005.

¹⁴² Sebastião Pinheiro de Aragão. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 27 mai. 2008.

¹⁴³ Gumerindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

¹⁴⁴ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

moradores que passaram a ver a igreja como espaço privatizado dos padres que a administram¹⁴⁵.

A substituição do primeiro cruzeiro também causou ressentimento em alguns habitantes do bairro, que viram ser retirado o cruzeiro por eles produzido e no qual haviam escrito seus nomes com as respectivas profissões, numa homenagem e reconhecimento pelos serviços prestados na construção da igreja, sob a orientação de Padre Carvalho. A chegada de padres estrangeiros fazendo mudanças na estrutura física do templo e na administração da paróquia causou, assim uma insatisfação em alguns paroquianos que estavam ligados afetivamente ao primeiro pároco da igreja de São José Operário.

Ao considerar que “[...] a interferência da Igreja sobre as manifestações populares é notória em todos os tempos e lugares [...]”¹⁴⁶, percebemos - apesar da tensão entre alguns moradores e o clero local – a reestruturação dos festejos como consequência das atualizações do catolicismo popular tradicional.

São José Operário continua sendo festejado com nove novenas seguidas, e o caráter social do festejo permanece nos eventos organizados pelas equipes que elaboram a programação social. O encerramento das atividades festivas se dá com a procissão no dia 1º de maio [Fotografia 08], que percorre as principais ruas do bairro, contando com a participação de moradores, assim como de outros devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e trabalhadores que residem em diferentes bairros da cidade.

¹⁴⁵ Em torno dos santuários é comum o comércio do sagrado praticado por ambulantes, moradores do bairro e pelo clero. Os padres redentoristas mantêm uma lojinha de materiais religiosos anexada à sacristia da igreja, prática comercial justificada como ajuda para a formação dos seminaristas.

¹⁴⁶ SINGRIST, Marlei. op. cit., 2006, p. 231.



Fotografia 08 - Procissão e missa em comemoração aos 50 anos da Paróquia de São José Operário.

Fonte: *Diário do Povo*, Teresina, ano XX, 02 mai. 2007, n. 7.495.

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é festejada na igreja da Vila a exemplo do padroeiro, sendo as novenas do período festivo iniciadas na terça-feira mais próxima ao dia 27 de junho, data dedicada à santa. O ritual é enriquecido com a leitura de cartas de agradecimentos e pedidos de graças escritas pelos devotos.¹⁴⁷ O encerramento acontece ao término do ciclo das nove novenas solenes.

A partir de narrativas de moradores da Vila e de devotos, ilustramos uma experiência de devoção comum entre os devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em meados das décadas de 1960 a 1970 e que permanece sendo praticada pelos mais fervorosos.

Uma Maria, todas as terças feiras, ao meio-dia, alimenta os filhos, veste seu único vestido branco, tira dos pés os chinelos surrados. Em seguida, no terreiro de casa, pega uma pedra e a coloca sobre a cabeça, seguindo descalça em peregrinação rumo à “igreja da Vila” sob o sol escaldante de Teresina. Traz à mão um terço que é recitado durante o longo percurso, em penitência contrita, na certeza que terá seus pedidos atendidos, o sofrimento aliviado, o esforço recompensado.

¹⁴⁷ A Igreja festeja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no dia 27 de junho. Na igreja da vila são organizadas nove novenas festivas que se iniciam em junho e se encerram em agosto. Durante esse período, é colocada à disposição dos devotos uma urna com pequenos folhetos onde devem escrever seus pedidos e agradecimentos. Essa prática é incentivada pelos padres redentoristas, que lêem os papéis selecionados durante as novenas.

Ao chegar à igreja, com sede, os pés inchados e doloridos, põe-se de joelhos e assim entra no templo em direção ao ícone de Maria ali exposto, diante do qual faz suas orações pessoais. Soma-se a dezenas de outras marias e josés que ali se reúnem para louvar e agradecer àquela que acreditam ter poder de interceder em seu favor.

Ao se integrarem ao ritual das novenas os devotos entram em contato com a teia de símbolos e de sentidos que sustenta a cultura em que estão imersos, pois a relação entre ritual e cultura está no centro da compreensão do próprio sentido do culto praticado nos santuários. Segundo André Vauchez

“[...] essa severidade excessiva para consigo mesmo continuaria sendo um traço característico de espiritualidade popular da Idade Média [...] O homem medieval estava profundamente convencido de que só a expiação podia obter a remissão dos pecados [...]”¹⁴⁸.

Ao analisar o sentido da peregrinação aos santuários ou lugares sagrados, Zeny Rosendahl a define:

“[...] trata-se de uma demonstração de fé que adquire uma nítida espacialidade, depois envolve o deslocamento de um lugar a outro, deslocamento este que, em muitos casos, é marcado por uma periodicidade regular. Envolve assim, espaço e tempo, fixos – os lugares sagrados – e fluxos – a peregrinação. As peregrinações constituem um fenômeno notável, comum à maioria das religiões, inserido-se assim em diferentes contextos culturais.”¹⁴⁹

Percebemos que as novenas que acontecem as terças feiras na Igreja da Vila tangenciam as mais diversas experiências de fé, possibilitando ao devoto que se desloca através de diferentes meios compartilhar suas expectativas.

“[...] Naquele tempo o pessoal vinha em romaria, o pessoal vinha de longe pra aqui [...] mas hoje em dia todo mudo tem carro [...] o pessoal vem, vai embora. Tem ônibus, tem tudo. Naquele tempo não tinha nada. As pessoas vinham mesmo de pés. Quem tinha carro, vinha de carro. Quem não tinha vinha de pé, mas vinha! [...]”¹⁵⁰

¹⁴⁸ VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 52 e 54.

¹⁴⁹ ROSENDAHL, Zeny. op. cit., 2002. p. 54.

¹⁵⁰ Maria Teixeira Rodrigues. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 04 mar. 2008.

A moradora faz referência ao período em que os meios de transporte em Teresina eram reduzidos e caros, sendo que a maioria dos devotos se deslocava de diferentes pontos da cidade a pé, sozinhos ou em grupo. O caráter penitencial parece ser mais valorizado pela moradora, que atualmente vê os devotos em sua grande maioria chegando de ônibus coletivo ou carro próprio. Mas, nem todos os devotos fazem uso dos meios de transporte para chegarem à Vila, pois alguns preferem ir a pé e descalços. Dentre os meios usados para se locomoverem, continua prevalecendo o sentido dado à peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. De acordo com a análise dos questionários aplicados com os devotos, apesar da variedade de meios de transporte, eles preferem, em sua maioria, ir a pé até o santuário em busca de bênção, de graças ou pagar promessas.

Apesar do caráter individualista da ida aos santuários¹⁵¹, destacado pelos pesquisadores de devoção popular, percebemos, na Igreja da Vila, às terças feiras, uma possibilidade de socialização, pois velhos amigos se reencontram, se saúdam e conversam durante os intervalos das novenas. Outros, que há anos freqüentam as novenas no mesmo horário, passam a se conhecer pelo nome e assim se criam novas relações de amizade.

Quanto à relação dos antigos moradores do bairro com São José e com as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, não podemos afirmar que a devoção à santa substituiu a devoção a São José. Segundo José Rogério Lopes,¹⁵² “[...] a produção do consumo das imagens renova-se em um movimento diacrônico, o que sugere constantes situações de visibilidade e invisibilidade das mesmas”. A visível atenção dada à imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro não anula a presença da imagem de São José [Fotografia 09] na igreja e o que o santo possa representar para os seus devotos e para os moradores do bairro. É possível dizer que a imagem de São José foi deslocada do lugar, mas mantém-se o sentido tradicionalmente atribuído a ela, pois “[...] as imagens religiosas cristalizam os sentidos da estrutura social em que circulam [...]”,¹⁵³ é o que constatamos a partir das falas dos moradores

¹⁵¹ BECKHÄUSER, Frei Alberto. *Religiosidade e Piedade Popular, Santuários e Romarias: desafios litúrgicos e pastorais*. Petrópolis: Vozes, 2007, p.56.

¹⁵² LOPES, José Rogério. *Imagens e Devoções no Catolicismo Brasileiro: fundamentos metodológicos e perspectivas de investigações*. *Revista de Estudos da Religião*, n.3, 2003, p.1-29.

¹⁵³ *Ibid*, p. 23.

Como é que chama? Hoje é santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, santuário mas, de formas que isto, até não vou dizer que isto está apagando o nome do padroeiro, o objetivo, o significado do padroeiro da igreja, que é São José Operário. [...] Eu me identifico com a igreja, com São José Operário! Pra mim é o padroeiro mesmo, compreendeu? E Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a igreja hoje é uma romaria que você sabe e eu também participo. Porque eu faço novena não é? Então é uma coisa¹⁵⁴.

[...] Não! Não! Não apagou de jeito nenhum porque continua sendo paróquia de São José Operário. Isso aí não tem como a novena tirar o mérito de São José não! [...]¹⁵⁵



Fotografia 09 - Imagem de São José exposta no alto de uma das colunas da igreja sendo reverenciada por um devoto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

É possível, pois, constatar que existe entre os antigos moradores da Vila Operária o que Michael Pollak¹⁵⁶ chamou de memória em disputa. O redirecionamento das atividades pastorais no bairro e a relevância das novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro constituem-se em mudanças que

¹⁵⁴ Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

¹⁵⁵ Sebastião Pinheiro de Aragão. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 27 mai. 2008.

¹⁵⁶ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

marcam a diferença entre o que foi antes e o que é hoje, entre o ‘nós’ moradores e Padre Carvalho e ‘eles’ devotos e padres redentoristas. De acordo com Stuart Hall¹⁵⁷, “[...] as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. [...]”. Sendo assim, os moradores, ao perceberem as inovações feitas pelos padres redentoristas e ao verem as novenas como o grande atrativo aos fiéis que buscam a igreja por causa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, reforçam, através da memória individual e coletiva, a construção de uma identidade social que os mantém ligados à história do bairro, da igreja e de seu padroeiro.

¹⁵⁷ SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 39.

2 A PROPOSTA MISSIONÁRIA DOS PADRES REDENTORISTAS NA VILA OPERÁRIA



Padre Pascoal, missionário redentorista, década de 1960.
Fonte: Arquivo da Paróquia de São José Operário.

*A paróquia foi entregue
A três padres americanos
Que ao receber nossa igreja
Traçaram novos planos
E foram se adaptando
Aos nossos paroquianos*

(Poeta José Bezerra de Carvalho)

A ação missionária das ordens religiosas, a exemplo dos jesuítas, divulgou o culto a Maria no Brasil. Em Teresina, na Igreja São José Operário, o culto a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro teve início com a chegada dos padres missionários redentoristas, que introduziram o novenário em honra à santa, prática religiosa que teve significativa aceitação dos paroquianos os quais provavelmente cultivavam essa devoção no espaço privado do lar.

As novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro caracterizam de forma particular o espaço sagrado da igreja da Vila às terças-feiras, sendo que os redentoristas são muito conhecidos pelo trabalho de pregação das Santas Missões Populares, movimento significativo para a igreja de Teresina no ano de 1959. Outra prática característica dos redentoristas é a afetuosa devoção a Maria, divulgada através do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Destacam-se ainda pela atenção dispensada aos romeiros nos santuários por eles administrados, destacando-se dentre os mais importantes do país, o de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, o principal centro de devoção mariana no Brasil. Foi sob esse título que Maria foi declarada padroeira da nação brasileira em 1930, no governo de Getúlio Vargas, período em que o modelo de neocristandade conseguiu seu apogeu no país, marcado por uma ação mútua entre Igreja e Estado.

Nesta parte do trabalho, apresentamos a proposta missionária e a atuação dos padres redentoristas no Brasil, os quais contribuíram com a reforma Ultramontana na segunda metade do século XIX, que visava a uma revitalização da vida religiosa do povo brasileiro, e com a reforma do clero, cujo intuito era colocar a Igreja do Brasil em maior sintonia com a Igreja de Roma. Tratamos também das dificuldades e sucessos das missões redentoristas ao se instalarem no país e ainda da crise enfrentada pela Congregação após as reformas propostas pelo Concílio Vaticano II.

A contextualização de Teresina na primeira década de implantação das novenas 1960 fez-se indispensável para abordarmos a importância e influência da Igreja Católica em sua atuação assistencialista junto à população carente da capital, com a qual os missionários redentoristas da vice-província de Fortaleza assumiram compromisso, instalando-se no bairro Vila Operária em atendimento à solicitação do então Arcebispo Metropolitano de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela.

2.1 Congregação Redentorista: proposta missionária e atuação no Brasil

A Congregação dos Missionários Redentoristas, denominação derivada de redentor, foi fundada por Santo Afonso de Ligório, em 1732, o qual tinha uma grande devoção a Jesus crucificado e a Maria. Assim, com a finalidade de pregar a redenção de Jesus Cristo aos pobres de sua época, fundou a comunidade religiosa formada por sacerdotes e leigos. À medida que padres diocesanos se juntaram a Afonso no seu trabalho missionário, o Papa Bento XVI percebeu os benefícios que a nova congregação trazia para a Igreja e oficializou a aprovação dos Missionários Redentoristas em 1749.¹⁵⁸

Afonso Maria de Ligório, fundador da Congregação do Santíssimo Redentor uma das mais importantes durante o século XVIII, foi advogado, padre e bispo, tendo conquistado grande renome como pregador das Santas Missões nos lugarejos e povoados da zona rural da Itália, pois usava linguagem simples e acessível. Santo Afonso destacou-se na composição de seu sistema de Teologia Moral, o qual, segundo Augustin Wernet¹⁵⁹, foi desenvolvido “[...] para libertar o povo de Deus de pesos inúteis amontoados pelos teólogos do passado.” Combatia então o jansenismo rigorista e o regalismo¹⁶⁰, e defendia a infabilidade papal e propagava sua doutrina mariana sobre o papel de Nossa Senhora na obra da redenção. Particularmente, defendia a Imaculada Conceição já antes da proclamação do respectivo dogma, em 1854. Segundo Oscar de Barros Sousa¹⁶¹, a crença na imaculada conceição de Maria era celebrado no Piauí desde 1754, sob influência da

¹⁵⁸ MISSIONÁRIOS Redentoristas da Bahia. Salvador: Editora Redentorista, 1993, p. 5.

¹⁵⁹ WERNET, Augustin. *Os Redentoristas no Brasil*. Aparecida: Editora Santuário, 1995a, p. 22 e 23.

¹⁶⁰ O jansenismo consistia numa doutrina religiosa criada por Jansênio Cornélio, teólogo holandês que combateu principalmente os jesuítas que davam preponderância às forças humanas na conquista da salvação eterna. O jansenismo defendia a corrupção da natureza humana para a qual era quase impossível a salvação que só poderia se dá pela pura graça de Deus que predestinava os eleitos a salvação. O regalismo por sua vez consistia na ingerência do poder político na esfera de competência do poder eclesiástico. Cf. A VIDA da igreja no absolutismo: pobreza e riqueza. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/missaojovem/mjhistaigrejavida.htm>>. Acesso em 01 mar. 2009; BAIANISMO e Jansenismo. Disponível em: <<http://www.cleofas.com.br/virtual/texto.php?doc=ESTEVAO&id=deb0344>>. Acesso em 01 mar 2009; DICIONÁRIO cultural do cristianismo. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=66cfRJwic_wC&pg=PA167&dq=jansenismo+rigorista&source. Acesso em 01 mar 2009.

¹⁶¹ SOUSA, Oscar de Barros. Bocaína/PI e Nossa Senhora da Conceição: influência colonial portuguesa e defesa do dogma da Mãe de Deus. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jaqueline Lima (Orgs.). *Folkcom, do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas*. Teresina: Halley, 2006, p.655.

colonização portuguesa, na cidade de Bocaína, na região semi-árida do estado. De acordo com o autor, as manifestações populares de fé em Nossa Senhora da Conceição, incluindo a dos devotos de Bocaína, contribuíram para a proclamação do dogma. Na Bula *Ineffabilis Dei* do Papa Pio IX, o dogma é justificado como sendo um desejo de alguns setores da hierarquia da Igreja

[...] aqui a razão por que, desde tempos remotos, os bispos da Igreja, eclesiásticos, ordens religiosas e até imperadores e reis, dirigiram fervorosos memoriais à sé Apostólica, em prol da definição da Imaculada Conceição da Virgem Mãe de Deus como dogma da fé católica. Mesmo em nossos dias, reiteraram-se estas petições. [...]¹⁶²

A importância da atuação de Santo Afonso e sua contribuição junto aos interesses da Igreja pôde ser percebida através de sua canonização (1839), da promoção de sua obra durante o Concílio Vaticano I (1869/70) e da sua proclamação como Doutor da Igreja, em 1871. Por sua vez, a Congregação dos Redentoristas enquadrou-se perfeitamente na conjuntura da Reforma Católica Ultramontana da segunda metade do século XIX por causa do seu compromisso com o catolicismo tridentino, da fidelidade e valorização do papado, da crescente aceitação da Teologia Moral de Santo Afonso e da importância atribuída a Nossa Senhora na obra da salvação¹⁶³. A espiritualidade dos redentoristas, sua doutrina teológica, catequese e pastoral estavam, portanto, na segunda metade do século XIX, em plena harmonia e sintonia com a orientação dos papas e com as linhas mestras do catolicismo ultramontano predominante na Igreja Católica de então.

A expansão da Congregação Redentorista para além das fronteiras da Itália contou com a atuação do Padre Clemente Hofbauer,¹⁶⁴ que fundou uma comunidade em Varsóvia e após ser expulso com seus companheiros pelos exércitos franceses continuou seu trabalho missionário em Viena. Foi a partir da iniciativa de Padre Clemente que surgiram novas comunidades redentoristas em vários países da Europa e, aos poucos, no mundo inteiro.

Para o Brasil, a Congregação Redentorista foi trazida pelos padres holandeses, sendo que em abril de 1894, foi fundada a primeira comunidade redentorista em Juiz de Fora – MG [Fotografia10]. O bispo reformador de Minas Gerais, Dom Silvério,

¹⁶² SOUSA, Oscar de Barros. op. cit., 2006. p. 648.

¹⁶³ WERNET, Augustin. op. cit., 1995a, p. 22 e 23.

¹⁶⁴ Clemente Maria Hofbauer é santo canonizado pelo Papa Pio X. Sua festa litúrgica é celebrada no dia 15 de março, data de seu falecimento.

com a vinda dos padres redentoristas visava à revitalização da religião do povo mineiro e ao auxílio ao clero diocesano¹⁶⁵. Poucos meses depois, vieram os redentoristas da Baviera (Alemanha), para dar início à grande Província de São Paulo, começando o seu trabalho em Aparecida – SP e em Goiás em 1894.¹⁶⁶ Depois foram chegando os outros: norte-americanos para o Paraná, Mato Grosso do Sul (1930) e Amazônia (1943); irlandeses para Tocantins e Ceará (1958 e 1962); os belgas para Sergipe (1963); os canadenses para a Bahia (1965) e os poloneses (1972).¹⁶⁷



Fotografia 10 - O primeiro grupo de padres redentoristas vindos em 1894.
 Fonte: Revista *Os Missionários Redentoristas no Brasil 1894-1994*.
 Aparecida: Editora Santuário, 1994, p.12.

Os missionários redentoristas contribuíram para afirmar a romanização do catolicismo brasileiro, a exemplo das demais congregações religiosas estrangeiras que tinham o compromisso e muitas vezes o voto de divulgar, desenvolver e intensificar a devoção a Nossa Senhora através de Irmandades, Arquiconfrarias e Associações. Os jesuítas difundiram as Congregações Mariana e Filhas de Maria, sendo o culto a Maria divulgado através das devoções a Nossa Senhora do Rosário pelos Dominicanos, a Nossa Senhora Auxiliadora pelos Salesianos, a Nossa

¹⁶⁵ WERNET. Augustin. op. cit., 1995a, p. 21.

¹⁶⁶ MISSIONÁRIOS Redentoristas da Bahia, Salvador: Redentorista, 1993, p. 6.

¹⁶⁷ OS MISSIONÁRIOS Redentoristas no Brasil 1894-1994. Aparecida: Santuário, 1994, p. 7.

Senhora do Perpétuo Socorro, pelos Redentoristas, a Nossa Senhora do Carmo pelos Carmelitas, dentre outras¹⁶⁸.

Segundo Augustin Wernet¹⁶⁹, os envolvidos na fundação da obra redentorista no Brasil estavam convencidos da necessidade de modificar e renovar a religiosidade do povo brasileiro e de reformar o clero, a fim de colocar a Igreja do Brasil em maior sintonia com a Igreja de Roma. Criou-se grande expectativa por parte dos reformadores, que acreditavam na competência e prestação de ótimos serviços da Congregação do Santíssimo Redentor.

A vinda dos redentoristas para o Brasil deu-se no período romano, sendo o centro da administração geral da Congregação transferido para Roma, onde assumiu com maior definição as características da Igreja Romanizada e Ultramontana¹⁷⁰.

No sentido de criar uma nova espiritualidade sacramental entre os católicos, os papas ultramontanos insistiram junto às hierarquias eclesiais do Brasil no intuito de promoverem uma campanha de transformação radical nas formas de piedade e devoção praticadas por grande parte das populações rural e urbana. Nesse sentido, nos finais do século XIX, a Igreja Católica investiu em uma reforma que condenava as práticas religiosas herdadas do catolicismo português, criticado por ser leigo e desprovido de rigor teológico.

Desse modo, na tentativa de purificar o catolicismo, erradicando as superstições e as manifestações populares julgadas pela Igreja como inconvenientes ou impuras, realizou-se, em 1890, a primeira reunião do Episcopado Brasileiro, na cidade de São Paulo, com foco na administração dos principais centros de religiosidade popular no país. Na ocasião, os bispos reunidos decidiram retirar do domínio leigo a administração financeira dos santuários e confiá-los a institutos religiosos europeus considerados capacitados e idôneos. Assim, os recursos arrecadados nos santuários passariam, dentre outros fins, a ser aplicados na formação do clero, pois, com o rompimento das relações entre Estado e Igreja, esta passou a ter dificuldades em manter os seminários antes custeados com o auxílio de verbas governamentais¹⁷¹.

¹⁶⁸ CALIMAN, Pe. Cleto. *Teologia e Devoção Mariana no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 56.

¹⁶⁹ WERNET, Augustin. op. cit., 1995a, p.39.

¹⁷⁰ Ibid., p. 40.

¹⁷¹ GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Cultura Clerical e a folia popular. *Revista Brasileira de História*, São Paulo. v.17, n.34.1997.

Na Bahia, a substituição da Irmandade do Bom Jesus por uma congregação religiosa europeia na direção do santuário de Bom Jesus da Lapa, segundo Carlos Alberto Steil

[...] poderia ser vista como parte da estratégia dos bispos reformadores que visava desmontar o 'catolicismo colonial', organizado a partir das Irmandades e Confrarias Leigas, e implantar o 'catolicismo universalista', que se estrutura segundo o modelo clerical, centrado na figura do padre¹⁷²

Em seu estudo, o autor percebeu que a mudança em nível local refletia um processo universal de transformação do próprio catolicismo, que chegava ao Brasil através dos bispos reformadores.

A romanização do catolicismo brasileiro estava relacionada, no plano eclesiástico, com a reforma da Igreja Católica, a qual buscava a centralização do seu governo pelo Vaticano. Tal ação reformadora tinha por objetivo moldar o catolicismo brasileiro conforme o modelo romano, cujos traços essenciais são a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e o clericalismo. Para Carlos Alberto Steil¹⁷³, a romanização havia se iniciado com a questão religiosa no Segundo Império (1870), mas, só depois da separação entre Igreja e Estado, esse processo se dissemina no país, contando com a colaboração das ordens religiosas vindas da Europa que atuaram no Brasil livres do controle do Estado.

Com a atuação dos bispos reformadores, congregações estrangeiras combatiam as devoções mais tradicionais, vistas pelo clero reformador como supersticiosas e difundiam novas devoções importadas da Europa¹⁷⁴. As imagens dos antigos santos de devoção popular eram transferidas para as sacristias, sendo entronizadas nos lugares centrais imagens de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro¹⁷⁵, de Santo Afonso de Ligório, de São Luís Gonzaga, de Nossa Senhora

¹⁷² STEIL, Carlos Alberto. op. cit., 1996. p. 229.

¹⁷³ Ibid., p. 231 - 232.

¹⁷⁴ AUGRAS, Monique. Devoções populares: arcaísmo ou pós-modernidade? In: PAIVA, Geraldo José de; ZANGARI, Wellington. (Orgs.). *A representação na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Loyola, 2004, p.196.

¹⁷⁵ A divulgação e culto da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é própria da Congregação do Santíssimo Redentor, que festeja Santo Afonso de Ligório, São Clemente e São Geraldo.

Auxiliadora, de São João Bosco, de Santa Úrsula, da Sagrada Família, de São José, entre outras¹⁷⁶.

No entanto, a tradição religiosa construída a partir da influência do catolicismo popular português sobreviveu, mesclando-se às novas devoções, como afirma Carlos Steil:

Embora tenha investido fortemente contra os cultos locais e as lideranças que mantinham o controle sobre os santuários, a reforma romanizadora não rompeu com as concepções religiosas do catolicismo popular tradicional centradas na crença nos milagres e na devoção aos santos. As devoções trazidas pelos agentes romanizadores não só existiram lado a lado com as devoções locais, mas, muitas vezes, se interpenetraram num processo contínuo de ajustamentos mútuos. Ao mesmo tempo em que os romanizadores incentivavam a crença nos milagres, como arma no combate ao racionalismo, também introduziram novas devoções que foram incorporadas pelo povo na dinâmica dos cultos locais¹⁷⁷.

Os padres redentoristas, ao assumirem a administração da paróquia de São José Operário, na década de 1960, no contexto chamado neocristão, divulgaram as devoções próprias da congregação, como a de Santo Afonso, e as novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Estas foram assimiladas pelos paroquianos, que continuam a festejar o santo padroeiro, tradição ajustada aos interesses dos novos administradores, embora o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro fosse aos poucos ganhando relevância no templo, principalmente durante as novenas. Recordar-se um antigo morador que acompanhou as mudanças ocorridas na Igreja da Vila:

[...] ali não existia aqueles dois altares que é hoje o altar de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do sacrário. Aquilo ali tinha de um lado, entrando de frente da igreja para o fundo lá da esquerda era a imagem de São José, uma pedra cravada na parede com a imagem e, do lado da direita, era Santo Afonso né? Era o quadro de Santo Afonso. [...] e o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ainda não tinha um lugar determinado ainda [...]¹⁷⁸

Na política nacional se confrontavam a Igreja Católica e a República, portanto era preciso reinventar o culto das romarias e mobilizar os católicos numa

¹⁷⁶ GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. op. cit., 1997.

¹⁷⁷ STEIL, Carlos Alberto. op. cit., 1996, p. 248.

¹⁷⁸ Sebastião Pinheiro de Aragão. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima em, 27 mai. 2008.

demonstração pública da força da instituição enquanto representante legítima da nação brasileira. Segundo Carlos Stiel, que faz sua análise a partir da interferência dos padres redentoristas na administração do Santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, “[...] as reformas introduzidas no santuário visavam aproximação com a massa de romeiros pobres – ponto estratégico para controle dos santuários – a Igreja desejava legitimar seu papel social e político enquanto representante do povo”¹⁷⁹.

A posição conservadora da Igreja Católica diante do avanço e mudanças comportamentais próprias da sociedade moderna levou os romanizadores a contrapor-se à visão predominantemente mítica do catolicismo popular tradicional e, ao mesmo tempo, defendê-la contra o racionalismo moderno, que colocava em questão o catolicismo romanizado como também criticava o catolicismo popular com sua crença nos milagres, o culto às imagens, as promessas aos santos, as romarias.¹⁸⁰ Era preciso combater as doutrinas subversivas dos livres pensadores e manter uma postura de respeitabilidade e controle diante da população católica.

A política romanizadora de controle das práticas religiosas nos santuários, a exemplo do Santuário de Aparecida, administrado pelos redentoristas, desempenhou um papel importante nas crises políticas nacionais, como penhor da ordem sociopolítica estabelecida e em sintonia com a doutrina social da Igreja¹⁸¹. Segundo Carlos Steil

[...] a hegemonia que detinha sobre o campo religioso brasileiro permitia à Igreja Católica reivindicar para si a corporificação da identidade do verdadeiro Brasil, canalizando as energias do catolicismo popular para grandes manifestações religiosas que pretendiam mostrar sua força frente à minoria racionalista e protestante, que havia tomado o poder na República.¹⁸²

Ao lado das Santas Missões e santuários, as paróquias eram os setores principais da atuação pastoral dos redentoristas no Brasil, sendo que, entre 1944 e 1972, vários santuários famosos estiveram sob a administração da congregação. Os redentoristas de São Paulo e de Goiás continuaram à frente dos Santuários de Aparecida, Trindade e Penha (este até janeiro de 1967). A Província do Rio de

¹⁷⁹ STIEL, Carlos Alberto. op. cit., 1996, p. 234.

¹⁸⁰ QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina/João Pessoa: Editora Universitária/UFBA, 1998, p. 241.

¹⁸¹ WERNET, Augustin. *Os redentoristas no Brasil*. São Paulo: Santuário, v.3, 1997, p. 250.

¹⁸² STIEL, Carlos Alberto. op. cit., 1996, p. 233.

Janeiro cuidava de dois santuários mineiros e dois baianos; em Minas, o Santuário de Bom Jesus, de Congonhas do Campo e de São Geraldo, na cidade de Curvelo; na Bahia, o santuário do Senhor do Bonfim, em Salvador, entre 1933 e 1951, e, a partir de 1956 até 1972, o Santuário do Bom Jesus da Lapa, que com a fundação da Missão Polonesa, em 1972, passou para a responsabilidade pastoral dos missionários redentoristas poloneses¹⁸³.

Seguindo a orientação da pastoral dos bispos reformadores do século XIX, os redentoristas alemães no Brasil, mais especificamente em São Paulo e Goiás, através das paróquias, valorizaram a catequese, a pregação, a vida sacramental e a pregação das Santas Missões para a revitalização do catolicismo popular. Promoveram ainda as devoções do catolicismo reformado, como o mês de Maria, o mês do Sagrado Coração de Jesus e o mês do rosário.¹⁸⁴ As festas e devoções próprias da Congregação do Santíssimo Redentor eram as de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de Santo Afonso, de São Geraldo e de São Clemente Maria Hofbauer.¹⁸⁵

As atividades extraparaquiais dos redentoristas foram as desobrigas, tríduos, novenas, retiros, auxílios, substituições em paróquias e, sobretudo, as Santas Missões, que faziam parte da finalidade primordial da Congregação do Santíssimo Redentor, já que os bispos reformadores tencionavam com elas, ao par da administração dos santuários populares, renovar, modificar e revitalizar a vida cristã do povo brasileiro¹⁸⁶.

Em Goiás, os redentoristas tiveram como principal tarefa adaptar a romaria e a Festa do Divino Pai Eterno às exigências do catolicismo reformado. Em outras palavras, dar às festividades, na concepção dos clérigos, um aspecto verdadeiramente religioso, prevalecendo o espírito de piedade. Visava-se assim purificar e afastar usos supersticiosos ou extravagantes quanto às promessas bem como organizar o serviço religioso no sentido de aproveitar a presença do povo durante a festa para administrar os sacramentos e catequizá-lo, ou seja, tirar proveito espiritual de sua permanência e garantir uma volta satisfeita.¹⁸⁷

¹⁸³ WERNET. Augustin. op. cit., 1997, v. 3, p. 239.

¹⁸⁴ Id., 1995a, p.136.

¹⁸⁵ Id., 1995b, p. 225.

¹⁸⁶ Id., 1995a, p.153 - 154.

¹⁸⁷ Id., 1995a, p. 209.

Características da atuação dos missionários redentoristas em Goiás foi a programação minuciosa das missas nos dias de semana e aos domingos, a preocupação com a catequese, instrução e sermões, e a divulgação das novas associações religiosas. Esses missionários promoveram ainda novas devoções trazidas da Europa e já enraizadas, embora não pertencessem ao catolicismo tradicional e popular brasileiro. Entre elas destacam-se: a devoção do mês de maio, dedicado a Maria, do mês de junho, ao Sagrado Coração de Jesus e do mês do Rosário, ou mês de outubro, e a devoção das 40 horas. Os redentoristas animaram e promoveram também aquelas de tradição brasileira, como Finados, Semana Santa, Via Sacra e devoção à Imaculada Conceição, que no Brasil já era celebrada¹⁸⁸.

Os redentoristas, sobretudo os de Minas Gerais e Rio de Janeiro, foram envolvidos no processo de formação de um catolicismo patriótico e militante, pois desejavam unir a religião com o sentimento patriótico, integrando o povo brasileiro aos valores “Religião e Pátria”, sem considerar sua pertença a diferentes grupos sociais, já que um povo sem religião seria um povo em decadência. Essa recristianização do Brasil implicaria numa reorientação cultural e numa reestruturação das relações com o Estado. De acordo com Wernet,¹⁸⁹ os redentoristas estavam no meio de todo este processo que colocou os fundamentos e os elementos de um catolicismo militante que predominou a partir da década de 1920.

Dentre as preocupações do catolicismo reformado e também dos missionários redentoristas estava a de reformar as tradicionais Irmandades ou Ordens Terceiras ou de substituí-las por associações novas sob o controle do clero, e ainda a de chamar os homens para a prática religiosa através da Liga Católica¹⁹⁰ e de outras associações como Marianos e Vicentinos¹⁹¹.

As atividades dos redentoristas caracterizavam-se, de modo geral, pela promoção de uma intensa religiosidade sacramental e devocional, bem como pela

¹⁸⁸ Id., 1995b, p. 225.

¹⁸⁹ Id., 1995a, p. 300.

¹⁹⁰ Na Liga Católica engajavam-se homens dos mais variados segmentos sociais, desde o advogado ao humilde operário. Estes promoviam reunião mensal, conferências, romarias e procissões dentre outras atividades que contribuíam para que os homens da época levassem uma vida cristã e freqüentassem os sacramentos. Era interesse da Igreja fazer com que os homens se tornassem realmente católicos. A Liga Católica foi fundada na Bélgica e esteve sempre sob a responsabilidade dos redentoristas.

¹⁹¹ WERNET, Augustin. op. cit., 1995b, p. 223 - 224.

preocupação com a pregação da palavra de Deus e com a catequese de adultos e crianças. Nesse sentido, em todas as paróquias redentoristas, a exemplo das de Juiz de Fora e Belo Horizonte, havia uma destacada promoção das associações religiosas, especialmente daquelas ligadas à própria Congregação, como a Arquiconfraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro¹⁹², a Liga Católica e a Obra de São Geraldo. Nas décadas de 1920 e 1930, surgiram ao lado dessas associações tradicionais, outras novas, organizadas em função das mudanças havidas na sociedade: Núcleos Operários, Centros Operários, Círculos Operários¹⁹³, União de Moços Católicos [UNC]¹⁹⁴ e outras agremiações que tinham como objetivo reunir a juventude operária e os das classes liberais em associações religiosas que faziam parte da chamada Ação Católica.¹⁹⁵ O movimento de leigos que constituía a Ação Católica tinha poder de atuação na área religiosa e nos setores educacional e político, contribuindo de forma significativa com o modelo de neocristandade implantado no país.

A obrigatoriedade da criação da Ação Católica em todas as dioceses brasileiras foi reforçada com o Concílio Plenário Brasileiro, ocorrido em 1939, no entanto só foi fundada na Diocese de Teresina em 1945, com a criação da Liga das Senhoras Católicas, no ano em que os estatutos da Ação Católica foram reformulados, passando a priorizar a formação e a atuação da juventude. Surge então a Juventude Operária Católica no Brasil, sendo que, no Piauí, foi criada na década de 1950. Segundo Luciana Pereira¹⁹⁶, o apostolado moderno em Teresina teve pouca difusão, levando-se em consideração a prioridade assumida pelo bispado, que objetivava combater a escassez de padres no estado do Piauí e o frágil estado de saúde do

¹⁹² A Arquiconfraria era uma associação de piedade e devoção, com o fim principal de levar seus membros a venerar e fazer com que outros venerassem Nossa Senhora sob o título de Perpétuo Socorro. Sendo padroeira das Missões promovidas pelos missionários redentoristas, sua devoção se espalhou pelo Brasil inteiro.

¹⁹³ A implantação de círculos operários na Diocese de Teresina consistiu numa estratégia de reforço no combate ao comunismo, liderada por Dom Severino Vieira de Melo. Nesses centros eram ministradas aulas de formação social e religiosa, pois a hierarquia católica teresinense acreditava que havia comunistas infiltrados nos mais diversos setores da vida cotidiana, especialmente em meio aos operários. Cf. PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, p.107 - 109.

¹⁹⁴ A União dos Moços Católicos foi criada no Piauí em 02 de outubro de 1949, objetivando atuar no meio da juventude masculina piauiense. Era organizada por leigos e clérigos e tinham no jornal diocesano *O Dominical* um espaço cedido para a divulgação de sua atuação e evangelização da juventude católica do Estado. Cf. PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, p. 52.

¹⁹⁵ A Ação Católica constituiu-se em um grupo de ações promovidas pela Igreja Católica iniciadas com o papa Pio XI que buscava combater a ameaça do liberalismo e da secularização visando assim a recristianização da sociedade moderna.

¹⁹⁶ PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, p. 53.

Arcebispo Dom Severino no período. Na análise de Warrington Araújo¹⁹⁷, a Ação Católica chegou à Diocese de Teresina de forma efetiva através de Dom Avelar Brandão Vilela, em 1956, cuja atuação já foi esboçada no capítulo anterior.

No contexto geral, a ação dos missionários redentoristas no Brasil no final do século XIX e início do século XX foi analisada por Wernet,¹⁹⁸ que destaca o procedimento básico da congregação de procurar enquadrar as manifestações, devoções e práticas dos brasileiros, marcadas pela religiosidade popular luso-brasileira, nas formas rígidas e ortodoxas de um catolicismo europeizado e moralizado. O autor reforça que os missionários procuraram, embora respeitando os sentimentos religiosos do povo, enquadrar sua religiosidade nas normas do catolicismo reformado do Concílio de Trento. As linhas mestras foram o cultivo e a promoção da catequese, da pregação e da sacramentalização, bem como da administração e moralização das festas e romarias.

2.1.1 A vice-província de Fortaleza

A Congregação Redentorista divide-se em regiões e sub-regiões chamadas de províncias ou vice-província (quando ainda não plenamente auto-suficiente), que geralmente são denominadas conforme a cidade onde têm sua sede.

Em 1957, vieram redentoristas da Província de Dublin, na Irlanda, estabelecer uma fundação em Pedro Afonso, no norte de Goiás, hoje, estado do Tocantins. Os primeiros seis anos da década de 1960 foram de expansão em decorrência dos diversos pedidos de bispos do Brasil que procuravam fortalecer a fé cristã nas suas dioceses com a presença dos padres redentoristas¹⁹⁹.

Segundo Wernet²⁰⁰, a vinda de mais redentoristas para o Brasil se enquadrava na política da Igreja, que, a partir de 1956, quando ocorreu a Revolução Cubana, passou a se preocupar com a possibilidade de irrupção de 'outras cubas' na América Latina. O papa João XXIII fez então um apelo às congregações religiosas no sentido de se engajarem com mais empenho na evangelização dos

¹⁹⁷ ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. op. cit., 2008, p.105.

¹⁹⁸ WERNET, Augustin. op. cit., 1997, v. 3, p. 272.

¹⁹⁹ PINCELADAS de uma caminhada (1960-1985). Congregação do Santíssimo Redentor. Fortaleza: Redentoristas, 1985, p.11.

²⁰⁰ WERNET, Augustin. op. cit., 1997, v. 3, p. 7.

países da América Latina e manifestou aos membros do CELAM²⁰¹, em 1959, o desejo de que se elaborasse um plano pastoral adequado esses países. Para conduzir a fundação da nova missão redentorista no Brasil, foi escolhido, em novembro de 1959, o Pe. Jaime Collins, então missionário nas Filipinas.

Conforme Wernet²⁰², o apelo de João XXIII às congregações religiosas e seu atendimento por parte dos bispos brasileiros (e latino-americanos) significavam uma ruptura com o movimento revolucionário de Cuba, resultando, a curto prazo, em maior engajamento de recursos humanos e financeiros no Brasil. Reunidos no Rio de Janeiro, os bispos atenderam ao apelo do papa e elaboraram o Plano Pastoral de Emergência para evitar o surgimento de revoluções socialistas no país. De acordo com Wernet, a vinda e o estabelecimento, em Goiás, dos missionários redentoristas da Irlanda – Província de Dublin – estavam diretamente ligados ao apelo de João XXIII.

Depois de superar dificuldades, seguiram-se anos de expansão de 1960 a 1968, período marcado por uma imagem assistencialista da Igreja. Foram destinados como campo de trabalho aos missionários irlandeses os estados do Ceará e do Piauí, onde fizeram outras fundações: Paragabussu, no Ceará (1961); Fortaleza, no Ceará (1962); Paraíso do Norte, em Goiás (1963); Iguatu, no Ceará (1964), e Teresina, no Piauí (1965). Em 05 de fevereiro de 1962, a Missão Redentorista Irlandesa foi elevada à categoria de vice-província, sendo designada a cidade de Fortaleza como sede.²⁰³

Dentro do contexto de mudanças característico da década de 1960, seja no campo religioso, com as inovações propostas pelo Concílio Vaticano II, seja pela ação dos militares no governo do país, a vice-província de Fortaleza passou por um período interseccional²⁰⁴ muito importante para a Congregação Redentorista, pois o grupo redentorista irlandês, até então bastante fechado à Igreja e à sociedade

²⁰¹ Conselho Episcopal Latino Americano, órgão da Igreja Católica criado em 1955 pelo Papa Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe. Através das Conferências Gerais do Conselho, os bispos reunidos analisam a situação da Igreja em seus territórios identificando os pontos positivos e negativos, bem como os problemas comuns. Por fim deliberam de comum acordo sobre as ações e linhas de ação pastoral a serem desenvolvidas em suas respectivas dioceses. Desde a década de 1950, foram realizadas cinco conferências gerais a saber: a primeira no Rio de Janeiro em 1955, a segunda em Medellín em 1968, a terceira em Puebla em 1979, a quarta em Santo Domingo em 1992 e a quinta em Aparecida no ano de 2007.

²⁰² WERNET, Augustin. op. cit., 1997, v. 3, p. 7 - 8.

²⁰³ Ibid., p. 37.

²⁰⁴ Período em que foram realizadas reuniões que redirecionaram a conduta dos redentoristas mediante as inovações conciliares e pós-conciliares (1967-1969).

brasileira, começou a ver de modo diferente sua atuação no Brasil. Em relato sobre sua experiência de missionário redentorista no Brasil, diante das inovações propostas pelo Concílio Vaticano II recém encerrado, atuando na Paróquia de São José Operário, Padre Paulo Tuley escreve: “[...] Como grupo de missionários de fora começamos a refletir mais profundamente no nosso papel pastoral e ficamos mais inseridos [...]” Contribuíram para essa abertura não apenas as reuniões interseccionais, mas também as leituras dos documentos da Conferência Episcopal de Medellín²⁰⁵ e o Ato Institucional nº5, do golpe de 1964. Informa o sacerdote redentorista

[...] durante muitos anos do meu tempo na Vila [em tudo passei 14 anos mexendo com vários apostolados], o Regime Militar predominou um bucado. Sendo estrangeiros, ficamos atentos aos acontecimentos. Porque os primeiros padres vieram dos Estados Unidos, enquanto eu me lembro só *uma vez uma graffiti apareceu no muro da frente denunciando todos os americanos*. Eu não sei se alguma homilia fosse gravada ou não [...].²⁰⁶ [grifo nosso]

Ao fazer uma leitura do contexto político de Teresina, na década de 1960, Jesualdo Cavalcante refere-se à atuação dos jovens engajados politicamente e seus métodos de contestação ao regime imperialista americano. A presença de padres norte americanos na capital não lhe passou despercebida

Não é demais salientar que, ao inaugurar-se a década de 1960, Teresina vivia o mesmo clima de fermentação político-ideológica que experimentava o país. Naqueles tempos de guerra fria, o vilão já era o imperialismo americano, com seus trustes e cartéis, denunciado, sob forte apelo nacionalista, como responsável por grande parte dos flagelos da Humanidade [...].²⁰⁷

A influência decisiva, porém, aconteceu na reunião de estudo em janeiro de 1969, ano em que houve um seminário dos redentoristas assessorado por Hélio Campos, naquele tempo vigário de Pirambé, e por Dom Miguel Câmara, que

²⁰⁵ Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizada em Medellín, na Colômbia, no período de 24 de agosto a 06 de setembro de 1968. Foi convocada pelo Papa Paulo VI no intuito de aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja presente na América Latina.

²⁰⁶ Padre Paulo Turley, missionário redentorista irlandês que atuou na Paróquia de São José Operário nas décadas de 1960 e 1970.

²⁰⁷ BARROS, Jesualdo Cavalcanti. op. cit., 2006, p.146.

segundo Wernet,²⁰⁸ abriu um pouco os olhos dos missionários estrangeiros para a realidade brasileira e para a evangelização na história do Brasil, pois nessa ocasião foram colocados os primeiros questionamentos sobre a maneira de agir e pensar dos redentoristas no Brasil.

Uma maior abertura democrática interna e para a realidade brasileira marcou o Primeiro Capítulo da vice-província de Fortaleza, celebrado entre 1º e 10 de dezembro de 1969. Este capítulo teve uma segunda sessão, entre 04 e 10 de janeiro de 1970, quando foi dado prosseguimento ao processo interno da abertura para a Igreja local e para a sociedade brasileira. A partir de então a vice-província de Fortaleza, sob a responsabilidade dos redentoristas irlandeses, devia estar a serviço da Igreja local.

Em 1974, ao término do Encontro Nordeste I, que reuniu 22 bispos e auxiliares do Maranhão, Piauí e Ceará, em Teresina, os bispos do Ceará permaneceram reunidos no Socopo²⁰⁹ para discutirem os assuntos relacionados à Diocese cearense e, conseqüentemente, à atuação dos missionários redentoristas na região. A segunda sessão do segundo capítulo aconteceu de 26 de junho a 04 de julho de 1974, também no Socopo, com a presença de todos os membros da vice-província de Fortaleza que se encontravam no país. Foi a primeira das três sessões consecutivas realizadas em Teresina nos anos 1975 e 1977.²¹⁰

2.2 Concílio Vaticano II: crise e renovação na Congregação Redentorista

Segundo Carlos Stiel²¹¹, o Concílio Vaticano II significou uma mudança da Igreja Católica em direção a uma perspectiva modernizadora mais ampla, rompendo com a atitude antimodernista e restauradora que marcou o período da romanização.

²⁰⁸ WERNET, Augustin. op. cit., 1997, v. 3, p. 83.

²⁰⁹ Centro de treinamento da Diocese de Teresina localizado no bairro Socopo.

²¹⁰ PINCELADAS, op. cit., p. 27.

²¹¹ STIEL, Carlos Alberto. op. cit., 1996, p. 252.

A contínua abertura da Igreja para o mundo e cultura moderna, de acordo com Wernet,²¹² exigiu das ordens religiosas uma adaptação ao novo contexto o que não foi fácil para aquelas mais tradicionais e ligadas ao modelo romanizado. O Concílio Vaticano II enfatizou, dentre outras coisas, a missão social da Igreja; proclamou a importância dos leigos na evangelização; motivou a coresponsabilidade dos bispos; desenvolveu a noção de Igreja como Povo de Deus; valorizou o diálogo ecumênico e modificou a liturgia.

Sobre as transformações propostas pelo Concílio Vaticano II e sua adaptação à realidade da Igreja em Teresina, destacamos a fala do Monsenhor Isaac Vilarinho, que, num exercício de memória, relata sua leitura dos fatos

Então um dos maiores acontecimentos da Igreja, assim, da maior importância foi o do Concílio. O Concílio Vaticano II, a partir do Concílio Vaticano II nós começamos a celebrar os sacramentos e a missa em vernáculo, em português, para que o povo realmente começasse a se conscientizar. Nós começamos a ter uma vida mais participativa, mais dentro da vida do povo, inclusive os nossos hábitos de batina, músicas, festas antigas foram simplificados, nós começamos a nos vestir também como o povo, o povo simples, assim mais identificados. Agora a geração de hoje não pode imaginar a revolução cultural, social, política e religiosa desses anos de 1960 a 70, enfim essa década aí. Mas nós os padres mais idosos de uma certa maneira sobrevivemos a essa borrasca. Bem, mas do ponto religioso nós tínhamos, assim uma catequese muito tradicional, nós fazíamos desobrigas uma ou duas vezes, por ano para celebrar, sobretudo os batizados e realizar os casamentos. Mas o povo só tinha aquela tradição religiosa de novena, do terço de Nossa Senhora, a parte do conhecimento maior da Igreja, a parte catequética, a parte bíblica, era realmente tudo isso muito rudimentar [...]²¹³

Através da entrevista com o Arcebispo de Teresina, Dom Avelar, publicada no Jornal *O Dominical*, a Diocese de Teresina expõe ao público leitor católico sua posição favorável às inovações propostas pelo Concílio Vaticano II. A postura da Diocese teresinense é percebida através das constantes reportagens informativas sobre o Concílio, destacando sua importância para a renovação da Igreja universal, bem como a atuação de seu Arcebispo junto ao Concílio e posteriormente na presidência da II Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín.

²¹² WERNET, Augustin. op. cit., 1997, v. 3, p. 39 - 40.

²¹³ VILARINHO, Monsenhor Isaac. Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1998.

Em entrevista concedida a reportagem do O Dominical, Dom Avelar Brandão Vilela, nosso Arcebispo, que, conforme já noticiamos, chegou a Teresina, vindo de Roma, onde esteve participando da etapa final do Concílio Ecumênico Vaticano II [...] Dom Avelar fez-nos ver a grande importância do Concílio no mundo cristão, falando-nos da preocupação da Igreja de estudar e pronunciar-se sobre os mais variados temas, de natureza religiosa ou social, para tornar-se mais presente, mais viva e mais autêntica, na sua luta pela cristianização universal. [...] No seu comentário Dom Avelar afirma que os frutos mais concretos do Concílio são exatamente as Constituições, Decretos e Declarações, que foram devidamente promulgadas e que se prendem aos mais diversos temas de natureza religiosa e social. [...]²¹⁴

O Concílio Vaticano II, concluído em 08 de dezembro de 1965, produziu quatro constituições: *Lumen Gentium* (sobre a organização da Igreja, sua natureza e missão), *Dei Verbum* (sobre a revelação divina e sua transmissão pela Igreja), *Gaudium et Spes* (sobre o papel da Igreja no mundo de hoje), *Sacrosanctum Concilium* (sobre a liturgia e suas práticas); nove decretos: *Unitatis Redintegratio* (sobre o ecumenismo), *Orientalium Ecclesiarum* (sobre as Igrejas Orientais Católicas), *Ad Gentes* (sobre a atividade missionária da Igreja), *Christus Dominus* (sobre o múnus pastoral dos bispos), *Presbyterorum Ordinis* (sobre o ministério sacerdotal), *Perfectae Caritatis* (sobre os religiosos), *Optatam Totius* (sobre a formação sacerdotal), *Apostolicam Actuositatem* (sobre os leigos e seu apostolado, levando em conta seus deveres e direitos como católicos) e *Inter Mirifica* (sobre os meios de comunicação sociais); e três declarações: *Gravissimum Educationis* (sobre educação cristã), *Dignitatis Humanae* (sobre a liberdade religiosa) e *Nostra Aetate* (sobre as relações da Igreja Católica com as religiões não-católicas).²¹⁵

Dom Avelar assumiu papéis relevantes junto à hierarquia da Igreja Católica, participando das reuniões conciliares em Roma, em 1965, quando foi empossado delegado da CNBB junto ao CELAM. Em 1968, assumiu a presidência presidindo, portanto, a II Conferência Episcopal Latina Americana, em Medellín [Fotografia 11].

²¹⁴ ENTREVISTADO Arcebispo de Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XXXI, n. 36, p.1, 16 de jan. 1966.

²¹⁵ SACROSSANTO Concílio. *Compêndio Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.



Fotografia 11- Dom Avelar e o Papa Paulo VI, durante a abertura da Conferência de Medellín em 1968.

Fonte: Arquivo particular do Padre Tony Batista.

A ausência do arcebispo em Teresina, em decorrência dos compromissos assumidos no Brasil e no exterior, é justificada pelo jornal diocesano *O Dominical*

[...] Ouvido pela reportagem deste Semanário, Dom Avelar teceu comentários sobre a sua última viagem ao exterior dizendo que em Bogotá presidiu importante reunião do Conselho Episcopal Latino Americano – CELAM, cuja finalidade foi analisar todas as atividades do Conselho no ano de 1970 e prepara os elementos para os programas pastorais de 1971.[...] As viagens ao exterior, declarou ainda o Arcebispo de Teresina são sempre a serviço do Conselho Episcopal Latino-Americano e as no Brasil são, de um modo geral, exigidas por compromissos da CNBB. Disse Dom Avelar que, em virtude do acúmulo de encargos desses dois órgãos em que tem atuante participação, não pode tratar de cousas concretas para a Arquidiocese de Teresina.²¹⁶

Havia por parte da Diocese de Teresina um interesse explícito em manter seu clero informado sobre o Concílio, a cujas inovações parece não ter havido entre os sacerdotes piauienses uma resistência radical. Monsenhor Isaac Vilarinho, já idoso na época, percebeu algumas mudanças como necessárias a uma maior aproximação da Igreja com a massa católica. Os missionários estrangeiros também foram motivados por Dom Avelar a aderir às mudanças

²¹⁶ DOM AVELAR em curta permanência em Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XXXVI, n. 01, p. 4, 07 fev. 1971.

[...] nós começamos a celebrar os sacramentos e a missa em vernáculo, em português, para que o povo realmente começasse a se conscientizar. Nós começamos a ter uma vida mais participativa, mais dentro da vida do povo, inclusive os nossos hábitos de batina, músicas, festas antigas foram simplificados, nós começamos a nos vestir também como o povo, o povo simples, [...]²¹⁷

Foi no ano 1966 ou 67 que começamos deixar a batina (o rosário e tudo) ao lado e andar com uma camisa. Inicialmente uma cruz foi bordada no bolso no peito. O Dom Avelar nos incentivou para andar assim para dar coragem ao clero local [...]²¹⁸

A formação do clero local através de um encontro que contou com a participação de quase quarenta sacerdotes foi promovido em Teresina em 1966, quando foram discutidos os principais temas abordados pelo Concílio em Roma. Isso representou o interesse da Igreja no Piauí em inteirar de forma participativa seus sacerdotes nas discussões que estavam ligadas à ação dos mesmos nas suas respectivas paróquias, logo deveriam entender, para informar e explicar com propriedade aos seus paroquianos, as mudanças que estavam ocorrendo na Igreja Católica.

Dentro da autêntica linha de renovação do Vaticano II, está reunido no Seminário Arquidiocesano, o clero todo de Teresina, além de alguns sacerdotes das Dioceses de Parnaíba e Oeiras, como da Prelazia de São Raimundo Nonato. Ao todo quase quarenta sacerdotes. O Encontro teve início na noite de 18 pp.[sic] e deverá encerrar-se amanhã, às 18,00 horas. Tem como dirigente de palestras e debates, o Rvmo Frei Romeu Dale, frade dominicano do Rio de Janeiro, perito do Concílio e membro da Comissão Nacional de Liturgia da CNBB. Esse Encontro tem finalidade precípua, trazer ao clero do Piauí, um conhecimento mais profundo dos temas principais do Concílio, de par com suas implicações mais diretas na Pastoral. Como se vê, portam-se os sacerdotes do Piauí, como os verdadeiros pastores que não se limitam a levar ao seu rebanho notícias superficiais do Concílio. [...]²¹⁹

A informação e a formação do clero piauiense a respeito dos temas abordados pelo Concílio foram fundamentais para a adaptação dos sacerdotes às novas orientações conciliares, pois disso dependia o desempenho dos mesmos diante dos desafios a serem enfrentados nas atividades pastorais a desenvolver a partir de

²¹⁷VILARINHO, Monsenhor Isaac. Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1998.

²¹⁸ Padre Paulo Turley, missionário redentorista. Depoimento escrito cedido à equipe responsável pela organização da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José Operário, 2007.

²¹⁹ CLERO estuda o concílio. *O Dominical*, Teresina, ano XXXI, n.17, p.1, 24 abr. 1966.

então. Sobre a importância dessa orientação recorda-se o padre redentorista Paulo Turley

[...] tanta atividade me marcou. No mesmo tempo, a presença do Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela, com a liderança dele dentro da CNBB e como Presidente da CELAM me introduziu aos documentos do Concílio do Vaticano, recém encerrado, através de estudos liderados por alguns comentaristas distintos. Como um grupo de missionários de fora, começamos a refletir profundamente no nosso papel pastoralista e ficamos um pouco inseridos [...] Depois do Vaticano II, as homilias ou palestras eram em grupos de nove (uma novena sobre o documento *Gaudium Et Spes*, por exemplo) [...]

²²⁰

A importância da participação dos leigos no processo de evangelização proposto pelo Concílio foi percebida em Teresina pela atenção que lhes foi dada por meio da formação doutrinária promovida por um instituto religioso criado pela Diocese para esse fim. Os leigos passaram então a auxiliar de forma mais efetiva os sacerdotes nos trabalhos pastorais, principalmente na catequese de crianças, jovens e adultos.

Idealizado pela Comissão Arquidiocesana da Catequese, o Instituto Catequético iniciou seu funcionamento em março do ano corrente. Nasceu da necessidade de habilitar pessoal para realizar uma catequese renovada segundo o espírito do Vaticano II, e que atingisse crianças, jovens e adultos. [...]²²¹

O Concílio Vaticano II e os documentos de Medellín despertaram grandes esperanças e muitas expectativas. Esperava-se da renovação, *argionamento*²²², que houvesse soluções efetivas para todos os problemas religiosos, eclesiais e pastorais do mundo moderno, no entanto a fase de euforia foi gradativamente sendo substituída por frustrações, como explica Wernet

[...] com o tempo decepções cederam lugar às expectativas e certo desespero seguiu-se às esperanças; decepção e insegurança daqueles que se apegavam demasiadamente às tradições; decepção

²²⁰ Padre Paulo Turley, missionário redentorista que atuou na Paróquia de São José Operário nas décadas de 1960 e 1970.

²²¹ CATEQUESE do Vaticano II entre nós. *O Dominical*, Teresina, XXXII, n.19, p.1, 14 de mai. 1967.

²²² Palavra de origem italiana que significa colocar-se em dia, atualizar-se, o que, no decorrer da preparação e realização do Concílio Vaticano II, acabou caracterizando a proposta do Papa João XXIII. Cf. BEOZZO, José Oscar. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. In: LORSCHIEDER. et.al. *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p.10.

e frustração daqueles que apostavam demais nas inovações; desespero dos que esperavam o 'milagre'. [...] Muitos conservadores progressistas abandonaram a vida religiosa e o ministério sacerdotal.²²³

As inovações propostas pelo Concílio Vaticano II contribuíram, nem primeiro momento, para a desunião, desorientação e crise nas congregações religiosas, a exemplo da Congregação Redentorista. Percebendo as dificuldades a serem enfrentadas pelas ordens religiosas, o Papa Paulo VI sugeriu às mesmas que fizessem as devidas adaptações através de um Capítulo Geral Especial. A Congregação do Santíssimo Redentor atendeu a essa sugestão do papa, realizando seu Capítulo Geral Especial nos anos de 1967 a 1969²²⁴.

No mesmo período, em 1968, a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, reunido em Medellín, apresentou em documentos oficiais a sua interpretação do *argionamento* da Igreja, enfatizando a opção preferencial pelos pobres e a formação de Comunidades Eclesiais de Base. Essa política, segundo Wernet,²²⁵ contribuiu também, e ao mesmo tempo, para uma radicalização de certos setores de esquerda católica, que, apoiando os movimentos populares de tendência socialista, romperam com o governo militar do Brasil e se afastaram das diretrizes esboçadas pela hierarquia católica.

De acordo com a análise de Augustin Wernet, as inovações do Concílio Vaticano II contribuíram para a crise que se estabeleceu na Igreja do Brasil, mas não foram o único motivo. Anteriormente ao golpe civil militar de 1964, Igreja e Estado colaboravam mutuamente e ambos tiravam vantagem desse entendimento. Com o golpe, e mais especificamente com o Ato Institucional nº5, de 1968, começou o processo de um mútuo distanciamento. Sendo que muitos membros da Igreja, leigos e sacerdotes, sentiram na própria pele a ação repressora do regime militar. Assim, o Ato Institucional nº5 provocou profunda alteração nas relações entre Igreja e Estado no Brasil.

Em Teresina não foi diferente, já que padres e leigos, engajados ou não, foram alvo da pressão dos militares, que vigiavam suas ações. Sem entrar em detalhes sobre a motivação da prisão do irmão de um sacerdote respeitado da Arquidiocese de Teresina, Padre José Maria Mac Loughlin, missionário que formou a

²²³ WERNET, Augustin. op. cit., 1997, v. 3, p. 39 - 40.

²²⁴ Ibid., p. 8 - 9.

²²⁵ Ibid., p. 9.

primeira comunidade redentorista irlandesa em Teresina na década de 1960, recorda:

Naqueles anos o país foi governado por um regime militar. Em dezembro de 1968 foi baixado o Ato Cinco dando mais poderes ainda aos milícios. Poucos meses depois o irmão de Padre Raimundo José, Diego, foi preso. Naquela noite houve uma reunião de todos os padres e irmãs de Teresina no antigo seminário. Foi decidido que no dia seguinte – domingo – seria lida uma nota de protesto contra a prisão do Diego. Padre Patrício rezou as missas de 5 e 6 horas e disse que *a pregação dele foi gravada. Os militares exigiram uma desculpa por parte da Arquidiocese.* A Arquidiocese chefiada por Monsenhor Soares, na ausência de Dom Avelar assistindo o Concílio em Roma²²⁶, recusou. Monsenhor Soares disse que os padres estrangeiros corriam mais risco e podiam ser expulsos.²²⁷ Grifo nosso.

A crise tomou forma mais nítida a partir da década de 1970 e foi causada sobretudo pelos documentos do Vaticano II e de Medellín. De modo especial, foi a Teologia da Libertação²²⁸ que despertou a consciência da necessidade de mudança na ação missionária e pastoral e, ao mesmo tempo, provocou desorientação e certa divisão interna. Os padres procuravam desenvolver e cultivar uma religiosidade mais pessoal no meio do povo, enfatizando mudanças de comportamento.

Refletindo sobre a década de 1970, período que atuou na Paróquia de São José, o padre redentorista Mateus O’Sullivan relata o seguinte:

A novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro continuou intocável durante a década de 1970. Naquele tempo teve gente que criticava a novena por causa do seu devocionismo. Mas os redentoristas na época resistiram. A novena das 15h foi gravada e transmitida pela Rádio Pioneira à noite com bastante repercussão no interior do Piauí e do Maranhão. As novenas estavam sendo vigiadas

²²⁶ Padre José Maria justifica a ausência de Dom Avelar em Teresina dizendo que o mesmo se encontrava em Roma assistindo ao Concílio, mas este já havia sido encerrado em 1965. Na verdade, em 1968, Dom Avelar estava presidindo a II Conferência Episcopal Latino-Americana, que aconteceu em Medellín, Colômbia.

²²⁷ Padre José Maria Mac Loughlin, CSsR, em relato escrito fornecido à equipe paroquial responsável pela organização da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José Operário, em 2007.

²²⁸ Corrente teológica que se desenvolveu na América Latina a partir da década de 1970 do século XX. Seu método é indutivo, pois sua reflexão teológica parte da análise crítica da realidade da pobreza e exclusão social. Vê o pobre como sujeito de sua própria libertação, o qual, através das Comunidades Eclesiais de Base, podia experimentar uma nova forma de ser igreja caracterizada pela vivência comunitária, solidária e participativa. Cf. TAMOYO, J. J. Teologia da Libertação. *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.

por agentes da Ditadura Militar. Teve indício de infiltração de agentes nas reuniões semanais do clero.²²⁹

Desorientação e crise fizeram com que as vice-províncias e províncias tomassem posicionamentos diferentes e enveredassem por caminhos diversos no tocante às principais atividades, como formação e educação, santas missões, paróquias e santuários. Tomemos como exemplo a atuação dos missionários redentoristas na paróquia de Belém, onde os membros da vice-província passaram a questionar as práticas das Santas Missões, das desobrigas, das tradicionais novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Sob a influência conciliar, começaram a valorizar a evangelização no lugar da sacramentalização e as Comunidades Eclesiais de Base no lugar das tradicionais paróquias²³⁰.

O processo de assimilação dos valores de um mundo secularizado e a preocupação com a libertação de estruturas sociais injustas fizeram com que muitas congregações não encontrassem mais razões suficientes para continuar na vida religiosa consagrada e sacerdotal.²³¹ As principais atividades pastorais, como missões, retiros, tríduos e novenas, foram esvaziados e, para muitos, em nível subjetivo, perderam seu sentido. Com o desaparecimento dessas tradicionais formas de apostolado redentorista, tornou-se problemático manter a figura e a identidade do religioso redentorista.²³²

As atividades pastorais dos redentoristas em grande parte se concentravam na catequese, na pastoral sacramental e na promoção e assistência às associações religiosas de caráter devocional e assistencial, como Apostolado da Oração, Conferência de São Vicente, Pia União das Filhas de Maria, Liga Católica. Com o esvaziamento abrupto dessas associações, em decorrências das mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II e a parcial substituição por movimentos mais modernos, como Movimento por um Mundo Melhor, Cursilhos de Cristandade, Legião de Maria e outros, criou-se um vazio que se agravou pela nova direção na catequese e na pastoral sacramental, juntamente com a ênfase que se começou a dar ao setor social. A ausência de indicação precisa do lugar e da função do missionário redentorista numa Igreja em mudança pesou muito na desorientação

²²⁹ Padre Mateus O'Sullivan, relato escrito fornecido à equipe paroquial responsável pela elaboração da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José, 2007.

²³⁰ WERNET, Augustin. op. cit., 1997, v. 3, p. 44.

²³¹ Ibid., p. 46.

²³² Ibid., p. 52.

global dos religiosos²³³. Entretanto, a província de Fortaleza, como um todo, apesar da saída de alguns congregados, segundo Wernet, não experimentou uma redução numérica significativa. Com a crise, houve, sim, gradativamente, uma percepção mais clara da realidade brasileira, com a tomada de novos rumos na pastoral.

Na pastoral paroquial, destacaram-se as vice-províncias de Campo Grande, Manaus, Fortaleza, Recife e, em menor grau, a província de Porto Alegre. Em quase todo o período predominou nas paróquias a pastoral tradicional, sendo que apenas na segunda metade da década de 1960, ao lado da pastoral tradicional, começaram a se desenvolver as paróquias então ajustadas às exigências do Concílio Vaticano II, com linhas novas de pastoral, especialmente nas regiões amazônica e nordestina. E, no final do período, houve em todas as unidades um questionamento sobre a validade da pastoral tradicional, seja dos santuários, seja das paróquias.²³⁴

O Santuário de Aparecida também sofreu o impacto da nova pastoral e mentalidade surgidas em decorrência do Concílio Vaticano II. Parte significativa do clero não apoiava mais as romarias e se afastou dos santuários, classificados por eles como manifestações espúrias da religião. Desse modo, as visitas dos padres ao santuário diminuíram bastante temporariamente, mas o debate, as divergências e choques de idéias contribuíram para levar à pastoral um esforço de adaptação e renovação. Houve inovação especial no setor mais importante da pastoral do Santuário: o sacramento da penitência ou reconciliação.²³⁵

Fazendo referência ao Santuário da Penha, onde os redentoristas, apesar de não serem especialistas na renovação paroquial urbana, empenharam-se na sua busca na medida do possível, Wernet informa que eram mantidos com certos aperfeiçoamentos os movimentos e ações tradicionais, como as missas, as aulas de catecismo, as páscoas coletivas, os cursos de preparação para o batismo e para o casamento, juntamente com as tradicionais associações religiosas Vicentinos, Congregados Marianos e Filhas de Maria. Introduziram-se também movimentos mais modernos. Os leigos eram convocados para a ação católica nos grupos especializados da JOC (Juventude Operária Católica), JIC (Juventude Intelectual

²³³ Ibid., p. 53.

²³⁴ Ibid., p. 240.

²³⁵ Ibid., p. 251.

Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica) e outros, como os círculos operários.²³⁶

O Santuário do Divino Pai Eterno de Trindade era representativo para os santuários interioranos sendo que ali a assistência social foi a grande preocupação dos redentoristas. A partir da década de 1950, parte do dinheiro arrecadado era encaminhado para uma obra social, a Vila de São José Cotelengo, a exemplo do que ocorreu na Vila Operária, onde se instalaram a convite de Dom Avelar Brandão Vilela, colaborando com a política assistencialista do então arcebispo de Teresina na década de 1960.

Em decorrência do Concílio Vaticano II, a novena e a festa de Trindade também passaram por uma reorientação, mas de acordo com Wernet,²³⁷ os padres envolvidos na pastoral do Santuário do Divino Pai Eterno perceberam que este sopro inovador pós-conciliar, com sermões atualizados, novas temáticas, cerimônias mais edificantes que valorizavam as tradições daquele Santuário, novas tentativas de evangelização e conscientização, não alteravam em profundidade o ritmo e o conjunto da novena e da festa de Trindade, tampouco a mentalidade dos romeiros, pois a religiosidade popular, puramente devocional, era descomprometida com a vida cristã paroquial.

Com a renovação pastoral decorrente do Concílio Vaticano II surgiu, portanto, um novo desafio para a Pastoral dos Santuários, cujos rumos giravam em torno das seguintes atitudes fundamentais:

1. A renovação pastoral não deve destruir as formas devocionais populares, mas elevá-las, respeitando-as, integrando-as e valorizando-as. Os missionários redentoristas tinham presentes as palavras da Constituição *Lumen Gentium*, que no seu parágrafo 17 diz: “A Igreja trabalha de maneira tal que tudo que se encontra semeado no coração e na mente dos homens, ou nos próprios ritos e cultura dos povos, não só não desapareça, mas seja sanado, elevado e aperfeiçoado para a glória de Deus, confusão do demônio e felicidade do homem”.
2. Os sacramentos devem ser administrados dentro de um esquema de boa preparação dos peregrinos. Deve-se empenhar mais na administração dos sacramentos da penitência e da eucaristia, por estarem mais ligados ao processo de conversão pessoal. Os sacramentos da iniciação, como o Batismo, Crisma e a Primeira

²³⁶ Ibid., p. 254.

²³⁷ Ibid., p. 262.

Comunhão, devem ser preparados e recebidos na comunidade paroquial, como também os sacramentos da Unção dos Enfermos, Matrimônio e da Ordem.

3. Os redentoristas deram grande atuação à renovação das celebrações litúrgicas e da pregação da palavra de Deus, aproveitando o tempo da estadia dos romeiros para sua evangelização. Procuravam mostrar ao romeiro a necessidade de um engajamento mais ativo e comprometido na sua comunidade paroquial de origem. Finalmente procuravam instituir na dimensão penitencial da peregrinação e no significado religioso da caminhada para o Santuário, lembrando-lhes o sentido bíblico do êxodo. A caminhada da peregrinação é ensaio da peregrinação inevitável e definitiva para a eternidade.²³⁸

Com a nova orientação teológico-pastoral do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência Episcopal Latino Americana de Medellín (1968), começou, para a Congregação do Santíssimo Redentor, um período de profundas mudanças institucionais. Papel de destaque nessa 'Renovação Institucional' coube ao Capítulo Geral Episcopal, celebrado em Roma, de 1967 a 1969, pois elaborou as novas Constituições e Estatutos, em substituição às antigas Regras e Constituições. Neles foram embutidas as inovações da Igreja Conciliar e Pós-Conciliar. Dessa maneira, a Congregação entrou em pleno processo de renovação com volta às fontes, como desejava a Igreja.²³⁹ A problemática da religiosidade e piedade populares não passou despercebida, mas nem progressistas, nem tradicionalistas indicaram caminhos capazes de substituir as práticas da religiosidade popular por algo mais eficiente ou mais atraente.²⁴⁰

Ao declarar sua opção preferencial pelos pobres, a Igreja reformada, através principalmente das Conferências Episcopais de Medellín e de Puebla, passou a perceber a religiosidade popular como expressão de fé através da qual se manifestava a cultura de um povo. Essa tomada de consciência por parte da Igreja favoreceu uma postura de tolerância e valorização das práticas religiosas populares que passaram a ser reorientadas pela Igreja. Segundo Renata Marinho Paz,

A postura de rejeição da ortodoxia católica face a essas crenças e práticas religiosas começou a ser modificada em meados dos anos sessenta, com o redirecionamento da Igreja encetado a partir do Concílio Vaticano II, momento em que a hierarquia eclesiástica, ao ter que se confrontar com propostas ecumênicas e com o

²³⁸ Ibid., p. 273.

²³⁹ Ibid., p. 65.

²⁴⁰ Ibid., p. 87.

multiculturalismo, deixou de lado uma postura autoritária e desconfiada para assumir uma estratégia de compreensão e renovação pastoral, também direcionadas ao campo das crenças e práticas do catolicismo popular²⁴¹

Como a finalidade da Congregação do Santíssimo Redentor é evangelizar os pobres e abandonados, no Brasil, ela enquadrou suas atividades pastorais no campo religioso. Tais atividades investidas de poder institucional da hierarquia, correspondiam às necessidades próprias e específicas dos diversos segmentos da sociedade e, de forma específica, às suas necessidades religiosas.²⁴² É o que percebemos na Igreja da Vila, às terças feira, onde as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, enquanto prática de devoção popular, atendem as necessidades espirituais de pessoas de diferentes segmentos sociais ali assistidas pelos padres redentoristas.

Foi dentro desse contexto de crise e renovação da Igreja Católica que esses missionários assumiram a Paróquia de São José Operário, na década de 1960, implantando as tradicionais novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Adaptaram-se eles à nova realidade e desenvolveram sua missão pastoral de acordo com a política assistencialista da Igreja local junto aos pobres da cidade, pois sua assistência não se limitou especificamente aos seus paroquianos, já que pessoas residentes nos diversos bairros da capital passaram a freqüentar a Igreja da Vila nos dias de novenas, favorecendo assim a ampliação da ação missionária de evangelização dos padres redentoristas.

2.3 Os redentoristas em Teresina: das pré-missões à administração da Paróquia de São José Operário

O ano de 1960 foi extremamente significativo para a Igreja Católica de Teresina, sendo que, em agosto, os padres missionários redentoristas da vice-província de Fortaleza assumiram a Paróquia de São José Operário, depois de longas negociações com a Arquidiocese da capital e de terem marcado presença na cidade com o evento das Santas Missões Populares desenvolvidas no ano anterior. A Arquidiocese promoveu o Primeiro Congresso Eucarístico de Teresina, no qual se

²⁴¹ PAZ, Renata Marinho. O santo que fica no sol: uma leitura etnográfica sobre a devoção ao Padre Cícero de Juazeiro do Norte. In: LIMA, Marinalva Vilar de; MARQUES, Roberto (Orgs.). *Estudos Regionais: limites e possibilidades*. Crato: Ceres Editora, 2004, p. 60.

²⁴² WERNET, Augustin. op. cit., 1997, v.3, p.63 - 64.

comemorou o jubileu sacerdotal de Dom Avelar Brandão Vilela. É nesse contexto festivo para a Igreja local que a prática das novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro começam a conquistar adeptos no bairro Vila Operária e na cidade de Teresina.

2.3.1 Pré-missões e Missões em Teresina: um espetáculo de fé

De acordo com o programa das pré-missões publicado no jornal *O Dominical*²⁴³, a cidade de Teresina recebeu a visita dos missionários redentoristas durante todo o mês de abril de 1959. Percorreram a cidade anunciando as missões que aconteceriam no mês seguinte e contaram com a adesão de leigos colaboradores. Segundo o jornal diocesano, foram 644 os que receberam o distintivo de pré-missionários. A Vila Operária recebeu a visita dos missionários redentoristas, que contaram com a colaboração dos padres capuchinhos, entre os dias 19 e 22 de abril de 1959. As pré-missões funcionavam como um curso preparatório para aqueles que desejam atuar efetivamente nas atividades de evangelização a serem desenvolvidas nas paróquias de Teresina [Fotografia12] e um incentivo à população católica a vivenciar de forma mais efetiva os sacramentos da Igreja.

Estão entre nós os Revmos. Padres Leão Tong e Patrício Hogan, redentoristas, que aqui vieram para combinar com o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano o programa das Grandes Missões que serão pregadas em Teresina, no próximo mês de Maio.²⁴⁴

Conforme tem sido amplamente divulgado através da imprensa falada e escrita e por intermédio do Clero, especialmente dos Missionários Redentoristas que aqui se encontram, realizar-se-á no mês de maio próximo, nesta Capital, belíssimo movimento religioso de preparação das almas, por intermédio de orações e pregação, afim de que, fortalecidas com os resultados de seus eficazes benefícios, estejam preparadas para trabalhar na programação cada vez maior de nossa Santa Religião.

Empenhado no maior brilhantismo desta Missão Apostólica, S. Excia. Revma. D. Avelar Brandão Vilela está à frente de todo o movimento e tem recomendado a seus arquidiocesanos, que procurem dar o seu auxílio e o seu apoio afim de que o mesmo seja coroado do êxito que se espera.

Em cada Paróquia, está se realizando o movimento Pré-Missionário, ou seja, preparação para a Santa Missão, preparação esta que se

²⁴³ PROGRAMA das missões. *O Dominical*, Teresina, n. 16, ano XXIII, p. 2- 4, 19 de abr. 1959.

²⁴⁴ VIAJANTES ilustres. *O Dominical*, Teresina, n.9, ano XXIII, p.1, 01 mar. 1959.

fará em toda a cidade, mormente em escolas, hospitais, fábricas e domicílios. [...]²⁴⁵



Fotografia 12 - Dom Avelar, padres diocesanos, redentoristas e capuchinhos.
Fonte: Arquivo particular do Padre Tony Batista.

A abertura das missões gerais ocorreu no dia 3 de maio de 1959. A cerimônia marcou o início do ano catequético na Arquidiocese de Teresina e nas dioceses de Oeiras e Parnaíba. O início se deu com a bênção da cruz missionária na frente do palácio arquiépiscopal, às 19h. Em seguida começou a procissão que conduziu a grande cruz e o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em direção ao adro da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, onde um palco fora montado para receber as autoridades e religiosos. Ao chegar ao adro, a procissão foi saudada pelo coral da igreja, que cantou hinos religiosos. Dando continuidade, fez uso da palavra o senhor Celso Barros Coêlho, que saudou, em nome dos teresinenses, os missionários visitantes. O Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela saudou as autoridades presentes, religiosos e a grande massa de fiéis em nome da Arquidiocese. Por fim, o missionário redentorista Noé Sotillo proferiu sermão sobre a importância do trabalho missionário.

Através de *O Dominical*, a Igreja local avalia a relevância dos trabalhos desenvolvidos pelos missionários na defesa da fé do povo teresinense, enfatizando a colaboração deles no evento, que teve caráter social e religioso na orientação das

²⁴⁵ MOVIMENTO pré-missionário da paróquia de Nossa Senhora do Amparo. *O Estado do Piauí*, Teresina, p. 8, 12 de abr. 1959.

almas e na defesa da verdadeira religião. Garantir a salvação da alma significava para a Igreja, naquele contexto politicamente conturbado, converter os fiéis à doutrina católica, levando-os a vivenciar seus sacramentos e a combater assim os inimigos que estavam à espreita:

[...] Obtiveram inegavelmente grande êxito os missionários redentoristas, pela *grande soma de adeptos que conseguiram conquistar* através das palavras de fé, de amor e de sinceridade que lhes foram enviadas. Por intermédio dessas palavras mostraram a rota segura, que deveriam tomar em defesa da salvação da alma.²⁴⁶
[grifo nosso]

De acordo com os discursos jornalísticos e depoimentos de pessoas que vivenciaram o evento, este ganhou proporções grandiosas, conseqüência do empenho do Arcebispo Dom Avelar, experiência e carisma dos missionários e da tradição religiosa característica dos católicos teresinenses que participaram ativamente das procissões e celebrações litúrgicas em suas respectivas paróquias, atendendo aos apelos da Arquidiocese, que, através de seu jornal, convocava os teresinenses a participarem das Missões. Foi um verdadeiro 'espetáculo de fé', exalta o jornal diocesano. Constitui-se, portanto, as Santas Missões Populares em uma prática cultural, a qual, segundo Michael de Certeau,

[...] é a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluída, de elementos cotidianos concretos ou ideológicos, ao mesmo tempo passados por uma tradição e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discurso.²⁴⁷

As Missões Populares²⁴⁸ Redentoristas podem ser definidas como uma campanha extraordinária de evangelização dirigida aos católicos da zona rural, das periferias urbanas e das cidades. Desde sua fundação, em 1732, os redentoristas

²⁴⁶ SANTAS Missões em Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XXIII, n. 32, p. 4, 07 jun. 1959.

²⁴⁷ CERTEAU, Michael de; GIRARD, Luce; MAYOL, Pierre. op. cit., 1996, p. 39 - 40.

²⁴⁸ As Santas Missões eram recomendadas pelo Concílio Plenário Latino-americano, realizado em Roma no ano de 1899 e, a partir daquele Concílio, pelas Conferências Episcopais das Províncias Eclesiásticas do Brasil, a saber, Norte e Meridional, pelas Pastorais Coletivas de 1907 e de 1915 e por Cartas Pastorais de diversos bispos. As Santas Missões atingiam o povo da zona rural, e a população urbana das vilas, grandes cidades e periferia. Dinamizavam a vida paroquial mediante o afervoramento das associações religiosas, caritativas como também das de cunho social. Cf. WERNET, Augustin. op. cit., 1995b, p.157

têm uma longa tradição no setor das missões paroquiais. No Brasil, logo no começo esse apostolado foi assumido e continua sendo uma marca característica da Congregação do Santíssimo Redentor. À medida que evangelizam e administram sacramentos, divulgam culto a Maria, sob o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a quem atribuem um papel de destaque na conquista de novas almas para a Igreja. Assim cantam os missionários e devotos:

Aceitai essa Missão, de quem sois a protetora, mãe de Deus,
Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

1. Mãe querida, mãe de Deus, com seu coração bondoso,
Sempre acolhe os filhos seus, neste mundo tormentoso.

2. Com o seu olhar materno, acompanha o pecador, que
Despreza o amor materno de Deus e Redentor.

3. *Consagramos fervorosos, radiantes de alegria, nestes
Dias venturosos, nossas almas a Maria.*

4. Aceitai meu coração, minha excelsa protetora, Mãe de
Deus, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.²⁴⁹ [grifo nosso]

A primeira etapa das Missões encerrou-se em 17 de maio, com celebração litúrgica e coroação da imagem de Nossa Senhora do Amparo pelo Arcebispo Dom Avelar na Igreja Matriz, fato detalhadamente justificado pelo jornal diocesano, que reforça a idéia de tradição, estabelecendo relação entre a história da fundação da cidade e a participação da Igreja nesse processo:

Na noite do próximo domingo, dia 17 do corrente, encerram-se as Santas Missões, na paróquia do Amparo. Só quem acompanhou de perto o grande movimento missionário pode calcular a sua extraordinária penetração. Foram 15 dias de intensa renovação espiritual das almas. E por isso é justo que o encerramento de tão benéfico trabalho seja feito solenemente.

Como parte dessas solenidades de encerramento, está programada a coroação da imagem de NS do Amparo, pelo Exmo. Sr. Arcebispo.

Poderia parecer que o fato não tem maior importância. Mas na verdade ele tem a máxima significação, pelo que contém de História e de valor simbólico. De História, porque a imagem a ser coroada é a mesma que foi para aqui trazida pelos fundadores da cidade. É portanto a imagem que há mais de cem anos é venerada pela piedade dos piauienses.

A sua coroação agora vem evidenciar a continuidade ininterrupta de nossa tradição cristã e católica, vem estabelecer um vínculo de fidelidade aos ideais católicos dos piauienses de hoje com os desbravadores que ontem lançaram os fundamentos de nossa capital.

²⁴⁹HINO das missões. In: *Fé e Vida: Missões Redentoristas do Nordeste*. 21 ed. Aparecida, SP: Santuário, 2005.

E a aderência espontânea das gerações de hoje aos mesmos valores ontem amados e defendidos pelos nossos antecessores. Valor simbólico, também, porque a coroa de ouro agora depositada sobre a cabeça da SENHORA DO AMPARO é o símbolo de sua coroa de glórias conquistadas para Cristo, durante estas tão fecundas Missões Gerais de Teresina.²⁵⁰

Na segunda etapa das missões, que compreendeu o período de 19 a 31 de maio do corrente ano, envolveram-se a catedral Nossa Senhora das Dores, a Matriz de São Benedito e a Matriz de São José Operário. Na paróquia de São José Operário, os missionários ficaram hospedados em um prédio ao lado da igreja, pois a paróquia não dispunha de lugar mais adequado para os visitantes. Estes contaram com a boa vontade dos moradores, que se organizaram, sendo que as famílias que tinham condições para tal ofereciam refeições aos padres.

[...] e na proporção que as santas missões chegaram que houve aquele festejo, uma festa muito bonita [...], não tem mais, mas quando eles vieram não me recordo mais a quantidade de padres que veio nem também [silêncio] uma data certa isso aí não vou falar não! Que eles nessa época que eles vinham pra cá eles ficaram aqui onde hoje é o lar da criança tava sendo construído pra um hospital, hospital Jesus e não estava terminado ainda, mas já tinha uma boa parte daí tava parado né? Aí eles ficaram hospedados aí e a comunidade aqui o pessoal foi quem dava alimentação né? Cada família se encarregava daquela alimentação todo, todo apoio né?²⁵¹

Uma antiga moradora avaliou a presença dos missionários no bairro como positiva, pois eram comunicativos e logo criaram um bom relacionamento com os moradores, ao quais se mostraram solidários com os visitantes “[...] Todo mundo gostou porque tudo aqui era morto! O bairro foi fazendo movimento, movimento, eles fazendo coligação com o povo e todo mundo se coligou com eles, foi isso aí”.²⁵²

A carência de padres na Diocese sempre foi um problema que dificultou a aproximação da Igreja com seus fiéis. Despertar novas vocações e investir na formação do clero foi então um desafio enfrentado por Dom Severino durante todo o tempo em que esteve à frente da Igreja Católica no estado. Visando a uma maior aproximação com a massa católica através da catequese e dos sacramentos, Dom

²⁵⁰ COROAÇÃO de Nossa Senhora. *O Dia*, Teresina, ano IX, n. 666, p.6, 10 mai. 1959.

²⁵¹ Sebastião Pinheiro de Aragão. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 27 mai. 2008.

²⁵² Maria Rodrigues Teixeira. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 04 mar. 2008.

Severino convidou os missionários redentoristas para pregarem as Santas Missões Populares em Teresina em 1954, ano mariano em que se comemorou o primeiro século do dogma da Imaculada Conceição.

As atividades envolveram os bairros da cidade, encerrando-se solenemente na Igreja de São Benedito após uma procissão que reuniu todas as paróquias de Teresina. Foi feita a consagração solene de Nossa Senhora, e o bispo auxiliar, Dom Raimundo de Castro e Silva, deu a bênção apostólica em nome de Dom Severino - impossibilitado de comparecer devido ao frágil estado de saúde – e agradeceu aos missionários redentoristas pelo trabalho realizado na capital. De acordo com o jornal *O Dominical* ²⁵³, na Vila Operária foram realizadas 2.562 confissões, 5.208 comunhões, 54 casamentos e 34 visitas aos doentes do bairro, números em muito superados diante do resultado atingido pelo trabalho desenvolvido pelos redentoristas nas missões de 1959. É interessante frisar que as missões realizadas em 1954, apesar de consideradas um sucesso, não ganharam tanta repercussão no meio de comunicação da diocese na capital como aquelas realizadas sob a tutela de Dom Avelar. As estatísticas das Missões Gerais de Teresina em 1959 apontaram que, no bairro Vila Operária, foram realizadas 7.251 confissões, 23.800 comunhões, 187 casamentos, 112 visitas aos doentes, 13 batizados de adultos, 156 batizados de crianças e 14 abjurações.²⁵⁴

[...] a Diocese promoveu, assim um encontrão, era os redentoristas pra cá, para o Piauí. Aí vieram para Teresina, então houve as missões. As missões! Dessas missões eu me lembro muito bem. Era colocada em vários locais e *onde houvesse maior quantidade de pessoas, assim na freqüência de novenas, na paróquia, ali seria o local onde os redentoristas iam fundar sua paróquia*. Ficar no Piauí. *Estão aqui na Vila Operária, ela foi a maior quantidade de pessoas na época com a missão que eles fizeram*. Então por isso mesmo que formou redentoristas aqui [...] ²⁵⁵ [Grifo nosso]

As santas missões quando eles vieram pra receber, pra conhecer se era, se valia a pena vir trabalhar aqui em Teresina, no Piauí. Aí a coisa mudou né? Começou a mudar totalmente, *a crença das pessoas aumentou também*. [...] E na proporção que as santas missões chegaram que *houve festejo* aquilo foi festejo, *uma festa*

²⁵³ SANTAS Missões em Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XVIII, n. 33, p.1, 22 ago. 1954.

²⁵⁴ ESTATÍSTICAS das missões gerais de Teresina. *O Dominical*, ano XXIII, n. 23, p.5, 07 de jun. de 1959.

²⁵⁵ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

muito bonita [...] Era procissão, missa tudo, foi santas missões mesmo né? [...].²⁵⁶ [Grifo nosso]

As santas missões foram apropriadas pelos moradores como sendo uma experiência feita pelos missionários que desejavam conhecer a realidade das paróquias de Teresina para então escolher em qual deveriam se instalar. Nesse sentido identificam o bairro Vila Operária como sendo o mais religioso e devoto, onde as pessoas participaram com mais empenho das celebrações religiosas durante as missões, influenciando assim na escolha dos redentoristas. O jornal *O Dominica*²⁵⁷ confirma a superioridade dos números em relação à atuação dos redentoristas na Vila e, claro, à participação popular, sendo que só foi superada em número de comunhões para a Paróquia de São Benedito, a qual distribuiu 28.100 partículas entre seus paroquianos, e na quantidade de abjurações da paróquia do Amparo, que foram 17.

[...] e nessa época os redentoristas fizeram muito movimento, muitas pessoas que viviam um relacionamento não religioso, junto como o povo costuma dizer. Eles casaram essas pessoas, batizaram [...] que viviam juntos muitos anos, eles fizeram aquele *casamento dentro da Igreja, na religião*, então foi assim que os padres redentoristas ficaram aqui.²⁵⁸ [grifo nosso]

Na fala da moradora percebemos que, através das missões, a Igreja desempenhou uma função moralizadora, reconhecendo e oficializando relacionamentos através do casamento religioso, reforçando assim o poder simbólico que exerce sobre seus seguidores, que a reconhecem como autoridade e norteadora de suas práticas religiosas e sociais. A significativa quantidade de batizados de adultos e de crianças durante as missões também reforça a idéia de que a Igreja, através dessa prática religiosa, garante a inserção de mais fiéis à religião católica.

A experiência e carisma dos missionários contribuiu de forma significativa para a motivação dos moradores do bairro, os quais recordam com entusiasmo aquela época das missões, que pelo seu caráter extraordinário também assumiu uma dimensão festiva entre seus participantes. O encerramento das missões na Vila

²⁵⁶ Sebastião Pinheiro de Aragão. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 27 mai. 2008.

²⁵⁷ ESTATÍSTICAS das missões gerais de Teresina, op. cit., p. 5.

²⁵⁸ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

Operária, segundo nos informa o senhor Aragão, se deu com uma grande procissão, em que os moradores conduziram a cruz missionária pelas ruas do bairro, cravado-a em frente à Igreja de São José Operário, marcando assim a conclusão dos trabalhos desenvolvidos naquela paróquia.

[...] No encerramento das missões foi uma festa muito bonita, foi uma procissão. Muita gente, gente, gente que admirava mesmo que carregava aquela cruz monstra, [grande] quatro metros de comprimento, de aroeira, madeira grossa, uns vinte por vinte. O pessoal carregava. Aí foi cravada bem no centro, na frente da igreja onde hoje tem. [...] Aquela foi cravada no tempo das santas missões. Aí foi cravada aquela cruz aí terminou as santas missões e eles [refere-se aos padres redentoristas] foram embora né? ²⁵⁹

O encerramento das Missões Gerais aconteceu em 31 de maio com uma cerimônia que constou de duas partes. O início se deu com uma procissão solene que saiu do adro da Igreja de São Benedito, com carro-andor que conduzia o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e carros alegóricos com temas marianos e bíblicos. De acordo com *O Dominical*, ²⁶⁰ o povo de Teresina nunca tinha visto nada igual em beleza e emoção. A procissão chegou ao adro da Catedral das Dores, onde foi realizada uma missa campal, sendo feita a renovação das promessas do batismo. Os padres missionários ali reunidos apresentaram seus agradecimentos e despedidas ao povo.

2.3.2 Os missionários redentoristas assumem a administração da Paróquia de São José Operário

Os primeiros missionários redentoristas a aceitarem o convite feito pelo Arcebispo de Teresina para assumirem uma paróquia na capital foram os norte-americanos da Província de Manaus, que assumiram a administração da Paróquia de São José Operário em agosto de 1960. Depois de negociações entre o superior

²⁵⁹ Sebastião Pinheiro de Aragão. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 27 mai. 2008.

²⁶⁰ ENCERRAMENTO das missões. *O Dominical*, Teresina, ano XXIII, n. 22, p.1, 31 mai. 1959.

da província e o Arcebispo foi acertado o acordo e marcada a data em que iriam se estabelecer na cidade.

Esteve em Teresina, em dias da semana passada, o Revmo. Sr. Padre João C.S.S.R. Provincial dos Padres Redentoristas americanos. S., Revma. Veio acertar com o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano as últimas démarches para a instalação dos Redentoristas em Teresina, o que se efetuará, definitivamente, no mês de agosto próximo vindouro. A 15 daquele mês, eles tomarão posse da paróquia de São José Operário, na Vila Operária. [...] ²⁶¹

A instalação dos missionários redentoristas na capital foi exaltada pelo jornal *O Dominical* como uma graça para os católicos piauienses, pois, através do esforço do Arcebispo Dom Avelar, este conquistou mais sacerdotes para auxiliá-lo nos trabalhos assistencialistas desenvolvidos pela Diocese de Teresina.

No dia 15, Assunção da Santíssima Virgem, chegaram a Teresina, para aqui se instalarem definitivamente, os Revmos. Padres Redentoristas. Constitui, sem sombra de dúvida, esta chegada, *uma graça autêntica dos céus para os católicos piauienses*.

A comunidade dos padres Redentoristas instalada na Vila Operária está constituída dos Revmos. Padres Tiago Springer, Pascoal Stenger e do Irmão Gabriel Medic.

No mesmo dia 15, o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano empossou o Padre Tiago no cargo de Vigário da Paróquia de São José Operário.

A vinda dos Padres Redentoristas para o Piauí foi mais uma das grandes conquistas de Dom Avelar. ²⁶² [grifo nosso]

Entre os moradores do bairro Vila Operária encontramos diferentes explicações para a escolha do local de atuação dos missionários redentoristas em Teresina

[...] Então, foi escolha dos redentoristas. Foi esse bairro que eles 'não nós queremos é este bairro, é a Vila Operária, gente pobre. A nossa ordem é justamente pra isso, finalidade é essa, é tratar do pobre'. Então escolheram aqui a Vila Operária. [...] E aí o Arcebispo mandou o que eles escolheram aqui. Qual das paróquias eles queriam [...]. Eram as missões que os redentoristas vieram fazer nos bairros, em todos os bairros de Teresina, inclusive aqui no bairro Vila Operária e que foi em 59. Aí em 60, eles já se instalaram aqui. ²⁶³

[...] Eles procuraram qual era o bairro que eles queriam aqui, se era a Vermelha, lá na igreja de Lourdes. Aí disseram que não! Que aqui ficava mais perto do aeroporto, ficava tudo. Aqui o bairro tava

²⁶¹ PROVINCIAL dos redentoristas. *O Dominical*, Teresina, ano XXIV, n.12, p.1, 20 mar. 1960.

²⁶² PADRES redentoristas. *O Dominical*, Teresina, ano XXIV, n. 34, p.1, 21 ago. 1960.

²⁶³ Gumerindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

elevando, aí eles ficaram. Pediram aqui, o bispo ficou com eles aqui.²⁶⁴

[...] a Diocese promoveu assim um encontrão de era os redentoristas pra cá, para o Piauí. Aí vieram para Teresina, então houve as missões. [...] era colocado em vários locais e onde houvesse maior quantidade de pessoas assim na freqüência de novenas na paróquia ali seria local onde os redentoristas iam fundar sua paróquia. [...] Então aqui na Vila Operária ela foi a maior quantidade de pessoas na época com a missão que eles fizeram. Então por isso mesmo que formou redentoristas aqui [...]²⁶⁵

Na primeira fala percebemos que o morador se apropria do discurso dos padres e fala como se fosse os mesmos justificando a escolha do bairro por ser habitado em sua maioria por pessoas pobres, o que estaria de acordo com a missão dos missionários que é dar assistência aos pobres. Deixa claro na sua leitura do fato que foram os redentoristas que escolheram a paróquia onde gostariam de desenvolver seu trabalho de assistência em Teresina.

Na segunda fala destacada, a explicação para a escolha do bairro teria sido o fato de o bairro ficar próximo ao aeroporto, e os padres, por serem estrangeiros, precisariam viajar com freqüência. Seria, portanto, uma questão de praticidade por parte dos missionários.

No terceiro relato, a moradora entrevistada destaca a participação dos moradores do bairro nas missões populares como sendo o fator favorável à escolha da Paróquia de São José Operário pelos Redentoristas. Percebemos nas falas dos moradores um ponto em comum: os padres foram convidados pela Diocese, através de Dom Avelar, para virem trabalhar em Teresina, mas foram eles, os missionários, quem escolheram o local onde deveriam se instalar na capital.

A partir da fala dos moradores entrevistados, constatamos que o trabalho desenvolvido pelos padres redentoristas, caracterizado pela disciplina e organização das atividades a ser desenvolvidas, favoreceu o desenvolvimento da Paróquia de São José Operário, assim como do bairro Vila Operária.

[...] quando chegaram os redentoristas eles mantiveram o festejo também, mas com o tempo foi melhorando e nesse tempo com os padres redentoristas houve muito avanço viu? No sentido religioso foram criadas diversas pastorais né? [...]²⁶⁶

²⁶⁴ Maria Teixeira Rodrigues. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 04 mai. 2008.

²⁶⁵ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

²⁶⁶ Iraci Oliveira da Siva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

[...] A melhoria do bairro é o seguinte, o bairro cresceu de acordo com a, como é que se diz? Com o trabalho da igreja, com os redentoristas e igrejas, sabe que os redentoristas que eles colocaram ordem também no trabalho. Que no tempo do Padre Carvalho, a pessoa não tinha hora pra ir confessar, batizar, pra casar. Com eles não! Tudo cronometrado direitinho aí. Batizado só domingo, casamento dia tal, tudo em ordem. Pessoal até ficava assim, um pouco ressentido porque achava que tava, mas não é! É questão de ordem. Esse povo estrangeiro é muito organizado!²⁶⁷

No mesmo ano em que os Redentoristas chegaram à Teresina, o Arcebispo promoveu um evento religioso de grande repercussão na cidade. Trata-se do Primeiro Congresso Eucarístico de Teresina [Fotografia 13] que envolveu todas as dioceses do Piauí, objetivando reavivar a fé católica através da prática do sacramento da eucaristia como também festejar o jubileu sacerdotal de Dom Avelar. Segundo Luciana Pereira²⁶⁸, o Congresso foi programado para ser o maior evento religioso da história da Igreja Católica do Piauí.



Fotografia 13 - Dom Avelar presidindo celebração religiosa no átrio da Igreja São Benedito durante o I Congresso Eucarístico de Teresina em 1960.

Fonte: Arquivo particular do Padre Tony Batista.

²⁶⁷ Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

²⁶⁸ PEREIRA, Luciana de Lima. op. cit., 2008, p. 86.

Em 1965, o Piauí foi entregue aos redentoristas irlandeses, fato que exigiu grande sacrifício da Congregação Redentorista, pois o número de padres no período era muito reduzido. Durante esse ano, a vice-província de Fortaleza, com os padres irlandeses, assumiu paulatinamente a Paróquia de São José Operário. Contaram com a orientação dos confrades americanos da vice-província de Manaus, os quais desde 1960, administravam a paróquia.

Essa primeira metade da década de 1960 foi marcada pelas dificuldades financeiras enfrentadas pela província mãe e pela saída de grande parte dos seminaristas da congregação devido à situação de incerteza ocorrida após o Concílio Vaticano II. Os padres americanos marcaram presença através do carisma com que desenvolveram o trabalho missionário na Paróquia de São José Operário, como constata Padre Paulo Turley: “Eu cheguei a Vila no mês de fevereiro do ano de 1966. O povo ainda falava dos padres americanos com muito carinho [...]”. Também recorda-se com certo saudosismo uma paroquiana:

[...] no período em que a paróquia era dirigida pelos americanos, além dos movimentos já existentes como Legião de Maria, Vicentinos, Coral, Catequese, JOC foram criados a Confraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Cruzadinha com as crianças de 07 a 14 anos, o Coral Infantil e MOCAT [Movimento Católico].
[...] Não me recordo a data de troca de província dos Padres Redentoristas de Fortaleza com a província de Manaus. Sei que foi com tristeza que os paroquianos se despediram daqueles missionários, pois já tínhamos acostumado com os americanos e de repente a troca com os irlandeses.²⁶⁹

A primeira década de atuação dos padres redentoristas em Teresina foi marcada ainda pelo discurso anticomunista, que, de acordo com Marylu Oliveira,²⁷⁰ pode ser classificado a partir dos matizes facista, conservador, anticlerical, desenvolvimentista, liberal e democrático.²⁷¹ A posição combativa da Igreja Católica

²⁶⁹ Maria das Graças Sá, relato escrito cedido à equipe paroquial responsável pela edição da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José Operário, em 2007.

²⁷⁰ OLIVEIRA, Marylu. *Contra a foice e o martelo*: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal O Dia. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2007, p.66.

²⁷¹ Segundo Marylu Oliveira, o discurso jornalístico sobre o comunismo em Teresina, na década de 1960, foi dividido em três períodos: no primeiro, de 1959 até a metade de 1960, o comunismo era considerado algo distante da população piauiense. Nesse período, as críticas anticomunistas eram configuradas a um plano internacional. No segundo período, da metade de 1960 até maio de 1962,

ao ideário comunista, antes e após o golpe militar, em Teresina, serviu de referência para os diferentes segmentos sociais que recorriam a expressões religiosas para convencer a população do eminente mal que tal regime poderia trazer a sociedade.

[...] a maior parte dos discursos construídos nos jornais, tanto por políticos, como por jornalistas, ou mesmo por intelectuais, fundamentavam-se nas ações divinas. Tal fato revela a importância da Igreja Católica na sociedade piauiense naquele período”.²⁷²

De acordo com Jesualdo Cavalcanti ao referir-se à ditadura militar, “[...] quem não aplaudisse a nova ordem corria o risco de ser considerado subversivo, comunista, [...]”²⁷³. Ao analisar as posturas das pessoas que apoiavam o regime militar e daquelas que se sentiam ameaçadas pelo mesmo, o autor destaca as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, realizadas na Vila Operária como tática de defesa por parte de pseudodevotos que passaram a freqüentá-las

Ao lado de pessoas sinceras e ideologicamente identificadas com o novo regime, não eram poucos os que, marcados por um passado um tanto quanto nebuloso, tentavam limpar a própria folha corrida apelando para a deduração ou mesmo fazendo o possível para mostrar as caras, em *fingida contrição, nas novenas da paróquia de São João*²⁷⁴ da Vila Operária, cujos *padres, estrangeiros todos, esmeravam-se em promover cerrada pregação anticomunista.*²⁷⁵
[grifo nosso]

Ser praticante de uma devoção católica consistia, na época, em uma posição pública de compromisso com a tradição da Igreja Católica, logo contrária às idéias comunistas. As novenas, segundo o autor, funcionaram então como refúgio daqueles que, por vários motivos, não desejavam ser acusados de comunistas em Teresina.

Observamos nos relatos dos padres Redentoristas que atuaram na Paróquia de São José Operário nas décadas de 1970 e 1980 que, nesse período, houve um maior envolvimento dos religiosos e de sua paróquia com os problemas sociais,

o comunismo passa a ser percebido como parte presente nas instituições brasileiras, infiltrando-se no corpo do Estado do Piauí. O terceiro vai de 1963 a 1966, período em que o comunismo estava alojado no Estado do Piauí por iniciativa do governador Chagas Rodrigues. Cf. OLIVEIRA, Marylu. op. cit., 2007, p. 64.

²⁷² Ibid., p. 73.

²⁷³ BARROS, Jesualdo Cavalcanti. op. cit., 2006, p.192.

²⁷⁴ O autor se equivoca, pois o padroeiro da Vila Operária é São José e não São João como cita no seu livro.

²⁷⁵ BARROS, Jesualdo Cavalcanti. op. cit., 2006, p.195.

motivando a ação dos mesmos: “Dom Avelar deu um grande impulso ao atender as necessidades sociais do povo através dos seus centros e o famoso Leão XIII é um exemplo disso”, diz Padre Paulo Turley.

De acordo com o Padre Mateus O’Sullivan, a década de 1970, apesar da linha dura da ditadura, foi marcada pelo aparecimento de pastorais sociais, formação de círculos bíblicos, crescimento e articulação das Comunidades Eclesiais de Base [CEBS]. Na época, foi criada a Paróquia da Santíssima Trindade, que compreendia os bairros Primavera, Água Mineral, Buenos Aires e Memorare. Criou-se ainda um conselho paroquial de pastoral com representantes de todos os bairros que pertenciam à Paróquia de São José Operário.

A visita do Papa João Paulo II a Teresina no ano de 1980, ao ser lembrada pelo Padre Mateus, nos leva a perceber que existia certo posicionamento dos jovens leigos da paróquia no que se refere à crítica e à denúncia da política social do regime militar [Fotografia 14].

[...] É bom lembrar um momento marcante na história da Paróquia de São José Operário. Com a visita do Papa João Paulo II à Teresina em 1980, a Pastoral da Juventude da paróquia preparou uma faixa que disse ‘Santo Padre, o Povo Passa Fome’. O Papa viu a faixa e rezou ‘Pai Nosso, o povo passa fome’. Com isso, agentes da polícia prenderam os jovens e a faixa sumiu. Foram horas de tensão até que os jovens foram libertados da delegacia. Os policiais queriam implicar o Padre Estevão [missionário redentorista].²⁷⁶

²⁷⁶ Padre Mateus O’Sullivan, missionário redentorista. Relato escrito fornecido à equipe paroquial responsável pela organização da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José Operário, 2007.



Fotografia 14 - Protesto durante a visita do Papa João Paulo II a Teresina.
 Fonte: *O Dia*, ano XXIX, n. 7.305, p.7, 09 jul. 1980.

O Jornal *O Dia* narra o episódio citando interferência de padres em favor dos jovens presos devido à manifestação durante a visita do papa. O nome de um padre que não pertencia à congregação religiosa redentorista foi citado. Era ele responsável pela administração da Paróquia de São João Evangelista do Parque Piauí, bairro conhecido na cidade por movimentos em defesa de melhorias para seus moradores.

Duas faixas chamaram atenção do povo, imprensa, autoridades e órgãos de segurança, por ocasião da visita do Santo Padre ontem a Teresina. Uma delas, a maior com letras garrafais pretas dizia: 'Santo Padre o povo passa fome' e a outra menor, porém com letras também grandes afirmava: 'Piauí, povo sem vez'. [...] a imprensa divulgou. Notava-se entre os organismos de segurança um corre-corre para evitar que as faixas fossem exibidas quando da presença do Papa.

Isso não aconteceu porque quando o Papa discursava, a faixa da fome foi levantada e João Paulo II acabou lendo o que nela estava escrito. Com a voz pausada e apontando com o dedo ele leu depois de haver rezado o Pai Nosso com a multidão: 'pai, o povo passa fome'. [...] As pessoas que seguravam - na agitaram como que felizes por haverem atingido os objetivos, isto é, ser vista a faixa pelo Papa. [...]

Mas a exibição dessa faixa causou transtornos aos seus idealizadores. Os donos do manifesto foram parar no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Mais tarde, cinco padres, foram a Polícia pedir a libertação dos implicados. Saiu a informação de que

o padre Roberto Agustini, vigário do Parque Piauí comandou o movimento. No DOPS a imprensa não pode saber os nomes das pessoas envolvidas com o fato. O nome do padre Roberto vazou por uma fonte extra.²⁷⁷

Nas décadas de 1980 e 1990, a paróquia passou por um período de expansão de suas atividades pastorais. “Foi um tempo de construção e melhorias nas comunidades”, afirma Padre Cornellius Kennesuy,²⁷⁸ que, sobre a atuação dos padres redentoristas na época, destaca:

[...] devido a extensão da paróquia alguns padres moraram nas olarias visando dá maior assistência a população do local. Neste tempo houve muita ênfase sobre o lado social. Nas olarias houve o sindicato dos oleiros que o Padre Eduardo acompanhou. As vezes houve ocupação (invasões) que os redentoristas apoiaram naquela área entre o Conjunto dos Moradores e as Olarias. [...] entre os anos 91/92 houve a articulação sobre a divisão da paróquia. No fim foram formadas duas novas paróquias – uma com sede em Itaperu, outra no Mafrense.

Além dos desmembramentos ocorridos na Paróquia de São José Operário, o período também foi marcado por reflexões em torno da ação missionária dos padres redentoristas em Teresina, pois estes começaram a questionar se deveriam sair ou não da Vila Operária, transferindo-se para um bairro mais pobre. De acordo com Padre Cornellius, as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que já se constituíam em uma tradição no bairro, foram o principal fator que determinou a permanência dos redentoristas na paróquia. Ao refletir sobre o fato, conclui o missionário: “no fim penso que ficamos na Vila por causa da novena e a possibilidade de atender os pobres nas novenas”.

Ao longo dos 50 anos que sucederam a criação da Paróquia de São José Operário, foram edificadas seis capelas, três centros pastorais e uma comunidade na abrangência de seu território²⁷⁹. Com a criação de novas paróquias, o seu território foi desmembrado, ficando a Paróquia de São José Operário composta

²⁷⁷ PROTESTO causa prisão no DOPS. *O Dia*, ano XXIX, n. 7.305, p. 9, 09 jul. 1980.

²⁷⁸ Padre missionário redentorista, pároco de São José em 1990.

²⁷⁹ Os centros criados foram os de Nossa Senhora das Graças, no bairro Matadouro; de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro Matinha e Centro Comunitário dos Oleiros, na Avenida Boa Esperança. As capelas foram as de Nossa Senhora da Conceição, no bairro Acarape; de São Francisco, no bairro Parque Alvorada; de Nossa Senhora de Fátima, no bairro Nova Brasília; de São Joaquim das Mangueiras; de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro Mafrense; de São Miguel, no bairro Alto Alegre, e a comunidade do Itaperu.

atualmente por seis comunidades: Nossa Senhora das Graças, no bairro Matadouro; Nossa Senhora Aparecida, no bairro Matinha; Santo Afonso, no Conjunto dos Moradores; Nossa Senhora da Conceição, no bairro Acarape; Nossa Senhora de Fátima, em Bom Jesus, e Vila Operária.

Nas atividades pastorais, a paróquia conta com os movimentos: Pastoral da Criança, Legião de Maria, Apostolado da Oração, Pastoral do Idoso, Pastoral Vocacional, Pastoral Catequética e Pastoral Litúrgica. Com base em um cadastro de famílias carentes, a paróquia fornece cestas básicas mensais e oferece um cursinho comunitário que visa preparar os jovens paroquianos de baixa renda para ingressar na universidade.



Fotografia 15 - Santas Missões Populares na Paróquia de São José Operário, 1999.

Fonte: Arquivo da Paróquia de São José Operário.

As principais práticas que caracterizam o trabalho missionário dos padres redentoristas continuam sendo desenvolvidos na Paróquia de São José Operário, a assistência aos pobres, as santas missões populares [Imagem 15] e as tradicionais novenas de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro.

3 CULTO MARIANO NA VILA OPERÁRIA: o ritual das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Novena na Vila Operária.

Fonte: *O Dia*, Teresina, ano XXVIII, n. 7.078, p.9, 30 mai. 1979.

*Tem a Igreja Matriz
Oito centros comunitários
Cinco capelas também
Na matriz o Santuário
Onde juntos celebramos
Toda terça o novenário*

(Poeta José Bezerra de Carvalho)

A novena consiste em uma reza ou devoção feita geralmente durante nove dias consecutivos em honra de um santo por ocasião de sua festa ou em caráter particular, principalmente para obter uma graça ou como forma de pagamento por uma graça já alcançada. No caso das novenas perpétuas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os devotos assumem o compromisso de freqüentar nove novenas em nove terças feiras consecutivas, sendo que, na maioria das vezes, passam a praticá-las por toda a vida. Divulgando-a entre parentes e amigos, perpetua-se o compromisso assumido, dando, assim, ao ritual um caráter de continuidade através de gerações. Neste capítulo, analisamos a influência da tradição cultural portuguesa na formação do sentimento religioso popular brasileiro, as motivações e elementos constituintes das devoções, sobretudo as novenas, assim como apresentamos uma descrição densa do ritual religioso e as diferentes formas de apropriação do mesmo pelos devotos.

3.1 Devoção mariana no Brasil

Ao optarmos pelas novenas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como objeto de estudo, no contexto da devoção popular católica, verificamos que, apesar de serem uma prática religiosa aceita pelo povo, de maneira geral, as novenas são pouco citadas nas obras que relatam a devoção popular a Maria.

Constatamos ainda que o culto mariano, ou melhor, a devoção a Maria não possui uma tradição historiográfica específica, mas tangencia as abordagens feitas por aqueles que se destacam na produção historiográfica sobre religiosidade no Brasil.

A devoção popular portuguesa a Maria é oficialmente reconhecida quando Dom Alfonso, dois anos após a fundação do Reino de Portugal, em 1142, coloca a nação sob seu amparo, invocando-a como a mãe e protetora de todos os portugueses²⁸⁰. Constituiu-se seu culto como elemento característico da cultura portuguesa, sendo que, em 1646, o então rei Dom João IV tomou Nossa Senhora da Conceição como

²⁸⁰ Segundo Clodovis Boff, a influente imagem de Maria na história social dos povos católicos na época moderna, tem dentre outras características, a consagração dos diversos reinos a Maria, que passa a ser a patrona, portanto, protetora da nação, passando a ser invocada como auxílio dos cristãos, capitã dos exércitos católicos contra os protestantes e conquistadora em relação às novas terras descobertas. Cf. BOFF, Clodovis. *Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 274.

padroeira do reino de Portugal²⁸¹. Ao chegarem ao Brasil, os portugueses trataram de reconstituir aqui seu universo religioso, consagrando-lhe templos, vilas, propriedades rurais, mosteiros e embarcações com diferentes denominações da Virgem. Grande parte das devoções marianas surgidas no século XVI em Portugal chegou às colônias com as expedições marítimas que tinham dentre outros objetivos expandir o império e levar o cristianismo aos povos considerados infiéis. A Virgem Maria no Brasil colonial, segundo nos informa Luiz Mott²⁸², fez-se presente em nossa história já de início com uma das caravelas de Cabral que tinha como nome Nossa Senhora da Esperança. O universo religioso dos colonizadores se perpetuou, por exemplo, através das

“[...] invocações de origem portuguesa a Nossa Senhora da Boa Esperança, do Amparo, da Boa Viagem e da Ajuda dos navegantes, tais invocações estavam relacionadas às longas e perigosas travessias marítimas durante as quais navegadores e marinheiros apelavam à Virgem Maria com medo do desconhecido, de tempestades, corsários e piratas”²⁸³.

Afirma Luiz Mott, com base em farta evidência documental e relatos de viajantes, que a Virgem se fazia presente no dia a dia dos brasileiros das mais variadas formas: era festejada através das 17 festas maiores constantes no calendário litúrgico²⁸⁴, sendo que cada freguesia venerava Maria sob diferentes títulos, e, dentre as orações católicas, dava-se preferência à Ave Maria, à reza do terço à ou do Rosário.

Andando pelas ruas e praças das vilas e cidades coloniais, além dos templos e capelas, o caminhante deparava-se com inúmeros oratórios públicos dedicados à Rainha das Virgens. Via de regra todas as pessoas carregavam no pescoço as contas do rosário ou o escapulário e bentinhas de Nossa Senhora do Carmo, e tanto nas

²⁸¹ No Nordeste o culto a Nossa Senhora da Conceição teve início na Bahia, em 1549, quando Tomé de Sousa chegou a Salvador trazendo uma escultura da santa. Foi a protetora da colônia e proclamada Padroeira do Império Brasileiro por Dom Pedro I.

²⁸² MOTT, Luiz. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição*. Campinas: Papyrus, 1989, p.135 - 137.

²⁸³ SENHORA d'ajuda: muito além de Portugal. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/relegpopularajuda.htm>>. Acesso em: 22 set. 2007.

²⁸⁴ As 17 festas litúrgicas da Virgem relacionadas por Luiz Mott eram: Purificação (02/02), Nossa Senhora de Lourdes (11/02), Anunciação (25/03), Nossa Senhora das Dores (6ª feira da Paixão), Visitação (02/07), Nossa Senhora do Carmo (16/07), Nossa Senhora das Neves (05/08), Assunção (15/08), Coroação de Maria (22/08), Natividade (08/09), Santo Nome (12/09), Nossa Senhora das Dores (15/09), Nossa Senhora das Mercês (24/09), Nossa Senhora do Rosário (07/10), Maternidade (11/10), Apresentação (21/11), Conceição (08/12). Cf. MOTT, Luiz. op. cit., 1989, p.138.

casas grandes como nas senzalas e cadeias, à noitinha, todos rezavam o terço. [...] ²⁸⁵

O referido autor enfatiza ainda que a devoção à Mãe de Deus em nosso país foi fundamental para a criação de uma série de associações religiosas e assistenciais, irmandades que congregavam diferentes categorias sociais e étnicas. Maria passou a ser objeto de verdadeira adoração de pessoas humildes e de representantes das camadas mais instruídas. O autor faz a ressalva de que os luso-brasileiros exageravam na devoção à Virgem, enfatizando que o clero estimulou a devoção mariana através da distribuição de terços e escapulários de Nossa Senhora do Carmo, abençoando a constituição de irmandades, confrarias e exercícios pios dedicados à Maria. Faz referência ainda à primeira visitação da Inquisição à Bahia e às outras partes do Nordeste, onde freqüentemente foi dada como penitência aos infratores a obrigação de rezar o terço e outras preces marianas ²⁸⁶.

Destaca-se que Maria é imposta pela Igreja como modelo a ser seguido, sobretudo por aqueles implicados em pecados contra a castidade. Ronaldo Vaifas ²⁸⁷, no livro *Brasil de todos os santos*, considerando a política de povoamento das colônias e a importância dada à mulher no seu papel de mãe e esposa, na época moderna, percebe que a Virgem Maria foi apresentada como “[...] modelo de comportamento para a cristandade [...] devendo servir de referência àquelas que deveriam ser transmissoras das virtudes morais que caracterizavam os bons súditos e os bons cristãos”. Segundo Ronaldo Vaifas, no âmbito das reformas protestantes e da Contra-Reforma Católica, o crescimento da devoção mariana fez parte de um movimento maior de reação da Igreja Católica: “[...] o culto à Virgem foi ganhando novo reforço e novo papel na estratégia da Igreja. Seu culto foi se transformando em símbolo da identidade religiosa e de fidelidade à Igreja Católica na luta contra o protestantismo” ²⁸⁸. A divulgação do culto a Maria feita pelos missionários, motivado por aparições e imagens, funcionou como estratégia facilitadora da conversão à fé

²⁸⁵ MOTT, Luiz. op. cit., 1989, p.138.

²⁸⁶ Ibid., p.157-158.

²⁸⁷ VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 44.

²⁸⁸ Ibid., p. 44.

católica, a qual teve Maria e os santos padroeiros como fortes e eficientes recursos de catequização.²⁸⁹

Tratando de catequização no Brasil, recordamos a atuação do padre jesuíta José de Anchieta e seus companheiros, que também deram lugar central a Maria na evangelização do nosso país. Prova de devoção à Virgem foi a composição da obra poética por Anchieta intitulada *De Beata Virgine Matre Dei Maria*, com quase seis mil versos. É considerado o primeiro grande poema escrito nas terras brasileiras e valeu ao padre o título de “primeiro mariólogo jesuíta”.²⁹⁰

O resultado do processo de evangelização realizado no Brasil é analisado por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, obra na qual aborda a temática da religiosidade enquanto prática cultural importante para a compreensão da sociedade colonial. Freyre aponta como herança cultural portuguesa o culto exacerbado e afetivo aos santos católicos.

Em Portugal, como no Brasil, enfeitam-se as tetéias de jóias, de braceletes, de brincos, de coroas de ouro e diamante as imagens das virgens queridas ou dos Meninos-Deus como se fossem pessoas da família. Dão-lhes atributos humanos de rei, de rainha, de pai, de mãe, de filho, de namorado. Liga-se cada um deles a uma fase da vida doméstica e íntima.²⁹¹

Segundo Laura de Mello e Souza, Freyre inscreveu na sua explicação aquilo que denomina de catolicismo de família, estando a religiosidade subordinada à estrutura econômica dos engenhos de açúcar, integrando, assim, o triângulo casa grande-senzala-capela. Freyre enfatiza ainda que a igreja realmente atuante na formação brasileira é aquela representada pela capela.

Os jesuítas sentiram, desde o início, nos senhores de engenho, seus grandes e terríveis rivais. Os outros clérigos e até mesmo frades acomodaram-se, gordos e moles, às funções de capelães, de padres-mestres, de tios-padres, de padrinhos de meninos; à confortável situação de pessoas da família, de gente de casa, de aliados e

²⁸⁹ De acordo com registros em relatos de missionário, as aparições de Nossa Senhora foram significativas no processo de conversão dos índios à fé católica. O primeiro relato no Brasil de aparição da Virgem em sonhos foi à mulher índia de Diogo Álvares (Caramuru) em torno de 1534. Sobre o culto dedicado a imagens encontradas no litoral em decorrência de naufrágios das embarcações portuguesas. Cf. ANDRADE, Maristela Oliveira de. *500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002, p. 63 - 64.

²⁹⁰ BOFF, Clodovis. op. cit., 2006, p. 228.

²⁹¹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 225.

aderentes do sistema patriarcal, no século XVIII muitos deles morando nas próprias casas-grandes.²⁹²

Mello e Souza critica a abordagem de Freyre por restringir a análise ao âmbito da casa-grande e à atuação do branco colonizador católico, observando que Freyre, em “sua explicação relega as manifestações indígenas à mata sombria, e as africanas à insalubridade da senzala”.²⁹³ Admite, por sua vez, que Freyre mostrou muito bem o lado afetivo da religiosidade colonial, como também a familiaridade no trato com os santos, no entanto o critica por ter centralizado sua interpretação nas manifestações culturais da elite, sobretudo nordestina, deixando de lado as práticas e crenças das camadas médias e inferiores da sociedade.²⁹⁴

No livro *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, Laura de Mello e Souza faz um estudo sobre feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial, demonstrando que a compreensão para as práticas religiosas brasileiras encontram-se no próprio processo da colonização, que, ao contrário do que defendia Gilberto Freyre, forjou uma convivência tensa entre povos e crenças tão diversas, o que contribuiu para a formação de um sincretismo dinâmico, híbrido e multifacetado. De acordo com Mello e Souza, os traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturavam-se na colônia, tecendo uma religião sincrética e especificamente colonial.²⁹⁵

A autora ainda destaca os temores e perseguições sofridas pelos colonos com a atuação do Tribunal do Santo Ofício nas suas visitas à colônia brasileira. Foi através da análise da documentação deixada pelas incursões do Tribunal do Santo Ofício que se desvendaram segredos cotidianos, dúvidas, incertezas, raivas e inconformismos envolvendo pessoas de diferentes segmentos sociais, os quais a religião oficial não conseguia resolver.

No que se refere ao culto a Maria, Mello e Souza aponta que “o culto à Virgem e sobretudo, aos santos é um dos componentes da religiosidade popular em que é mais nítida e perceptível a afetivização”²⁹⁶. A mesma autora chama atenção para as conseqüências do excesso de intimidade e da popularização da devoção mariana quando diz que “cultuando a Virgem nas igrejas, nas capelas, nas procissões e

²⁹² FREYRE, Gilberto. op.cit., 1996, p.195.

²⁹³ SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 87.

²⁹⁴ Ibid., p. 119.

²⁹⁵ Ibid., p. 97.

²⁹⁶ Ibid., p.115.

confrarias, sincretizando-a conforme avança a colonização, os colonos brasileiros carnavalizaram-na e desacataram-na na religiosidade cotidiana”.²⁹⁷

Dentre os muitos exemplos citados por Mello e Souza no que se refere à relação do colono com o culto a Maria, destacamos, como ilustração, três casos pesquisados pela historiadora nas denúncias e devassas da Inquisição:

Por volta de 1747, em Conceição de Mato Dentro, capitania de Minas Gerais, Maria da Costa dizia a uma mulher com quem brigava que a esbofetaria, pois era mulher capaz de dar uma *bofetada em Nossa Senhora do Pilar*, alguns anos depois ainda em Minas, desta vez no Sabará, a negra mina Rosa Gomes vendo-se desesperada, certo dia em sua casa entre quatro paredes, solitária e sem ventura, pedia aos santos e lha não davam, e não achando pau nem corda para se enforcar, assim desesperada e fora de si, *partiu a facção as imagens de Nossa Senhora, Santo Antonio, inclusive o menino Jesus*, decepando-lhes a cabeça e arrancando-lhes os braços; por último o caso do cristão-novo Bento Teixeira que *jurava pelo pentelho da Virgem*, ressaltando assim, suas características humanas e femininas.²⁹⁸ [grifo nosso]

Em seu trabalho, a autora procurou mostrar que a religião, seus símbolos e dogmas ocupavam espaço considerável nas preocupações cotidianas do homem colonial fosse com postura de respeito e devoção, fosse como repúdio e contestação.

Na perspectiva de distinguir religiosidade de religião bem como práticas vividas de dogmas abstratos, portanto catolicismo oficial do popular, Freyre indica a afetivização da vida religiosa e a sexualização dos santos como traços fundamentais da religiosidade luso-brasileira:

[...] Cristianismo em que o Menino-Deus se identificou com o próprio Cupido e a Virgem Maria e os Santos com os interesses de procriação, de geração e de amor mais do que com os de castidade e ascetismo [...] É Nossa Senhora do Ó adorada na imagem de uma mulher prenhe. É São Gonçalo do Amarante só faltando tornar-se gente para emprenhar as mulheres estéreis que o aperreiam com promessas e fricções²⁹⁹.

²⁹⁷ Ibid., p.116.

²⁹⁸ Ibid., p.116 -118.

²⁹⁹ FREYRE, Gilberto. op. cit., 2002, p. 224.

Segundo Mello e Souza, existia um enorme fosso entre a religião pregada pelos catequistas ou pela Igreja como instituição e as práticas adotadas no dia-a-dia, ressaltando ainda que a mestiçagem religiosa e cultural avançou juntamente com o processo colonizador.³⁰⁰

Dando continuidade à temática do sincretismo religioso no Brasil colonial, citamos o trabalho de Ronaldo Vainfas, *A heresia dos índios*³⁰¹, um estudo de mestiçagem cultural apoiado nos processos do Santo Ofício, no qual o autor destaca a Santidade do Jaguaribe, seita indígena de caráter milenarista, constatando que os jesuítas levavam a palavra de Deus índios, que a entendiam como podiam, criando a Santidade. Outro trabalho que merece destaque no que se refere ao sincretismo afro é *A Rosa Egípcíaca*, de Luis Mott,³⁰² que estuda a trajetória de uma ex-escrava e ex-prostituta que reivindicava santidade até ser presa e processada pela Inquisição.

Sérgio Buarque de Holanda, por vez, ao discutir as raízes da religiosidade popular brasileira, a partir da análise do perfil do homem cordial, na obra *Raízes do Brasil*, vê a intimidade com os santos de forma desrespeitosa: “[...] Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas”.³⁰³ O autor explica que o culto de caráter intimista tem antecedentes na Península Ibérica e que, transposto o período da decadência da religião palaciana, surgiu um sentimento religioso mais humano e singelo. Cada casa quer ter sua capela própria, onde os moradores se ajoelham ante o padroeiro e protetor. Cristo, Nossa Senhora e os santos já não aparecem como entes privilegiados e eximidos de qualquer sentimento humano.³⁰⁴

De acordo com análise de Buarque de Holanda, o homem cordial quer ser íntimo, quer ser amigo, não quer ficar sozinho, assim sendo, busca na esfera religiosa abolir a distância em relação a Cristo, Maria e aos demais santos, tornando-se íntimo dos mesmos. Ser cordial, segundo Sérgio, é agir e reagir em

³⁰⁰SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colonial. In.: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 36.

³⁰¹ VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³⁰² MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

³⁰³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. In: *Intérpretes do Brasil*. SANTIAGO, Silvano. (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.1052.

³⁰⁴ *Ibid.*, p.1053.

sociedade segundo os ritmos do coração, da afetividade, sem se deixar dominar por regras sociais, impolidamente.³⁰⁵

Sérgio Buarque de Holanda destaca que foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, dispensando no fiel todo esforço, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso. Com apoio nos depoimentos de viajantes escandalizados com a falta de compostura dos colonos durante as celebrações religiosas, diz: “[...] a pouca devoção dos brasileiros e até das brasileiras é coisa que se impõe aos olhos de todos os viajantes estrangeiros”.³⁰⁶

É provável que a espontaneidade dos colonos durante os rituais religiosos tenha levado um capelão cioso pela boa conduta dos fiéis e responsável pela instrução das almas que estavam sob sua responsabilidade a exortar:

Zeze que na capela seja Deus honrado e a Virgem Senhora Nossa, cantando-lhe nos sábados as ladainhas, e nos meses em que o engenho não mói, o terço do rosário, não consentindo risadas, nem conversações e práticas indecentes não só na capela mas nem ainda no copiar [alpendre] particularmente quando se celebra o santo sacrifício da missa.³⁰⁷

Para Buarque de Holanda, as práticas religiosas dos brasileiros são concebidas como sendo menos espiritualizadas e mais festivas e íntimas. A esse sentimento “corrompido” atribui a responsabilidade de se ter criado no Brasil uma religiosidade distante da orientação teológica católica, na qual as pessoas não davam atenção ao devido sentido das cerimônias religiosas, deixando-se encantar somente com o colorido e pompa exterior dos rituais religiosos. Baseando-se nos relatos dos viajantes, afirma existir na colônia:

[...] Uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apego ao concreto e em sua rancorosa incompreensão de toda verdadeira espiritualidade.³⁰⁸

³⁰⁵ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.135.

³⁰⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. op. cit., p.1054.

³⁰⁷ MOTT, Luiz. op. cit., 1997, p. 170.

³⁰⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. op. cit., 2002, p.1054.

Ao concluir o capítulo sobre o homem cordial, confirma que este “[...] é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os freqüentemente sem maiores dificuldades [...]”³⁰⁹, o que, em nossa opinião, caracteriza um sincretismo multifacetado no Brasil.

Enquanto Buarque de Holanda critica a intimidade dos devotos com os santos como desrespeitosa, Luiz Mott, por sua vez, ao abordar a intimidade com o santo de casa, percebe essa relação como respeitosa e necessária para suprir as carências dos devotos:

Cada devoto montava “sua” corte celeste privativa: seu anjo da guarda, seus santos protetores e prediletos. Nosso Senhor e a Virgem Maria com suas várias invocações. Os quadros de milagres e ex-votos conservados nos santuários e templos mais populares refletem muito bem a relação íntima e respeitosa dos fiéis com seus oragos, verdadeiras tábuas de salvação nos momentos dramáticos dessa sociedade tão desassistida das artes médicas.³¹⁰

No que se refere à intimidade e humanização das divindades no Brasil colonial, Mott cita o exemplo de Rosa Egipciaca:

O Menino Jesus vinha diariamente pentear-lhe sua dura carapina e que, em agradecimento por esse mimo, Rosa Egipciaca, tal qual as amas-de-leite que abundavam no Brasil escravista, ela própria dava de mamar ao Divino Infante em seu negro peito.³¹¹

Mott destaca os recursos utilizados pelos devotos para manter uma relação de intimidade e aproximação com Maria no âmbito da vida privada dos colonos luso-brasileiros. Logo no batismo dos recém-nascidos, a Virgem é sagrada madrinha do neófito, e conseqüentemente, torna-se comadre dos pais. Prática comum na época e também presente nos dias atuais é a inclusão de um de seus títulos no nome ou sobrenome da criança. Outra manifestação de intimidade com a Mãe Santíssima era a particular devoção das mulheres grávidas com Nossa Senhora do Bom Parto, também chamada de Nossa Senhora do Ó ou da Expectação.

As imagens de Nossa Senhora, como a dos santos prediletos, eram tratadas com piedosa adulação, mas não se deve esquecer que nessa relação de afetivização, que consiste num movimento ambíguo, o afeto e a detração se

³⁰⁹ REIS, José Carlos. op. cit., 1999, p.135.

³¹⁰ MOTT, Luiz. op. cit., 1997, p.173.

³¹¹ Ibid., p.183.

aproximavam muitas vezes: o santo com quem se trocavam confidências era também aquele que, no contexto da economia religiosa do toma-lá-dá-cá, podia se atirar num canto, xingar, odiar em rompantes de cólera ou de insatisfação³¹².

As representações de Maria no Brasil colonial foram identificadas, a princípio, através de imagens milagreiras ou medianeiras. Os títulos dados a Maria estavam ligados às ordens religiosas que vieram com a Companhia de Jesus, sendo a devoção introduzida pelos primeiros jesuítas que, em 1586, fundaram os primeiros núcleos de “Congregações Marianas”. Essa devoção criou raízes profundas na cultura brasileira, inspirando poetas, enriquecendo o cancioneiro popular com quadras, cantorias, desafios e folguedos; suscitando lendas, tradições e orações fortes, novenas, procissões e cerimônia religiosas; levantando igrejas, capelas e oratórios sob as mais diversas invocações³¹³.

Foram difundidas as imagens e representações de Nossa Senhora da Ajuda, da Fé, da Luz, da Natividade e da Candelária; os franciscanos divulgaram nossa Senhora da Conceição, dos Anjos e das Neves³¹⁴. De acordo com os anseios e necessidades dos colonizadores, as imagens de Maria passaram a ser de guerreira e patrona de vitórias contra índios e hereges, a exemplo de Nossa Senhora da Vitória, que assegurou triunfos contra índios e franceses na Bahia. Também em Oeiras, no Piauí, e, em São Luís, no Maranhão, Nossa Senhora dos Prazeres garantiu, segundo seus devotos, a vitória de 1656 sobre os holandeses.

Maria também estava relacionada à história dos escravos e negros que encontravam refúgio e consolo para a sua condição nas confrarias, especialmente de Nossa Senhora do Rosário, do Carmo e da Conceição.

Levando em consideração o processo de inculturação sofrido pelo catolicismo nas terras do novo mundo, podemos afirmar que a Virgem Maria, no decorrer da história, não só na América Ibérica, apresentou-se como uma figura doce e humilde, mas também forte e combativa, pois o povo atribui a ela um rosto e um nome, de acordo com a sua necessidade e com sua cultura, característica própria da devoção popular.

³¹² SOUZA, Laura de Mello e. op.cit., 2002, p.115.

³¹³ CALIMAN, Pe. Cleto. *Teologia e devoção mariana no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 50.

³¹⁴ SILVA, Francisco Antonio Barbosa da. *A devoção popular à Maria no Brasil: uma abordagem histórica doutrinal*. (Monografia de conclusão de curso de Teologia) – Instituto Teológico Pastoral do Ceará - ITEP, Fortaleza, 2002, p.14 - 15.

A devoção do povo a Maria pode nos parecer à primeira vista como a busca de proteção e do milagre ou da resolução de problemas imediatos, no entanto o devocionario popular nos permite perceber o reflexo das angústias dos devotos diante de suas mais variadas dificuldades seja em nível social como, por exemplo, nos títulos de Nossa Senhora das Dores, dos Prazeres, dos Pobres, como nos de caráter mais pessoal, que demonstram confiança na compaixão e intercessão de Maria, a exemplo dos títulos Nossa Senhora do Livramento, da Piedade, Auxiliadora e do Perpétuo Socorro, dentre tantos outros. Nos dias atuais, devotos do mundo inteiro dedicam a Maria um culto especial, com direito a festas, romarias, rosários e dois mil títulos diferentes. Só no Brasil, estima-se que ela tenha recebido mais de trezentas denominações.³¹⁵

Constatamos, a partir do exposto, que o culto aos santos católicos e em especial à Virgem Maria está inserido na tradição da religiosidade popular brasileira, marcada pela afetivização na relação devoto-santo, característica comum apontada pela referência historiográfica aqui abordada. Tal prática devocional propagou-se recriada e reapropriada contendo as paixões, os conflitos, as crenças e as esperanças de seus agentes sociais.

3.2 *Motivação e preparação das novenas*

As celebrações fazem parte de um repertório variado de devoção popular que se caracteriza por uma religiosidade herdada da tradição católica europeia, se manifestando na busca da providência de Deus, como na proteção de Maria e de santos da Igreja Católica. Segundo Maria Cecília Nunes, “[...] é através das crenças

³¹⁵ Dentre as denominações mais conhecidas e cujo culto ganhou grande repercussão em nível nacional através da mídia, destacamos Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que, em 1930, foi declarada a padroeira do Brasil pelo Papa Pio VI. É venerada num imenso santuário em Aparecida, no estado de São Paulo, que recebe milhares de devotos, principalmente no mês de outubro quando celebra a festa da santa; Nossa Senhora dos Navegantes- protetora dos pescadores e marinheiros, sua devoção teve início na Idade Média quando os guerreiros das Cruzadas invocavam sua proteção. É festejada no dia 2 de fevereiro, destacando-se as festas em Porto Alegre e outros municípios do Rio Grande do Sul; Nossa Senhora de Nazaré, cuja festa é conhecida por Círio de Nazaré teve início com uma imagem da santa encontrada em Belém do Pará. Cf. REVISTA DAS RELIGIÕES. *Todas as Nossas Senhoras*. São Paulo: Abril, 2005.

no sobrenatural, na presença do miraculoso que o homem consegue incorporar a esperança e a fé de que necessita para viver”³¹⁶.

É possível distinguir no catolicismo, enquanto sistema religioso, dupla dimensão: uma vertical, no sentido do que há nele de revelação e de comunicação com o divino, e outra horizontal na qual se abrigam o humano e o cultural. É pela dimensão horizontal que o catolicismo assume as formas históricas, variáveis segundo as épocas, e que se reveste de formas culturais.³¹⁷ Portanto, é a partir da dimensão horizontal que surge o chamado catolicismo popular³¹⁸, que consiste num vasto complexo de costumes, crenças e práticas religiosas que o povo assimilou, transformou e conserva.

Na leitura interpretativa do ritual das novenas enquanto manifestação cultural inserida em um contexto social, visamos concebê-las como sendo “[...] um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nas condutas [...]”³¹⁹ seja da religião católica enquanto instituição através de sua doutrina e tradição religiosa, seja através das práticas dos devotos que se apropriam do ritual, significando-o de acordo com suas necessidades.

Roger Chartier, ao propor uma história social dos usos e das interpretações relacionados nas práticas específicas que os produzem, opta pelo conceito de cultura de Clifford Geertz, que a define como

Um conjunto de significações historicamente transmitido e inscrito em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas nestas formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu saber sobre a vida e suas atitudes diante dela.³²⁰

Nesse sentido, a celebração das novenas dedicadas a Maria na Vila Operária é motivada pelo sentimento de fé próprio da devoção popular que, diante de

³¹⁶ NUNES, Maria Cecília S. de Almeida. A Religiosidade Popular em Teresina. *Cadernos de Teresina*, ano VIII, n.18. Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 1994, p.12.

³¹⁷ SCHESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 543.

³¹⁸ Catolicismo mais antigo nascido juntamente com a colonização, também chamado de luso-brasileiro foi fortemente criticado por aqueles que defendiam o catolicismo romano, revigorado pela atuação dos bispos reformadores. Cf. AUGRAS, Monique. Devoções populares: arcaísmo ou pós-modernidade? In: PAIVA, Geraldo José de; ZANGARI, Wellington. (Orgs.). *A representação na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Loyola, 2004, p.196.

³¹⁹ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p.60.

³²⁰ *Ibid.*, p. 60.

necessidades urgentes, recorre à proteção dos santos, no caso em estudo, a Maria sob o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Os devotos acreditam que, por intercessão da Mãe, seus pedidos serão atendidos pelo filho Jesus, único mediador entre os homens e Deus de acordo com a doutrina cristã. O ritual das novenas reforça, pois, os dogmas de fé católica, destacando a Virgem Maria, Jesus Cristo Redentor e a Santíssima Trindade como principais personagens invocados através de orações e cânticos contidos no novenário³²¹.

Bruno Forte,³²² ao referir-se à preocupação da Igreja, após o Concílio Vaticano II, em inserir a figura da Virgem Maria na totalidade do mistério de Cristo e da Igreja, afirma que “[...] o culto mariano é situado adequadamente na liturgia, na qual a memória de Maria é estreitamente ligada à celebração dos mistérios do Filho. A virgem é apresentada, portanto, como modelo da atitude espiritual com a qual a Igreja celebra e vive os divinos mistérios”. O culto a Maria é, portanto, incentivado pela Igreja no sentido de condicionamento de evangelização dos devotos.

[...] a todo o progresso autêntico do culto cristão segue-se necessariamente um correto incremento da veneração para com a Mãe do Senhor. De resto, a história da piedade demonstra que ‘as diversas formas de devoção para com a Mãe de Deus, que a Igreja aprovou, dentro dos limites da doutrina sã e ortodoxa’ (LG 66) se desenvolvem em subordinação harmônica ao culto de Cristo, e gravitam à volta deste, qual ponto de referência natural e necessário das mesmas. [...]³²³

De acordo com a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, no decorrer do ano litúrgico, há três tipos de celebrações marianas: 1ª. As Solenidades: Maria Santíssima Mãe de Deus (01/01), Anunciação do Senhor (25/03), Assunção de Nossa Senhora (15/08), Imaculada Conceição de Maria Santíssima (08/12); 2ª. As Festas: Visitação de Nossa Senhora (31/05), Natividade de Nossa Senhora (08/09); 3ª. As Memórias: Nossa Senhora de Lourdes (11/02), Nossa Senhora de Fátima

³²¹ O novenário é um livro que contém os ritos da novena, com os passos que orientam o sacerdote e os devotos durante a celebração.

³²² Segundo Bruno Forte, os desenvolvimentos pós-conciliares da mariologia foram marcados por duas importantes intervenções do Magistério da Igreja Católica: a exortação apostólica *Marialis cultus*, de Paulo VI, e a encíclica *Redemptoris mater*, de João Paulo II. Sobre a importância desses documentos na regulação, motivação e controle do culto mariano, cf. FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 33.

³²³ Conferir na introdução da EXORTAÇÃO Apostólica *Marialis cultus*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_pvi_exh_19740202_marialis-cultus_po.html>. Acesso em: 05 fev.2009.

(13/05), Nossa Senhora do Carmo (16/07), Nossa Senhora das Dores (15/09), Nossa Senhora do Rosário (07/10).

Como podemos perceber, houve uma redução no número de celebrações marianas no calendário litúrgico em relação às 17 festas marianas citadas por Luiz Mott, no entanto as celebrações oficiais podem ser acrescidas de outras de menor importância ou opcionais³²⁴. O Calendário Romano realça as celebrações oficiais dedicadas a Maria, como ainda enumera outros tipos de memórias ou festas, sejam, ligadas a motivos de culto local, sejam, outras originariamente celebradas por famílias religiosas particulares³²⁵ a exemplo do culto dedicado a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro divulgado pela Congregação Redentorista.

No cristianismo de vertente popular, se exterioriza o sentimento de devoção³²⁶ por um determinado santo. Um desses exemplos é Maria, mãe de Jesus Cristo, o qual não é ofuscado pelo culto dedicado a sua mãe durante as novenas na Igreja da Vila. Isso acontece em virtude da prioridade que a Igreja Católica oferece à liturgia, acompanhando as práticas de devoção popular por ela reconhecidas enfatizando a importância do sacramento da Eucaristia e da Penitência durante os rituais principalmente em santuários. Assim, a novena não deve ser confundida com a liturgia ritual rigorosamente estruturada que tem por centro celebrar a memória do Cristo ressuscitado. A novena é uma paraliturgia, portanto está livre dos rigores litúrgicos e aberta a inovações, no entanto deve estar subordinada ao culto de Cristo, isto, claro, de acordo com a orientação da Igreja Católica. Segundo Clodovis Boff,³²⁷ “[...] a piedade popular exige o reconhecimento e o acompanhamento dos

³²⁴ SILVA, Francisco Antônio Barbosa da. *A devoção popular à Maria no Brasil: uma abordagem histórica doutrinal*. (Monografia de conclusão de curso de Teologia) - Instituto Teológico Pastoral do Ceará – ITEP, Fortaleza, 2002. p.79-80.

³²⁵ Sobre as celebrações e festas marianas, cf. EXORTAÇÃO Apostólica *Marialis cultus*. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_pvi_exh_19740202_marialis-cultus_po.html. Acesso em: 05 fev.2009.

³²⁶ Devoção significa, por um lado, amar em seu íntimo a figura religiosa de que se é devoto e, por outro lado, prestar-lhe exteriormente as devidas homenagens. As devoções são consideradas exercícios de piedade desprovida de caráter litúrgico vinculados a tradições populares, obedecendo a costumes locais sendo por vezes fixados em livros. Cf. SCHESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. op. cit., 1995, p. 818. No caso em estudo, a novena enquanto prática de devoção popular é fixada ritualmente em um livro elaborado pela Congregação Redentorista, fato que caracteriza a presença da Igreja no norteamento da devoção mariana na Igreja da Vila Operária.

³²⁷ O autor defende a idéia de que o catolicismo popular não é contrário ao oficial nem lhe é inferior, é apenas outro e que ambos devem se harmonizar, no entanto, enquanto religioso, destaca que a prioridade deve ser dada a liturgia e que a figura do sacerdote é fundamental no norteamento das práticas populares. Cf. BOFF, Clodovis. op. cit., 2006, p. 551-553.

pastores, e estes acolhem a piedade popular em seu ministério de evangelização e de celebração sacramental”.

Cleto Caliman,³²⁸ por sua vez, observa a devoção mariana enquanto fenômeno da religião popular existente no Brasil, numa relação ambígua com a Igreja Católica enquanto instituição. Considerando as orientações da instituição eclesial, esse fenômeno religioso possui um estatuto de autonomia relativa, já que reproduz-se para além dos limites controlados pela Instituição, que se posiciona enquanto agente modelador e purificador das práticas que fazem parte da própria cultura popular, mergulhada na fé.

Consideramos as novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como práticas de devoção popular na medida em que foram aceitas e praticadas por uma grande quantidade de católicos no mundo inteiro, inclusive em Teresina. O fato de ter sido implantada e regulada por religiosos na igreja da Vila não invalida o caráter popular dessa devoção, já que o ritual religioso ganhou características de devoção popular por seus praticantes que as consomem em caráter pessoal, afetivo e imediatista, se apropriando e ressignificando suas experiências de fé, propagando-a através de ex-votos. O devoto ganha autonomia e chega a fazer as novenas em casa, individualmente ou em grupo com vizinhos e familiares, fora, portanto, do controle ritual dos sacerdotes.

Não ignoramos a divisão tradicional entre as práticas devocionais incentivadas e controladas pela Igreja e aquelas rotuladas como sobrevivências supersticiosas do passado colonial, rechaçadas pela instituição. No entanto, o campo³²⁹ religioso enquanto espaço social praticado pelos devotos, se amplia a devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, envolvendo pessoas dos mais variados níveis sociais. Nesse sentido, abastados aderem às devoções antigas e novas com o mesmo entusiasmo que carentes e analfabetas. O campo religioso, portanto, é ampliado alargando-se para os diversos níveis sociais, escapando, assim, à tradicional rotulação dicotômica entre religião popular x religião de elite, dominantes x dominados. No que se refere à fé vivenciada na esfera da devoção aos santos católicos, as fronteiras econômicas e sociais são, desse modo, transgredidas.

³²⁸ CALIMAN, Pe. Cleto. op. cit., 1989, p.65.

³²⁹ O campo, segundo Pierre Bourdieu, consiste numa rede ou configuração de posições relativas dos diversos agentes que nele atuam. Implica, portanto, a presença de relações dinâmicas e conflitantes que expressam todas as tensões da sociedade em que está inserido. Cf. AUGRAS, Monique. op. cit., 2004, p.196 - 197.

Entre os devotos encontramos pedintes, donas-de-casa, trabalhadores autônomos, servidores públicos, professores e empresários. Citamos essas profissões aleatoriamente com base nas informações obtidas com a aplicação de questionários no intuito de demonstrar a diversidade de funções exercidas pelas pessoas que praticam o culto mariano na Vila e conseqüentemente os diferentes espaços sociais por elas ocupados na sociedade. Reforçamos nossa visão ao verificar o nível de escolaridade dos devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, identificando uma quantidade significativa de pessoas com formação superior [Conferir apêndice].

O quadro aqui apresentado contraria aqueles que afirmam ser o devocionismo popular uma prática religiosa exclusiva de pessoas pouco esclarecidas e nos permite afirmar que, a religiosidade enquanto sentimento de fé inerente ao ser humano, independe de formação acadêmica ou mesmo, situação econômica³³⁰.

O método das Santas Missões Populares, bem como a divulgação do culto ao ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro são práticas características dos missionários redentoristas. As novenas perpétuas³³¹ são celebradas na igreja de São José Operário desde 1959, todas as terças-feiras, com uma duração média de 30 a 40 minutos. Atualmente, nesse dia da semana são celebradas nove novenas, duas missas e duas missas com novena.

As celebrações são enriquecidas com a bênção da água, ritual que acontece em um altar externo; a reza do terço, que ocorre dentro da igreja, durante o intervalo das novenas; as confissões realizadas durante todo o dia em um confessionário anexado ao templo; as orações pessoais feitas diante da gruta de pedra que expõe uma imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ao lado da igreja onde depositam ex-votos, como fotografias, flores e textos escritos, uns em forma de bilhetes, outros de cartas, agradecimentos e pedidos de graça.

A preparação das celebrações envolve uma equipe de liturgia composta por leigos voluntários que se alternam durante todo o dia no auxílio aos padres nas leituras, comentários e cânticos; os ministros da eucaristia, responsáveis diretos pelo sacrário e auxiliam o sacerdote no manuseio dos objetos utilizados durante a

³³⁰ LIMA, Ana Cristina da Costa. *Devocionismo popular na Vila Operária*. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005, p. 34.

³³¹ Chama-se perpétua porque se celebra num dia fixo da semana sem interrupção, sendo que quem deseja unir-se à novena pode começá-la na semana que preferir.

consagração e distribuição das partículas entre os devotos; os acólitos, também chamados de coroinhas, os quais auxiliam o padre no manuseio dos paramentos e objetos litúrgicos durante o ritual do ofertório; o sacristão responsável direto pela organização da sacristia e dos detalhes gerais das celebrações, e o padre responsável pela condução do ritual religioso.

Esses sujeitos atuam de forma sistematizada, dinamizando o ritual, mas, em decorrência da quantidade de novenas celebradas os padres redentoristas que atuam em outras paróquias são convidados a colaborarem, fazendo um rodízio entre eles, durante todo o dia de terça-feira, entre as novenas, missas e confissões ali realizadas. Segue-se um planejamento elaborado pelos sacerdotes que delegam funções aos organizadores e colaboradores das novenas.

Na sacristia, os objetos e vestes litúrgicas ficam guardados e são selecionados. De lá são levados para o presbitério³³², onde a distribuição é feita com antecedência em seus respectivos lugares antes da celebração, como nos informa um dos coroinhas que auxilia nas celebrações: “A gente arruma tudo na segunda pra na terça tá tudo pronto”.³³³

As alfaias³³⁴ são retiradas dos armários e colocadas sobre o altar, mesa principal onde simbolicamente se celebra o sacrifício de Jesus, e sobre a credência, uma mesinha ao lado do altar, utilizada para colocar os objetos litúrgicos a serem usados durante o culto.

Sobre as alfaias do altar, que são sempre de cor branca, são postos a vela, que deve permanecer acesa durante todo o ritual, simbolizando Jesus como luz do mundo, e os átrios, pequenas estantes de madeira, onde é colocado o missal³³⁵. Este costuma ser usado quando são celebradas as missas e a missa com novena. No caso específico das novenas, é comum se usar com maior freqüência o novenário, a bíblia ou o livrinho da liturgia diária.

³³² Espaço da igreja onde fica o altar destinado ao presbítero ou celebrante, o crucifixo e o sacrário. No caso da Igreja da Vila Operária, após a última reforma, o sacrário foi colocado do lado direito da nave, não perdendo com isso o lugar de destaque que lhe é destinado dentro da igreja.

³³³ Samuel Alves de Carvalho, jovem estudante, reside no bairro Vila Operária e participa das atividades catequéticas da paróquia. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 21 mar. 2008.

³³⁴ As alfaias são toalhas utilizadas como adorno do altar e da credência. Na maior parte do tempo são usadas as de cor branca (tempo comum), variando as cores de acordo com o tempo litúrgico, podendo ser roxas (quaresma) e vermelhas (pentecostes e mártires).

³³⁵ O missal é o livro litúrgico oficial da Igreja. Contém normas gerais sobre o cerimonial litúrgico, bem como as leituras e orações apropriadas para a missa de todos os dias e festas do ano litúrgico.

São colocados sobre a credência os objetos litúrgicos: cálice, corporal, sanguíneo, pala, âmbulas com as partículas, galhetas com água e vinho, lavado e o manustérgio usados nos ritos do ofertório e consagração, ato específico da liturgia. Nos horários das novenas, quando não é feita a consagração, coloca-se somente o ostensório, usado especificamente para a exposição e elevação da hóstia consagrada. Ao lado da credência fica um suporte de madeira no qual é colocado o véu umeral, manto que o sacerdote utiliza sobre os ombros para dar a bênção do Santíssimo Sacramento durante a novena.

3.3 *Os ritos que constituem a celebração das novenas*

O ritual das novenas, enquanto ação simbólica praticada num ambiente particular de forma regular e periódica – Igreja de São José Operário, às terças-feiras - é formalizado e determinado³³⁶ pelos padres redentoristas, que utilizam um livro contendo os ritos que servem de suporte e orientação na execução da cerimônia religiosa. Segundo Martine Segalen, os ritos enquanto elementos reguladores “[...] devem ser considerados sempre como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas”.³³⁷ É nessa perspectiva que nos propomos analisar o ritual das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

O culto a Maria ritualizado através das novenas constitui-se de cânticos, orações, louvores, pedidos e agradecimentos. Dele participam ativamente os devotos através de gestos como pôr-se de pé, sentar-se, ajoelhar-se, elevar as mãos para o alto ou em direção ao ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cantando e recitando as orações. A manipulação de objetos sagrados é feita pelo sacerdote. O rito, portanto, consiste em uma série de práticas que formam em conjunto o ritual religioso³³⁸ e este, por sua vez, constitui-se de formas e objetos de

³³⁶ Segundo Durkheim, os fenômenos religiosos classificam-se em duas categorias fundamentais: as crenças que são estado de opinião e constituem representações, e os ritos, que são modos de ação determinados. Cf. DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.19.

³³⁷ SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.32.

³³⁸ SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. op. cit., 1995, p. 2219.

culto que são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral,³³⁹ pois “[...] são principalmente os rituais mais elaborados e geralmente mais públicos que modelam a consciência espiritual de um povo”.³⁴⁰

Durante todo o dia da terça-feira, há quase meio século, o ritual das novenas acontece na igreja de São José Operário, seguindo o mesmo roteiro devocional. A equipe de liturgia, geralmente composta de duas pessoas, acerta detalhes na sacristia, onde o padre veste a túnica³⁴¹ branca pondo sobre a mesma a estola³⁴² a qual pode variar de cor, dependendo do tempo litúrgico. Os coroinhas, em número de dois, em lugar destinado a eles dentro da sacristia, vestem suas túnicas brancas e posicionam-se junto ao padre para entrada em procissão. Ao chegarem ao presbitério, fazem diante do altar gesto de reverência juntamente com o padre e, em seguida, colocam-se em seus respectivos lugares. A equipe de liturgia fica próxima ao ambão³⁴³, enquanto os coroinhas, durante a celebração, ficam sentados nas cadeiras colocadas abaixo do crucifixo, atrás do altar. Ali permanecem atentos aos ritos, se deslocando quando necessário para auxiliar o sacerdote durante o ritual.

3.3.1 Rito inicial

O sacerdote, em pé junto ao altar dá início à celebração [Fotografia 16], saudando as pessoas presentes e fazendo a invocação à Santíssima Trindade³⁴⁴. Os devotos nesse momento, também em pé, acompanham a invocação fazendo com gestos o sinal da cruz. Ao iniciar-se o ritual, os devotos se desconectam do profano e imergem no sagrado, incluindo os que ficam fora da igreja por falta de espaço.

³³⁹ ROSENDAHL, Zeny. op. cit., 2002, p. 64.

³⁴⁰ GEERTZ, Clifford. op. cit., 1978, p.129.

³⁴¹ A túnica também conhecida como “alva” é uma veste longa de cor quase sempre branca. É utilizada pelo sacerdote para distinguir-se das demais pessoas e para identificá-lo como presidente da celebração eucarística.

³⁴² A estola é uma veste litúrgica do sacerdote em forma de tira que é passada ao redor do pescoço e jogada a frente do corpo, acompanhando o comprimento da túnica. Significa poder e autoridade para o sacerdote. Existem quatro cores (branca, verde, vermelha e roxa) que são utilizadas de acordo com o tempo litúrgico.

³⁴³ O ambão é uma estante que fica ao lado do altar, onde o sacerdote costuma fazer a proclamação da palavra e os componentes da equipe de liturgia fazem as leituras das orações e entoam os cânticos da novena.

³⁴⁴ A Trindade ou Santíssima Trindade é a doutrina acolhida pela maioria das igrejas cristãs que professa um Deus único preconizado em três pessoas distintas: o Pai (Criador), o Filho (Redentor) e o Espírito Santo que simboliza o amor.



Fotografia 16 - Sacerdote dá início à celebração fazendo o sinal da cruz.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

3.3.2 Oração ao Divino Espírito Santo

Ainda em pé canta-se a *Oração ao Divino Espírito Santo*, acompanhando o novenário. Trata-se de um cântico de louvor que se inicia fazendo referência ao Espírito Santo como fonte de amor e poder que fez de Maria virgem a mãe do Salvador. Faz alusão ainda a Pentecostes,³⁴⁵ destacando a atuação de Maria junto aos apóstolos em oração. Esse cântico reforça confiança dos devotos que uma vez próximos de Maria oferecem suas orações a Trindade. A oração no início evoca o Espírito Santo e, ao término, louva a Trindade, no entanto Maria é destacada como sendo a referência de compromisso junto aos apóstolos seguidores de seu filho, sendo ela o exemplo a ser seguido.

Divino Espírito Santo

Enchei-nos do amor,
Que fez da *Virgem Santa*
A Mãe do Salvador.
Ó luz abençoada,

³⁴⁵ O significado do termo para os católicos representa a festa celebrada pela Igreja 50 dias após a ressurreição de Jesus em memória do cumprimento da promessa feita pelo mesmo de enviar o Espírito Santo sobre aqueles que nele crêem. Maria perseverou com os apóstolos em oração. Na bíblia o episódio é narrado em Atos dos Apóstolos 1,14.

Mandaste nova vida
 À *Virgem co'os Apóstolos*
 Em oração unida.
Unidos com Maria
 Te damos nossos corações,
 E humildes ofertamos
 A fé das nossas orações.
Ao Pai, ao Filho glória!
Ao Espírito também,
 Louvor, honra e vitória!
 Agora e sempre. Amém!³⁴⁶ [grifo nosso]

3.3.3 Primeira oração

O sacerdote continua fazendo as leituras do novenário, acompanhado pelas pessoas ali reunidas. Por serem extensas, selecionamos alguns trechos que julgamos interessantes para auxiliar nossa análise. Da primeira oração, destacamos:

Ó Mãe do Perpétuo Socorro, com a maior confiança nós vimos diante de vós para cantar os vossos louvores e invocar o vosso auxílio. [...] Ó Mãe, porque sois a mais querida de todas as mães, obtende-nos do coração de Jesus, vosso filho, fonte de todo o bem, esta graça...
 [Pausa] [...] *Ó Mãe do Perpétuo Socorro, mostrai-nos sempre o caminho que com certeza nos leva mais perto do vosso Filho e faz-nos viver felizes no seu amor. [...] Mãe do Perpétuo Socorro, acolhei nossa oração, ajudai nossa fraqueza, acompanhai-nos com amor todos os dias da vida e abençoai com carinho o instante da nossa morte. Por vosso Filho, nosso rei, nosso Senhor. Amém.*³⁴⁷ [grifo nosso]

Nessa oração, os devotos são conduzidos a fazer um reconhecimento do poder intercessor de Maria junto ao filho. É Ele quem concede a graça e é reconhecido em sua realeza, no entanto é a Maria, sob o título de Perpétuo Socorro, a quem é dedicada a oração, os cânticos, louvores e invocação de auxílio. Durante a oração, o devoto tem um momento de pausa para pedir a graça que necessita. Não se trata aqui somente de pedir graça imediata, pois o devoto expressa o desejo de ter a companhia de Maria por toda a vida e especialmente no momento da morte.

³⁴⁶ NOVENA Perpétua de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Missionários Redentoristas. Teresina: Gráfica do Povo, 2007, p. 5.

³⁴⁷ NOVENA, op. cit., 2007, p. 6.

Esse desejo é expresso na oração da Ave Maria³⁴⁸: “Santa Maria Mãe de Deus rogai por nós pecadores agora e na hora da nossa morte”.

3.3.4 Segunda Oração

A segunda oração é de ação de graça, de agradecimento, onde Deus é exaltado como criador. Faz-se ainda, a exemplo da primeira oração, menção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e aos favores concedidos por meio dela.

AÇÃO DE GRAÇA

Ó mãe do Perpétuo Socorro, com todo o coração nós queremos ficar unidos a vós agradecendo a Deus as coisas maravilhosas que Ele fez por nós. *Deus, nosso Criador*, queremos agradecer-Vos o dom da vida e todos os dons que a acompanham. Queremos agradecer-Vos por ter-nos criado à Vossa própria imagem e semelhança e por ter-nos dado esta terra e tudo o que ela contém para nos sustentar e alimentar. [...] Finalmente, queremos agradecer-Vos a Vossa bondade dando-nos *Maria como nossa Mãe do Perpétuo Socorro* e todos os *favores por intercessão dela*. Rogamos, pois, que esses favores nos inspirem a maior confiança em Vosso amor e misericórdia, e na intercessão materna de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Amém.³⁴⁹ [grifo nosso]

3.3.5 Oração da Comunidade

Dando continuidade ao ritual, a equipe de liturgia interage com os presentes fazendo a leitura da *Oração da Comunidade*:

Dirigente: Senhor Jesus Cristo a pedido de Maria, Vossa Mãe, mudastes a água em vinho nas bodas de Caná. Escutai agora o povo de Deus aqui reunido para honrar nossa Mãe do Perpétuo Socorro. Aceitai os nossos sinceros agradecimentos e atendei as nossas súplicas.³⁵⁰

³⁴⁸ A oração da Ave Maria construiu-se em etapas, sendo que começou a ser estruturada por volta do século IV com os trechos da saudação do anjo Gabriel a Maria. No século XII, foram reunidas à fala do anjo as palavras de Isabel prima de Maria. No século seguinte, o papa Urbano IV acrescentou a palavra Jesus, criando a primeira parte da Ave Maria, que se inspira em passagens bíblicas. A segunda parte da oração, no entanto, é fruto da tradição popular medieval e foi incorporada à oração no século XV, sendo seu formato final oficializado como oração da Igreja em 1568, publicado pelo papa Pio V.

³⁴⁹ NOVENA, op. cit., p.7.

³⁵⁰ NOVENA, op. cit., p. 8. O episódio das Bodas de Caná é tido pela Igreja como um marco inicial da vida pública de Jesus, que realiza seu primeiro milagre ao transformar água em vinho atendendo à

O termo comunidade, na perspectiva cristã, faz referência às comunidades primitivas descritas no Novo Testamento, lugar onde era celebrada a partilha dos bens e era pregada a igualdade de direitos entre seus membros, celebrando-se, assim, o espírito de unidade. No contexto atual, não se restringe a um espaço físico ou número específico de pessoas, mas está relacionada àqueles que vivenciam os ensinamentos de Jesus em sintonia com o contexto histórico e social de sua época. Simboliza um momento de solidariedade entre os cristãos.

3.3.6 Os Nossos Pedidos

Segue-se a introdução da oração da comunidade, *Os Nossos Pedidos*, momento em que a Igreja manifesta suas aspirações e as pessoas ali reunidas ao responderem “Atendei-nos Senhor, por Maria nossa Mãe”, confirmam mais uma vez o poder intercessor de Maria e que estão de acordo com os nove pedidos relacionados no novenário. Ao serem lidos, eles expressam o desejo de que haja unidade entre os homens e a comunidade cristã; de que a Sagrada Família de Nazaré seja exemplo para as demais famílias cristãs; de que o Espírito Santo ilumine os jovens na escolha de suas vocações, principalmente vocações sacerdotais e religiosas; de que o perdão seja prática constante entre os cristãos; de que doentes possam ser curados e de que os que sofrem sejam aliviados pelo poder da oração e ainda de que os falecidos estejam adormecidos em Cristo, o que representa garantia de vida eterna. A comunidade assimila assim os desejos da Igreja Católica, que é de todos.

Ao término da leitura dos nove pedidos, faz-se um momento de silêncio para que os devotos possam formular os seus pedidos particulares, o que chama atenção por deixar claro que é a Igreja quem direciona o ritual, determinando momentos e espaço para a expressão individual dos devotos, que, por sua vez, nem sempre seguem o roteiro durante o ritual, assim “as práticas diferenciadas” dos devotos caracterizam suas diferentes formas de apropriação³⁵¹. É o caso de devotas que

solicitação de Maria. Reforça, portanto, a crença no poder intercessor de Maria junto ao filho em favor dos necessitados. Cf. Evangelho de João, capítulo 2, versículos 1-11.

³⁵¹ Segundo Chartier a apropriação colocada no centro de uma abordagem de história cultural remete-se às práticas diferenciadas com utilizações contrastadas de leitura e tem como objetivo uma história social das interpretações remetidas para as suas determinações fundamentais (que são ações sociais, institucionais e culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Cf. CHARTIER, Roger. op. cit., 1990, p. 26.

entram de joelhos na igreja durante a novena e se posicionam em frente ao quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, rezando o terço ou fazendo orações pessoais junto ao crucifixo ou sacrário, alheias aos ritos que se seguem, configurando, portanto, formas diferenciadas de consumo do sagrado.

3.3.7 Nossos Agradecimentos

A equipe de liturgia dá continuidade ao ritual realizando a leitura dos *Nossos Agradecimentos* os quais são respondidos pelos devotos: “Nós Vos agradecemos Senhor, por Maria nossa Mãe”.

OS NOSSOS AGRADECIMENTOS

Por ter-nos criado pela sua bondade, digamos ao Senhor...
 Por ter-nos perdoado por sua misericórdia, digamos ao Senhor...
Por ter-nos dado o Cristo, Caminho, Verdade e Vida, digamos ao Senhor...
Por ter-nos dado Maria como nossa Mãe, digamos ao Senhor...
 Agradecemos a Deus por todos os favores recebidos por *intercessão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.*³⁵² [grifo nosso]

Como podemos observar, predomina nas orações o apelo ao poder intercessor de Maria, e, nessa oração, se agradece a Deus pela existência de Maria, sua presença e atuação junto aos seus devotos.

Ao término da leitura, todos dizem “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre. Amém”. Os devotos confirmam a crença na Trindade fazendo com gestos o sinal da cruz. O dirigente da cerimônia pede a todos que fiquem em pé para agradecerem a Deus com as palavras de Maria cantando o *Magnificat*, que é uma adaptação do Evangelho de Lucas, capítulo 1, versículos 46-55.

3.3.8 Magnificat

Essa oração permite um estudo interpretativo, pois nela o evangelista dá voz a Maria colocando-a em posição de destaque, fato que contrasta com o quadro de subordinação da mulher na sociedade palestina. O cântico de Maria faz referência a

³⁵² NOVENA, op. cit., p. 9.

sua experiência espiritual ao exaltar o poder de Deus e se reconhecer bem aventurada e merecedora de louvores, pois foi a escolhida para ser mãe do Messias. Não devemos ignorar, no entanto, a dimensão político-social do cântico, que denuncia as desigualdades, fazendo alusão aos soberbos e poderosos que deverão ser derrubados de seus tronos em defesa dos humildes. A fidelidade de Deus a Israel é exaltada, pois cumpriu através de sua “serva” a promessa do messias feita a Abraão e que se estende para toda a humanidade na perspectiva universal do Cristianismo. Na concepção da prática de devoção popular o importante é louvar, prestar homenagem e reconhecer publicamente as virtudes do santo de devoção. Esse momento, portanto, é de significativa relevância, pois o devoto reconhece os méritos de Maria louvando a mãe de Jesus.

Magnificat

*O Senhor fez em mim maravilhas,
Santo é o seu Nome!*

A minha alma engrandece o Senhor, exulta meu espírito em Deus, meu Salvador! Pôs os olhos na *humildade de sua serva*, doravante *toda terra cantará os meus louvores*.

O Senhor...

Seu amor para sempre se estende sobre aqueles que O temem. Demonstrando o poder de seu braço, Dispersa os soberbos. *Abate os poderosos de seus tronos, E eleva os humildes.*

Sacia de bens os famintos, despede os ricos sem nada.

Acolhe Israel, seu servidor, fiel a seu amor.

E a promessa que fez aos nossos pais, em favor de Abraão, E de seus filhos para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito, desde agora

E para sempre e pelos séculos. Amém.

O Senhor...³⁵³

Ao término do canto Magnificat, o sacerdote faz uma oração que antecede a leitura do evangelho. Essa oração é uma reafirmação do reconhecimento de Maria como colaboradora consciente de um projeto de redenção a ser realizado pelo seu filho. O cristão deve saber ouvir e comprometer-se com a proposta de Cristo e mais uma vez recorre-se ao auxílio de Maria na compreensão da vontade de seu filho manifestada através da Palavra, ou seja, da bíblia.

³⁵³ NOVENA, op. cit., p. 10.

3.3.9 Oração antes da Palavra de Deus

Através dessa oração o devoto invoca Maria como auxiliadora na compreensão da mensagem bíblica no sentido de fazer a vontade do seu filho, Jesus Cristo. Compreender e dar testemunho da Palavra de Deus é o objetivo central da oração.

Ó Mãe do Perpétuo Socorro, que vistes nas Sagradas escrituras a promessa da nossa Redenção, e exultastes de alegria ao ver esta promessa realizada em Vosso Filho obtende-nos, ao ouvirmos a Palavra de Deus, a luz para compreendê-la e a força para testemunhá-la em nossa vida, segundo a vontade do mesmo Jesus Cristo, vosso Filho e nosso Senhor, que vive e reina por toda a eternidade. Amém.³⁵⁴

3.3.10 Palavra de Deus e Homilia

Durante as novenas são feitas leituras dos Evangelhos, textos do Novo Testamento de acordo com o calendário litúrgico. Usa-se o missal ou lecionário romano, livro que contém as orações que fazem parte da missa. São três os que podem ser usados durante as missas: o dominical, o semanal, usado nas novenas, e o dos santos, que é usado em dias solenes, como o dia dos santos. Não é obrigatório o uso do mesmo durante a novena, sendo que alguns sacerdotes usam o livro da liturgia diária ou a bíblia. A cada terça-feira, elabora-se um tema baseado na leitura do dia, o que orienta as reflexões do sacerdote durante a homilia.³⁵⁵

Os sacerdotes redentoristas são conhecidos também como excelentes oradores que dinamizam os rituais, sempre buscando novidades que possam enriquecer o culto e proporcionar maior participação popular. Durante os festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro são colocados a disposição dos devotos papéis nos quais devem escrever seus pedidos e agradecimentos, colocando-os em uma urna própria que fica posta ao lado do quadro da santa. Depois de selecionados, alguns serão lidos publicamente durante as novenas seguintes. Os

³⁵⁴ NOVENA, op. cit., p. 11.

³⁵⁵ A homilia é um discurso didático feito pelo sacerdote depois da leitura dos textos do Antigo e do Novo Testamento durante a liturgia. No caso das novenas lêem-se somente textos do Novo Testamento que têm por função explicitar a mensagem de fé transmitida pelos textos lidos relacionando-a a situação dos presentes.

devotos aceitam a proposta de forma significativa motivados pela publicação de suas graças e se amontoam em torno da urna até mesmo durante o ritual.

É costume receber a leitura do Evangelho do dia com um cântico à escolha da equipe de liturgia, que orienta os devotos para que fiquem em pé a fim de ouvirem a Palavra de Deus. O sacerdote faz a anunciação do Evangelho: “Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo”. Os devotos fazem o sinal da cruz sobre a testa, os lábios e o peito e em seguida respondem: “Glória a vós Senhor”. Após a leitura, o sacerdote, a sua escolha, se posiciona onde achar conveniente, permanecendo por detrás do altar ou se deslocando para frente do mesmo, ficando assim mais próximo do povo.

Não é possível afirmar que aja uma uniformidade no direcionamento da fala dos sacerdotes que se alternam durante as novenas. Uns são sucintos e breves, outros fazem análise mais teológica da mensagem bíblica, enquanto outros se estendem por mais tempo em suas reflexões, enfatizando problemas sociais nacionais e locais, familiares e pessoais enfrentados pela maioria dos devotos no seu dia-a-dia. A fala dos sacerdotes - dependendo do seu carisma e quando não se estende demais levando em consideração a grande quantidade de pessoas ali reunidas e a conseqüente dificuldade de concentração - é ouvida com atenção.

Vejamos o que nos disse uma devota quando indagada sobre o momento que julgava mais importante durante a novena: “O evangelho porque ele (padre) vai falar do dia-a-dia. Porque toda terça-feira ele lê um evangelho diferente”.³⁵⁶ A opinião da devota é compartilhada pela maioria das pessoas com quem foram aplicados os questionários que apontaram a leitura do evangelho como sendo o momento mais emocionante da novena, no entanto, na análise dos questionários, notamos que a homilia, ou seja, a reflexão do evangelho feita pelo sacerdote logo após sua leitura é apontada como a última alternativa pelos devotos questionados, pois, dentre os cento e vinte entrevistados, somente quatro pessoas citaram esse momento. As orações feitas durante a novena destacam-se em segundo lugar na preferência dos devotos seguida da elevação do santíssimo. [Conferir apêndice]

Fica explícito na fala da devota a necessidade de ouvir algo que esteja próximo a sua realidade. A novena, por outro lado, também não deixa de ser um momento ímpar para o sacerdote evangelizar aqueles que não têm vínculo com suas

³⁵⁶ Isabel Cristina R. C. de Carvalho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 12 abr. 2005.

respectivas paróquias e que não participam dos sacramentos de forma periódica. Para muitos dos devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, as novenas são o único elo de ligação com a Igreja.

3.3.11 Bênção do Santíssimo

Um cântico mariano após a homilia acena para o próximo rito, a *Bênção do Santíssimo*, rico em simbologia gestual, que se inicia com o cântico Glória a Jesus acompanhado em coro pelos devotos que, nesse momento, põem-se de joelhos permanecendo nesta posição de reverência e respeito até o rito da comunhão.

Glória a Jesus na *Hóstia Santa*,
 Que se consagra sobre o *Altar*,
 E aos nossos olhos se levanta
Para o Brasil abençoar!
 Que o *santo Sacramento*,
 Que é o próprio Cristo Jesus,
 Seja adorado e seja amado
Nesta Terra de Santa Cruz! (bis)
 Glória a Jesus na Eucaristia,
 Que vai ao *enfermo visitar*,
 E o deixa *sempre confortado*,
 No seu amor a confiar!³⁵⁷
 [grifo nosso]

O cântico reforça a idéia de um país religioso marcado pela presença da Igreja Católica no processo de colonização, fazendo alusão à Terra de Santa Cruz, que deve ser abençoado por Cristo através do sacramento da Eucaristia. Destaca ainda a atenção que deve ser dada aos doentes, devendo estes, por estarem impossibilitados de participar dos rituais religiosos, serem confortados com a presença de Cristo através da eucaristia. A visita aos doentes e seu conforto espiritual pode ser feito pelo sacerdote ou pelo ministro da eucaristia, que é orientado nesse sentido.

Enquanto o cântico é entoado, o sacerdote, acompanhado pelos coroinhas, se dirige ao genuflexório,³⁵⁸ onde os três se colocam na mesma posição que os devotos e, de frente para o altar, põem-se de joelhos, o padre ao centro e os coroinhas ladeando-o. As ministras da eucaristia, em dupla, saem de sua posição em frente ao

³⁵⁷ NOVENA, op. cit., p. 12.

³⁵⁸ Móvel de madeira usado na celebração para o sacerdote pôr-se de joelhos diante do altar.

sacrário e se dirigem à credência. Enquanto uma pega o ostensório³⁵⁹ que está sobre a credência, a outra traz consigo a hóstia consagrada dentro da teca,³⁶⁰ que fica guardada dentro do sacrário. No altar, a ministra da eucaristia coloca a hóstia com o auxílio da luneta³⁶¹ no expositor do ostensório [Fotografia 17], que fica em posição de destaque sobre o altar. Em seguida, a ministra se posiciona junto à credência atenta aos ritos que seguem.



Fotografia 17 - Sacerdote e coroinhas de joelhos sobre o genuflexório enquanto ministra da eucaristia coloca a hóstia no ostensório.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

3.3.12 Oração pelos doentes

Ao término do cântico, o sacerdote faz a leitura da *Oração pelos Doentes* dizendo: “Rezemos pelos nossos irmãos doentes”. Os devotos o acompanham na recitação do restante da oração:

Senhor, nosso Deus, que na Vossa misericórdia sem limites quisestes que o Vosso Filho assumisse na cruz, o nosso sofrimento,

³⁵⁹ O ostensório, também chamado de custódia, é um utensílio de metal dourado que se destina a expor a hóstia nas bênçãos solenes do santíssimo sacramento. A hóstia em seu tamanho maior é vista através do vidro redondo, no centro do ostensório.

³⁶⁰ A teca é um pequeno recipiente de metal que tem por função guardar e transportar a hóstia.

³⁶¹ A luneta consiste numa pecinha de duas lâminas em forma de duas luas que serve para encaixar a hóstia, a qual não deve ser tocada com as mãos, no expositor do ostensório.

transformando-o por seu amor infinito em caminho de vitória e de libertação, dignai-vos ouvir benigno os pedidos que Vos dirigimos por nossos irmãos doentes, os que se encontram aqui conosco e os que, mesmo ausentes, são lembrados por nós. Que o *Corpo Sagrado do Vosso Filho no Sacramento* do amor nos abençoe e especialmente, abençoe os nossos irmãos doentes. Vós que viveis e reinais com o Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.³⁶²

É a primeira oração do novenário que não faz referência a Maria, pois seu foco principal é o sacramento da eucaristia, que é o cume da liturgia e se sobrepõe à devoção mariana, pois as novenas constituem um ritual paralitúrgico que deve ter por função conduzir a Cristo. Assim orienta a Igreja no que se refere às práticas de devoção popular:

Gozam ainda de especial dignidade as práticas religiosas das Igrejas particulares, que se celebram por ordem dos bispos, conforme os costumes ou livros legitimamente aprovados. Assim, pois, considerando os tempos litúrgicos, *estes exercícios* devem ser organizados de tal maneira que *condigam com a Sagrada Liturgia, dela de alguma forma derivem, para ela encaminhem o povo, pois que ela, por sua natureza, em muito os supera.*³⁶³

De acordo com a orientação da Igreja Católica, as práticas de devoção devem ser respeitadas desde que reconhecidas e aprovadas pela instituição como legítimas, e, o mais importante, devem sempre orientar os fiéis no sentido maior que é celebrar Cristo ressuscitado através do sacramento da eucaristia.

3.3.13 Adoração do Sacramento da Eucaristia

A adoração do sacramento da eucaristia se intensifica com o cântico *Tão Sublime Sacramento*, através do qual se confirma a fé católica no dogma da Trindade, sendo Deus Pai e Filho cantados e o Espírito exaltado. Os devotos cantam com expressão de respeito e contemplação diante da hóstia exposta sobre o altar.

³⁶² NOVENA, op. cit., p. 13.

³⁶³ SACROSSANTO Concilium. op. cit., 2000, p. 267.

Tão sublime *sacramento*
 Adoremos neste *Altar*.
 Pois o Antigo Testamento
 Deu ao Novo o seu lugar.
 Venha a fé, por suplemento,
 Os sentidos completar.
 Ao *eterno Pai* cantemos,
 E a *Jesus* o Salvador;
 Ao *Espírito* exaltemos
 Da *Trindade* eterno amor.
 Ao *Deus Uno* e *Trino* demos
 A alegria do louvor! Amém.³⁶⁴

O sacerdote conclui cantando em ritmo gregoriano: “Do céu me deste o pão” enquanto os devotos respondem no mesmo tom: “Que contém todo sabor”.

Permanecendo todos de joelhos na espera da elevação do Santíssimo Sacramento o sacerdote dá início a oração seguinte dizendo:

Deus que neste admirável *Sacramento* nos deixastes o memorial da Vossa Paixão concedei - nos tal veneração pelos sagrados mistérios de Vosso Corpo e de Vosso Sangue, que experimentemos sempre em nós a sua eficácia redentora. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. “Amém”.³⁶⁵

Enquanto o sacerdote faz a leitura dessa oração, um dos coroinhas se levanta e vai em direção à credência. Ao lado da mesma fica um suporte de madeira onde está exposto o véu umeral,³⁶⁶ o qual é pego pelo coroinha que o leva aberto para o sacerdote, se posicionando em pé atrás do mesmo [Fotografia 18] que continua a fazer a oração.

³⁶⁴ NOVENA, op. cit., p. 13.

³⁶⁵ NOVENA, op. cit., p. 14.

³⁶⁶ O véu umeral é um manto que o sacerdote utiliza sobre os ombros para dar a bênção do Santíssimo Sacramento.



Fotografia 18 - Sacerdote de joelhos sobre o genuflexório o sacerdote faz oração que antecede a elevação do ostensório.
Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

Quando termina a oração, o padre levanta-se do genuflexório, e o coroinha coloca o véu umeral sobre os seus ombros. O sacerdote se dirige ao altar e inclina-se diante do ostensório que expõe a hóstia consagrada. Envolvendo as mãos com o manto, pega o ostensório e o eleva bem alto, gesticulando suavemente em três direções, fazendo o sinal da cruz no ar [Fotografia 19] para que todos os presentes na igreja possam visualizá-lo. As sinetas tocam em sinal de atenção alertando a todos os presentes que, em coro, repetem por três vezes: “Glória e louvores se dêem a todo momento ao Santíssimo e Digníssimo Sacramento”.



Fotografia 19 - Elevação do ostensório, momento de adoração do santíssimo sacramento.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

3.3.14 Louvores

O ostensório é recolocado sobre o altar; o padre volta à posição anterior ficando novamente de joelhos sobre o genuflexório de onde faz a leitura dos Louvores; o coroinha retira o manto que está sobre os seus ombros e o coloca em seu devido lugar.

Bendito seja Deus
 Bendito seja seu Santo Nome.
 Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
 Bendito seja o nome de Jesus.
 Bendito seja seu Sacratíssimo Coração.
 Bendito seja seu Preciosíssimo sangue.
 Bendito seja Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.
 Bendito seja o Espírito Santo Paráclito.
 Bendita seja a grande *Mãe de Deus*, Maria Santíssima.
 Bendita seja a sua *Santa Imaculada Conceição*.
 Bendita seja sua *Gloriosa Assunção*.
 Bendito seja o nome de Maria, *Virgem e Mãe*.
 Bendito seja *São José*, seu *castíssimo esposo*.
 Bendito seja Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.³⁶⁷ [grifo nosso]

³⁶⁷ NOVENA, op. cit., p. 14.

O louvor constitui-se em uma prática de reconhecimento e crença através do qual o fiel assume um compromisso de fé. Na oração que louva a Deus por ter oferecido Jesus através de Maria, destacamos a afirmação por parte da Igreja e aceitação/confirmação por parte dos devotos dos dogmas que atribuem à mãe de Jesus uma posição de destaque em relação aos demais santos.

A Igreja Católica instituiu quatro dogmas³⁶⁸ sobre Maria, os quais constituem os pontos centrais da Doutrina Mariana, tendo sido oficializados em momentos de crise, quando se fazia necessário para a Igreja reafirmar a divindade de Cristo. Apesar de elaborados e instituídos através de concílios e documentos oficiais, as suas representações são apropriadas pela religiosidade popular,³⁶⁹ que caracteriza de forma particular e enriquecedora o culto àquela que é apresentada como sendo a Mãe de Deus. Vejamos o que nos diz uma devota de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro indagada a respeito do que pensa sobre Maria: “Maria é uma mulher, tão tal que ela foi escolhida por Deus. Os padres dizem que toda Nossa Senhora é mãe de Jesus. Eu vejo assim, poderosa. É a mãe de Jesus. Tem poder!”³⁷⁰

3.3.15 Rito de Comunhão

Ao término da leitura dos louvores, o sacerdote e os coroinhas voltam a ficar de frente para o povo. As ministras da eucaristia retiram a hóstia do ostensório que é levado do altar para a credência. Segue-se o *Rito da Comunhão*, o qual tem início com o ofertório, que simboliza o sacrifício de Cristo, enquanto é entoado um cântico e os devotos fazem suas ofertas dirigindo-se às caixas onde depositam as mais variadas quantias. Quando é celebrada a missa, nesse momento, os coroinhas levam para o altar os objetos litúrgicos a serem manipulados pelo sacerdote.

Quando é celebrada a liturgia, primeiro objeto a ser ritualmente posto sobre o altar é o corporal,³⁷¹ que o padre desdobra e põe no centro do altar. Sobre o corporal

³⁶⁸ O termo dogma, em grego, significa opinião, decisão. Para as religiões em geral, são pontos fundamentais de uma doutrina, ou seja, “verdades de fé” inquestionáveis.

³⁶⁹ A religiosidade popular é aqui entendida enquanto conteúdos de fé manifestados na religião.

³⁷⁰ Maria Luiza Leite Alcantara. Dona de casa, freqüenta as novenas desde a adolescência, reside na cidade de Timon no Maranhão. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima em, 30 mai. 2005.

³⁷¹ O corporal é uma pequena toalha retangular de tecido branco com uma cruz bordada ao centro sobre a qual devem ser colocados o cálice e a hóstia, que, simbolicamente, representam o corpo de Cristo sobre o altar.

é colocado o cálice juntamente com o sangüíneo³⁷² e a pala.³⁷³ Ao lado do cálice é colocado o cibório,³⁷⁴ com as partículas a serem consagradas, e a patena, um pequeno prato onde fica a hóstia³⁷⁵ que será elevada juntamente com o cálice. Ao lado desses objetos são colocadas as galhetas³⁷⁶ contendo vinho e água.

Após o padre dispor os objetos em seus devidos lugares sobre o altar, um dos coroinhas lhe traz o lavado³⁷⁷ juntamente com o manustérgio³⁷⁸ e, ao lado do altar, o padre lava as mãos em gesto de purificação, dizendo: “Lavai-me e purificai-me dos meus pecados”. Enxuga as mãos em seguida com o manustérgio, que é levado juntamente com o lavado para a credência pelo coroinha. O sacerdote então, posicionando-se em frente ao altar, pega as galhetas e coloca dentro do cálice vinho e água. É nesse momento que acontece a consagração das partículas sobre o altar e o chamado mistério da transubstanciação das espécies, quando o vinho transforma-se simbolicamente no sangue e a hóstia, no corpo de Cristo.

Nas celebrações das novenas não é feita a consagração, sendo que, após o ofertório, as ministras trazem a hóstia já consagrada dentro de uma âmbula que é colocada sobre o altar. O sacerdote convida todos para ficarem de pé, dizendo: “Irmãos, vamos alimentar-nos com o Corpo e o Sangue de Cristo. A Comunhão nos une a Cristo e aos nossos irmãos. Para realizarmos santamente esta união rezemos com fé e confiança a oração que Jesus mesmo nos ensinou”. A maioria das pessoas, nesse momento, costuma dar as mãos rezando a Oração do Pai Nosso, conhecida pelos católicos como oração da fraternidade.

O sacerdote, tendo nas mãos a hóstia, a eleva dizendo: “Felizes os convidados para a Ceia do Senhor: Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” [Fotografia 20]. As sinetas tocam e os devotos respondem em gesto de

³⁷² O sangüíneo, também chamado de purificador, é uma toalhinha de linho com a qual o sacerdote limpa os dedos, os lábios, a patena e o cálice, depois de comungar com o corpo e o sangue de Cristo.

³⁷³ A pala é uma cobertura quadrangular de tecido engomado e duro que serve para cobrir o cálice e resguardar a hóstia.

³⁷⁴ O cibório é um recipiente semelhante ao cálice, diferenciando-se por ter uma tampa e a função de guardar e transportar as partículas a serem consagradas pelo sacerdote.

³⁷⁵ As partículas, depois de consagradas, recebem o nome de hóstias e passam a representar o corpo de Cristo. No ritual das novenas, a hóstia maior é exposta na elevação, e as menores são distribuídas entre os fiéis.

³⁷⁶ São dois recipientes de vidro ou acrílico que ficam dentro de um pratinho e servem para guardar o vinho e a água que serão colocados dentro do cálice.

³⁷⁷ Utensílio litúrgico composto de jarra e bacia usados pelo sacerdote para lavar as mãos no momento do ofertório.

³⁷⁸ O manustérgio é uma toalha usada pelo sacerdote para enxugar as mãos, complementando o ritual de purificação que antecede o rito da eucaristia.

humildade: “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo”. O sacerdote conclui: “O corpo e o sangue de Cristo nos guarde para a vida eterna”. Os devotos confirmam dizendo: “Amém”.



Fotografia 20 - Elevação da hóstia consagrada.
Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

As ministras da eucaristia, conduzindo as âmbulas que se encontram dentro do sacrário com as partículas consagradas, se posicionam em lugares estratégicos frente ao presbitério, sendo que o padre costuma ficar no corredor central [Fotografia 21]. Assim, distribuem entre os devotos as partículas que simbolizam o corpo de Cristo.



Fotografia 21 - Momento da comunhão, ao fundo pessoas se dirigem ao crucifixo.
Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

É nesse momento que percebemos uma maior liberdade do devoto dentro do ritual da novena, que segue um roteiro de orações e leituras, mas ele, a seu modo, acompanha a seqüência dos ritos. Durante a comunhão, a devoção externaliza-se de forma mais explícita e emotiva conduzindo o devoto à busca e aproximação das referências do sagrado ali presente, pois, para além da linguagem teológica racional da Igreja Católica, “[...] existe uma linguagem simbólica e ritual que se expressa num padrão recorrente de imagens, símbolos e práticas [...] e esta linguagem ritual é um elemento central para o culto no santuário”.³⁷⁹

Durante o rito da eucaristia, são entoados cânticos acompanhados pelos devotos que se posicionam em longas filas para receber o corpo eucarístico de Cristo, a quem a letra dos cânticos faz referência como sendo o caminho, o pão da vida, bem como a seu retorno.

A multiplicidade de ritos realizados durante a novena envolve as pessoas no âmbito da coletividade apesar das suas diferenças sociais, econômicas e ideológicas, sendo que todos expressam seus sentimentos de forma subjetiva, identificando-se com os objetos considerados sagrados. A autonomia dos devotos nesse momento pode ser percebida, segundo Carlos Steil, como “[...] uma indeterminação de fronteiras entre o que é definido como oficial e o que é visto como práticas do catolicismo popular tradicional”.³⁸⁰

Durante o rito da comunhão, espaços dentro da igreja passam a ser consumidos de forma mais significativa pelos devotos: o sacrário, localizado à direita do altar [Fotografia 22], na frente do qual se dispõem pessoas em gesto de contemplação, de joelhos ou em pé fazendo orações pessoais, tocando no sacrário que, na dimensão de objeto sagrado, transcende a materialidade, representando para o crente a morada do corpo de Cristo ressuscitado, portanto sua presença sagrada dentro do templo.

³⁷⁹ STEIL, Carlos Alberto. op. cit., 1996, p.116.

³⁸⁰ Ibid., p.113.



Fotografia 22 - Devotos fazendo orações em frente ao sacrário após a comunhão.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

Vejamos o que nos diz um coroinha que há onze anos auxilia os padres durante as celebrações, observando detalhes do ritual:

[...] A eucaristia é um momento principal também porque muitos que são de igreja sabem que você recebeu o Cristo [...] você parou num lugar, pronto! Você tem que se concentrar [...] mas muitas que querem ir além [...] Buscam a pessoa do sacrário que Cristo está presente, buscam o ícone de Nossa Senhora pra rezar mais forte, com fé mesmo, mais forte e muitos buscam o muro das lamentações [...] tem muitos que querem é pegar na cruz!³⁸¹

O crucifixo exposto atrás do altar é visitado de forma extraordinária pelos devotos que, depois de receber a eucaristia [Fotografia 23], buscam na representação do Cristo crucificado uma relação de maior intimidade individual, pois naquele momento não há mediação do sacerdote. O devoto assume dentro do ritual uma autonomia gestual, pondo-se de joelho diante da imagem, tocando a peça de madeira que forma a cruz, escrevendo com o dedo na parede na qual está fixado o crucifixo os nomes das pessoas para quem pede graça ou mesmo as graças

³⁸¹ Samuel Alves de Carvalho. Jovem estudante, reside no bairro Vila Operária, participa das atividades catequéticas da paróquia. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 21 mar. 2008.

recebidas. Constitui-se esse gesto em um momento de belíssima plasticidade do ritual das novenas.



Fotografia 23 - Devotos reverenciam o crucifixo e tocam na parede, onde escrevem com os dedos seus pedidos, após a comunhão.
Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

Segundo Mircéia Eliade, para os cristãos, “[...] o centro da vida religiosa é constituído pelo drama de Jesus Cristo. [...] existe apenas um meio de obter a salvação: repetir ritualmente esse drama exemplar e imitar o modelo supremo, revelado pela vida e pelo ensinamento de Jesus”.³⁸² O culto ao Cristo crucificado é típico da devoção popular³⁸³, pois, através da representação do Filho de Deus na condição de humano e sofredor, os devotos se identificam buscando no seu exemplo a força para superar as dificuldades físicas, materiais e espirituais.

Clifford Geertz,³⁸⁴ ao referir-se aos usos e significados dos símbolos, diz ser a cruz “[...] um símbolo, falado, visualizado, modelado com as mãos quando a pessoa se benze, dedilhado quando pendurado numa corrente [...]”. Estabelece-se uma relação entre o significado e o significante. Os símbolos ou elementos simbólicos, segundo Geertz, “[...] são formulações tangíveis de noções, abstrações da

³⁸² ELIADE, Mircéia. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p.146.

³⁸³ Sobre a devoção a cruz conferir STEIL, Carlos Alberto. op. cit., 1996, p. 222 - 224.

³⁸⁴ GEERTZ, Clifford. Op. cit., 1978, p.105 - 106.

experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças”.³⁸⁵

A simbologia atribuída às imagens sacras desperta nos devotos um sentimento de referência que lhes permite uma comunicação com o poder sobrenatural favorecida pelas mesmas [Fotografia 24]. É o que percebemos na fala de um devoto ao referir-se à função das imagens que estão expostas dentro da igreja de São José Operário:

Se tirar Nosso Senhor, a imagem de Nosso Senhor e de Nossa Senhora de dentro da igreja eu não vou mais à igreja, não vou mais! Fazer o quê? Olhar pras paredes? Que a fé tá naquele quadro que você tá vendo. Se tirar, eu vou dizer! Se chegar a tirar Cristo, aquela cruz de dentro da igreja, não vai mais ninguém não!³⁸⁶



Fotografia 24 - Os devotos se deslocando em direção ao crucifixo e ao Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, após a comunhão.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

O santuário³⁸⁷ de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizado ao lado esquerdo do altar espaço onde fica exposta a imagem sacra passa a ser

³⁸⁵ Ibid., p. 105 - 106.

³⁸⁶ Luis Gonzaga Galeno. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 30 mai. 2005.

³⁸⁷ Espaço que expõe com destaque o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, fazendo com que a igreja da Vila Operária assuma status de santuário às terças-feiras, tornando-se um lugar

freqüentado de forma mais significativa após a comunhão. Diante dessa representação iconográfica de Maria, os devotos fazem suas orações particulares, pedidos e agradecimentos [Fotografia 25]. Penitenciam-se entrando de joelhos na igreja em direção ao quadro e, diante do mesmo, permanecem rezando. Também ofertam flores, velas e ex-votos como forma de pagamento pela graça alcançada, prática, segundo Pierre Bourdieu,³⁸⁸ marcada por uma “economia de trocas simbólicas”, onde a Igreja institucionaliza o valor sagrado (o quadro milagroso de Maria) e os leigos consomem de acordo com suas necessidades imediatas.

Assim, a gente fica até em dúvida se é mais aqui [crucifixo] ou no ícone, o certo seria mais, pra ser mais no sacrário, mas o povo é tão surpreendente com a gente! Aqui lota! [crucifixo] É tão tal que a gente pede pros coroinhas sair daqui pra deixar o povo à vontade até mesmo pro coroinha não ficar sufocado. Então aqui [ícone] é lotado, se você quiser passar por aqui é difícil! Nesse momento bem aqui é tão tal que quando a gente quando vai lavar a igreja, a gente esfrega mais pra este lado de cá porque é onde fica mais lotado é aqui, esse de frente pro ícone. Então são dois lugares mais fortes da igreja depois da comunhão. ³⁸⁹

privilegiado de oração onde os devotos participam exclusivamente da penitência e da eucaristia. Nos demais dias da semana é a igreja matriz da paróquia onde se recebe normalmente todos os sacramentos, sendo a catequese permanente.

³⁸⁸ Para Bourdieu, o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que são sujeitos ou mesmo que o exercem. Cf. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 7 - 8.

³⁸⁹ Samuel Alves de Carvalho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 21 mar. 2008.



: Fotografia 25 - Concentração de devotos em torno do quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, após a comunhão.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

A relação entre o devoto e o que ele acredita ser o poder intercessor de Maria, simbolicamente representada através do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, expressa uma espécie de acordo estabelecido pelo devoto, o qual negocia a graça a ser alcançada, bem como a forma de pagamento. A imagem de Maria ali exposta é apropriada, ou seja, consumida de diferentes formas pelos devotos que buscam solucionar suas necessidades, sejam físicas, materiais ou espirituais.

É a fé mesmo que eu tenho em Nossa Senhora. É eu acreditar! Em muitas coisas ela me socorreu, em momentos de dificuldades, de aflição que eu recorro a ela. [...] Claro, não diretamente por ela, mas ela intervindo porque, como eu disse, o principal é o Pai, é Deus. Mas ela é o elo. Ela está bem próxima Dele do que eu, um reles humano aqui na Terra.³⁹⁰

Porque no momento que você vê o quadro, poderia ser qualquer quadro, mas a sua fé aumenta muito mais porque você vê o quadro! A sua fé aumenta muito mais do que só rezar sem ver a imagem. [...] Até para lá, do lado de Nossa Senhora, é que o lado que tem mais

³⁹⁰ Francisco Arinaldo Avelino Fontenele. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 17 mai. 2005.

gente. É que o povo quer ir mais pro outro lado porque o povo quer ficar olhando pro quadro!³⁹¹

Quanto à identificação do devoto com o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, percebemos na análise dos questionários aplicados, que 36% reconhecem o quadro como sendo um símbolo sagrado; 35%, como a presença de Maria na igreja; 15%, como uma lembrança de Maria; 8%, imagem para veneração, e 6%, imagem para adoração.

Segundo Luiz Mott, um dos traços marcantes da espiritualidade luso-brasileira sempre foi a devoção preferencial de nossos colonos por Maria, presente no imaginário, nos sermões, nas preces, como titular das igrejas e capelas, como madrinha de recém-nascidos e nas dezessete festas anuais à Virgem consagradas³⁹².

Ao observarmos o ritual da novena dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, percebemos a permanência da tradição religiosa que dedica à mãe de Cristo lugar de destaque dentre os santos católicos, no entanto o centro do sagrado que é Deus, no sentimento católico é intermediado, através do ritual da novena, pela relação entre Jesus, o filho, e sua mãe Maria.

Clodovis Boff, por sua vez, enfatiza que os dois grandes símbolos do cristianismo que marcaram o processo de evangelização da América Latina e também do Caribe foram a cruz e a imagem de Maria, representada com o filho no colo. No Brasil, ela foi apresentada como a portadora da salvação dos homens, aquela que indica o caminho, que cuida e protege o Salvador³⁹³. Na Igreja da Vila Operária essa imagem historicamente construída de Maria e propagada pelos padres redentoristas através do seu quadro milagroso continua a ser consumida pelos devotos, que a ela recorrem como sendo a Mãe do Perpétuo Socorro.

Comecei a ir por uma graça e motivei ir por todo tempo, até eu morrer! Muitos deles vão lá é por uma graça, mas a gente não vai só pedir não a Nosso Senhor e a Nossa Senhora não! A gente vai porque tem uma convicção também. Lá dentro da igreja você se sente bem. Você pode ter mil problemas em casa, mas, quando

³⁹¹ Isabel Cristina R. C. de. Carvalho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 12 abr. 2005.

³⁹² MOTT, Luiz. op. cit., 1997, p.170.

³⁹³ BOFF, Clodovis. op.cit., 2006, p. 218.

chega dentro da igreja, que você olha Nosso Senhor, a vida é outra. E olha pra Nossa Senhora, ela quem sabe a quem dar! Ele é que sabe a quem dar![...] Porque eles dois são conjugados, você pode olhar. É Ele (Jesus), o Pai e a Mãe dele!³⁹⁴

Ao término da distribuição das partículas, o sacerdote retorna ao altar, onde limpa o cálice e sobre o mesmo coloca o sanguíneo devidamente dobrado, a patena, a pala e o corporal, entregue a um dos coroinhas que o conduz até a credência. As pessoas que se encontram dispersas pela igreja começam a retornar aos seus lugares. O sacerdote então pede a atenção de todos, é o momento dos avisos onde são informados a respeito de programações a serem desenvolvidas durante a semana, pedidos de colaboração em prol de alguma obra a ser desenvolvida pela paróquia e coisas do gênero.

3.3.16 Bênção Final

Após os avisos, o padre anuncia a bênção final [Fotografia 26] dizendo: “O Senhor esteja convosco!” As pessoas respondem: “Ele está no meio de nós!” Invocando a Trindade, o sacerdote eleva a mão direita e, fazendo o sinal da cruz, diz: “Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo!” Todos os presentes respondem: “Amém!” O padre conclui a bênção então: “Ide em paz, e o Senhor vos acompanhe!” Os devotos respondem: “Graças a Deus”.

³⁹⁴ Luis Gonzaga Galeno. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 30 mai. 2005.



Fotografia 26 - Sacerdote dá a bênção ao término da celebração.
 Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

Alguns sacerdotes terminam a celebração da novena assim; outros acrescentam a oração da Ave Maria ou a oração de Consagração a Nossa Senhora, convidando os presentes a estenderem a mão direita em direção ao quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro enquanto rezam e só depois dão a bênção final. Em seguida o sacerdote sai em direção ao altar externo da igreja, enquanto as ministras da eucaristia, por sua vez, organizam os detalhes para a próxima celebração, redistribuindo as partículas que foram consagradas dentro do cibório e colocando-as dentro de várias âmbulas, que são guardadas dentro do sacrário para ser distribuídas aos fiéis na próxima celebração. Tal procedimento garante a dinamicidade do rito da comunhão, facilitando o trabalho das ministras, que, no momento adequado, pegam as partículas no sacrário e assumem suas posições dentro da igreja na hora da comunhão.

A partir de meados da década de 1990, acrescentou-se ao ritual da novena, de forma efetiva, a bênção da água, que a princípio era feita na sacristia, passando depois a ser dada em uma mesa posta ao lado da igreja, a qual posteriormente foi substituída por um altar construído paralelo à sacristia. Essa inovação garante permanências, considerando o que nos informa André Vauchez ao estudar a espiritualidade medieval

De modo geral a Igreja esforçou-se para cristianizar a atmosfera de sacralidade difusa que cercava os principais atos da vida na religiosidade popular. Assim apareceram, ao lado da liturgia eucarística, todo tipo de para-liturgia, das guias as mais importantes eram as bênçãos e os exorcismos.³⁹⁵

Em torno desse altar se concentram dezenas de pessoas ansiosas por receberem sobre seus corpos a água benta. Várias vezes observamos devotos que saíam da igreja antes da bênção final que encerrava a novena, dirigindo-se ao altar externo a fim de garantir uma buscando uma posição que lhes permitisse receber bastante água benta. Nesse recente rito, o sacerdote coloca-se em posição de destaque junto ao altar, onde faz uma oração; em seguida, mergulha na pia cheia de água um ramo de folhas naturais que é movimentado no ar na direção dos devotos, abençoando assim as pessoas que ali se aglomeram [Fotografia 27]. A água passa a ter um poder simbólico de alívio, satisfação e até mesmo de cura para alguns devotos que, não contentes em receber a bênção, costumam levar vasilhames com água para o padre benzer, assim como quadros e imagens de santos, terços, dentre outros objetos. Interessante frisar o reconhecimento da autoridade do sacerdote por parte dos devotos, pois a água previamente colocada na pia só passa a ser simbolicamente sagrada pela ação do mesmo.

[...] eu peguei desse tempo que ainda era ali [sacristia]. Eles pegavam uma bacia com folhinhas [...] e benzia o povo no quarto [pequena sala da sacristia]. Aí foi começando, lotando esse ritual aqui até que uma hora eles [padres] decidiram mudar. Botaram essa mesa lá fora na terça-feira. [...] foi aumentando, o povo pedindo. Até que na época do padre Júlio [...] ele decidiu é fazer esse altar mais elevado lá fora, mais alto pra pegar todo mundo aí, junto com a reforma da igreja em 2000 que aumentou os lados da igreja.³⁹⁶

³⁹⁵ VAUCHEZ, André. op. cit., 1995, p. 26.

³⁹⁶ Samuel Alves de Carvalho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 21 mar. 2008.



Fotografia 27 - A bênção da água dada pelo sacerdote ao término de cada novena.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

A narrativa etnográfica ensaiada busca atribuir significados às práticas religiosas das novenas a partir do discurso da Igreja através de seus documentos oficiais e da fala e experiência de fé dos devotos entrevistados. O ritual das novenas, desse modo “[...] situa-se definitivamente no ato de acreditar em seu efeito, através das práticas de simbolização [...]”.³⁹⁷

3.4 *As novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a construção de uma tradição religiosa em Teresina*

Partindo do pressuposto de que as inovações da sociedade moderna contrastavam com a proposta reguladora da Igreja Católica, a qual passou a ver algumas idéias, a exemplo do comunismo e do espiritismo, como ameaças à fé cristã, a instituição buscou defender seus interesses, criando estratégias de combate que se valiam, na maioria das vezes, do redirecionamento de práticas religiosas populares para evangelizar e ‘proteger’ seu rebanho. Percebemos assim que a prática das novenas dedicadas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, divulgadas

³⁹⁷ SEGALEN, Martine. op. cit., 2002, p. 27.

pelos missionários redentoristas, que, desde o século XIX, realizaram um grande número de missões e popularizaram a devoção a santa no Brasil, atendeu e continua a atender aos interesses da Igreja enquanto recurso de evangelização marcada pela tradição religiosa de recorrer a Maria como defesa diante das ameaças conseqüentes das mudanças e inovações do mundo moderno. A tentativa de estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado, defendendo valores e normas de conduta social, resulta no que Eric Hobsbawm³⁹⁸ definiu como ‘tradição inventada’:

[...] um conjunto de práticas, normas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado³⁹⁹.

Constituem-se as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em uma tradição inventada na medida em que, em torno de Maria, cria-se um ritual formal de perpetuação das virtudes a ela atribuídas e da função simbólica de seu culto, que alimenta a fé e orienta a conduta de seus praticantes.

3.4.1 O ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Foi a partir da perspectiva de ser o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro o elemento fomentador da devoção a Maria na Vila Operária que desenvolvemos nosso projeto de pesquisa (monografia de Graduação) que resultou posteriormente no projeto de mestrado. É significativa a importância desse símbolo enquanto recurso de motivação a devoção, considerando que “[...] as imagens religiosas são ativas depositárias de sacralidade e, por isso, mediadoras com as esferas do sagrado”.⁴⁰⁰

³⁹⁸ De acordo com autor, o termo tradição inventada inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo. Cf. HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

³⁹⁹ HOBBSAWM, Eric. op cit., 1997. p. 9.

⁴⁰⁰ LOPES, José Rogério. op. cit., 2003, p.1 - 29.

O culto das imagens religiosas radicou-se profundamente na igreja grega ainda nos séculos VI e VII, incrementado especialmente pelos monges, chefes espirituais do povo, tornando-se parte integrante da religião católica. Segundo a teologia católica, a idolatria é um pecado que consiste em prestar a uma criatura o culto que só a Deus é devido. Os iconoclastas – partidários da luta religiosa em torno das imagens sagradas – do século VII consideravam o culto das imagens uma forma de idolatria e lutavam contra ele, inclusive pela destruição de imagens sacras. O problema causou graves agitações no Império do Oriente até que o II Concílio de Nicéia, em 787, oficializou o culto das imagens, precisando, porém, a diferença entre esse culto e o devido a Deus.

De acordo com Padre Antonio Schneider,⁴⁰¹ houve um tempo em que não existia na Igreja a devoção ao Socorro de Maria como o concebido na atualidade. O que existia “[...] era o conceito, a idéia do socorro referida à Santíssima Virgem. O que prevalecia era uma idéia fundamentada nos dogmas essenciais do cristianismo”. Segundo o autor, foi após as lutas iconoclastas que as representações de Nossa Senhora, como também dos santos e de Jesus, adquiriram uma veneração especial pelo que passaram a representar e pelos milagres que lhes foram atribuídos.

A lenda de que Lucas⁴⁰², o evangelista, teria pintado um quadro retratando a mãe de Jesus contribuiu para a veneração a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro através do seu ícone, atribuindo-lhe poder milagroso, fato que reforça a idéia de que “quanto mais misteriosa a origem, mais poderosa a imagem”.⁴⁰³

O quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é de origem oriental-grega. Venerado pelo povo cristão na ilha de Creta, foi levado a Roma em 1497, onde solenemente entronizado na igreja de São Mateus, recebeu durante anos, as homenagens dos fiéis, até o dia em que o templo, juntamente com outras trinta igrejas, foi destruído, 1798, pelas tropas da Revolução Francesa que ocuparam Roma. O quadro milagroso ficou guardado na capela particular de um convento durante setenta anos. Como os redentoristas construíram uma igreja onde ficava a de São Mateus, quando souberam do paradeiro do quadro e tiveram conhecimento

⁴⁰¹ SCHNEIDER, Pe. Antônio. *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: história, culto e devoção*. 10 ed. São Paulo: Santuário, 2002, p. 30.

⁴⁰² Análises científicas concluíram que o quadro não poderia ter sido feito no primeiro século invalidando assim a crença de que o evangelista Lucas o teria pintado. A obra em estilo bizantino mistura a arte romana com a dos povos orientais e provavelmente foi concluída entre os anos de 1350 e 1480. Cf. Todas as nossas senhoras. *Revista das Religiões*. São Paulo: Abril, mai., 2005, p. 71.

⁴⁰³ AUGRAS, Monique. op. cit., 2004, p. 210.

da sua história, pediram ao papa Pio IX que o concedesse à nova Igreja de Santo Afonso. O papa concordou e confiou a sua guarda à Congregação Redentorista. No dia 26 de abril de 1866, o quadro foi levado em procissão para a Igreja de Santo Afonso.⁴⁰⁴

A 23 de maio de 1871, nessa mesma igreja, foi erigida canonicamente, em honra de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma irmandade que, a 31 de março de 1876, foi elevada a Arquiconfraria pelo Papa Pio IX. Desde então, a devoção e o culto ao quadro milagroso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que fora entregue aos cuidados da Congregação, em 1866, se estendeu pelo mundo inteiro, sendo a congregação, através de seu trabalho missionário, responsável em grande parte, por essa difusão⁴⁰⁵.

A iconografia, ou seja, a interpretação de imagens exerceu um papel fundamental para a Igreja, pois, por meio das imagens, era possível comunicar as doutrinas religiosas. A partir da Alta Idade Média, as pessoas que oravam para determinadas imagens eram recompensadas com indulgências, fato que estimulou o culto às imagens tidas como sagradas. Segundo Peter Burke, tais ícones significavam muito mais do que um simples meio de disseminação do conhecimento religioso:

Eram por si mesmas, agentes, a que eram atribuídos milagres, e também objetos de cultos. Na cristandade oriental, por exemplo, os ícones ocupavam (como ainda o fazem) um lugar muito especial [...]. Os ícones, seguindo convenções distantes do realismo fotográfico, demonstram o poder da imagem religiosa com especial clareza. A pose de Cristo, da Virgem ou dos santos é geralmente frontal, olhando diretamente para os espectadores e, assim, encorajando-os a tratar o objeto como uma pessoa.⁴⁰⁶

No intuito de perceber a importância do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como elemento fomentador da prática das novenas dedicadas a santa, nos propomos aqui analisar os elementos que compõem a imagem sacra.

⁴⁰⁴ MISSIONÁRIOS Redentoristas da Bahia. Salvador: Redentoristas, 1993, p. 17 - 18.

⁴⁰⁵ WERNET, Augustin. op. cit., 1995, v.1, p.129.

⁴⁰⁶ BARKE, Peter. *Testemunha ocular*: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004, p.62.

Atentemos para a representação simbólica do ícone⁴⁰⁷ de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cultuado durante as novenas na Igreja da Vila [Fotografia 28]. O quadro milagroso que hoje está na Itália é uma pintura em madeira com 53 cm de altura por 41,5cm de largura. Ao longo da história recebeu dois títulos principais: Virgem da Paixão, escolhido por artista anônimo,⁴⁰⁸ e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que nasceu da devoção popular.



Fotografia 28 - Quadro milagroso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro exposto na Igreja de São José Operário.
Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

Nesse expoente da arte bizantina aparecem quatro figuras: Nossa Senhora, o Menino Jesus, representado com características de adulto, como exige a arte do ícone, e dois arcanjos.⁴⁰⁹ No fundo cor de ouro, que evoca valores permanentes dando à mensagem do quadro um caráter de eternidade, localizam-se as letras gregas, de forma abreviada, identificando as personagens. No nome de Jesus Cristo, escrito ao lado do seu rosto, constam em cada palavra a primeira e a última

⁴⁰⁷ De acordo o *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, o ícone é definido como sendo uma imagem divina ou sagrada particularmente usada nas igrejas orientais. Simboliza a realidade transcendente, servindo, portanto, de ponto de referência para a meditação. Conferir SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. op. cit., 1995, p.1314.

⁴⁰⁸ O ícone enquanto obra de arte é criado e destinado exclusivamente para o culto religioso. Acredita-se que é imbuído de presença divina, portanto, não deve ser assinado pelo seu autor, devendo este ficar no anonimato.

⁴⁰⁹ Na teologia do judaísmo, na maioria das denominações cristãs e no islamismo, os arcanjos são uma categoria de anjos. De acordo com a tradição católica, existem três arcanjos: Miguel, chefe da milícia celeste; Gabriel, mensageiro celeste, e Rafael protetor dos viajantes.

letra das correspondentes em grego: “Iesous Christós”. À altura da cabeça de Maria destacam-se, igualmente abreviadas, as duas palavras que são o resumo de sua grandeza: “Máter Theou” [Mãe de Deus]. Para indicar os dois arcanjos, o pintor também abreviou seus nomes, usando as letras iniciais. Escreveu, acima do que fica a esquerda, “Hó Archángelos Michael” [O Arcanjo Miguel], e, acima do outro, à direita, “Hó Archángelos Gabriel” [O Arcanjo Gabriel].

Maria veste uma túnica vermelha, distintivo das virgens de sua época,⁴¹⁰ que lhe confere ao mesmo tempo, um ar de modéstia e de majestade. Como se trata de um ícone, é relevante lembrar que Constantinopla foi sede onde a humilde esposa do carpinteiro confessada como a Theotokos da fé, tomou simbolicamente os traços de senhora, de imperatriz, de vitoriosa, de socorro, enfim, de dominadora do mundo. Essa transformação simbólica da imagem da Virgem situa-se dentro de um processo maior: o de inculturação que se seguiu ao estabelecimento da fé cristã pelo Império Romano, a princípio, como religião lícita, com o imperador Constantino; depois como religião oficial, com Teodósio e, por fim, como religião, obrigatória com Justiniano. Percebe-se, portanto, que o Império Bizantino investiu sobre os símbolos cristãos seus valores mais excelentes e, através desse processo, envolveu o conjunto do Cristianismo, implicando também a figura da Mãe de Deus⁴¹¹.

As coroas sobre as cabeças de Mãe e Filho não fazem parte do quadro original, tendo sido colocadas em solene cerimônia oficial, no dia 23 de junho de 1867, num reconhecimento oficial da idéia de realeza atribuída aos personagens dando assim uma maior importância ao quadro milagroso.

No quadro, vemos a mão direita de Maria estendida em direção ao Menino Jesus. Tal gesto representa, na arte oriental, sua intercessão junto ao divino Filho. Quanto às duas mãos do Menino Jesus segurando a mão de sua mãe, na concepção oriental, simboliza a união de Maria com Cristo em sua obra redentora. Observando-se com atenção essas três mãos, percebemos que Maria segura a mão esquerda do menino, deixando livre a direita. Na linguagem simbólica dos antigos, a mão esquerda é a mão do Senhor que castiga, enquanto a direita abençoa e dispensa graças e salvação. Tal interpretação pode fazer alusão à passagem bíblica das bodas de Caná onde Maria recorre ao filho em favor dos noivos e, confiando

⁴¹⁰ Nos referimos aqui ao período em que Maria viveu em Nazaré sujeita às regras culturais de seu povo, e não ao período em que o quadro foi produzido.

⁴¹¹ BOFF, Clodovis. op. cit., 2006, p.134 - 135.

que ele lhe atenderá ao pedido, diz aos empregados da casa: “façam tudo o que ele mandar”.

Outro detalhe que chama a atenção é a sandália que se desprende do pé direito do Menino Jesus e escorrega. O autor parece querer representar através do gesto do menino seu susto ao ver os instrumentos da Paixão⁴¹² que lhes são apresentados pelos arcanjos: a cana com esponja, a lança, os cravos e a cruz. O detalhe da sandália pode ser analisado também, numa perspectiva espiritual ou mítica, como fazendo alusão ao despojamento material diante de algo mais valioso. Pode significar ainda a tradição na concretização de um negócio,⁴¹³ bem como reconhecimento do sagrado.⁴¹⁴ Não podemos esquecer que, ao assustar-se, Jesus busca a proteção de sua mãe, e mais uma vez o gesto das mãos representa o conforto da mãe que segura na mão do filho para confortá-lo e protegê-lo. É assim que muitos dos seus devotos a vêem, como a mãe que socorre os filhos aflitos dando-lhes proteção. Uma devota de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ao comentar a importância do quadro enquanto meio de divulgação das novenas pelos padres redentorista, faz uma leitura particular da imagem dizendo:

[...] Maria é porque ela é devido aquele quadro né? Que vem de muito longe, que tem até a história que eu não tô bem assim aprofundada nela, mas é uma história muito bonita. Cada um, cada figurinha daquela que tem naquele quadro tem um simbolismo, tem um significado né? Ela ali significa até a própria morte de Cristo. Ali você pode observar no quadro que tem. O Cristo ficou assustado quando viu o anjo com a cruz ali na mão né? Ele correu para os braços de Maria, como sempre acontece quando os filhos estão com qualquer problema, é pra onde eles correm. Muitos deles é pro lado da mãe né? E nós aqui como pessoas que amam Maria, a gente corre pra ela em todos os momentos, todos os sentidos.⁴¹⁵

O que dizer dos traços faciais de Maria? Sua boca é pequena, talvez por enfatizar sua postura silenciosa retratada nos evangelhos. Seus olhos, ao contrário, são grandes, mas não se dirigem ao menino, estando sempre voltados para os fiéis, como se houvesse a intenção de estabelecer uma interação da santa com aquele

⁴¹² Na Idade Média havia uma preocupação especial com a dor, sendo que, nesse período, o culto dos instrumentos da Paixão (pregos, lança e outros) atingiu o seu clímax. Cf. BURKE, Peter. op. cit., 2004, p. 60.

⁴¹³ Era costume em Israel que um homem tirasse seu sapato e desse a outro em gesto de validação de um acordo entre ambos. Conferir na bíblia, o livro de Rute, capítulo 4.

⁴¹⁴ Moisés tirou as sandálias para poder pisar no solo sagrado onde deus se manifestava em forma de uma sarça ardente. Conferir na bíblia o livro do Êxodo, capítulo 3.

⁴¹⁵ Iraci Oliveira da Silva. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 07 ago. 2008.

que se põe diante dela. É, portanto, reconhecida pelos devotos como A Senhora do Socorro, aquela que, por ser Mãe de Cristo, reveste-se de poder e compaixão, intercedendo em favor dos que a ela recorrem.

Diante do exposto, acreditamos ser o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro importante elemento que compõe o culto mariano praticado na igreja de São José Operário, pois é por meio dele e da significação que os devotos atribuem a Maria que se dá a dinâmica do ritual religioso das novenas.

Nas centenas de títulos atribuídos a Maria, percebemos que prevaleceram as virtudes morais e religiosas ou práticas da sociedade na época em que eles lhe foram atribuídos. O Magistério da Igreja Católica, especialmente em momentos de crises cristológicas, prestou grande atenção à pessoa e missão da Virgem Maria.⁴¹⁶

Nos primeiros séculos da era cristã, foram valorizados os aspectos da sua maternidade e pureza divina, atribuindo-se-lhe os codinomes de “Mãe Generosa”, “Virgem Gloriosa” e “Mãe de Deus”. Já nos séculos XI e XII⁴¹⁷, com grandes catedrais góticas construídas em sua homenagem, Maria foi chamada de “Rainha”⁴¹⁸. Nesse caso, era retratada como uma mulher forte, salvadora e companheira de Cristo no calvário. No período das cruzadas, também marcado pelo amor cortesão, Maria foi honrada pela cavalaria cristã, saudada como a bela senhora dos cavaleiros, a “Madona”, a Nossa Senhora⁴¹⁹, respeitosos títulos dados a aristocratas feudais.

⁴¹⁶ Sobre o culto e o papel de Maria no projeto de salvação, destacam-se os pronunciamentos dogmáticos dos concílios ecumênicos de Constantinopla (380), de Éfeso (431), de Calcedônia (451) e no Niceno II (787). Em época moderna, destaca-se a Bula Dogmática *Ineffabilis Deus* (1854), com a qual o Papa Pio IX definiu a Conceição Imaculada de Maria, e a Constituição Apostólica *Magnificentissimus Deus* (1950), com que o Papa Pio XII decretou solenemente a fé perene da Igreja na Assunção da Virgem em corpo e alma ao céu. Na atualidade o documento magisterial mais significativo sobre o culto mariano e a pessoa de Maria é o oitavo capítulo da Constituição *Lumen Gentium* do Vaticano II (1964). Cf. SCHESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. op. cit., 1995, p.1691.

⁴¹⁷ Segundo Jacques Dalarum, o século XII foi o grande século do impulso mariano, sendo que, no século seguinte, a mística medieval desenvolveu-se apoiada na Virgem enquanto modelo de piedade filial onde a mulher é exaltada na qualidade de mãe. Cf. DALARUM, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. São Paulo: Ebradil, 1990, p. 39 e 55.

⁴¹⁸ De acordo com Clodovis Boff, entre os séculos IX e XII, emergiu no Ocidente a figura ‘individualizada’ da Virgem, que passa a personalizar a Cristandade. É nesse período que, dentre outras imagens, Maria é representada como rainha, modelo das imperatrizes, rainhas e mulheres nobres da época. Cf. BOFF, Clodovis. op. cit., 2006, p. 272 - 273.

⁴¹⁹ Segundo Cleto Caliman, no Brasil a conotação política do título de rainha não recebeu o devido reconhecimento, no entanto, o título de senhora foi muito apreciado, sendo a expressão ‘Valha-me Nossa Senhora’ uma das invocações preferidas dos brasileiros. Cf. CALIMAN, Pe. Cleto. op. cit., 1989, p. 24.

Considerando o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro enquanto imagem dogmática, ou seja, cuja elaboração é realizada no topo da hierarquia religiosa e oferecida aos devotos como parte de um projeto figurativo que caracterizou o processo de evangelização dos segmentos populares, constatamos que a imagem em estudo, apesar de dogmática, penetrou nos círculos devocionais onde Maria é considerada instrumento de realização de milagres que são, na verdade, obra de Deus. Essa idéia prevalece entre os católicos romanizados que acreditam no poder mediador dos santos, sendo que o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro funciona como veículo propagador dos dogmas marianos que são reavivados e celebrados através das orações e cânticos próprios da novena dedicada à Mãe do Socorro.

A Maternidade Divina é o primeiro dogma mariano proclamado pelo Concílio de Éfeso, em 22 de julho de 431. Esse dogma reconheceu Maria como a Mãe de Deus e tem forte incidência na vida cristã, sendo peça-mestra da Teologia Mariana. Depois de sua confirmação, se multiplicaram as imagens da *Theotokos* representada como rainha junto com as figuras de Cristo.

A Virgindade Perpétua constitui o segundo dogma, formulado no II Concílio de Constantinopla, em 553, e definido no Concílio Romano do ano 649. Esse dogma reconheceu como verdade de fé que Nossa Senhora permaneceu virgem, antes, durante e depois do parto. O nascimento de Cristo, em vez de destruir, consagrou sua virgindade, afirmando o dogma que ela permaneceu intocada pelo resto de sua vida.

O dogma da Imaculada Conceição foi instituído, em 08 de agosto de 1854, pelo papa Pio IX⁴²⁰ e afirma que Maria foi concebida livre do pecado original e que, desde o primeiro instante de sua concepção, esteve adornada da graça de Deus. É assim que o reproduz com fé uma devota ao se referir a Maria: “Nossa mãe, sem ela a gente não vai pra lugar nenhum. Santíssima, pura e imaculada, concebida sem pecado”.⁴²¹ Santo Afonso de Ligório, propagador do papel de Maria na obra da redenção e fundador da Congregação Redentorista, defendia a Imaculada

⁴²⁰ O dogma da Imaculada Conceição de Maria foi definido pelo papa Pio IX com o objetivo de sanar os problemas da época que segundo a Igreja estavam ligados ao avanço da cultura e do poder laicista, quer liberal ou socialista que contestava o poder tanto religioso como político da Igreja Católica. Cf. BOFF, Clodovis. op. cit., 2006, p. 500.

⁴²¹ Isabel Cristina R. C. de Carvalho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 12 abr. 2005.

Conceição bem antes da proclamação do respectivo dogma e foi seu defensor mesmo diante das críticas recebidas.⁴²²

O quarto dogma mais contemporâneo, que trata da Assunção de Nossa Senhora, foi instituído em novembro de 1950 pelo papa Pio XII. Prega que Maria foi elevada aos céus em corpo e alma como uma recompensa de suas obras, sofrimentos e virtudes. Nada se fala sobre sua morte, afirmando-se que seu corpo foi glorificado, não tendo sido submetido à corrupção do sepulcro.

Constatamos que os dois últimos dogmas têm menos relação com Cristo estando mais relacionados com a realidade humana, o que não deixa de ser uma crítica da Igreja ao materialismo, visto como ameaça à vida humana. Contribuíram, segundo Clodovis Boff, para a chamada “politização da devoção mariana”, sendo que a Assunção foi declarada no contexto no qual o comunismo aparecia, para a maioria dos católicos, como o grande inimigo da Igreja. A Santíssima Virgem surgia como a mediadora devocional necessária para as massas em prol da realização da “ordem cristã”⁴²³.

Não podemos ignorar que os dogmas surgiram em contextos históricos específicos e sob as mais diversas motivações, no entanto é sua força simbólica que permanece na mente do devoto através das imagens que suscitam emoção e devoção, a exemplo do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, através do qual Maria é apresentada e cultuada como Mãe de Deus.

De acordo com Roger Chartier,⁴²⁴ as representações adquirem sentido se estiverem relacionadas às práticas sociais de um grupo e, para que isso aconteça é necessária uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado. A iconografia mariana funciona, portanto, como exibição de uma presença pública de Maria. O devoto reconhece sua ausência física enquanto pessoa, mas, uma vez representada através do quadro, este passa a simbolizar seu poder sobrenatural. Nesse sentido, não se cultua a imagem pela imagem, mas pelo que ela representa, ou seja, a mãe de Cristo e os valores a ela atribuídos pela Igreja e pelos devotos. Ao analisar a importância das imagens, símbolos e mitos na relação do homem moderno com o transcendente, Miceia Eliade constata

⁴²² WERNET, Augustin. op. cit., 1995a, p. 23.

⁴²³ BOFF, Clodovis. op. cit., 2006, p. 519.

⁴²⁴ CHARTIER, Roger. op. cit., 1990, p. 23.

[...] que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, mas que jamais poderemos extirpá-los. [...] As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique, elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função de relevar as mais secretas modalidades do ser.⁴²⁵

3.4.2 A propagação das novenas: os ex-votos e os meios de comunicação social

Importante é esclarecer a distinção entre o voto, que caracteriza um ato anterior à graça, ou seja, um pedido, uma promessa, e o ex-voto, que é a prática posterior à graça alcançada que consiste num testemunho público, uma forma de gratidão de quem recebeu, uma graça. Esse agradecimento é externado simbolicamente através dos mais diversos objetos.

No espaço dedicado a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, dentro da igreja onde fica exposto o seu ícone, os devotos pagam as promessas através de gestos e objetos ali expostos. Não percebemos uma grande quantidade de ex-votos em forma de objetos depositados nesse espaço, nem incentivo por parte do clero local em relação a essa prática, pois alegam não dispor de espaço apropriado para expô-los. Verificamos, no entanto, uma variedade de partes do corpo representadas através de esculturas de madeira em sua maioria: são pés, mãos, cabeças, corações e seios [Fotografia 29] ilustrando as principais partes dos corpos dos devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro acometidos pelos mais variados males e que, através de sua intercessão, foram curadas. Necessidades de cunho social também são percebidas através dos ex-votos, como maquetes de casas que ilustram uma conquista ou realização de um sonho do devoto.

Durante as novenas solenes de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os devotos são motivados a escrever seus pedidos e agradecimentos, os quais são lidos pelos sacerdotes durante as novenas. Quanto às cartas ex-votos, notamos que, na atualidade, a quantidade delas acompanhadas de fotografias tem aumentado consideravelmente, sendo colocadas na gruta de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [Fotografia 30] ao lado da igreja.

⁴²⁵ ELIADE, Mircéia. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 7 - 9.



Fotografia 29 - Ex-votos expostos abaixo do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na igreja de São José Operário.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.



Fotografia 30 - Ex-votos colocados aos pés de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na gruta que fica ao lado da igreja de São José Operário.

Fonte: Arquivo particular de Ana Cristina da Costa Lima.

O ato de escrever uma carta narrando uma história de vida, partilhando problemas, fazendo pedidos, implorando ajuda e endereçá-la a alguém pode ser

interpretado como uma relação de interação social entre pessoas. Mas quando essas cartas são direcionadas aos santos? A resposta é que, para o devoto, o santo está vivo e pode-se vê-lo, por isso envia também fotografias; escutá-lo, por isso fazem suas preces, como também pode ler cartas e atender pedidos, por isso escrevem. Desse modo, os devotos humanizam o santo, na crença que ele possa ler seus pedidos. É o que Marcelo João Soares de Oliveira⁴²⁶ chama de revelação do santo vivo, ao estudar as devoções em Canindé. Nessa relação do devoto com o sagrado, prevalece o sentimento de confiança do devoto, que chega a materializar a imagem do santo num ser vivo sensível às necessidades humanas.

É curioso o fato da agregação de outras devoções manifestadas durante as novenas. De forma discreta, mas perceptível, é feita a distribuição de “santinhos” de outros santos entre os devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O mais comum é Santo Expedito, seguido de outras denominações de Maria. As “correntes” também são freqüentes. Trata-se de orações ou testemunhos acompanhados de obrigações para quem as recebeu e leu, consistindo geralmente na reprodução e distribuição do texto recebido, sob pena de punição divina caso a corrente seja quebrada.

Monique Augras⁴²⁷ defende, a partir de sua pesquisa de campo sobre a relação que se estabelece entre o devoto e o seu santo predileto, a hipótese de que “[...] heranças arcaicas e comportamentos consumistas não podem ser vistos como separados, mas interagem constantemente, e mutuamente se reforçam”. A autora destaca três características que marcam esse processo: o individualismo, o espetacular da devoção e o consumo da mesma.

Aplicando esse tripé às nossas observações, no caráter individualista, já que o devoto requer a ajuda imediata do santo para resolver seu problema pessoal, percebemos que, na devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, essa característica sofre variações. É comum que os devotos primem por seu bem-estar, pessoal considerando que, para se sentirem bem, é necessário que as pessoas que lhes são queridas também estejam. Assim, muitos votos e ex-votos são feitos não exclusivamente em caráter individualista, mas também em favor de outras pessoas do círculo familiar ou mesmo de amigos. Observamos que o ritual das novenas, além

⁴²⁶ OLIVEIRA, João Soares de. O Símbolo e o Ex-Voto em Canindé. *Revista de Estudos da Religião*, n.3, 2003, p. 99 - 107.

⁴²⁷ AUGRAS, Monique. op. cit., 2004, p.197 - 198.

do momento específico para as orações pessoais, são feitas outras em favor da comunidade e da Igreja.

O caráter espetacular da devoção, segundo Augras, recebe apoio da produção acelerada e multiplicada de suportes imagéticos, reforçada pela divulgação operada pela mídia como a televisão e a internet. No caso da Vila, a reprodução de cópias do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a venda dos livrinhos e as transmissões das novenas via rádio e televisão contribuem para a propagação e consumo da devoção. Durante as celebrações, no entanto, não detectamos por parte dos sacerdotes a intenção de transformar o ritual em espetáculo, conduzindo-no com certa serenidade. Um ou outro sacerdote mais entusiasmado enfatiza os louvores dedicados a Maria acompanhados de palmas no final da celebração.

A característica do consumo, segundo Monique Augras, diz respeito à criação incessante de novos produtos para abastecer o mercado religioso através da introdução de novas imagens e promoção de novas devoções. Nesse sentido, percebemos a constante preocupação dos religiosos responsáveis pelas novenas em proporcionar mais conforto aos devotos e inserir novidades para enriquecer o culto, a exemplo das reformas feitas na igreja, da bênção da água, da leitura de cartas ex-votos durante as novenas festivas e da gruta de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A lojinha que funciona anexada à igreja oferece uma variedade de produtos religiosos que também contribuem para o consumo das novenas, não esquecendo os santinhos e correntes distribuídos durante as novenas pelos próprios devotos. Foi a partir dessas três características que elencamos o ícone, os dogmas, os ex-votos e os meios de comunicação social enquanto recursos propagadores das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Começamos por analisar trinta e duas cartas ex-votos dedicadas à santa em agradecimento por graças alcançadas, publicadas no jornal diocesano *O Dominical* entre os meses de fevereiro a setembro de 1963⁴²⁸.

Quanto ao caráter dos pedidos, constatamos que, através de quatorze cartas, as devotas⁴²⁹ fazem agradecimentos pessoais, sendo que, em uma delas, a devota não revela a graça alcançada, só agradece. Em dezessete cartas publicadas, as devotas fazem agradecimentos por graças alcançadas em favor de algum parente

⁴²⁸ O recorte temporal se deu em consequência de uma maior e regular divulgação das cartas ex-votos nesse período.

⁴²⁹ Optamos pelo termo devota por somente três homens terem suas cartas publicadas no jornal.

próximo, sendo na maioria, mulheres agradecendo em nome de filhos, esposos, pais e irmãos. Dentre as trinta e duas cartas, somente três foram escritas por homens, fato curioso levando-se em consideração a quantidade significativa de homens que freqüentavam as novenas. Não devemos ignorar, no entanto, a subjetividade daqueles que receberam, leram e selecionaram as cartas que foram publicadas no jornal. As devotas não se identificam nas cartas, com exceção de uma mulher, Maria Edite, assinando as demais com as expressões: “uma devota vossa”, “uma devota de Maria”, “uma devota agradecida”, “uma serva devota de Maria”, “sinceramente uma devota”, “uma devota”, “uma devota muito grata”, “agradece uma filha devota”.

Destacamos as expressões com as quais as devotas se despedem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro por percebermos nelas uma forte relação de afetividade e confiança, através das quais constroem suas identidades em relação à santa: “devota”, “serva”, “filha”. As devotas expressavam no início das cartas uma relação filial e carinhosa com Maria, identificada como mãe atribuindo-lhe qualidades consideradas maternais. Assim, predomina as expressões: “Minha boa Mãe do Perpétuo Socorro”, “Querida mãe do Perpétuo Socorro”, “Minha mãe do Perpétuo Socorro”, “Amabilíssima mãe do Perpétuo Socorro”.

A publicação, com média de duas a três cartas ex-votos, era feita juntamente com a divulgação dos horários das novenas na igreja de São José Operário, bem como a irradiação da novena das dezenove horas através da Rádio Pioneira⁴³⁰. Para garantir a transmissão à noite pela rádio, eram necessárias algumas medidas de precaução por parte dos padres, que, em decorrência das constantes faltas de energia elétrica na cidade, mantinham geradores de energia na igreja e gravavam a primeira novenas, garantindo assim a transmissão. Recordar-se Padre José Maria Mac Loughlin:

Naquele tempo a primeira novena em honra de NSPS foi também às 5h. Ainda me lembro como Patrício e eu carregávamos o gravador – muito grande na época – ainda no escuro para a igreja. Devido muita falta de energia foi necessário gravar a novena o mais cedo possível. Não se sabia a que horas a energia faltava e a novena gravada não seria transmitida pela Rádio Pioneira. A energia faltava tanto que tínhamos quatro petromax permanentes na igreja. [...] no começo dos anos 70, Pe. Daniel Bray cortou a novena das 20h.

⁴³⁰ No mês de julho de 1963, as novenas passaram a ser irradiadas às 20 horas.

No escuro tinha muita gente namorando ao lado da igreja. [...] ⁴³¹

A Diocese fazia, portanto, uma tríplice propaganda das novenas através do seu jornal dominical.

A NOVENA MILAGROSA

Em honra de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, todas as terças-feiras, nos seguintes horários: às 6:30, às 16:00 e 17:00, às 19:00 e 20:00 horas.

Também a novena irradiada às 19:00 horas na Rádio Pioneira para aqueles que não podem assistir.
Na Igreja São José Operário. ⁴³²

Está sendo semanalmente publicada neste jornal cartas de agradecimentos de graças alcançadas na novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Igreja de São José Operário. ⁴³³

As novenas milagrosas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro começaram a ser anunciadas no jornal *O Dominical* a partir de agosto de 1962, continuando com certa regularidade durante o ano de 1963 e, curiosamente até março de 1964. Após o golpe militar, encontramos raras referências a elas no jornal pesquisado.

Sintetizamos o conteúdo das cartas ex-votos enquadrando-as nas temáticas específicas: agradecimentos pela saúde [14], questões financeiras [04], estudo [03] e diversos [10], sendo que, nesta categoria, destacam-se problemas como alcoolismo, intrigas, moradia etc. Dentre as trinta e duas cartas ex-votos, selecionamos quatro para ser analisadas contemplando as temáticas que apresentam uma maior quantidade de pedidos relativos questões de saúde, financeiras e estudo.

Saúde

Querida mãe do Perpétuo Socorro, venho por meio desta agradecer as graças que me foram concedidas. Eu me encontrava com uma grande e aguda dor na perna. Já tinha ido aos médicos, recebido várias medicações sem sentir melhora alguma. Então resolvi pegar-me com minha Mãe do Perpétuo Socorro a fim de dar-me um remédio para minha saúde, pois eu já me estava considerando quase

⁴³¹ Padre José Maria Mac Loughlin. Missionário redentorista, chegou a Teresina em 1965. Relato escrito cedido à equipe paroquial responsável pela organização da revista comemorativa do jubileu da Paróquia de São José Operário, 2007.

⁴³² A NOVENA milagrosa. *O Dominical*. Teresina, ano XXIII, n.8, p.3, 24 fev. 1963.

⁴³³ A NOVENA milagrosa. *O Dominical*. Teresina, ano XXIII, n.38, p.3, 22 set. 1963.

aleijada. *Prometi se ficasse boa que iria fazer as vossas nove terça feiras. Ainda me achava doente quando fui fazer a primeira terça feira.* Fiz força para fazer a segunda e nesta já não sentir dor nenhuma. Agora já me encontro completamente boa. Tudo isto, tenho certeza, foi devido aos *milagres de vossas novenas*. Aqui termino com o coração cheio de alegria e agradecimento.

Assina: uma devota muito grata.⁴³⁴ [grifo nosso]

Percebemos que, além da carta, a freqüência às nove novenas também é um ex-voto, já que freqüentar a igreja da Vila durante nove terças feiras consecutivas e participar da celebração consiste numa forma de pagamento pela promessa atendida, sendo um testemunho público da graça alcançada pelo devoto. Interessante frisar que, a exemplo da autora da carta foi destacada acima, alguns devotos começam a freqüentar as novenas logo após a promessa feita, na certeza que, durante as nove semanas seguintes, terá seu pedido atendido

Minha boa Mãe do Perpétuo Socorro: com o coração cheio de alegria e reconhecimento, venho à vossa presença agradecer-vos a graça de ver o meu filho curado de uma grave enfermidade na garganta que o levou a perder até a voz. Recorri muitas vezes ao vosso nome e fui valida. Não tenho palavras que possam expressar a minha gratidão, mas o meu maior desejo é que, os que ouvirem a leitura desta carta aumentem a fé e vos invoquem sempre. Envio uma importância para o vosso altar.

Uma devota.⁴³⁵ [grifo nosso]

A resolução dos problemas de saúde continua liderando o número de pedidos feitos a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como confirmam os dados da pesquisa feita recentemente com os devotos. Esse fato, que pode ser associado à incapacidade dos órgãos governamentais responsáveis pelo setor no atendimento às necessidades básicas da população, também reflete a crença no poder sobrenatural diante das limitações humanas, com a confiança dos devotos em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sendo eles, em muitos casos, desenganados pelos médicos, o que não os faz desistir de viver buscando conforto espiritual nas práticas religiosas, a exemplo das novenas.

⁴³⁴ A NOVENA milagrosa. *O Dominical*. Teresina, ano XXIII, n. 24, p. 3, 16 jun. 1963.

⁴³⁵ A NOVENA milagrosa. *O Dominical*. Teresina, ano XXXIII, n. 9, p. 3, 03 mar. 1963.

Através das cartas ex-votos as devotas expressavam seus sentimentos de angústia diante dos problemas enfrentados no dia a dia, como também o sentimento de confiança no poder intercessor de Maria. O pedido uma vez atendido fazia a devota sentir-se na obrigação de retribuir o milagre alcançado divulgando o fato. Este tornar público serve de estímulo para que outras pessoas também creiam e confiem em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A oferta em dinheiro feita simbolicamente ao altar da santa foi percebida em dez cartas e também é identificado como ex-voto, um agrado a mãe que atende um pedido da filha caracterizando uma relação baseada na economia de trocas simbólicas. O dinheiro não compra o milagre, mas expressa de forma material o agradecimento da devota.

Na dimensão relacional entre o devoto e o santo predileto o vínculo entre os dois pode se romper quando o santo não atende de imediato ao pedido do devoto ou quando este não faz o prometido pela promessa atendida. O rompimento do vínculo de confiança caracteriza a crise da devoção que pode ser percebida dentre outras formas através da quantidade de ex-votos que diminui consideravelmente. Por outro lado, quando não há falha entre as partes, a crença propaga-se e a quantidade de ex-votos aumenta.⁴³⁶ No caso das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, percebemos entre os devotos entrevistados que a relação entre os mesmos e a santa não entra em crise caso os pedidos não sejam prontamente atendidos. Os devotos não vêem tal fato como falha, a santa não perde a credibilidade. A dimensão relacional permanece fortalecida sob a justificativa de que a santa é que sabe se deve ou não atender aos pedidos que lhe são feitos, cabendo assim aos devotos enquanto filhos obedientes tirar lições de vida da experiência vivida e continuar freqüentando as novenas com a mesma fé e confiança. Esse comportamento caracteriza a espiritualidade, sentimento que não necessita obrigatoriamente de milagres, nem prioriza trocas e sim confiança no poder sobrenatural constituindo assim um processo de amadurecimento da fé devocional.

Então é isso, é questão de fé, de necessidade. Nós temos que saber o que pede e pra quem pede e como pede. É pra poder alcançar aquilo que você quer. Se não alcancei, não tem problema! É porque

⁴³⁶ Sobre a relação devocional baseada na economia de troca de bens simbólicos, conferir PEREIRA, José Carlos. A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo. *Revista de Estudo da Religião*, n.3, p. 67 – 98, 2003.

não tinha merecimento ou então porque não era pra acontecer aquilo. Aquilo ali poderia até me prejudicar. Isso tudo é questão da pessoa fazer reflexão. Você vai fazer novena, não alcançou a graça. Ah! Não, podia Ser muito pior. Então o que acontece? Nós temos que confiar na pessoa que nós estamos pedindo. Em quem nós estamos pedindo. É pra poder receber aquela graça. A graça vem de acordo com a fé. Se não tiver fé, não adianta.⁴³⁷

Eu já! Já recebi várias e mesmo sem obter, assim, dizer que não recebi nenhuma graça, mesmo assim, nem por isso vou deixar de assistir minha novena.⁴³⁸

Questões financeiras

Querida Mãezinha do Perpétuo Socorro. Venho com esta agradecer-vos uma graça alcançada. *Meu esposo* há meses estava atrasado sem receber dinheiro e sem esperança de pagamento. Sofríamos necessidade e devíamos muito, o que, naturalmente, nos preocupava bastante.

Cheia de fé e confiança na vossa proteção recorri a vós. Hoje, graças a vós, meu marido já se acha com meios e não sofremos tanto.

Beijo vossos pés agradecida e prometo fazer todo o possível para assistir às vossas novenas das terças feiras. *Envio com esta uma pequena soma para vosso altar.*

Assina: uma devota vossa.⁴³⁹ [grifo nosso]

A expressão “beijo vossos pés agradecida” nos chamou atenção pelo caráter típico da devoção popular em que a devota humaniza a santa, estabelecendo uma relação afetiva com a mesma. Como é possível beijar os pés de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro? A devota simbolicamente quebra a barreira entre o humano e o divino, reconhecendo o poder da santa.

Estudo

Minha Mãe do Perpétuo Socorro venho agradecer-vos duas graças alcançadas. *Minhas filhas* iam prestar exames; uma de admissão ao ginásio e a outra para o curso normal. Recorri a vós e graças a vossa misericórdia fui atendida, pois as duas foram aprovadas. *Envio uma importância para o vosso altar.*

Uma devota.⁴⁴⁰ [grifo nosso]

⁴³⁷ Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

⁴³⁸ Isabel Cristina R. C. de Carvalho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 12 abr. 2005.

⁴³⁹ A NOVENA milagrosa. O *Dominical*, Teresina, ano XXXIII, n. 22, p. 2, 02 jun. 1963.

A formação escolar dos filhos motiva os pedidos das mães preocupadas com a formação profissional deles e com a concorrência no mercado de trabalho. Atualmente muitos jovens freqüentam o cursinho preparatório para o vestibular oferecido pela Paróquia de São José Operário, sendo que, antes do início das provas, é feita uma celebração especial na qual os alunos pedem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro proteção e sucesso com a aprovação nos exames.

A partir das temáticas das cartas ex-votos é possível identificar os principais problemas que afligem os devotos em um determinado período e lugar social. Nas cartas analisadas prevalece o caráter imediatista próprio da devoção popular, já que o devoto busca solução imediata de seus problemas, numa relação direta com o sobrenatural, uma vez que, por outros meios, não foi possível resolvê-los. O apelo à interferência divina em favor de suas necessidades físicas, materiais ou espirituais é marcado por uma relação afetuosa e de confiança no poder intercessor da santa invocada. Na relação voto/ex-voto existe uma dinâmica de economia de trocas simbólicas que envolvem crença, produção e consumo de ex-votos, os quais tornam materialmente visíveis o acordo pessoal entre o devoto e a santa, constituindo-se assim em um recurso de propagação da fé católica no poder intercessor dos santos, no caso de Maria. De acordo com Maria Cecília Nunes⁴⁴¹, “[...] o ex-voto se propaga de maneira informal e sua transmissão de dá na medida em que as pessoas agradecidas testemunham aos outros a existência do milagre”.

Segundo Luciana de Lima Pereira⁴⁴², o contexto socioeconômico do Piauí no decorrer da década de 1960 era caracterizado por extrema desigualdade que refletia num quadro de acentuado número de analfabetos e de pobreza no estado, considerando ainda o fato de que 80% da população viviam em condições precárias na zona rural. Foi diante dessa realidade que Dom Avelar Brandão Vilela criou a rádio católica Pioneira, no intuito de implantar no Piauí o Movimento de Educação de Base [MEB] e levar educação e cultura a todo território piauiense através do meio mais popular de comunicação.

⁴⁴⁰ A NOVENA milagrosa. O *Dominical*, Teresina, ano XXXIII, n.8, p.3, 24 fev. 1963.

⁴⁴¹ NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. Ex-Voto: símbolo da religião e da magia em Teresina. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano X, n. 22, abr. 1996, p. 22 - 23.

⁴⁴² PEREIRA, Luciana de Lima. MEB- PI e a luta da Igreja católica pala (re) conquista da sociedade piauiense. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. SANTIAGO JR, F. das C. Fernandes (Orgs.). *Encruzilhadas da História: rádio e memória*. Recife: Edições Bagaço, 2006, p.69.

Marylú Alves de Oliveira,⁴⁴³ ao pesquisar os meios de comunicação que contribuíram para a propagação do discurso anticomunista no Piauí na década de 1960, destaca o rádio como a maior forma de difusão de notícias no estado, que tinha mais da metade de sua população analfabeta: “[...] o rádio tornou-se uma possibilidade democrática de transmitir informações”. A autora enfatiza ainda que, na década de 1960, no Piauí, o rádio ainda estava na sua “era de ouro”, mas a falta de recursos financeiros foi um dos principais fatores que contribuíram para o retardamento da implantação das primeiras rádios no estado, prolongando a referência desse meio de comunicação até a década de 1970, sendo que, no Brasil, a chamada ‘era de ouro’ ocorreu entre as décadas de 1930 a 1940. A Rádio Pioneira, segundo Francisco Alcides do Nascimento,⁴⁴⁴ “[...] até a instalação do golpe militar serviu de suporte para a divulgação das idéias defendidas pela Igreja, via Arquidiocese de Teresina”.

A Pioneira, pertencendo a Arquidiocese de Teresina, consistia, segundo José Maria Vieira de Andrade⁴⁴⁵, “numa mistura de rádio evangelizadora, popular e comercial”, logo adequada para divulgar a devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro através da transmissão de sua novena semanal, chegando àqueles que, por vários motivos, não podiam assistir ao ritual religioso pessoalmente, como justifica o jornal diocesano: “[...] também a novena irradiada às 19:00 horas na Rádio Pioneira para aqueles que não podem assistir”.⁴⁴⁶

Através da transmissão das novenas via rádio desde a década de 1960 e mais recentemente, década de 1990, por meio de um canal de televisão local, essas celebrações ganharam muitos adeptos na periferia da capital, no campo e até mesmo em outros estados. Os devotos doentes ou impossibilitados de se deslocarem até a Igreja da Vila, em casa, sozinhos ou acompanhados dos familiares e vizinhos, passaram a acompanhar as transmissões seguindo o ritual em silêncio ou cantando e fazendo as orações próprias das novenas. Essa prática tem motivado algumas comunidades da zona rural como também urbana de Teresina a fazer o

⁴⁴³ OLIVEIRA, Marylú Alves. *A Cruzada Antivermelha – Democracia, Deus e Terra Contra a Força Comunista*: representações, apropriações e práticas no Piauí da década de 1960. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Mestrado Acadêmico em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2008, p.163 - 164.

⁴⁴⁴ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e Memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea, 2004, p. 86.

⁴⁴⁵ ANDRADE, José Maria Vieira de. Rádio Pioneira de Teresina: “A Emissora Que Não Pára”. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JR. F. das C. Fernandes. Op. cit., 2006, p. 93.

⁴⁴⁶ A NOVENA milagrosa. *O Dominical*, Teresina, ano XXXIII, n.8, p. 3, 24 fev.1963.

ritual seguindo o livrinho das novenas em residências ou centros comunitários, sem a presença de sacerdotes, fato que caracteriza a dinâmica da atuação dos devotos, que se apropriam do ritual, reproduzindo-o fora da tutela da instituição religiosa.

[...] Ela foi, a escalada foi, de acordo com o tempo, foi aumentando. Porque aquilo ali é o seguinte, a pessoa faz a novena e vai dizendo: “olha eu alcancei graça tal, graça tal, por que você não faz uma novena?” E aquilo vai aumentando, né! Então hoje essa novena tem uma repercussão aqui nas cidades aqui adjacentes viu? E em todo lugar. Timon, nem se fala!⁴⁴⁷

Na primeira década de implantação das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Igreja, por ser uma instituição respeitada pela sociedade teresinense, exercia influência significativa através dos meios de que dispunha no combate às mudanças que ameaçavam a ordem social e moral. Marylu Alves de Oliveira, ao fazer uma leitura contextual dos aspectos social e político do Piauí na década de 1960, conclui: “[...] Necessitava de mudanças, mas evitava que elas ocorressem. Não fugia dos valores tradicionais e questionava as novas modas comportamentais. [...]”⁴⁴⁸

No que refere à tradição religiosa e ação da Igreja no intuito de orientar e controlar a conduta dos católicos em Teresina, Pedro Vilarinho Castelo Branco⁴⁴⁹ informa que

[...] a maior e mais movimentada festa religiosa de Teresina era a do mês de maio conhecido como o mês de Maria [...] considerando que o discurso da Igreja exortava as mulheres a total dedicação aos filhos e ao esposo, o modelo a ser seguido era o da ‘Sagrada Família’[...]⁴⁵⁰

No modelo apresentado pela Igreja, Maria assumia o papel de esposa e mãe dedicada e preocupada com os filhos, postura a ser imitada pelas mulheres cristãs católicas. O autor enfatiza que foi a partir do exercício da maternidade que a imagem

⁴⁴⁷ Gumercindo Tourinho. Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima, em 13 mai. 2008.

⁴⁴⁸ OLIVEIRA, Marylu Alves. op. cit., 2008, p. 42.

⁴⁴⁹ No capítulo Mulheres: idéias e papéis sociais, o autor faz uma síntese dos modelos tradicionais de conduta feminina rigorosamente norteadas pelo discurso moral da Igreja Católica. Cf. CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

⁴⁵⁰ Ibid., p. 41.

da mulher foi recuperada pela Igreja, fato que resultou numa intensa devoção mariana.

Considerando o exposto até aqui, acreditamos ser a tradição católica dos teresinenses um dos fatores que contribuiu para a aceitação das novenas praticadas na Vila Operária e sua propagação na capital e cidades vizinhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas foram as nossas inquietações diante do vasto leque de possibilidades de leitura das fontes pesquisadas, assim, dentro das limitações que o trabalho dissertativo nos impõe, desenvolvemos uma narrativa contextual que nos permite apresentar algumas considerações. No que se referente à relação antigos moradores do bairro Vila Operária e a novidade das novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro percebemos que, na opinião dos entrevistados, as novenas contribuíram para o crescimento da Igreja da Vila e do bairro, mas não apagou de suas memórias a forte relação entre a história de formação do bairro, a participação popular na construção da igreja e a presença do seu padroeiro, São José Operário que continua sendo cultuado.

No intuito de compreender a presença e atuação dos padres missionários redentoristas no bairro Vila Operária percebemos a necessidade de pesquisar sobre a congregação religiosa e o contexto histórico em que a Igreja Católica estava inserida no período em que os primeiros missionários chegaram ao Brasil, ou seja, na conjuntura da Reforma Católica Ultramontana. A proposta de trabalho religioso da Congregação Redentorista junto às comunidades pobres pode aqui ser apontada como fator determinante para a instalação da mesma no bairro Vila Operária atendendo assim a política assistencialista desenvolvida pelo então Arcebispo de Teresina Dom Avelar Brandão Vilela.

A pesquisa desenvolveu-se inicialmente visando confirmar a importância do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como elemento fomentador das práticas devocionais das novenas celebradas na Igreja da Vila Operária, no entanto, no decorrer das leituras sobre religiosidade popular, das fontes hemerográficas pesquisadas, do contato direto com os devotos bem como das observações do ritual, constatamos que o quadro rico em valor simbólico é um dos elementos que contribui de forma significativa para a motivação do culto, porém não é o único e fundamental. A reprodução de cópias do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os livrinhos que contém os ritos da novena, o uso dos meios de comunicação a exemplo da publicação de cartas ex-votos no Jornal *O Dominical* e das transmissões das novenas via rádio e televisão são fatores que contribuem para a propagação e consumo das novenas, bem como o sentimento de fé dos devotos e

suas motivações pessoais. Nesse sentido, a complexidade que envolve o estudo das religiosidades nos permitiu perceber que a prática religiosa das novenas está conectada a uma ampla rede de símbolos e significados enraizados na tradição cultural católica que alimenta a fé dos devotos e os motiva à prática de rituais religiosos que passam a dar um sentido a sua existência.

Através das entrevistas realizadas com os devotos e antigos moradores do bairro Vila Operária e da análise das fontes hemerográficas constatamos a abrangente possibilidade de abordagem temática que envolve a história da formação e desenvolvimento do bairro, a relação de identidade dos antigos moradores com a Igreja de São José Operário, a atuação de seu primeiro pároco, Padre Francisco Carvalho, o contexto social e político em que a Igreja da Vila foi elevada à condição de matriz da quarta paróquia da Diocese de Teresina, a influência e atuação do Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela nas atividades assistenciais promovidas pela Igreja Católica em Teresina, nas décadas de 1950 e 1960, o ritual das novenas e as apropriações dos devotos, os diversos recursos usados pela Igreja para divulgar a prática das novenas entre os teresinenses, assim como a contribuição dos missionários redentoristas, que, ao assumirem a administração da Paróquia de São José Operário, implantaram as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tornando-se as mesmas referência de tradição religiosa na cidade de Teresina no decorrer de meio século.

Desejamos que os principais aspectos elencados em nossa narrativa possa despertar o interesse de graduandos e pesquisadores no intuito de aprofundar e ampliar a abordagem aqui iniciada fato que contribuirá para o enriquecimento da historiografia piauiense.

REFERÊNCIAS E FONTES

BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marta. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)* São Paulo: Fapesp, 1999.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. *500 anos de catolicismo e sincretismo no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.

ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. *Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971)*. 2008. 211f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, [2008].

AUGRAS, Monique. Devoções populares: arcaísmo ou pós-modernidade? In: PAIVA, Geraldo José de; ZANGARI, Wellington (Orgs.). *A representação da religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Loyola, 2004.

AZZI, Riolando. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994.

BARKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

BARROS, Jesualdo Cavalcanti. *Tempo de contar : o que vi e vivi nos idos de 1964*. Teresina: Gráfica do Povo, 2006.

BECKHAUSER, Frei Alberto. *Religiosidade e Piedade Popular, Santuários e Romarias: desafios litúrgicos e pastorais*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BEOZZO, José Oscar. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. In: LORSCHIEDER et al. *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005.

BIBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BOFF, Clodovis. *Mariologia Social: o significado da virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRANDIM, Sérgio Romualdo Lima. *Romeiro e fé: um estudo sobre o santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

CALIMAN, Pe. Cleto. *Teologia e devoção mariana no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989.

CARVALHO, José Bezerra de. *História em versos da Paróquia de São José Operário*, Teresina, 2007.

CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*. Dissertação (Mestrado acadêmico em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998.

DOBAL, H. *Obra completa II: prosa*. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. São Paulo: Ebradil, 1990.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

FERREIRA, José Gilson Alves. *Os anos dourados e as formas de lazer em Teresina (década de 50)*. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2003.

FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira. A cultura clerical e a folia popular. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.

GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HINO das missões. In: FÉ E VIDA: missões redentoristas do Nordeste. 21 ed. Aparecida, SP: Satuário, 2005.

HOBBSAWN, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

LIMA, Ana Cristina da Costa. *Devocionismo popular na Vila Operária*. 2005.50f. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. *Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990*. Teresina. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

LIMA, Marinalva Vilar de; MARQUES, Roberto (Orgs.). *Estudos regionais: limites e possibilidades*. Crato: Ceres Editora, 2004.

LIVRO de Tombo da Igreja de São José Operário, Teresina, 1957.

LOPES, José Rogério. Imagens e devoções no catolicismo brasileiro: fundamentos metodológicos e perspectivas de investigações. *Revista de Estudos da Religião*, n. 3, 2003.

LORSCHIEDER, Aloísio et al. *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005.

MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michael de; GIRARD, Luce (Orgs.). *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MEDEIROS, Kátia Maria Cabral; FERNANDES, Silvia Regina Alves (Orgs.). *Catolicismo e experiência religiosa no Piauí: pesquisa com a população*. São Paulo: Loyola, 2005.

MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jaqueline Lima. (Orgs.). *Folkcom, do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas*. Teresina: Halley, 2006.

MISSIONÁRIOS, Redentoristas da Bahia. Salvador: Redentorista, 1993.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição*. Campinas: Papirus, 1989.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e Memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea, 2004.

_____. *A cidade sob fogo: modernização e violência policial em Teresina 1937-1945*. Teresina: Ed. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

_____. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 53, jan/jun, 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JR, Francisco das Chagas Fernandes (Orgs.). *Encruzilhadas da História: Rádio e Memória*. Recife: Edições Bagaço, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, São Paulo, n.10, dez 1993.

NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida Ex-Voto: símbolo da religião e da magia em Teresina. *Cadernos de Teresina*, Teresina: Fundação Cultural do Piauí, ano X, n. 22, abril de 1996.

_____. A Religiosidade Popular em Teresina. *Cadernos de Teresina*, Teresina: Fundação Cultural do Piauí, ano VIII, n.18, 1994.

OLIVEIRA, Marylu. A cruzada antivermelha – Democracia, Deus e Terra Contra a Força Comunista: representações, apropriações e práticas no Piauí na década de 1950. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, 2008.

_____. *Contra a foice e o martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959 - 1969: uma análise a partir do jornal O Dia*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2007.

OS MISSIONÁRIOS Redentoristas no Brasil (1894-1994). Aparecida: Santuário, 1994.

PAIVA, Geraldo José de; ZANGARI, Wellington (Orgs.). *A representação na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Loyola, 2004.

PAZ, Renata Marinho. O santo que fica no sol: uma leitura etnográfica sobre a devoção ao Padre Cícero de Juazeiro do Norte. In: LIMA, Marinalva Vilar de; MARQUES, Roberto (Orgs.). *Estudos regionais: limites e possibilidades*. Crato: Ceres Editora, 2004.

PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em tempos modernos: a luta pela construção de uma Neocristandade em Teresina*. 2008. 242f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, [2008].

_____. MEB – PI e a luta da Igreja Católica pela (re) conquista da sociedade piauiense. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JR, F. das C. Fernandes (Orgs.). *Encruzilhadas da História: rádio e memória*. Recife: Edições Bagaço, 2006.

PINCELADAS de uma caminhada (1960-1985). Congregação do Santíssimo Redentor. Fortaleza: Redentorista, 1985.

PINHEIRO, Áurea da Paz. *As Ciladas do Inimigo: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina (1880-1930)*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

_____. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina/João Pessoa: Editora Universitária/UFBA, 1998.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

RODRIGUES, Joselina Lima Pereira. *Geografia e história do Piauí: estudos regionais*. Teresina: Halley, 2007.

ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

ROSENDAHL, Zeny,. *Espaço, política e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. *O espaço sagrado e o profano*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

SACROSSANTO Concílio. *Compêndio Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, José Lopes. *Templos Católicos de Teresina*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1992.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SCHNEIDER, Pe. Antonio. *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: história, culto e devoção*. 10 ed. São Paulo: Santuário, 2002.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO. *Teresina em bairros*. Teresina: SEMPLAN, 2004.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SIGRIST, Marlei. Repartir o chá e levantar o santo: rituais do Cordão de São João de Corumbá/MS no roteiro turístico brasileiro. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima (Orgs.). *Folkcom do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas*. Teresina: Halley, 2006.

SILVA, Francisco Antônio Barbosa da. *A devoção popular à Maria no Brasil: uma abordagem histórica doutrinal*. (Monografia de conclusão de curso de Teologia). Instituto Pastoral do Ceará – ITEP, Fortaleza, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Oscar de Barros. Bocaína/PI e Nossa Senhora da Conceição: influência colonial portuguesa e defesa do dogma da Mãe de Deus. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima (Orgs.). *Folkcom do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas*. Teresina: Halley, 2006.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo na Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa- Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TAMOYO, J. J. *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.

TODAS as Nossas Senhoras. *Revista das Religiões*. São Paulo: Abril, mai. 2005.

TERESINA. Prefeitura Municipal. Projeto de Decreto-lei, 06 dez. 1947.

VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

WERNET, Augustin. *Os redentoristas no Brasil*. v. 3. São Paulo: Santuário, 1997.

WERNET, Augustin. *Os redentoristas no Brasil*. v. 2. São Paulo: Santuário, 1995.

WERNET, Augustin. *Os redentoristas no Brasil*. v.1. São Paulo: Santuário, 1995.

ELETRÔNICAS

A VIDA da igreja no absolutismo: pobreza e riqueza. Disponível em: <http://www.pime.org.br/missaojovem/mjhistaigrejvida.htm>. Acesso em: 01 mar. 2009.

APRENDIZ do Carpinteiro. Disponível em: <http://aprendizdocarpinteiro.blogspot.com/2008/05/so-jos-operrio-nossopadroeiro.html>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

BAIANISMO e Jansenismo. Disponível em:
<<http://www.cleofas.com.br/virtualtexto.php?doc=ESTEVAO&id=deb0344>>. Acesso em: 01 mar. 2009.

CATOLICISMO Revista de Cultura e Atualidade. Disponível em:<<http://www.catolicismo.com.br/matéria/.cfm?IDmat=489&mês=maio2003>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

CENSO 2007. Disponível em:<<http://IBGE.gov.br/home/default.php>>. Acesso em: 27 dez. 2008.

DICIONÁRIO Cultural do Cristianismo. Disponível em:<<http://books.google.com.br/books?id=66cfRJwicwC&pg=PA167&dg=jansenismo+rigorista&source>>. Acesso em: 01 mar. 2009.

FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. Disponível em:
<http://www4.fgv.br/cps/simulador/sitereligioes2/Clippings/jc424.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2009.

PAULO VI. Exortação Apostólica *Marialis cultus*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_pvi_exh_19740202_marialis-cultus_po.html>. Acesso em: 05 fev. 2009.

SÃO José Padroeiro do Vaticano II. Disponível em:<
<http://centrojosefinocl.blogspot.com/2008/07/são-josé-padroeiro-do-vaticano-ii.html>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

SENHORA d'Ajuda: muito além de Portugal. Disponível em:<<http://www.prime.org.br/mundoemissao/relegpopularajuda.htm>>. Acesso em: 22 set. 2007.

FONTES

HEMEROGRÁFICAS

A IGREJA. *Jornal do Piauí*. Teresina, n. 425, 12 ago. 1956.

ALMEIDA, Pe. Arêa. Capela da Vila Operária. *O Dominical*, Teresina, ano XVII, n. 24, 14 jun. 1953.

ANIVERSÁRIO de posse de Dom Avelar. *O Dominical*, Teresina, n.18, 03 mai. 1959.

ATENÇÃO: na paróquia de São José Operário há cartões de bingo para vender. *O Dominical*, Teresina, ano XXIV, n. 19, 08 mai. 1960.

BISPOS terminam encontro. *O Dia*, Teresina, ano XXIII, n. 3965, 24 jul. 1974.

- CAPELA da Vila Operária. *O Dominical*, Teresina, ano XVII, n. 24, 14 jun. 1953.
- CAPELA de São José. *O Dominical*, Teresina, ano XVII, n. 37, 13 set. 1953.
- CASTELO visitou Centro Social Leão XIII. *O Dominical*, Teresina, ano XXX, n. 22, 30 mai. 1965.
- CATEQUESE do Vaticano II entre nós. *O Dominical*, Teresina, ano XXXII, n.19, 14 mai. 1967.
- CENTRO Social Leão XIII. *O Dominical*, Teresina, ano XXII, n.16, 20 abr. 1958.
- CENTRO Social Leão XIII. *O Dominical*, Teresina, ano XXXI, n. 42, 20 nov. 1966.
- CLERO estuda o concílio. *O Dominical*, Teresina, ano XXXI, n.17, 24 abr. 1966.
- COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA. *O Dia*, Teresina, ano IX, n. 666, 10 mai. 1959.
- DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE TERESINA, n.109, 21 dez 1988.
- DOM AVELAR em curta permanência em Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XXXVI, n. 01, 07 fev. 1975.
- DOM AVELAR, Arcebispo de Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XIX, n. 48, 27 nov. 1955.
- DOM AVELAR: obra social. *Jornal do Comércio*, Teresina, ano XIV, n.1743, 13 nov. 1960.
- EM BENEFÍCIO da construção da Igreja de São José da Vila Operária. *O Dominical*, Teresina, ano XXII, n. 20, 18 mai. 1958.
- ENCERRAMENTO das missões. *O Dominical*, Teresina, ano XXIII, n. 22, 31 mai. 1959.
- ENTREVISTADO Arcebispo de Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XXXI, n.03, 16 jan. 1966.
- ESTATÍSTICAS das missões gerais de Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XXIII, n. 23, 07 jun. 1959.
- JUVENTUDE Operária Católica (JOC) instala sua secção no Piauí: grande festa domingo passado na Vila Operária. *O Dominical*, Teresina, n. 24, 14 jun. 1959.
- MATO e buraco. *O Dia*, Teresina, n. 3745, 18 out. 1973.
- MENSAGEM à Vila Operária. *O Dominical*, Teresina, ano XXIV, n. 33, 14 ago. 1960.
- MOVIMENTO pré-missionário da paróquia de Nossa Senhora do Amparo. *O Estado do Piauí*, Teresina, 12 abr. 1959.
- NO MAFUÁ, problemas são numerosos e insolúveis. *O Dia*, Teresina, ano XXVIII, n. 7078, 30 mai. 1979.
- NOVENA milagrosa. *O Dominical*, Teresina, ano XXVIII, n. 22, 02 jun. 1963.

NOVENA milagrosa. *O Dominical*, Teresina, ano XXVIII, n. 24, 16 jun. 1963.

NOVENA milagrosa. *O Dominical*, Teresina, ano XXVIII, n. 8, 24 fev. 1963.

NOVENA milagrosa. *O Dominical*, Teresina, ano XXVIII, n. 8, 24 fev. 1963.

NOVENA milagrosa. *O Dominical*, Teresina, ano XXVIII, n. 9, 03 mar. 1963.

O DECÁLOGO comunista. *O Dominical*, Teresina, n. 06, 19 fev. 1950.

O ESPIRITISMO. *O Dominical*, Teresina, n. 13, 12 de mar. 1950.

PADRE Carvalho concede-nos importante entrevista. *O Dominical*, Teresina, ano XXIX, n. 25, 12 jul. 1960.

PADRES Redentoristas. *O Dominical*, Teresina, ano XXIV, n. 34, 21 ago. 1960.

PÁSCOA dos operários. *O Dominical*, Teresina, ano XXIV, n. 17, 24 abr. 1960.

PRÉ-MISSÕES. *O Dominical*, Teresina, ano XXIII, n.16, 19 abr. 1959.

PROGRAMA das missões. *O Dominical*, Teresina, ano XXIII, n.16, 19 abr. 1959.

PROTESTO causa prisão no DOPS. *O Dia*, Teresina, ano XXIX, n. 7305, 09 jul. 1980.

PROVINCIAL dos Redentoristas. *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n. 12, 20 mar. 1960.

RIFA da lambreta. *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n. 35, 28 ago. 1960.

SANTAS missões em Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XVIII, n. 33, 22 ago. 1954.

SANTAS missões em Teresina. *O Dominical*, Teresina, ano XXIII, n. 32, 07 jun. 1959.

TEATRO na Vila. *O Dominical*, Teresina, ano XXX, n. 22, 30 mai. 1965.

UMA APOTEOSE a coroação de Nossa Senhora do Amparo; a primeira etapa das Santas Missões. *O Dominical*, Teresina, ano XXIII, n. 21, 24 mai. 1959.

VIAJANTES Ilustres. *O Dominical*, Teresina, ano XXIII, n. 9, 01 mar. 1959.

1º DE MAIO de 1960. *O Dominical*, Teresina, ano XXIV, n. 17, 24 abr. 1960.

RELATOS ESCRITOS

Relato escrito concedido por Francisco Teixeira Andrade a pedido da Paróquia de São José Operário. Teresina, 2007 (no prelo).

Relato escrito concedido pelo Pe. José Maria Mac Louglin da Congregação do Santíssimo Redentor a pedido da Paróquia de São José Operário, Teresina, 2007(no prelo).

Relato escrito concedido pelo Pe. Mateus O'Sullivan da Congregação do Santíssimo Redentor a pedido da Paróquia de São José Operário, Teresina, 2007(no prelo).

Relato escrito concedido por Maria das Graças Sá a pedido da Paróquia de São José Operário, Teresina, 2007(no prelo).

Relato escrito concedido pelo Pe. Paulo Turley da Congregação do Santíssimo Redentor a pedido da Paróquia de São José Operário, Teresina, 2007(no prelo).

ORAIS

Francisco Arinaldo Avelino Fontenele. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Teresina, 2005.

Gumercindo Tourinho. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Teresina 2008.

Iraci Oliveira Silva. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Teresina, 2008.

Isabel Cristina R. C. de Carvalho. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Teresina, 2005.

José Machado Coelho. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Teresina, 2005.

Luis Gonzaga Galeno. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Timon, 2005.

Maria Luiza Leite Alcantara. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Timon, 2005.

Maria Teixeira Rodrigues. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Teresina, 2008.

Raimunda Alves da Silva Lima. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*, Teresina, 2005.

Samuel Alves de Carvalho. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Teresina, 2008.

Sebastião Pinheiro Aragão. *Entrevista concedida a Ana Cristina da Costa Lima*. Teresina, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termos de cessão das entrevistas

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: _____

Nacionalidade: _____ estado civil: _____

profissão: _____ n. do RG: _____

n. do CPF: _____, domiciliado(a) e residente na
Rua/Av/Praça _____

CESSIONÁRIA: Pesquisadora Ana Cristina da Costa Lima, residente na rua Dr. João Lula, n. 1142, Parque Piauí, Timon-Maranhão.

OBJETIVO: Entrevista gravada e transcrita para fazer parte de acervo particular visando análise e utilização em dissertação do Mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí.

DO USO: Declaro ceder a Ana Cristina da Costa Lima sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a pesquisadora: _____

Na cidade de: _____ em: ___/___/___, num total de ___ (horas gravadas)

A pesquisadora Ana Cristina da Costa Lima, fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não.

Teresina, ___ de _____ de _____.

Assinatura do depoente/cedente

APÊNDICE B - Questionário aplicado aos devotos

**QUESTIONÁRIO AUTO - APLICADO
LOCAL DE APLICAÇÃO: IGREJA SÃO JOSÉ
OPERÁRIO
BAIRRO: VILA OPERÁRIA, TERESINA-PI**

DATA: ___/___/___

HORÁRIO: _____

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: ANA CRISTINA

DA COSTA LIMA

COLABORADOR(A): _____

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

SEXO: () masculino () feminino

IDADE:

() até 20 anos () de 21 a 30 anos

() de 31 a 40 anos () de 41 a 50 anos

() de 51 a 60 anos () acima de 61 anos

ONDE MORA

Bairro: _____

Cidade: _____ UF _____

Freqüenta alguma paróquia?

() não () sim

Qual? _____

ESCOLARIDADE:

() analfabeto

() 1º grau incompleto

() 1º grau completo

() 2º grau incompleto

() 2º grau completo

() superior incompleto

() superior completo

PROFISSÃO: _____

**VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM O ESPAÇO
PESQUISADO:**

1. Por que freqüenta as novenas?

() convite

() curiosidade

() pagar promessa

() devoção

() outros: _____

2. Você costuma fazer pedidos

() por sua saúde

() pela saúde de outras pessoas

() pela sua vida profissional

() pela vida profissional de outras pessoas

() pelo seu bem estar espiritual

() pela harmonia familiar

() por questões financeiras

() não quer revelar

3. Desde quando freqüenta as novenas?

(ano/mês) _____

4. Com qual freqüência?

() sempre () às vezes

() só quando está pagando promessa

() outros: _____

5. Percebeu alguma mudança no ritual da novena ?

5.1. () não () sim

5.2. O quê?

() a quantidade de novenas

() o tempo de duração das novenas

() os horários das novenas

() as orações das novenas

() os cânticos das novenas

() a posição do padre durante as novenas

() outros: _____

6. Mudou alguma coisa na sua vida depois que começou a freqüentar as novenas?

() não () sim

6.1. O que mudou?

() melhorou a convivência familiar

() desempenho no trabalho

() conquistas materiais

() conforto espiritual

() outros: _____

7. Na sua opinião, qual o momento mais emocionante da novena?
- () os cânticos
 () as orações
 () a leitura do evangelho
 () a homilia (sermão do padre)
 () a elevação do santíssimo
 () a eucaristia
 () a bênção da água
 () outros: _____
8. O que representa pra você o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro exposto na igreja?
- () a presença de Maria na igreja
 () uma lembrança de Maria
 () um símbolo sagrado
 () uma imagem para ser adorada
 () uma imagem para ser venerada
 () outros: _____
9. Você está satisfeito (a) com o atendimento dado aos fiéis pelos padres na igreja?
- () não () sim por quê?
- _____
- _____
10. Na sua opinião, o que deve melhorar?
- () mais missas () mais novenas
 () mais confissões
 () a estrutura da igreja
 () outros: _____
11. Quanto tempo permanece na igreja?
- () somente no horário da missa
 () somente no horário da novena
 () somente no horário da missa com novena
 () mais tempo
 Fazendo o quê?
- _____
12. Você compra os produtos comercializados na lojinha da igreja?
- () não () sim
 Quais? _____
- _____
13. Que meio de transporte você utiliza para chegar até a igreja?
- () a pé () de ônibus
 () de bicicleta
 () de táxi () de carro próprio
 () outros: _____

APÊNDICE C - Lista nominal dos padres que administraram a Paróquia de São José Operário

Diocesano

1957- Pe. Francisco das Chagas Carvalho

Redentoristas americanos

1960- Pe. Tiago Springer

1962- Pe. Cristóvão Ferrei

1963 – Pe. Leonardo O’Leary

1964 – Pe. Jorge Joly

Redentoristas Irlandeses

1965 – Pe. Redmond, Pe. Guilherme Condon – cooperador

1966 – Pe. Francisco Kelly

1968 – Pe. Paulo Turley

1970 – Pe. Daniel Bray, Pe. Dionísio Cronin – cooperador

1972 – Pe. Dionísio Cronin, padres Patrício, Paulo, André e Mateus – cooperadores

1977 – Pe. Mateus O’Sullivan, padres Paulo e Dionísio – cooperadores

1978 – Pe. Dionísio Cronin

1981 – Pe. Mateus O’Sullivan

1986 – Pe. Fernando

1987 – Pe. Estevão McCabe

1990 – Pe. Cornelius Kennesuy

1993 – Pe. João Francis Keeling

1996 – Pe. Carlos Clear

1999 – Pe. Antonio Julio Ferreira de Souza

2005 – Pe. Piter Mc Carthy, padres Alberto, Alano e Marcelo – cooperadores

2007 -2009 – Pe. Alano Noel Glynn, padres Alberto, Francisco Antonio, Tiago, Herbert, Edcarlos e André Hakin – cooperadores

APÊNDICE D - Gráficos

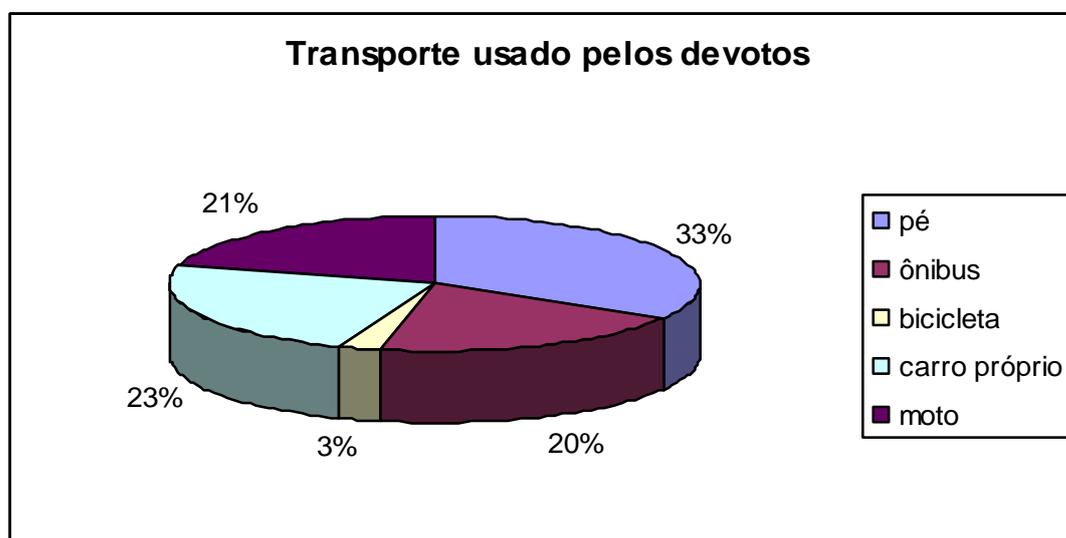


Gráfico 01: Transportes usados pelos devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.
 Fonte: Questionários aplicados entre os dias 17 a 31 de março de 2009 na Igreja de São José Operário por Maria Lenice Lima.

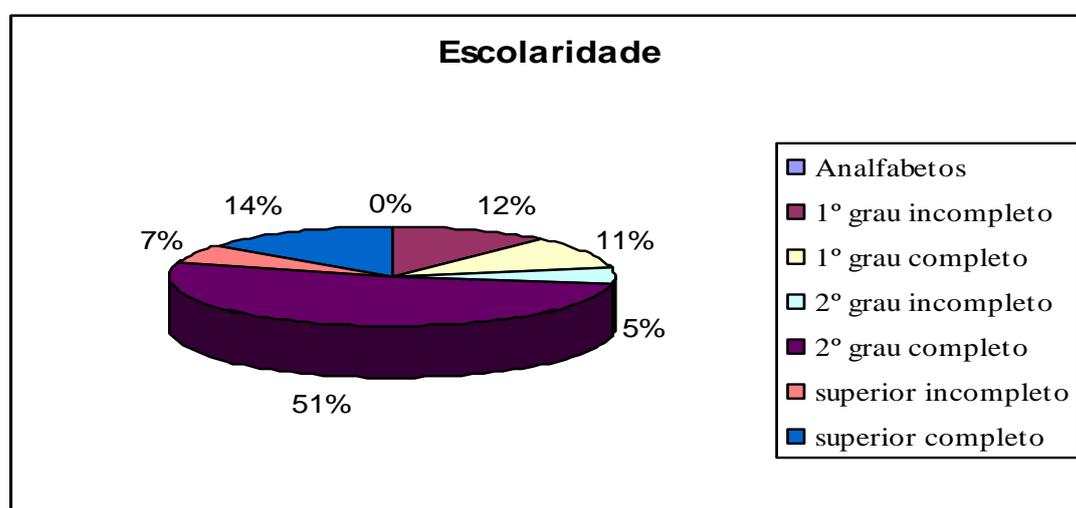


Gráfico 02: Escolaridade dos devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.
 Fonte: Questionários aplicados entre os dias 17 a 31 de março de 2009 na Igreja de São José Operário por Maria Lenice Lima.

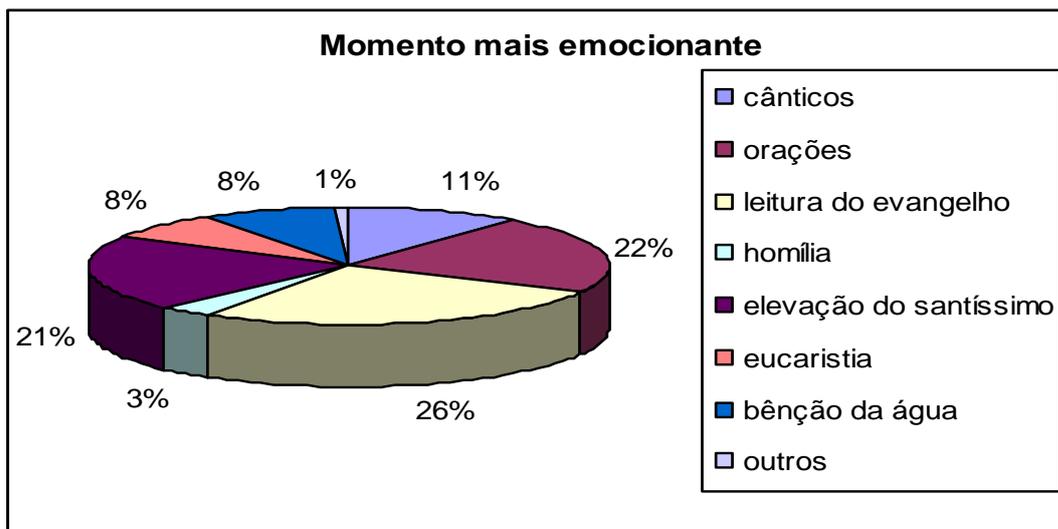


Gráfico 03: Momento mais emocionante da novena para os devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Fonte: Questionários aplicados entre os dias 17 a 31 de março de 2009 na Igreja de São José Operário por Maria Lenice Lima.

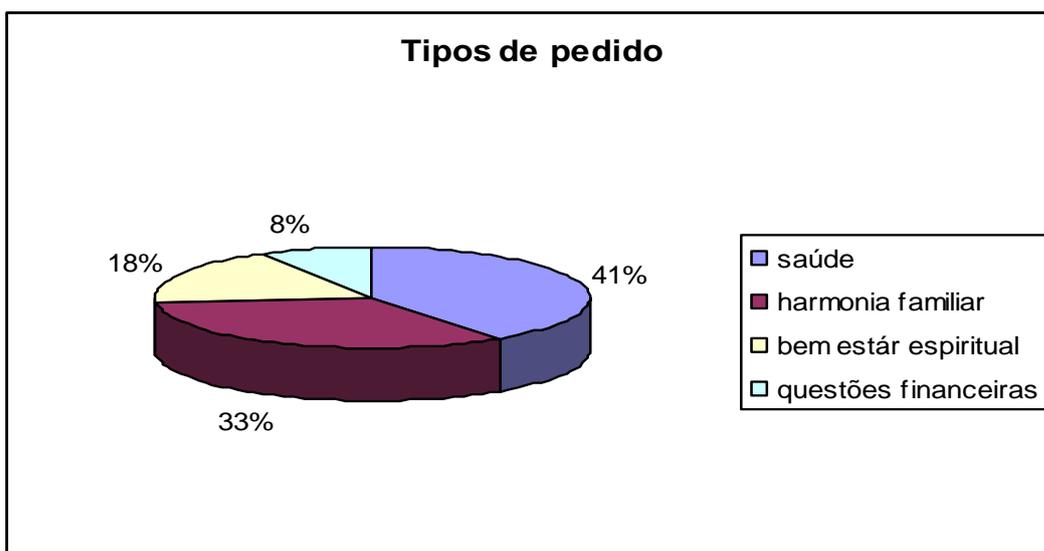
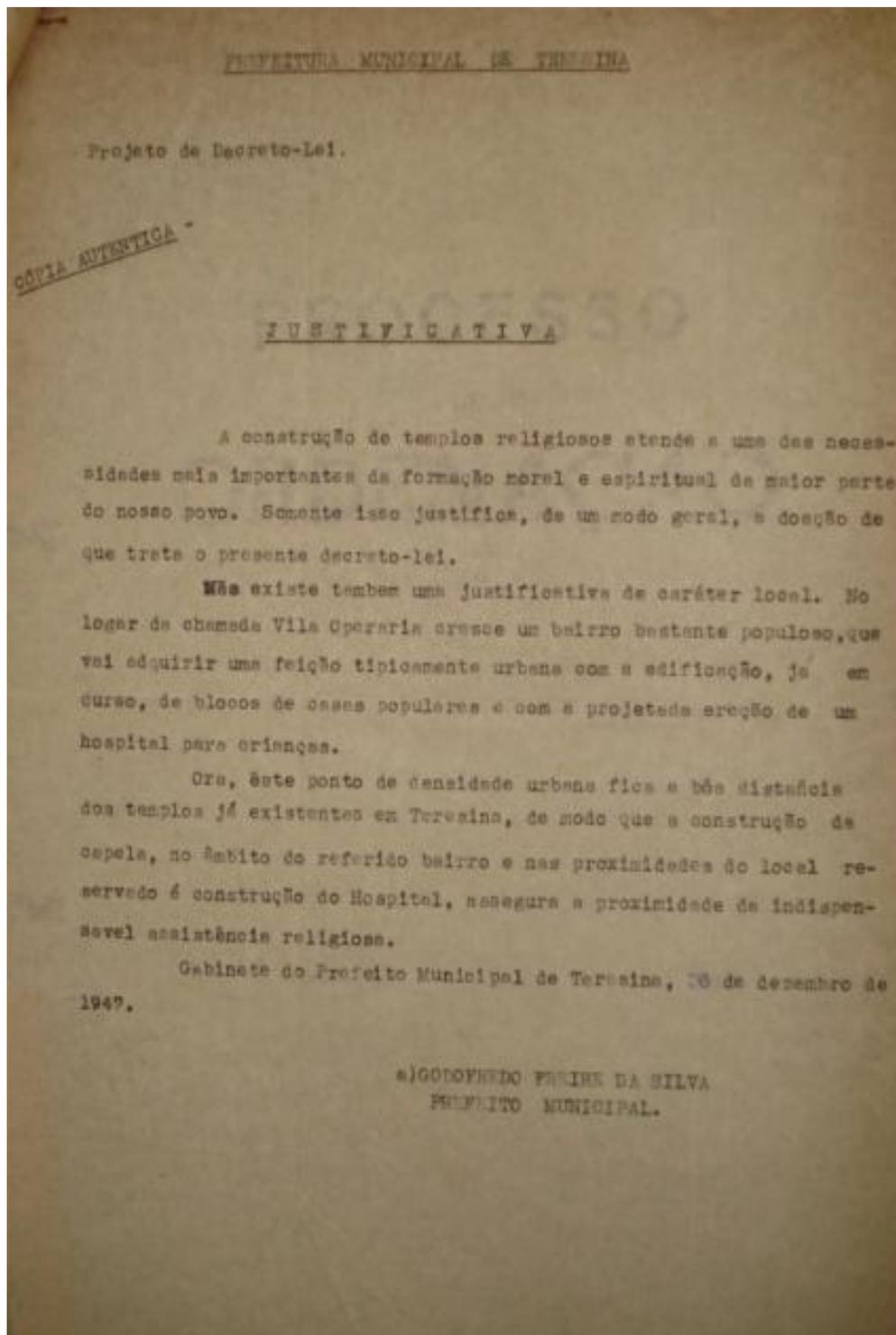


Gráfico 04: Tipos de graças solicitadas pelos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Fonte: Questionários aplicados entre os dias 17 a 31 de março de 2009 na Igreja de São José Operário por Maria Lenice Lima.

ANEXOS

ANEXO A - Projeto de Decreto lei de doação do terreno onde foi
construída a Igreja da Vila



PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA

Projeto de Decreto-Lei.

Dôa em área de terreno à Diocese do Piauí, destinada à construção de uma capela.

Cópia autêntica

O PREFEITO MUNICIPAL DE TERESINA, Capital do Estado do Piauí, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n° 1, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

D I C R E T O:

Art. 1° - Fica a Prefeitura Municipal de Teresina autorizada a doar à Diocese do Piauí, uma área de terreno medindo 3.900,00 m² (três mil novecentos metros quadrados) limitando-se ao norte com a rua Igarasú, ao sul com o Grupo Escolar, a leste com o futuro Hospital Infantil e a oeste com a rua Itaucira, zona norte desta cidade, área esta destinada à construção de uma capela.

Art. 2° - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 3° - O Secretário da Prefeitura assim o faça executar.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE TERESINA, 16 de dezembro de

1947.

es) GODOFREDO FREIRE DA SILVA
PREFEITO MUNICIPAL

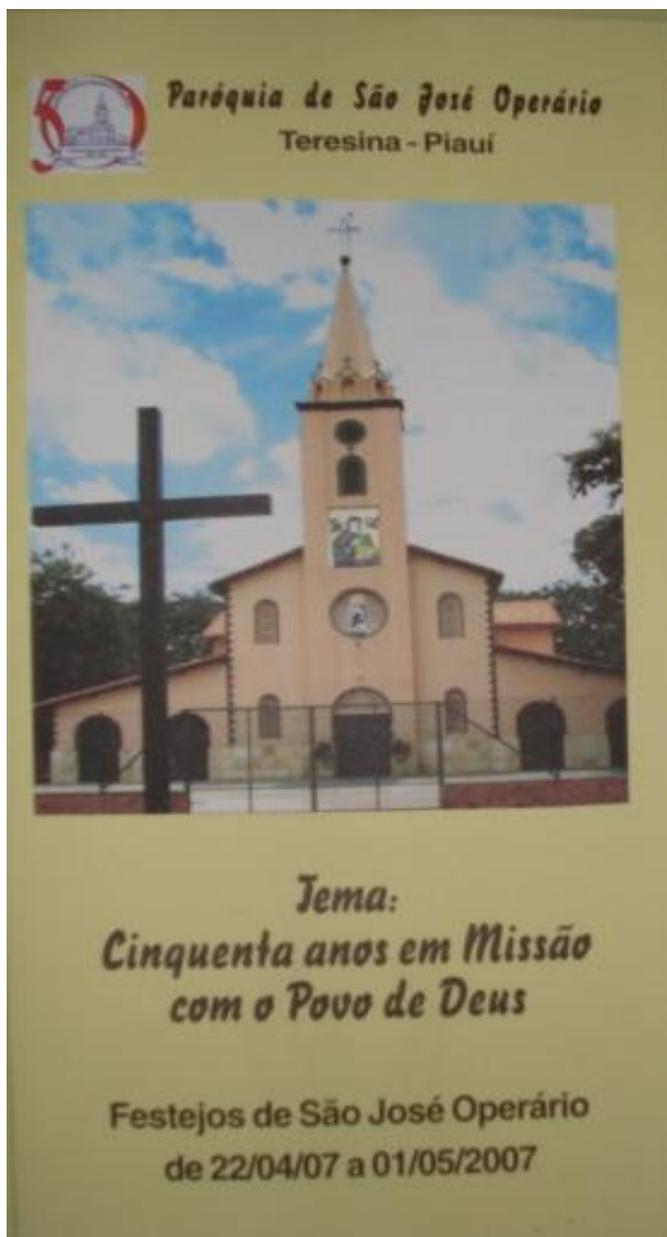
ALBERICO LEAL
Secretário.

ANEXO B - Dom Avelar se despede da Paróquia de São José Operário
com uma missa campal em 1971



Fonte: Arquivo particular de Maria do Socorro Oliveira Silva.

ANEXO C - Folder do 50º aniversário da paróquia de São José Operário



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)